

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGEDU
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

MARCOS LUIZ HINTERHOLZ

O LUGAR ONDE A CASA MORA:
Memórias sobre a Casa do Estudante Universitário Aparício Cora de Almeida –
CEUACA (1963-1981)



Porto Alegre

2017

MARCOS LUIZ HINTERHOLZ

O LUGAR ONDE A CASA MORA:

Memórias sobre a Casa do Estudante Universitário Aparício Cora de Almeida –
CEUACA (1963-1981)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Dra. Dóris Bittencourt Almeida

Linha de Pesquisa: História, Memória e Educação

Porto Alegre

2017

MARCOS LUIZ HINTERHOLZ

O LUGAR ONDE A CASA MORA:

Memórias sobre a Casa do Estudante Universitário Aparício Cora de Almeida –
CEUACA (1963-1981)

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Educação da
Universidade Federal do Rio Grande do
Sul, como requisito parcial para obtenção
do título de Mestre em Educação.

Aprovada em 23 de novembro de 2017.

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a Dra. Dóris Bittencourt Almeida – PPGEduc/UFRGS (Orientadora)

Prof.^a Dra. Carla Beatriz Meinerz - PPGEduc/UFRGS

Prof.^a Dra. Luciane Sgarbi dos Santos Grazziotin - PPGEduc/UNISINOS

Prof. Dr. Rodrigo Manoel Dias da Silva - PPGEduc/UNISINOS

CIP - Catalogação na Publicação

HINTERHOLZ, Marcos Luiz

O LUGAR ONDE A CASA MORA: Memórias sobre a Casa do Estudante Universitário Aparício Cora de Almeida - CEUACA (1963-1981) / Marcos Luiz HINTERHOLZ. - 2017.

210 f.

Orientador: Dóris Bittencourt Almeida.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2017.

1. Casa do Estudante . 2. Casa do Estudante Universitário Aparício Cora de Almeida (CEUACA). 3. Instituição Educativa. 4. História Cultural . 5. História da Educação. I. Bittencourt Almeida, Dóris, orient. II. Título.

*Este trabalho é dedicado à Casa do
Estudante Universitário Aparício Cora de
Almeida.*

AGRADECIMENTOS

A Edson, Flávio, João Pedro, Nereu, Nivaldo, Paulo, Rui e Waldomir, que gentilmente colaboram para este estudo com as suas memórias sobre a CEUACA e suas histórias de vida.

À professora Dóris Bittencourt Almeida, pela parceria ao longo de todo o processo de construção da pesquisa. Agradeço por tantos aprendizados que carregarei comigo e pelas generosas palavras que me encorajaram e tranquilizaram nas angústias inerentes a um trabalho como este.

Aos professores Carla Beatriz Meinerz, Luciane Sgarbi dos Santos Grazziotin e Rodrigo Manoel Dias da Silva, pela leitura e generosa contribuição na qualificação da pesquisa.

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Aos governos populares dos presidentes Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff, pelo programa PROUNI, que me permitiu um dia tomar assento nos bancos do Ensino Superior.

A todas as pessoas de minhas relações pessoais, meus afetos, que me acompanham no percurso da vida.

*Uma corda é uma porção de fios
entretecidos, retorcidos, segurando
matéria.*

*Uma casa são argamassas sobrepostas,
paredes e entradas, grudadas firmes por
infinitas teias e relações, íntimos
sentimentos, linguagem de mobília, tintas
e quadros constroem um fito.*

*As vozes são articulações seculares e
penosas, educação de cordas vocais.*

*Esta casa, de argamassas tesas, constrói
e desconstrói sua linguagem de cimento,
mobília e sentimento.*

(Charles Andrade Froehlich, 1995)

RESUMO

Este é um estudo historiográfico sobre a Casa do Estudante Universitário Aparício Cora de Almeida (CEAUCA), fundada no ano de 1934 em Porto Alegre - RS. Busca-se entender a Casa como uma instituição educativa, tendo como documentos privilegiados narrativas de memória de oito antigos moradores. Trata-se, portanto, de uma noção ampliada do processo educativo nas moradias estudantis, para além da escolarização, interessada em buscar, por meio da construção de uma história desta instituição, práticas e experiências dos sujeitos habitantes, bem como analisar os modos como a Casa é significada por cada um dos entrevistados. A pesquisa posiciona-se no campo da História da Educação, utilizando os postulados da História Cultural, especialmente o conceito de representação, por meio dos quais busca analisar de forma dialógica as oito entrevistas produzidas e demais documentos mobilizados para a construção da presente narrativa historiográfica, como periódicos, imagens, estatutos e plantas do prédio sede. Para o tratamento metodológico dos documentos orais e escritos foram utilizadas a História Oral e a análise documental histórica, respectivamente. Os marcos históricos eleitos para contextualizar a instituição CEUACA foram a Ditadura Civil Militar (1964-1985) e o Maio de 68. Na intenção de valorizar as experiências daqueles que narram, a temporalidade final foi definida cronologicamente, entre a entrada do morador entrevistado mais antigo e a saída do mais recente (1963-1981). O estudo discutiu, entre outras coisas, as origens e consolidação da Casa como instituição, a formação de sua complexa estrutura organizacional e os efeitos do modelo de autonomia e autogestão. A CEUACA pôde ser percebida como um espaço de ambivalências, de transição, ocupado por estudantes oriundos de camadas empobrecidas que em pouco tempo passariam por um processo de ascensão social. Foram dados a ver trajetórias formativas irregulares e estratégias de permanência e condições de possibilidade da presença destes estudantes no Ensino Superior, bem como aspectos relacionados à inserção destes no novo círculo de sociabilidades. Foram recorrentes tanto nas narrativas quanto no discurso dos periódicos analisados, a atribuição de um sentido formativo à experiência de moradia estudantil. O estudo contemplou ainda as implicações do contexto político e suas reverberações no interior da Casa, por meio de cisões ideológicas que concorreram fortemente na forma como os sujeitos rememoraram suas vivências na instituição. Ainda que todas as valorações sobre esta experiência de moradia elaboradas pelos antigos moradores tenham sido positivas, foi possível perceber que a Casa é inscrita e elaborada de diferentes maneiras nas narrativas de si dos sujeitos entrevistados.

PALAVRAS-CHAVE: Casa do Estudante – Casa do Estudante Universitário Aparício Cora de Almeida (CEUACA) - Instituição Educativa – História Cultural – História da Educação.

ABSTRACT

This is a study on the history of the College Student Residence Aparício Cora de Almeida - Casa do Estudante Universitário Aparício Cora de Almeida (CEAUCA), established in 1934 in Porto Alegre - RS. Its aim is to acknowledge CEUACA as an educational institution, having memory narratives of eight former tenants as its privileged documents. This is, therefore, a broadened view of the educational process in the college residence halls beyond schooling, which is interested in investigating practices and experiences of tenants subjects through the construction of the history of this institution, as well as in analyzing the ways the House is signified by each one of the interviewees. The study is constructed in the History of Education field, using the postulates of Cultural History, in particular the representation concept, by which it aims to analyze in a dialogic form the eight produced interviews and other documents fulfilled for the construction of this historiographical narrative, such as periodicals, images, statutes and architectural plans of the head office. For the methodological treatment of the oral and written documents, Oral History and historic documental analysis were used respectively. The elected historical landmarks were the Civil-Military Dictatorship (1964-1985) and the May 68. In an attempt to value the experiences of the narrators, the final temporality was defined chronologically, from the admission of the oldest interviewed tenant to the withdrawal of the most recent (1963-1981). The study discussed, among other things, the origins and consolidation of the House as an institution, the formation of its complex organizational structure and the effects of the autonomy and self-management model. CEUACA could be perceived as a space of ambivalences and transition, inhabited by students derived from impoverished layers that in a short period of time would pass through a social ascension process. The following were data considered: irregular formative trajectories, retention strategies and conditions of possibility of these students' presence in higher education, as well as aspects related to their inclusion in the new social circle. The attribution of a formative sense to the experience of living in a College Student Residence was recurrent not only in the narratives but also in the discourse of the analyzed periodicals. The study encompassed the implications of the political context and its repercussions within the student house as well, through ideological fissures that strongly concurred with the way the subjects recollected their experiences in the institution. Though all the valuations regarding this housing experience elaborated by the former tenants were positive, it was possible to notice that CEUACA is embodied and elaborated in various ways in the self-narratives of the subjects interviewed.

KEYWORDS: College student residence - Casa do Estudante Universitário Aparício Cora de Almeida (CEUACA) - Educational Institution - Cultural History - History of Schooling

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Acervo da CEUACA	19
Figura 2: Acervo da CEUACA e a salvaguarda no AHRS.	21
Figura 3: <i>Residencia de Estudantes –Madri</i>	55
Figura 4: Aspecto de um dos quartos da <i>Residencia de Estudantes</i>	56
Figura 5: Casa da JUC-7.....	62
Figura 6: CEUPA Casa I.....	63
Figura 7: CEUPA Casa II e Casa III.....	64
Figura 8: Residência das alunas da Escola de Enfermagem I	66
Figura 9: Residência das alunas da Escola de Enfermagem II.	66
Figura 10: Primeira sede da CEURGS.....	67
Figura 11 : CEURGS-1950.	69
Figura 12: CEURGS -1960.....	69
Figura 13: CEFAV (Casa do Estudante das Faculdades de Agronomia e Veterinária).....	71
Figura 14: CEU – Casa do Estudante Universitário	73
Figura15: Primeira sede da Casa do Estudante.	79
Figura 16: Dependências internas da Casa (1934-1938) - Biblioteca.	81
Figura 17: Dependências internas da Casa (1934-1938) - Dormitórios.	82
Figura 18: Casa do Estudante na rua Demétrio Ribeiro.....	85
Figura 19: Pavilhão de exposições do Paraná.	86
Figura 20: Casa do Estudante nas lentes da Revista do Globo.	87
Figura 21: Casa do Estudante na rua Duque de Caxias, nº 1707 I.	88
Figura 22: Casa do Estudante na rua Duque de Caxias, nº 1707 II.	88
Figura 23: Israel Almeida e Maria Antônia Cora.	89
Figura 24: Fachada da CEUACA, rua Riachuelo, nº 1355.	90
Figura 25: Fachada da CEUACA em 2005.....	90
Figura 26: Ambulatórios médico da CEUACA.	92
Figura 27: Érico Verissimo na Casa do Estudante.	93
Figura 28: Aparício Cora de Almeida.....	94
Figura 29: Waldemar Ripoll.	98
Figura 30: Organograma da CEUACA conforme estatuto vigente na década de	

1970.	117
Figura 31: Restaurante da CEUACA.....	121
Figura 32: Cozinha da CEUACA.	121
Figura 33: Convite para as reuniões dançantes: festas aos sábados e domingos.	122
Figura 34: Gabinete Odontológico da Casa do Estudante.	123
Figura 35: “Truques” para manter a Casa funcionando.....	125
Figura 36: Endereços da Casa do Estudante.....	127
Figura 37: Crescimento populacional da cidade de Porto Alegre.	129
Figura 38: O tróibus em Porto Alegre.....	131
Figura 39: Café Rian – Espaço de sociabilidades no Centro de Porto Alegre-RS..	133
Figura 40: Mercado Público de Porto Alegre em 1970.	133
Figura 41: Um aspecto do pátio interno da CEUACA.....	139
Figura 42: Jogar Xadrez: uma febre.....	140
Figura 43: Futebol na lavanderia.....	140
Figura 44: Uma escaramuça na frente da Casa do Estudante.....	152
Figura 45: Clube do Bolinha.....	164
Figura 46: Funcionárias da CEUACA.....	179
Figura 47: Locais da distribuição provisória dos moradores da CEUACA.....	186
Figura 48: Ocupação da CEUACA.	187
Figura 49: CEUACA - Cenário de um abandono I.....	187
Figura 50: CEUACA - Cenário de um abandono II.....	188
Figura 51: Associação dos Ex-moradores: uma ideia.	189

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Levantamento de fontes.....	24
Tabela 2: Relação de entrevistados.....	25
Tabela 3: Roteiro de questões das entrevistas piloto.	47
Tabela 4: Casas de Estudante de Porto Alegre.	61

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1. FUNDAMENTANDO A CONSTRUÇÃO	33
1.1 O Percurso teórico-metodológico	34
1.1.1 Memória, História Oral e os sujeitos que narram	40
1.2 Tecendo nexos: moradia estudantil e História da Educação	53
1.3 As Casas de Porto Alegre.....	60
2. OS PRIMÓRDIOS DA CASA COMO INSTITUIÇÃO	74
2.1 Uma ideia mobilizadora: a Casa do Estudante Pobre	77
2.2 Quem matou Aparício?	93
3. POR ELES MESMOS: caminhos até a CEUACA	100
<i>Edson</i>	102
<i>Flávio</i>	104
<i>João Pedro</i>	105
<i>Nereu</i>	106
<i>Nivaldo</i>	107
<i>Paulo</i>	108
<i>Rui</i>	109
<i>Waldomir</i>	110
4. O LUGAR ONDE A CASA MORA	113
4.1 As engrenagens de uma Autonomia e Autogestão.....	116
4.2 Uma Casa, um espaço social.....	126
4.3 “Vamos ter que brigar!”: a Ditadura e o Maio de 68 vistos a partir da Casa.....	142
4.4 As vênias de um pecado: a presença feminina na Casa.....	157
4.5 Marcas de longa duração.....	171
CONSIDERAÇÕES FINAIS	181
POSFÁCIO	185
REFERÊNCIAS	191
ANEXOS	196

INTRODUÇÃO

Este é um estudo sobre a história da Casa do Estudante Universitário Aparício Cora de Almeida (CEAUCA), entendida como uma instituição educativa, tendo como documentos privilegiados narrativas de memória de oito antigos moradores. Trata-se, portanto, de uma noção ampliada do processo educativo nas moradias estudantis, para além da escolarização, interessada em buscar, por meio da construção de uma história desta instituição, práticas e experiências dos sujeitos habitantes, bem como analisar os modos como a Casa é significada por cada um dos entrevistados.

As origens da CEUACA remontam ao ano de 1931, quando, junto às discussões sobre a formação de uma Universidade em Porto Alegre, constitui-se, entre os estudantes da Faculdade Livre de Direito¹, o movimento Pró- Casa do Estudante, embora de forma ainda vaga. Em 1933, o Centro dos Estudantes desta Escola assume a mobilização para construir o que então pretendiam chamar “Casa do Estudante Pobre”². Estes estudantes escrevem, montam e encenam uma peça teatral, que passa a percorrer o interior do estado. Na capital, são realizados concertos musicais no Teatro São Pedro em prol da causa estudantil. Nos jornais da época, podem ser lidos convites para os chás promovidos pelas senhoras da alta sociedade portoalegrense, pois também elas parecem ter-se sensibilizado com a “benemérita” causa. Muitas festas, almoços e outras promoções seguiram no curso daquele ano e do próximo³.

¹ A Faculdade Livre de Direito foi fundada em Porto Alegre, em 17 de fevereiro de 1900. No ano de 1934, o então interventor do estado General Flores da Cunha, criou por meio do Decreto 5.758, a Universidade de Porto Alegre (UPA), “formada pela integração da Universidade Técnica, com suas Escolas de Engenharia, Agronomia e Veterinária, da Faculdade de Medicina, com suas Escolas de Odontologia e Farmácia, da Faculdade Livre de Direito, com sua Escola de Comércio e o Instituto de Belas Artes [...]” (OLIVEIRA, LICHT, 2004, p.47). No ano de 1950 ao ser integrada ao Sistema Federal de Ensino Superior passa a chamar-se Universidade do Rio Grande do Sul.

² SILVA, Ângelo Ronaldo Pereira da. (org.). As Casas de Estudante da UFRGS. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

³ Correio do Povo, 25 set. 1938, p.19.; A Casa do Estudante. Revista do Globo, n. 354, Jan de 1944; SILVA, Ângelo Ronaldo Pereira da. (org.). As Casas de Estudante da UFRGS. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

No dia 1º de agosto de 1934, era fundada a primeira Casa para estudantes universitários do Rio Grande do Sul, então chamada simplesmente de “Casa do Estudante”. De lá para cá, entre sucessivas mudanças de endereço, a doação de um prédio pela família Almeida, e com uma história repleta de singularidades, passaram-se mais de 80 anos. A hoje chamada Casa do Estudante Universitário Aparício Cora de Almeida (CEUACA) manteve-se funcionando, de forma autogerida e autônoma⁴, sendo os próprios estudantes-moradores os responsáveis pela administração e captação dos recursos financeiros que a sustentaram ao longo deste tempo. Inicialmente concebida como moradia para estudantes do sexo masculino, somente em 1987 oficialmente abriu as suas portas para que também as mulheres fossem moradoras.

Em 2014, a instituição sofreria um grande revés: o centenário prédio que abrigava a Casa foi se deteriorando, e, sem reformas, acabou sofrendo sucessivas interdições, até ser evacuado. Seus moradores foram remanejados pelo governo do Estado, sob aluguel social, para outros cinco imóveis na região central de Porto Alegre, onde aguardam a prometida reforma e o posterior retorno ao endereço da rua Riachuelo nº 1355.

O fio condutor desta trama historiográfica que ora se inicia, será o conceito de instituição educativa. Justino Magalhães (2004) expande este conceito para muito além das instituições escolares, identificando nas sociedades e existência de instituições que se apresentam de formas diferenciadas e hierarquizadas, sendo, no entanto, todas elas educacionais. Enumera, assim, o que chama de instituições de base, como a família, a tribo, a seita ou a cooperativa; as de formação, como as escolas, internatos, colégios, associações de antigos alunos; as de produção/mobilização, como confrarias, lojas maçônicas, partidos políticos; as de produção/distribuição, como empresas, condomínios e, por fim, as que chama de holísticas-integrativas, constituidoras de fator de identificação/diferenciação, como sociedades, associações, fundações e bairros.

O sistema educativo, por sua vez, seria um todo mais amplo, que comporta e

⁴ Por autogeridas entendo as Casas que adotam o modelo de autogestão, independente de possuírem ou não uma instituição mantenedora. Já as autônomas são aquelas que se mantêm financeira e administrativamente por conta própria, sem vínculos com nenhuma universidade e onde a captação dos recursos cabe aos estudantes moradores.

integra as diferentes instituições educativas⁵. Cada uma destas instituições é possuidora de uma realidade institucional, ou seja, atores sociais, condições materiais e financeiras, produtos materiais e simbólicos, identidades, processos e contextos históricos e políticos nos quais nascem, se mantêm ou se extinguem. Todas as instituições ocupam uma posição dialógica neste sistema educativo, posição esta potente para estudos no campo da História da Educação, e mais especificamente, pela história das instituições educativas.

Nesta perspectiva, Magalhães (2004) defende um processo investigativo pautado numa mesoabordagem – entre o macro e o micro- que integre a diversidade de informações inerentes a complexidade de uma instituição educativa, inscrevendo-a na paisagem física e humana, interpretando linguagens arquitetônicas, compondo aspectos simbólicos, relações de poder, memórias individuais e coletivas, enfim, todas as relações educativas que tangenciam, moldam ou produzem estes espaços.

A multifatorialidade desta abordagem exige, conforme o próprio Magalhães (2004), uma problemática relacional e uma metodologia que seja capaz de traduzir, na forma de representação historiográfica, toda a vitalidade de uma instituição educativa. A amplitude desta abordagem e os riscos de dispersões e digressões de toda ordem, tornaram a metáfora do colar de pérolas⁶, de Kaufmann (2013), uma ideia operatória nas escolhas durante o processo de construção da pesquisa. Assim, entre idas e vindas no histórico da instituição, na relação entre memórias individuais e coletivas, nas categorias de análise e na variedade de fontes, o conceito de instituição educativa foi como o fio que juntou as pérolas.

Estas pérolas, contudo, não estavam dadas, prontas. Foram lentamente produzidas, selecionadas, polidas, postas e re-dispostas uma em relação às outras. O tempo da construção desta Dissertação de Mestrado constituiu-se em um longo processo de formação, uma vagarosa sobreposição de sentidos, que talvez tenha se iniciado antes mesmo da pesquisa propriamente dita, já que entre os anos de 2006 a 2013 a CEUACA foi também o meu local de moradia.

⁵ “A história do sistema educativo não é um somatório de instituições escolares justapostas nem, por outro lado, a história de uma dessas instituições se torna possível fora de um todo coerente. É nos domínios da representação e da apropriação que esta autonomização se revela mais consequente, porque mais relacional e menos concentrada. Constituinte um todo em si mesma, cada instituição escolar ou educativa integra esse todo mais amplo que é o sistema educativo” (MAGALHÃES, 2004, p.114).

⁶Kaufmann (2013) fala da necessidade de “um fio condutor para juntar as pérolas” (KAUFMANN, 2013, p.69), ou seja, um conjunto de ideias que organize e dê forma à pesquisa ante uma grande quantidade de informações e possibilidades.

Ainda enquanto habitante deste espaço, muitas questões sobre a sua história me despertavam o interesse. Muitas memórias chegavam até mim, especialmente sobre a Casa no contexto histórico da Ditadura Civil-Militar (1964-1985). No entanto, nunca pude imaginá-la como tema de uma pesquisa acadêmica, tampouco inscrita no campo da História da Educação. Naquele momento, sentia-me impedido de tomá-la como objeto de estudo pelas minhas implicações, mas é fato que também desconhecia suas potencialidades investigativas.

O que nos faz optar por um objeto de pesquisa e não outro? Qual o peso de nossas implicações nestas escolhas? Elas comprometem ou potencializam o trabalho? Elas podem ser neutralizadas? Seria possível ou pertinente a busca por uma assepsia para o fazer historiográfico? São perguntas inerentes às atuais concepções teórico-epistemológicas da pesquisa e da escrita historiográfica, e exigem reflexão sobre o papel da subjetividade do historiador desde o momento da escolha do tema a ser pesquisado.

Na esteira de paradigmas que deram à cultura um papel de centralidade na análise do social, os postulados da História Cultural promoveram a emergência de novas abordagens, e, no caso da História da Educação, a transposição dos muros escolares. Isto permitiu a emergência de diferentes miradas para o fenômeno educacional, entre elas, a possibilidade de inscrever a moradia estudantil universitária neste campo de estudos. Ancorado nessas perspectivas teóricas, tenho diante de mim como objeto de investigação uma Casa de Estudantes que se constituiu às margens da institucionalidade universitária. Um estudo que busca por sentidos, formas de ser/estar estudante no período 1963-1981, dentro desta coletividade determinada, na qual também vivi, mesmo que em outro recorte de temporalidade.

A CEUACA ocupa, na presente pesquisa, o ponto de inúmeros caminhos que seguem paralelos, mas que, por vezes, se cruzam ou então que se bifurcam. Caminhos construídos pelos encontros com a História da Educação, com a História Cultural e com a institucionalidade universitária, mas que também se entrelaçam com minhas subjetividades, afetos e itinerário de vida. Habitei o meu objeto de estudo e carrego em mim marcas indeléveis desta experiência.

Permito-me aqui uma pequena digressão, no sentido de ampliar a discussão acerca das implicações do pesquisador com seu objeto de estudo. Busco, para tanto, inspiração nas palavras de Érico Verissimo, que reflete acerca de seu

processo criativo. Embora se refira ao fazer literário, penso que contribui para pensar essas implicações:

Estou convencido de que o inconsciente representa um papel muito importante – mais do que o escritor geralmente quer admitir, no ato da criação literária. Costumo comparar o nosso inconsciente com um prodigioso computador cuja “memória” durante os anos de nossa vida, (e desconfio que os primeiros dezoito são os mais importantes), vai sendo alimentada, programada com imagens, conhecimentos, vozes, ideias, melodias, impressões de leitura, etc. [...] Nada do que nos vem à mente é gratuito. Não é possível nem creio que seja aconselhável tentar criar do nada, esquecer as nossas vivências, obliterar a memória. (VERISSIMO, 1973, p. 293).

Entretanto, é preciso lembrar que, historicamente, buscou-se neutralidade e impessoalidade na linguagem científica, no sentido de produzir verdades universais. “O mundo da ciência fez disseminar a ideia de que éramos capazes de controlar a verdade por intermédio do controle do discurso (...)” (PEREIRA, 2013, p. 214), e este não permitia ver quem o enunciava. Foram suprimidas da escrita acadêmica a primeira pessoa e as formas nominais, prevalecendo a utilização do modo indicativo e da terceira pessoa do singular. Segundo Pereira (2013), seria um efeito de manipulação sobre o real, uma tentativa de produzir uma imagem mais próxima deste, a partir do encobrimento do sujeito subjetivo que escreve. Ou seja, a manipulação das palavras e das ideias se constituíram em tentativas de “dessubjetivação, desistoricização e despessoalização” (PEREIRA, 2013p. 214).

Trazendo esta reflexão para o ofício do historiador, Pesavento (2008) destaca o caráter de construção imaginada do passado, a partir do presente da escrita. É justamente neste ponto da trama que se encontram o fio da subjetividade e as implicações do sujeito que escreve a história. Embora o historiador busque pelos sentidos do passado, ele o faz provocado pelas questões do presente. Esta busca é atravessada por sensibilidades que também são uma substância do fazer historiográfico. A assepsia é impossível nesta operação.

Para melhor compreender as motivações pessoais de quem pesquisa, amparo-me em Chartier (2008), para quem se deve substituir o mascaramento das condições de produção dos discursos históricos, o que Certeau (2011) chama de “leis do meio”, demonstrando o caráter subjetivo da história, os preconceitos e as curiosidades do historiador. Passo, assim, a um relato autobiográfico dos caminhos que me trazem ao Curso de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em

Educação da UFRGS, apresentando assim o lugar de onde falo.

Assim como a trajetória da maioria dos moradores da CEUACA, também a minha chegada e permanência no Ensino Superior foi marcada por inúmeras adversidades. Filho de pequenos agricultores do interior do Rio Grande do Sul, no ano de 2006 ingressei no Curso de História do Centro Universitário Metodista do IPA⁷, em Porto Alegre, como bolsista do PROUNI⁸. A necessidade de trabalhar durante a graduação, em jornadas extensas e pouco flexíveis, dificultou muito a meu envolvimento em atividades acadêmicas para além daquelas obrigatórias ao currículo do curso. Tampouco foi possível qualquer tipo de envolvimento com a pesquisa.

Ao concluir o curso graduação, matriculei-me numa Pós-Graduação *latu senso* intitulada “Rio Grande do Sul: História, Memória e Patrimônio”, ofertada pela Faculdade Porto-Alegrense (FAPA). Considero que esta formação contribuiu para o meu amadurecimento acadêmico e despertou o interesse por questões relativas à memória.

No ano de 2012, ingressei no magistério estadual, onde lecionei a disciplina de História para as turmas do Ensino Fundamental. Mais tarde, em 2014, passo a trabalhar na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), no cargo de Técnico em Assuntos Educacionais. Deixar a escola foi uma decisão difícil, no entanto, a questão financeira e a possibilidade de continuar minha formação acadêmica foram determinantes na escolha.

O desejo mais geral de realizar uma pesquisa em Educação e o gosto pelas questões relativas à memória se afunilaram e me puseram diante da linha História, Memória e Educação, do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS. Através desta aproximação, pude ampliar a meu entendimento das potencialidades de um trabalho histórico sobre a CEUACA.

Um fator de estímulo, mas também o primeiro óbice, foi a questão das fontes.

⁷ O Centro Universitário Metodista – IPA teve a sua origem no Colégio Americano, mantido pelo Instituto Metodista de Educação e Cultura – IMEC, criado em Porto Alegre, em 1885, inicialmente para a educação de mulheres, e no Porto Alegre College (Instituto Porto Alegre), criado em 1923. A partir da década de 1970, ambos os colégios implantaram cursos superiores na área da saúde. O credenciamento como Centro Universitário Metodista – IPA ocorreu em 11 de outubro de 2004. Em <http://ipametodista.edu.br>. Acesso em 05/09/2016.

⁸ Programa Universidade Para Todos –PROUNI, do Ministério da Educação, criado no governo do Presidente Luís Inácio Lula da Silva, do Partido dos Trabalhadores, pela Lei nº 11.096, de 13 de janeiro de 2005, que concede bolsas de estudo integrais e parciais de 50% em instituições privadas de educação superior, em cursos de graduação e sequenciais de formação específica, a estudantes brasileiros sem diploma de nível superior. Em: <http://siteprouni.mec.gov.br>. Acesso em 05/09/2016.

Se por um lado a escassez de acervos documentais e de produções bibliográficas acerca da temática da moradia estudantil pareceram obstáculos à pesquisa, por outro, indicaram a potência e originalidade de tal abordagem. No caso da CEUACA, a instituição manteve guardados inúmeros documentos, tais como: atas das Assembleias Gerais, atas do Conselho Deliberativo e Conselho Fiscal, documentação contábil, fichas de moradores, estatutos e regimentos internos, correspondências com outras instituições e com o poder público, autobiografias escritas pelos candidatos no momento da inscrição para o processo seletivo de novos moradores, fotografias, livros e revistas⁹, recortes de jornal. Este acervo, embora não acondicionado da forma ideal, foi relativamente bem conservado.

Mas acessá-lo foi e segue sendo uma verdadeira saga. É que em agosto de 2014, logo após o remanejamento dos moradores, em virtude da interdição de sua sede, a Diretoria da CEUACA foi notificada pela Procuradoria Geral do Estado do Rio Grande do Sul de que o prédio da Casa seria lacrado¹⁰, tendo-lhes sido concedido um prazo menor de 24 horas para que retirassem tudo o que nela ainda se encontrasse, sob pena de ser levado para galpões ou descartado, inclusive o arquivo.

Figura 1: Acervo da CEUACA

Estado do acervo no momento da coleta.



Fonte: acervo do autor

⁹ É possível que parte do acervo da Biblioteca que existia na Casa tenha se misturado ao arquivo histórico.

¹⁰ Conforme Anexo II desta Dissertação.

Ao tomar conhecimento desta situação emergencial, fiz contato com inúmeras instituições de guarda de documentos e universidades de Porto Alegre e região metropolitana. Após tratativas, o Arquivo Histórico do Memorial do Rio Grande do Sul acolheu a documentação. Um dia antes de a Casa ser definitivamente lacrada, contratei um caminhão de frete e, com a ajuda de dois ceuacanos, Tomas Maciel e Felipe Gräef, retiramos o material do prédio da CEUACA e o levamos até o seu novo abrigo.

Na passagem de 2014 para 2015, na troca do governo estadual, com a saída de Tarso Genro (PT) e a entrada de José Ivo Sartori (PMDB), e adoção de uma forte narrativa de falência financeira do Estado do Rio Grande do Sul, o Arquivo Histórico, bem como inúmeras instituições relacionadas à cultura, passaram e ainda passam por um processo de precarização das suas condições de trabalho. No caso do Arquivo, sequer existiam materiais básicos como luvas e máscaras. Diante deste quadro, não havia nenhuma previsão de quando o acervo da CEUACA seria tratado e disponibilizado ao público.

A partir do meu ingresso no PPGEdu/UFRGS, procurei de muitas maneiras enfrentar esta situação e ter acesso ao referido material para a pesquisa. Com a ajuda da professora Dóris Bittencourt Almeida foram realizadas reuniões e outras tentativas de negociação com a instituição, para que tivéssemos, ao menos, uma possibilidade de aproximação com aquele acervo, no sentido de realizar um levantamento preliminar do material existente. Solicitamos, inclusive, o auxílio da Pró-Reitoria de Pós-Graduação da UFRGS para o caso, tendo esta encaminhado ofício à direção do Memorial¹¹, solicitando a liberação do acesso, porém, não recebíamos respostas.

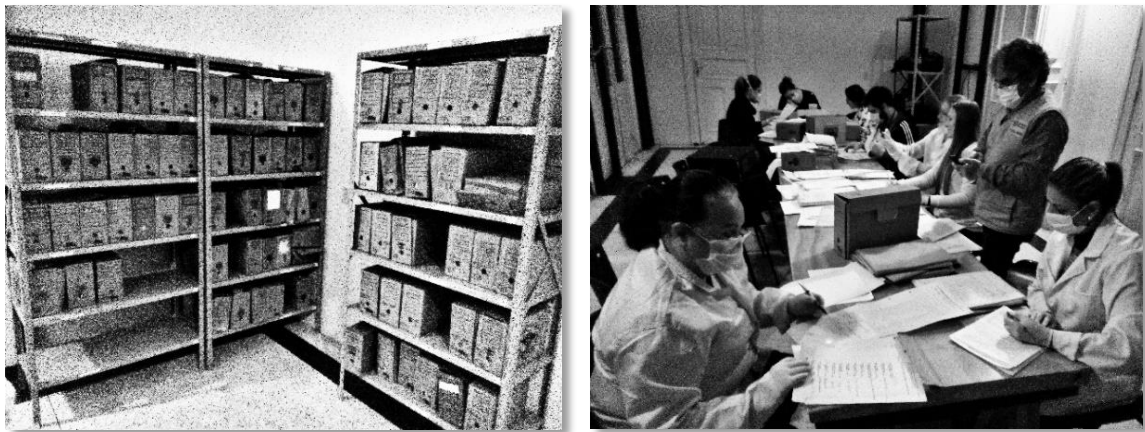
Em abril de 2016, após quase dois anos desde a entrada dos materiais no Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, finalmente parecia ter-se encaminhado uma solução para o caso. Através de uma parceria estabelecida entre a instituição e o Curso de Arquivologia da UFRGS, o Prof. Jorge Vivar¹² passou a ministrar suas aulas práticas com o acervo da Casa. Acompanhei parte deste processo, o que me permitiu uma noção geral do material existente, identificar nomes de antigos

¹¹ Conforme Anexo III desta Dissertação.

¹² Jorge Eduardo Enríquez Vivar é professor do Departamento de Biblioteconomia e Documentação na Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

moradores para entrevistas e o acesso aos estatutos vigentes na Casa entre 1963-1981, recorte temporal da pesquisa. O acesso pleno aos documentos e o seu manuseio, no entanto, não foram autorizados.

Figura 2: Acervo da CEUACA e a salvaguarda no AHRS.



Fonte: acervo do autor

Ante estas dificuldades, foi preciso realizar movimentos e buscar, por diferentes caminhos, outras fontes, por meio das quais fosse possível a construção de um trabalho historiográfico. Neste sentido, uma publicação revelou-se fundamental, servindo como referência para este estudo: *As Casas de Estudante da UFRGS*, lançada em 2004, em comemoração aos 70 anos da Universidade. Este trabalho é resultado de uma pesquisa realizada pelo então estudante de arquitetura Fabiano Mesquita Padão¹³, que empreendeu junto ao Arquivo Histórico de Porto Alegre Moysés Vellinho¹⁴ uma busca por notícias relacionadas às Casas de Estudante no jornal *Correio do Povo*¹⁵ e na *Revista do Globo*¹⁶. De posse destas

¹³ Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2002). Tem experiência na área de Arquitetura e Urbanismo, com ênfase em História Urbana. Atuando principalmente nos seguintes temas: Planejamento Urbano, Obstáculos ao Planejamento, Campus Universitário, UFRGS, Planejamento Universitário e Urbanismo.

¹⁴ Arquivo Histórico de Porto Alegre Moysés Vellinho está localizado no Av. Bento Gonçalves, 1129 - Bairro Santo Antônio, em Porto Alegre RS. Nele encontra-se armazenado o patrimônio documental da cidade (guarda e conserva cerca de um milhão e trezentos mil documentos), disponíveis à consulta pública. Foi criado oficialmente em 1988, e é vinculado à Secretaria Municipal de Cultura. Em http://www2.portoalegre.rs.gov.br/smc/default.php?p_secao=270. Acesso em 06/09/2016.

¹⁵ O *Correio do Povo* é um periódico gaúcho com circulação em todo o estado. Foi fundado em 1º de outubro de 1895 pelo jornalista Caldas Júnior. Circulou ininterruptamente durante 89 anos, entre 1895 e junho de 1984. Voltou a ser publicado em 31 de agosto de 1986 e ainda se encontra em funcionamento, sendo atualmente pertencente ao Grupo Record. (*Correio do Povo*)

¹⁶ A *Revista do Globo* foi um periódico ilustrado editado quinzenalmente pela Livraria do Globo em Porto Alegre no período compreendido entre 1929 e 1967. A revista trazia matérias sobre variedades locais, nacionais e internacionais, divididas nas seções *O Globo em Revista*, *Vida*

informações, dirigi-me àquele Arquivo, na busca por mais documentos. Os dados levantados foram de grande importância para o processo investigativo em torno das origens da CEUACA e sua formação institucional nas décadas de 1930 e 1940. As primeiras pérolas pareciam começar a tomar forma...

As fontes jornalísticas foram revelando-se promissoras, razão pela qual busquei, junto à Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional, outros periódicos que trouxessem notícias sobre a CEUACA ou informações relacionadas à moradia estudantil. Foram encontradas matérias nos periódicos *Diário de Notícias*¹⁷, *A Federação*¹⁸ e *O Momento*¹⁹.

Um outro aspecto considerado relevante para a pesquisa sobre a CEUACA como instituição educativa foi a arquitetura dos seus prédios sede, na medida em que permitem leituras das condições dos edifícios, disposição do espaço interno, suas áreas de sociabilidade e o número de moradores que atendiam. Por esta razão, dirigi-me ao Arquivo Público Municipal de Porto Alegre²⁰, em busca das plantas dos prédios que já abrigaram a Casa, tendo encontrado as referentes a dois endereços: rua Duque de Caxias, nº 1707 e rua Riachuelo, nº 1355²¹.

Ainda neste percurso do levantamento de fontes, destaco a localização de um vídeo²² produzido por ocasião dos festejos de comemoração dos 65 anos da CEUACA, realizado em 1999. Neste, antigos moradores das décadas de 1950, 1960, 1970 e 1980 narram algumas de suas memórias sobre a experiência ceuacana. Outro

Literária, Belas Artes, Vida Social, Cine globo e um espaço para atualidades esportivas. Fonte: Editora Globo

¹⁷ O *Diário de Notícias* foi fundado em 1º de março de 1925 e foi um dos mais importantes jornais do Rio Grande do Sul. Sua trajetória está diretamente relacionada com a história política do estado e do país. Durante sua existência competiu diretamente com o *Correio do Povo* (tido como mais conservador) pelo mercado de jornais no estado, tendo superado sua tiragem em algumas ocasiões. Seu último exemplar circulou em 30 de dezembro de 1979. (TORRES, Andréa Sanhudo. *Imprensa: política e cidadania*, Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.)

¹⁸ O jornal *A Federação* serviu como veículo de divulgação dos ideais políticos do Partido Republicano Rio-grandense (PRR). Funcionou entre janeiro de 1884 até novembro de 1937. Era impresso em Porto Alegre e possuía em suas publicações questões políticas ligadas ao estado e ao país, além de apresentar ocorrências policiais, alguns anúncios. (Museu de Comunicação Social José Hipólito da Costa)

¹⁹ O jornal *O Momento* circulou em Caxias do Sul –RS entre os anos de 1933 e 1951. (Centro de Memória da Câmara Municipal de Caxias do Sul)

²⁰ O Protocolo Administrativo integra a Coordenação de Documentação da SMA. É a unidade de trabalho responsável por receber e protocolar a documentação da Administração Centralizada da Prefeitura Municipal de Porto Alegre. Guarda um grande número de plantas das construções localizadas no município. Localiza-se na Rua Sete de Setembro, 1.123, Centro de Porto Alegre.

²¹ Ver os anexos IV, V, VI e VII desta Dissertação.

²² Festa 65 Anos de 1934 a 1999 PARTE 1. Em <https://www.youtube.com/watch?v=f2KRFBmYNgk>. Acesso em 06/09/2016.

registro videográfico localizado foi o produzido pelo movimento “CEUACA Viva”²³, organizado pelos próprios moradores da Casa a partir de 2012, quando a instituição passou a ser ameaçada de fechamento. Neste, um antigo-morador da década de 1970 é levado para dentro da instituição, ato que se constituiu em um grande evocador de memórias. Estes relatos foram revelando as potencialidades que as fontes orais poderiam ter na pesquisa, além de permitir identificar alguns sujeitos para as futuras entrevistas de História Oral e possíveis questões para o roteiro que seria utilizado na produção destas narrativas.

Após a realização de três entrevistas piloto e suas transcrições, a construção das primeiras categorias de análise e a qualificação do projeto de pesquisa, os objetivos do estudo foram ficando mais claros. Inicialmente apresentaram-se na forma de alguns questionamentos: Quais os impactos da localização da Casa no contexto urbano de Porto Alegre e sua relação com os acontecimentos políticos das décadas de 1960 e 1970? Quais foram as estratégias do grupo de estudantes em questão para a permanência na universidade e manutenção da Casa? Quais discursos atravessaram a CEUACA? O que diferenciaria as experiências destes jovens daquelas dos demais universitários?

Um outro aspecto a considerar é que no decurso da pesquisa, tomou corpo a ideia de filmar as entrevistas, para posterior produção de um documentário²⁴. A intenção foi a de proporcionar formas alternativas de circulação desta história e dar visibilidade para o tema da moradia estudantil. Para esta nova empreitada, convidei Débora Wobeto - que também morou na CEUACA - e Renata Soares Costa. Ambos aceitamos o desafio de um produção audiovisual sem nenhum recurso, nenhum conhecimento técnico, nem experiência prévia, ao melhor estilo de “uma câmera na mão e uma ideia na cabeça”²⁵. Tal aventura proporcionou reflexões sobre o processo de construção fílmica, a metodologia da História Oral e as formas de divulgação das pesquisas. Metodologicamente, fabricar o filme teve implicações na dissertação, na medida em que o processo de construção de um roteiro, edição e montagem do material gravado, exigiram uma profunda imersão nas narrativas, num processo de sucessivas escutas e re-escutas. Isto naturalmente acabou auxiliando na posterior criação das categorias de análise do estudo, como se verá em pontos mais

²³ Disponível em: <https://vimeo.com/56320483>. Acesso em 15/08/2017.

²⁴ O Lugar Onde a Casa Mora. COSTA, Renata Soares; HINTERHOLZ, Marcos Luiz; WOBETO, Débora. Porto Alegre –RS, 2017. 55 min.

²⁵ Frase atribuída a Glauber Rocha (1931-1981).

avançados deste texto.

Assim, no período compreendido entre setembro de 2015 e março de 2017, foram realizadas um total de oito entrevistas com antigos moradores, estando, entre elas, as três piloto anteriormente referidas. A escolha dos entrevistados levou em consideração terem morado na Casa nas décadas de 1960 ou 1970. Esta opção está relacionada ao fato de que os marcos históricos eleitos para contextualizar a instituição CEUACA foram a Ditadura Civil Militar (1964-1985) e o Maio de 1968. Como a pesquisa buscou valorizar as experiências daqueles que narram, a temporalidade final foi definida cronologicamente, entre a entrada do morador mais antigo (Waldomir, 1963) e a saída do morador mais recente (Nivaldo, 1981). Completado o itinerário de busca por fontes, apresento, a seguir, duas tabelas com o detalhamento do corpus documental utilizado na pesquisa.

Tabela 1: Levantamento de fontes.

Quantidade	Descrição das fontes
01	Vídeo de comemoração dos 65 anos da CEUACA, com depoimentos de antigos moradores.
01	Vídeo produzido pelo movimento “CEUACA Viva”, com depoimento de antigo morador.
01	Livro ²⁶ .
17	Plantas do prédio da Rua Duque de Caxias, 1707.
12	Plantas do prédio as Rua Riachuelo, 1355.
01	Exemplar Jornal da CEUACA.
09	Exemplares do jornal A Federação tratando da atuação em vida e do episódio da morte de Aparício Cora de Almeida.
38	Exemplares do jornal A Federação tratando de assuntos relacionados a Casa do Estudante.
35	Exemplares do jornal Diário de Notícias tratando de assuntos relacionados a Casa do Estudante.
02	Exemplares do jornal Correio do Povo tratando da morte de Aparício Cora de Almeida.
06	Exemplares do jornal Correio do Povo tratando de assuntos relacionados a Casa do Estudante.
01	Exemplar do jornal O Momento, tratando de assunto relativo a Casa do Estudante.

²⁶ SILVA, Ângelo Ronaldo Pereira da. (org.). As Casas de Estudante da UFRGS. Porto Alegre: UFRGS, 2004

02	Exemplares da Revista do Globo tratando de assuntos relativos a Casa do Estudante, problemas, organização e cotidiano dos moradores.
01	Exemplar do jornal Zero Hora tratando da morte de Waldemar Rippol, amigo de Aparício Cora de Almeida.
32	Fotografias de diferentes períodos da Casa.
08	Entrevistas com antigos moradores.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Tabela 2: Relação de entrevistados.

Nome	Profissão	Idade	Período de CEUACA	Cidade de origem
Edson Canabarro	Professor da rede estadual ²⁷	74	1968-1972	Quaraí/RS
Flávio Scholles	Artista Plástico	66	1971-1972	Morro Reuter /RS
João Pedro Stédile	Economista e líder do MST ²⁸	63	1972-1975	Lagoa Vermelha/RS
Nereu Lima	Advogado	70	1965-1970	Lagoa Vermelha/RS
Nivaldo Cunha	Engenheiro Eletrônico	60	1976-1981	Glória de Dourados/MS
Paulo Guimarães	Corretor de Imóveis	62	1974-1979	Passo Fundo/RS
Rui Adolfo Kirst	Advogado	71	1968-1969	Estrela/RS ²⁹
Waldomir Gonçalves	Dentista	78	1963	Rio Grande/RS

Fonte: Elaborado pelo autor.

Este conjunto de documentos, aliado a minha trajetória pela Casa, me fez pensar nas potencialidades em investigar esta forma de organização estudantil enquanto instituição educativa e as implicações desta experiência de moradia na formação de seus moradores, nos significados a ela atribuídos nas trajetórias de vida, em como é inscrita nas biografias dos sujeitos habitantes. Deste modo, a metodologia

²⁷ Professor do magistério estadual do Rio Grande do Sul, habilitação em Física.

²⁸ Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

²⁹ Rui é natural de uma localidade chamada Corvo, que pertencia ao município de Estrela, porém hoje faz parte de Colinas-RS.

da História Oral acabou adquirindo uma certa centralidade na pesquisa.

Pensando um pouco mais sobre a produção de narrativas a partir desta metodologia, aponto a natureza deste tipo de fonte, tendo em consideração que “a memória guarda o mérito de trazer à tona nuances do passado, que podem estar esquecidas e, por vezes, se encontram inatingíveis em outras formas de documentação, além de dar visibilidade aos sujeitos na construção da história” (ALMEIDA, 2009, p. 216). Nas relações entre memória e casas de estudante, há que se considerar que a vivência da moradia estudantil pode ultrapassar os limites dos muros e da experiência imediata, deixando fortes marcas nos sujeitos que as habitaram. Tal experiência prolonga-se no tempo, “seja pelas transformações de caráter material, seja especificamente como representação, referência e memória dos indivíduos e dos grupos” (MAGALHÃES, 2004, p. 116).

Mas como qualquer outra metodologia, a História Oral possui limites e potencialidades. Como as análises propostas para este estudo sobre a instituição CEUACA são de tipo *meso*, fez-se necessário buscar por representações em temporalidades que a fonte oral já não poderia mais alcançar, como é o caso das décadas de 1930 e 1940. Por esta razão, buscou-se tramar a narrativa historiográfica também com outros documentos, como a materialidade dos estatutos que regeram a Casa e periódicos de diferentes épocas.

De posse destas fontes, o que era uma intenção inicial para o recorte de temporalidade da pesquisa - definir como marcadores históricos do estudo os eventos relacionados ao Regime Civil Militar brasileiro e o Maio de 68 - acabou confirmando-se. É que nos processos de mudanças políticas, a educação sempre acaba por tornar-se alvo estratégico, verdadeiro campo de disputas, na medida em que os regimes parecem necessitar de pedagogias, tanto em suas fases embrionárias quanto para sua consolidação e perpetuação. É fácil compreender porque os sistemas educativos são especialmente visados, sendo as intervenções de variada ordem.

Segundo Rodrigo Patto Sá Motta (2014), que estudou a relação das universidades brasileiras com o Regime Civil Militar, estas podem ser um espaço privilegiado de observação do embate das diferentes forças sociais do Brasil de então, entre valores conservadores e ideais de esquerda e de vanguarda. O autor aponta que a interferência da Ditadura (1964-1985) sobre estas instituições foi marcada por ambiguidades, no sentido de ao mesmo tempo modernizá-las e reprimi-

las, reformá-las e censurá-las.

Recuando um pouco mais, há que se observar que a ideologia oficial do Regime foi gestada na Escola Superior de Guerra (ESG)³⁰, no período de 1954-1964, década anterior a tomada do poder pelos militares. Entre as principais ideias estava a do combate a um inimigo interno, o comunismo. No período que se segue a 1964, o objetivo é consolidar a Ditadura e seus princípios, quando a ordem passa a ser reprimir uma das principais ameaças - os movimentos estudantis de oposição - bem como difundir o pensamento que a legitimava: educar para a pátria e para a nação.

A interferência na educação foi ampla, geral e irrestrita. Presença de observadores nas salas de aula, censura de livros e músicas, o exílio e silenciamento forçado de intelectuais, a restrição à liberdade de opinião, a tortura e a morte. Tudo isto deixou marcas profundas na educação brasileira e as Escolas Superiores e os espaços acadêmicos foram alvos privilegiados, inclusive com o expurgo daqueles considerados não alinhados ideologicamente ao projeto da Ditadura.

Em paralelo a esta escalada repressiva, podiam ser sentidos no Brasil os ventos que sopravam do mundo. Eram os ares de 1968, um ponto de inflexão, resultado de inúmeros acontecimentos que “desajustaram e tensionaram o espaço social e político planetário” (PADRÓS, 2003, p. 10). Embora se tenha consolidado todo um imaginário em torno do *Maio de 68* de Paris, é importante destacar que se trata de um fenômeno muito mais amplo, com movimentos que começaram antes e tiveram seguimento posteriormente. Em linhas gerais, foi um tempo marcado pelas contestações ao imperialismo e à ordem instituída, com o crescimento de organizações de esquerda, de contracultura e de utopias³¹. Um processo histórico profundo e complexo, sentido em diferentes países ao redor do mundo e moldado pelos contextos locais.

Muitas eram as pautas, pulverizados eram os movimentos. Mesmo a busca

³⁰ Fundada em 20 de agosto de 1949, as origens da ESG remontam ao período em que a Força Expedicionária Brasileira (FEB) combateu na Itália, no contexto da Segunda Guerra Mundial. Esta expedição esteve sob comando norte-americano, o que proporcionou uma estreita relação destes comandantes com os oficiais brasileiros, que ao fim da guerra passam a frequentar cursos militares nos EUA. Aprenderam nas escolas americanas que a “Defesa Nacional” não consistia mais tão somente em defender-se de invasões externas, mas também de combater o “inimigo interno”. (ARNS, 2000)

³¹ HOLZMANN, Lorena; PADRÓS, Enrique Serra. 1968: Contestação e Utopia. Porto Alegre: Ed. Da UFRGS, 2003.

democrática, principal bandeira dos movimentos opositores ao Regime apresentava seus matizes. Afinal, de que tipo de democracia está-se falando? Qual democracia buscavam? Qualquer generalização pode revelar-se uma armadilha. Como nos lembra Carrillo-Linares (2015), a luta contra as ditaduras não significava um alinhamento automático a um modelo de democracia de corte liberal, de modo que boa parte dos movimentos estudantis mundiais nos anos de 1960 e 1970 tinha posições de corte marxista revolucionário³²e, dentro destas, muitas subdivisões.

No Brasil, os discursos e movimentos que tiveram como objetivo maior participação democrática e autonomia das universidades e do movimento estudantil, deram-se no contexto de uma estrutura administrativa historicamente centralizadora, com um Ministério da Educação com grande poder de interferência nas instituições de Ensino Superior em geral e nas Federais de forma ainda mais direta³³, além das restrições impostas pela Ditadura. Este fato potencializou as leituras da experiência autogestional da CEUACA.

Realizadas estas considerações sobre o contexto político da época e as aproximações com o meio estudantil, cabe destacar que já nas entrevistas piloto com antigos moradores foi possível notar reverberações dos eventos relacionados ao Regime Civil-Militar e o Maio de 1968 na Casa do Estudante. Estas narrativas indicavam cisões ideológicas internas e a amplitude do controle que a Ditadura buscava ter sobre as organizações estudantis, lançando seus olhos vigilantes para dentro de espaços privados como a moradia estudantil. Também foi possível identificar alguns dos esforços e estratégias destes jovens oriundos das camadas populares em seus processos de inscrição na cultura estudantil universitária, que também estava, em muitos aspectos, sob a égide de 1968. Todas estas questões concorreram para a definição do recorte temporal e seus marcadores.

Como se vem reafirmando, são muitas as possibilidades de pesquisa que podem emergir deste espaço de sociabilidades. Como então definir uma abordagem

³² Segundo Carrillo-Linares (2015), os diversos grupos políticos do movimento estudantil ao redor do mundo agruparam-se em torno de três núcleos principais: os marxistas-leninistas, trotskistas e os anarquistas. Cada um destes contou ainda com correntes e sub-grupos. Dentro do grupo marxista-leninista, sobressaíram-se os maoístas. Segundo o autor, o maoísmo teve grande impacto no movimento estudantil de todo o mundo, especialmente devido a Revolução Cultural (1966-1976).

³³ O chamado Estatuto das Universidades Brasileiras (*Decreto 19.851 em 11/04/1931*) previa, entre outras coisas, as formas de escolha dos Diretores de Faculdades e Reitores das Universidades por meio de listas tríplices, devendo os nomes ser referendados pelo Ministro da Educação. A concepção administrativa contida neste decreto manteve-se na Reforma Universitária realizada durante o regime civil-militar através da lei 5540/68 e ainda hoje reverbera nas universidades brasileiras.

aprioristicamente? Pode uma temática de estudo existir aleatoriamente, sem compromisso com o campo no qual se inscrevem? Para Certeau (2013), o historiador deve estar preocupado com a viabilidade do seu objeto de pesquisa e a possibilidade de construir condições para a sua compreensão. Em vista disso, e da percepção que tenho do ineditismo da temática para o campo da História da Educação, passei a entender que este teria que ter um compromisso com uma abordagem mais ampla, que também contemplasse uma discussão sobre a inscrição do tema neste campo e sinalizasse para outras possibilidades de pesquisa, razão pela qual elaborei um breve inventário sobre as demais Casas de Porto Alegre, que foi incorporado a este texto.

Todo o itinerário em busca das fontes e as reflexões expostas até aqui concorreram para construir uma determinada intencionalidade da pesquisa, no sentido de buscar pelas representações³⁴ em torno da experiência ceuacana de moradia estudantil, e de como esta experiência é ressignificada por sujeitos que habitaram a Casa. Assim, caminho para, por meio do conjunto de documentos selecionados, incluindo as memórias orais, produzir uma inteligibilidade histórica da CEUACA como instituição educativa.

Estava ela às margens da Universidade? Qual sua relação com o movimento estudantil e o poder público? Existia uma identidade ceuacana? Qual era a visão *dos de fora*, daqueles que de alguma forma circularam e se relacionaram com esse espaço? Quais seus símbolos e o impacto da arquitetura do prédio sede nas sociabilidades internas e externas de seus moradores? Muitas são as questões, todas potentes para o que Magalhães (2004) chama de uma historiografia crítica e complexa das instituições educativas.

A narrativa histórica deve refletir, em síntese, um processo investigativo de complexificação e integração, compreendendo e explicando a evolução institucional no quadro da realidade histórica sociocultural envolvente e inscrevendo-a no plano sistêmico, mas deve sobretudo apresentar de forma inteligível a história de uma realidade institucional, na sua identidade e na sua evolução. (MAGALHÃES, 2004, p.142).

³⁴ Para Chartier (2010), o conceito de representação veio designar, praticamente por si mesmo, a Nova História Cultural, a partir do entendimento de que toda prática social estaria situada na ordem do discurso. O principal objetivo da História Cultural seria, portanto, identificar o modo como a realidade social é construída, pensada e dada a ler em diferentes lugares e momentos, tomando a função simbólica como mediadora, que informa as diferentes modalidades de apreensão do real, pensando a articulação entre os discursos e as práticas sociais. O conceito de representação será melhor discutido no subcapítulo 3.2 *A moradia estudantil na perspectiva da História Cultural e da História da Educação*.

O propósito desta pesquisa é mobilizar de forma dialógica os diversos aspectos implicados nesta experiência de moradia, situando as memórias de antigos moradores e os demais dados sistematizados a partir das fontes em uma configuração inteligível da formação social, das práticas e dos saberes observados, as estratégias e discursos que possibilitaram a manutenção deste modelo de organização estudantil.

No que diz respeito à relevância deste trabalho, considero primordialmente a possibilidade de vir a contribuir na ressignificação do espaço Casa de Estudante, para além das abordagens mais tradicionais, situando-o no universo das sociabilidades universitárias e na História da Educação. Segundo Magalhães (2004), ao se ampliar o conceito de “instituições educativas”, pode-se pensar o quanto e como estas se constituem em diversidade de oportunidades educacionais. A interação e integração individual e grupal, as experiências, as emoções, a simulação e o desempenho de papéis diversos.

Ainda, e partindo da concepção de Certeau (2011), que atribui como um dos papéis da História o de registrar um passado, acredito que este trabalho seja capaz de dar uma contribuição para a própria CEUACA enquanto instituição, inventariando e publicizando fontes, provocando memórias, escrevendo e escriturando um passado, inscrevendo-o no discurso:

[...] no sentido etnológico e quase religioso do termo, a escrita representa o papel de um *rito de sepultamento*; ela exorciza a morte introduzindo-a no discurso. Por outro lado, tem uma função *simbolizadora*; permite a uma sociedade situar-se, dando-lhe, na linguagem, um passado, e abrindo assim um espaço próprio para o presente: “marcar” um passado é dar um lugar à morte, mas também redistribuir o espaço das possibilidades, determinar negativamente aquilo que está *por fazer* e, conseqüentemente, utilizar a narratividade, que enterra os mortos, como um meio de estabelecer um lugar para os vivos. (CERTEAU, 2011, p.109).

Por fim, pensar o tema Casa de Estudante no momento em que o país assiste ao ingresso expressivo e sem precedentes de jovens de baixa renda ao Ensino Superior, sobretudo em processos seletivos como o Sistema de Seleção Unificada (SISU)³⁵, implicando em grande número de deslocamentos entre municípios e

³⁵ O Sistema de Seleção Unificada (SISU) é uma plataforma online desenvolvida em 2009 pelo Ministério da Educação brasileiro, no governo do Presidente Luís Inácio Lula da Silva, do Partido dos Trabalhadores, e utilizada por estudantes que tenham realizado o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) para se inscreverem nas instituições de Ensino Superior que aderiram totalmente ou

estados do país, mais do que nunca, torna-se importante. Acredito que a presente pesquisa possa contribuir, a seu modo, ampliando as perspectivas para o debate em torno da moradia estudantil, um dos pontos nevrálgicos das políticas de assistência aos estudantes universitários.

O objetivo desta introdução foi o de apresentar o percurso de construção da pesquisa, desde as implicações do pesquisador e as primeiras intencionalidades, até o desenho mais acabado do estudo, que foi ganhando forma a partir da mobilização das fontes, dos referenciais teóricos e metodológicos e da definição do recorte de temporalidade. Tendo em mãos o fio condutor e as principais pérolas que comporão o colar, metáfora de uma narrativa historiográfica que se anuncia, apresento a forma como o texto foi organizado em cada uma de suas partes.

No Cap. 1, *Fundamentando a Construção*, buscou-se apresentar os elementos que conferem sustentação à pesquisa, indicando os pressupostos teórico-metodológicos através dos quais a CEUACA foi inscrita como objeto de estudo no campo da História da Educação e interpretada como instituição educativa. Serão discutidos os pressupostos da História Cultural, a metodologia da História Oral, a memória enquanto fenômeno social e uma primeira apresentação dos sujeitos que aqui narram suas experiências. Neste segmento, também se procurou construir uma reflexão que inscrevesse a moradia estudantil como potencial temática para o campo da História da Educação e apresentar um inventário das outras Casas de Estudante de Porto Alegre.

Em consonância com a mesoabordagem definida para este estudo, fez-se importante considerar elementos da formação histórica da CEUACA, indo para além do recorte temporal central da pesquisa, definido entre os anos de 1963 a 1981. Por esta razão, o Cap. 2, *Os Primórdios da Casa como Instituição*, traz uma análise sobre as origens e consolidação da instituição nas décadas de 1930 e 1940, contemplando a forma como constituiu-se, as concepções então presentes, os discursos que a atravessaram. Nesta parte do texto também será contemplado o episódio da misteriosa morte de Aparício Cora de Almeida, fundamentando a discussão que terá prosseguimento no Cap. 4, onde se analisará as diferentes formas de apropriação de sua figura por uma memória coletiva da instituição em estudo, convertendo-se em um símbolo de disputa na memória da instituição.

O Cap. 3, *Por Eles Mesmos: caminhos até a CEUACA*, é carregado pelas marcas biográficas dos sujeitos desta pesquisa. A intenção foi dar ênfase as suas trajetórias singulares em períodos anteriores ao ingresso na Casa, buscando preservar os relatos tal qual foram elaborados por seus autores. São narrativas que dão conta de itinerários de escolarização irregulares e estratégias para a conclusão da formação básica e ingresso no Ensino Superior. Também os caminhos que antecedem a Casa do Estudante compõem o esforço de compreensão do lugar onde a Casa mora e a leitura de significados a ela atribuídos.

No Cap. 4, *O Lugar Onde a Casa*, as oito narrativas de memória produzidas para este estudo são as protagonistas, sem o prejuízo de outras fontes que também serão mobilizadas no esforço explicativo. A partir das entrevistas foram criadas cinco categorias de análise que discutirão, a partir das representações destes antigos moradores sobre as suas experiências na Casa, uma história da instituição educativa CEUACA e, através dela, a forma como estes sujeitos a inscreveram em suas trajetórias formativas. As categorias criadas para este segmento do estudo contemplam os seguintes aspectos: o modelo de autonomia e autogestão da Casa; o espaço social ocupado e ao mesmo tempo constituído pela Casa no centro da cidade de Porto Alegre; o contexto político visto a partir da instituição; a circulação das mulheres por este espaço em tese exclusivamente masculino; as chamadas marcas de longa duração, onde discuto de forma mais detida o lugar que a Casa ocupa nas narrativas de si, a forma como é discursivamente inscrita nas biografias.

Assim foi tramada a narrativa historiográfica que ora se apresenta, buscando compor a materialidade concreta de uma instituição, espaços, tempos, memórias individuais e coletivas, contextos históricos, narrativas de si e do outro, tufo ligado ao quadro de um sistema educativo mais amplo no qual a Casa do Estudante Universitário Aparício Cora de Almeida estava inserida. Conforme Magalhães (2004), historiar uma instituição educativa é descobrir lhe um sentido. Poderíamos melhor dizer, em consonância com a perspectiva epistemológica aqui adotada: historiar uma instituição educativa é construir lhe um sentido.

1. FUNDAMENTANDO A CONSTRUÇÃO

O presente capítulo pretende apresentar o processo de construção da pesquisa, indicando os pressupostos teórico-metodológicos através dos quais a CEUACA foi inscrita como objeto de estudo no campo da História da Educação, e mais especificamente, na História das Instituições Educativas. Segundo Certeau (2013), um texto histórico não é legitimado como tal se isolado de outras produções historiográficas e se não passar pelo crivo da crítica de seus pares. A afirmação de um novo trabalho dá-se em uma linha bastante tênue, sendo o historiador alguém que trabalha nas margens, alguém que produz desvios significativos³⁶. Esta ideia remete a um sentido de limite, de fronteiras entre o que já foi produzido e a incipiência das novas possibilidades de análise.

A despeito de uma ampla predominância da História Cultural na produção acadêmica a partir da segunda metade do séc. XX e das possibilidades temáticas, metodológicas e documentais por ela inauguradas, parece persistir ainda uma sensação de transição, fruto das extensas discussões acerca das viradas epistemológicas nas ciências humanas e de novos paradigmas. Questões essas que, embora já nem tão novas assim, continuam a exigir uma constante reflexão. As perspectivas teóricas e metodológicas possuem uma historicidade, que não pode ser desconsiderada nos processos investigativos.

Estão na pauta, por exemplo, o caráter narrativo da história, os limites entre ela, a literatura e a ficção e os conceitos de representação, sensibilidades e imaginário, que viabilizaram novas abordagens nas pesquisas. Também despontaram debates sobre os documentos, sobre o uso da memória, das biografias e das imagens, bem como as problematizações em torno da História Oral como metodologia. Todas estas questões incrementaram a reflexão sobre a natureza do conhecimento histórico. São discussões de caráter epistemológico, motivo pelo qual comparecerão neste segmento do texto.

Face ao exposto, no segmento 1.1, *O Percurso teórico-metodológico*, a discussão está concentrada em questões epistemológicas importantes sobre a natureza do conhecimento histórico, à luz dos pressupostos da História Cultural,

³⁶ CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2013.

buscando historicizar a consolidação deste paradigma que passa a conferir centralidade à cultura na análise do social. Também se discutem algumas consequências do modelo pós-estruturalista para a operação historiográfica, bem como o conceito de representação, bastante empregado nas análises que este estudo desenvolveu.

O segmento 1.1.1, *Memória, História Oral e os sujeitos que narram*, quis contemplar reflexões sobre a memória enquanto fenômeno social e a História Oral como metodologia de pesquisa. Ao mesmo tempo, apresenta os sujeitos e o lugar de onde falam para este estudo, bem como as condições em que as narrativas de memória foram produzidas.

Seguindo o processo de fundamentação da pesquisa, em 1.2, *Tecendo nexos: moradia estudantil e História da Educação*, discute-se a inscrição da temática das Casas de Estudante no campo na História da Educação, a partir do conceito de instituição educativa. Busca-se apresentar um histórico da moradia estudantil, o conceito de instituição educativa e o papel da História da Educação enquanto campo de pesquisa. Também foram realizadas aproximações com alguns movimentos já realizados por outros pesquisadores na abordagem desta temática.

Por fim, 1.3 *As Casas de Porto Alegre* traz um breve histórico das outras Casas de Estudante em Porto Alegre além da CEUACA, dando a ver a diversidade de origens e formas de organização destes espaços sociais. A intenção deste segmento do texto também foi a de incentivar e ser um contributo para a realização de novas investigações sobre a temática.

1.1 O Percorso teórico-metodológico

O status de centralidade hoje conferido à cultura na análise do social é fruto de um longo movimento. Na historiografia, Peter Burke (2008) identifica alguns impulsos iniciais já no final do século XVIII e início do XIX com ideias sobre uma “cultura popular” ou as buscas pelo “espírito de uma época”, passando pelas contribuições da Sociologia, onde se destacam as obras de Max Weber e Norbert Elias. São igualmente relevantes neste percurso o movimento dos *Annales* na França, e, a partir da segunda metade do século XX, a chamada “virada cultural”,

observável nas ciências humanas. Mas tentar definir o que é a História Cultural ainda hoje permanece difícil, principalmente pela grande quantidade de métodos empregados e a diversidade de objetos investigados³⁷.

O objetivo aqui será refletir como este paradigma constrói-se e consolida-se nas ciências humanas, bem como as suas implicações na epistemologia do conhecimento histórico e na produção historiográfica, especialmente a partir da noção de História como uma fabricação sobre o passado e suas consequências. Penso ainda sobre a afirmação da História da Educação como campo de pesquisa e a sua renovação sob a perspectiva da História Cultural, legitimando a CEUACA como objeto de estudo.

Parto do amplo levantamento realizado por Burke (2008), que buscou identificar a gênese remota de uma maior relevância para a cultura na historiografia. O autor identifica já no século XIX, as origens do que hoje chamamos de História Cultural. Situa no período compreendido entre 1800 e 1950 uma dita História Cultural Clássica, com historiadores³⁸ interessados em discutir as relações entre as diferentes artes, concentrando-se mais no todo do que na parte e buscando pelo “espírito de uma época” (BURKE, 2008, p.16).

Nestes longos processos que foram tornando possível uma História Cultural, houve contribuições de acadêmicos que não pertenciam aos Departamentos de História. Burke (2008) cita, neste sentido, a obra de Max Weber, “A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo”³⁹, de 1904, e o sociólogo alemão Norbert Elias, com “O Processo Civilizador”⁴⁰, de 1939. O autor destaca que é somente a partir da década de 1960 que os historiadores passam a preocupar-se com uma cultura dita popular, em trabalhos como os de Eric Hobsbawn, em “História Social do Jazz” (1959) e Edward Thompson, em “A Formação da Classe Operária Inglesa” (1963)⁴¹, tendo

³⁷BURKE, Peter. O que é História Cultural? Tradução de Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

³⁸ Burke (2008) destacando as obras ‘A Cultura do Renascimento na Itália’ (1860), do suíço Jacob Burckhardt e “Outono na Idade Média” (1919), do holandês Johan Huizinga.

³⁹ Nesta obra Max Weber apresenta uma explicação cultural para mudanças econômicas.

⁴⁰ Norbert Elias, em “O Processo Civilizador”, de 1939, a partir de uma abordagem dos modos à mesa, procura demonstrar o desenvolvimento do autocontrole sobre as emoções nas cortes da Europa Ocidental, relacionando o que chamou de “pressões sociais pelo autocontrole”, entre os séculos XV e XVIII, à centralização do Estado e à submissão ou domesticação de uma nobreza guerreira.

⁴¹ Conforme Burke (2008), em “História Social do Jazz” (1959), Eric Hobsbawn aborda o este estilo musical simultaneamente como negócio e protesto político social. Já Edward Thompson em “A formação da classe operária inglesa” analisa, para além das mudanças econômicas e políticas, o papel da cultura popular nos processos de formação de classe.

este último exercido grande influência sobre pesquisadores mais jovens, incentivando uma escrita da história “a partir de baixo” (BURKE, 2008, p.31).

Na França, os aportes vêm do movimento dos *Annales*⁴², que influenciou de forma impactante e duradoura a historiografia ocidental. Segundo Cardoso e Vainfas (1997), este movimento foi marcado por conceber uma história caracterizada como problematizadora do social, preocupada com as massas anônimas, seus modos de viver, sentir e pensar. Pautou-se ainda pela construção de uma História interdisciplinar e um combate à “História historicizante”⁴³. A proposta teórica da revista era, em linhas gerais, repensar o estudo da História, dialogando com outras ciências sociais e incorporando as dimensões econômicas e culturais. A própria questão da temporalidade foi reconsiderada, através de propostas que rompiam com as cronologias tradicionais - determinadas politicamente - passando a concebê-las de uma forma muito mais aberta⁴⁴. Ainda relacionado a este movimento, a partir de 1960 ganha grande evidência a chamada História das Mentalidades, com estudos sobre processos mentais, vida cotidiana e representações.

A fase decisiva desse longo movimento que veio conferindo status de centralidade à cultura na análise do social, e, de forma mais ampla, representou uma mudança de paradigma nas ciências sociais, a dita virada cultural, parece estar localizada na segunda metade do século XX, notadamente a partir do pós-guerra, inaugurando um período que muitos pensadores contemporâneos chamam de pós-estruturalista. A definição e consolidação da chamada Nova História Cultural⁴⁵, como perspectiva de produção de conhecimento histórico, pode ser melhor entendida a partir deste contexto, sendo ela a fiadora da inscrição do universo de representações em torno da experiência da moradia estudantil universitária no campo da História da Educação.

Pesavento (2008) situa os sintomas destas mudanças na década de 1970, com influências decisivas na crise do *Maio de 1968*, o que teria ocasionado rupturas

⁴² Sua origem está relacionada ao periódico acadêmico francês *Annales d'histoire économique et sociale*, fundado em 1929, por Lucien Febvre e Marc Bloch, a chamada primeira geração.

⁴³ Por “história historicizante” entende-se, a partir de Cardoso e Vainfas (1997), uma história muito preocupada com os fatos singulares, sobretudo de natureza política, diplomática e militar.

⁴⁴ Neste sentido, a segunda geração dos *Annales* é fortemente marcada pela produção de Fernand Braudel (1902-1985)⁴⁴, na sua clássica divisão dos tempos que se cruzam na história das sociedades, a saber: o tempo longo, das transformações lentas, determinado pela relação entre o homem e o ambiente geográfico; o tempo médio, aquele da história cambiante das conjunturas econômicas, sociais e políticas, e o tempo curto, o dos acontecimentos.

⁴⁵ Doravante será denominada apenas de História Cultural.

que puseram em cheque os marcos conceituais dominantes na História e o esgotamento de um regime de explicações globalizantes. Estes, pelo contrário, eram denunciados, já que cada vez mais era difícil enquadrar de forma redutora a realidade, tamanha a complexidade instaurada no mundo a partir de então.

Para Stuart Hall (1997), a dita virada cultural não seria uma ruptura completa com paradigmas anteriores, mas uma reconfiguração de elementos, onde a linguagem e a cultura deixam de ser meros agentes de integração para o restante do sistema social, tornando-se áreas substantivas. Para o autor, o ponto de referência intelectual a partir do qual os estudos culturais se lançaram foi o de pensar radicalmente a centralidade cultural e a articulação entre os fatores materiais e simbólicos na análise do social. A cultura é, entre outras coisas, um complexo sistema de códigos e significados que dão sentido às nossas ações. Desta maneira, as interações e trocas culturais num espaço de sociabilidades como a moradia estudantil universitária podem ser observadas para o entendimento do homem como ser interpretativo, instituidor de sentido e as práticas sociais como práticas de significação⁴⁶.

Contudo, até o início dos anos 1970, a cultura não tinha, mesmo no campo das ciências humanas e sociais, uma centralidade ou peso epistemológico que permitisse o seu reconhecimento na estrutura empírica real. A virada se inicia, mais precisamente, na nova relação estabelecida com a linguagem: ela passa a constituir os fatos, e não apenas a relatá-los. As coisas só têm significado quando inseridas dentro de um determinado sistema de classificação ou jogo da linguagem⁴⁷. É por esta ótica que é possível buscar e interpretar as estratégias discursivas que se produzem no interior das Casas de Estudante.

Como se percebe, estas novas perspectivas têm implicações profundas, na medida em que se passa a aceitar que o significado de um objeto não está no objeto em si, mas em como este é socialmente construído através da linguagem e das representações. Para o campo da História da Educação este significativo deslocamento dá-se, entre outros, pelos aportes teórico-metodológicos da História Cultural, permitindo a entrada em cena de novos grupos sociais, com novas questões, numa complexificação do real. Atenho-me a discutir, de forma um pouco

⁴⁶ HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções de nosso tempo. Educação & Realidade. Porto Alegre, v.22, nº 2, p. 15-46, jul./dez. 1997.

⁴⁷ Idem.

mais aprofundada, a ideia de uma centralidade da linguagem e o conceito de representação, entendendo a importância que estes tiveram para a presente pesquisa, que esteve interessada nos sentidos atribuídos à experiência ceuacana, na forma como é construído *o lugar onde a Casa mora*.

Chartier (2010) chama o movimento que conferiu centralidade à cultura de “giro linguístico”, partindo da noção de língua como um sistema de signos, de significados múltiplos e instáveis, não intencionais e sem um controle subjetivo, sendo a realidade não uma referência objetiva externa ao discurso, mas sempre construída na e pela linguagem. Toda prática estaria situada na ordem do discurso, justificando o conceito de representação, que “veio designar, praticamente por si mesmo, a Nova História Cultural” (CHARTIER, 2010, p.49). O principal objetivo desta seria, portanto, identificar o modo como a realidade social é construída, pensada e dada a ler em diferentes lugares e momentos, tomando a função simbólica como mediadora, que informa as diferentes modalidades de apreensão do real, pensando a articulação entre os discursos e as práticas sociais.

Também Pesavento (2008) aponta o conceito de representação como uma categoria central para o campo da História Cultural, situando já na virada do séc. XIX para o XX, em autores como Marcel Mauss e Émile Durkheim, os primeiros usos desta noção, em estudos sobre povos primitivos contemporâneos.

A introdução deste conceito-chave no âmbito das ciências humanas foi fundamental para a recuperação das dimensões da cultura realizadas nos anos 80 pelos historiadores, pela atenção que dava ao processo de construção mental da realidade, produtor de coesão social e legitimidade a uma ordem instituída, por meio de ideias, imagens e práticas dotadas de significados que os homens elaboraram para si. (PESAVENTO, 2008, p.24).

Estas novas dimensões têm consequências para a própria epistemologia do conhecimento histórico. Segundo Certeau (2013), o momento da constatação da impossibilidade de alcançar o “real” passado é também o da mudança de estatuto da verdade, que deixa de ser uma manifestação e passa a ser uma produção. Concebe-se então o ofício do historiador como o de uma busca por representações do passado no presente, e sempre por ele influenciado, aspectos pelos quais a “historiografia envolve as condições de possibilidade de uma produção, e é o próprio assunto sobre o qual não cessa de discorrer” (CERTEAU, 2013, p.24). O historiador, portanto, imbuído de uma intenção de verdade, busca escrever uma versão histórica

inteligível sobre um passado.

Ao admitirmos como produto da historiografia um passado fabricado⁴⁸, tem-se que a única garantia possível nesta operação é tornar evidentes as condições em que esta fabricação ocorreu: o contexto do lugar e do tempo presente da produção, os limites e as possibilidades do próprio objeto de pesquisa. Admite-se assim, uma historicidade da história.

Superada a ideia de uma história como uma correspondência fiel ao acontecido e a possibilidade de alcançar uma verdade absoluta, para o qual o conceito de representação foi fundamental, o reconhecimento de seu caráter narrativo ganha centralidade das discussões epistemológicas sobre o fazer historiográfico.

Janaína Amado (1995) fala em uma dimensão simbólica da narrativa historiográfica, que a faz desprender-se do concreto e alçar vôos próprios, descolando-se da lógica histórica tradicional, a dos eventos, para a lógica simbólica. É esta dimensão simbólica que, segundo a autora, pode ser buscada e estudada pelos historiadores, visto fazer parte da história. Pode-se empreender uma busca pelos diferentes significados que os indivíduos e grupos sociais conferem às experiências que tiveram. É nesta perspectiva que estabeleço como um dos objetivos norteadores desta pesquisa uma busca articulatória de representações em torno da experiência ceuacana.

Teremos de nos conformar: o passado, tal como foi, é inalcançável ao historiador. O que buscamos, por ofício, é uma aproximação com esta realidade passada, ou ainda, a construção de “uma representação sobre o já representado” (PESAVENTO, 2008, p.43). A distância temporal exigiu um exercício de imaginação, exercício do qual defluem as similaridades com as estruturas da ficção. É neste ponto que entra em cena o conceito de verossimilhança, no qual está contida a natureza indelével do produto deste trabalho: “uma realidade nem verdadeira, nem falsa” (PESAVENTO, 2008, p. 184). Não é verdadeira, pois esta realidade é inalcançável, sendo possível trazê-la até o presente unicamente a partir de representações. Não é falsa, na medida em que é uma representação criada

⁴⁸ Isso não significa que a história tenha abandonado o real, mas uma mudança na relação com este, na medida em que “todo *fato histórico* já é o signo de um ato” (CERTEAU, 2013, p.19). O autor entende o discurso histórico como um relato, discurso próprio que a história concebida como uma produção sobre o passado não descaracteriza enquanto tal.

segundo técnicas específicas, regidas por uma intenção de verdade.

Esta pesquisa exige, portanto, um transportar-se artificialmente para outro tempo, que não vivemos, tentando imaginar a dinâmica de funcionamento da instituição de ensino CEUACA, os sentimentos de jovens estudantes universitários, suas preocupações, visões de mundo, formas de posicionar-se no conturbado contexto político de 1963 a 1981, seus medos e perspectivas de futuro, suas narrativas de si. São sinais imperfeitos, incompletos e moldados pelas memórias que chegam destes tempos pretéritos, a partir dos quais buscarei construir uma representação em forma de narrativa histórica, que ecoe e faça sentido no presente.

Seguindo na exposição dos fundamentos que sustentam este estudo, passo as considerações sobre a memória enquanto fenômeno social e sua relação com a história. Também será discutida a metodologia da História Oral e sua posição no dispositivo da pesquisa, e, posteriormente, uma apresentação inicial dos sujeitos entrevistados, fornecendo algumas indicações do lugar de onde falam e constroem suas representações sobre a CEUACA.

1.1.1 Memória, História Oral e os sujeitos que narram

Para Certeau (2013), uma das preocupações centrais do historiador é a viabilidade do seu objeto de estudo e a possibilidade de construir condições para a sua compreensão⁴⁹. Como o objetivo deste trabalho foi o de historiografar uma instituição educativa ao mesmo tempo em que buscou compreender o lugar onde a Casa mora nos itinerários de vida dos sujeitos entrevistados, a metodologia da História Oral conquistou determinada centralidade no dispositivo da pesquisa. Muitas das dimensões da abordagem proposta, de fato, só poderiam ser alcançadas por meio das narrativas de memória. Esta metodologia, contudo, não deve ser entendida como salvacionista, pois como qualquer outra, possui limites e potencialidades, e

⁴⁹ “A primeira dessas problemáticas examina sua capacidade de tornar pensáveis os documentos de que o historiador faz um inventário. Ela obedece à necessidade de elaborar modelos que permitam constituir e compreender séries de documentos: modelos econômicos, modelos culturais etc. Essa perspectiva, cada vez mais comum hoje em dia, leva o historiador às hipóteses metodológicas de seu trabalho, à sua revisão através de intercâmbios pluridisciplinares, aos princípios de inteligibilidade suscetíveis de instaurar pertinências e de produzir “fatos” e, finalmente, à sua situação epistemológica presente no conjunto das pesquisas características da sociedade onde trabalha”. (CERTEAU, 2013, p. 26).

sua escolha deve estar relacionada com a lógica do objeto e do problema pesquisado.

Embora o recorte temporal da pesquisa esteja concentrado entre os anos de 1963 e 1981, a análise de uma instituição educativa é necessariamente ampla, transcendendo qualquer definição muito rígida que se queira fazer, pois estão em jogo memórias, histórias e identidades institucionais, todas elas muito fluídas e relacionais. Em determinados momentos deste processo de leitura interpretativa, foi necessário olhar para a instituição como um todo, remetendo para tempos anteriores, buscando pelos movimentos que estiveram nas origens da CEUACA, no início da década de 1930.

Mas a produção da fonte oral possui uma verdade incontornável: a possibilidade de alcançá-la está circunscrita ao tempo de uma vida. Neste ponto, outros documentos revelaram-se fundamentais, como os periódicos - de certa forma repositórios de memórias coletivas - que trouxeram registros de importantes marcadores da história institucional da Casa e discursos sobre o que seria viver em uma moradia estudantil universitária. Todas estas dimensões foram importantes para tecer esta trama sobre a história da instituição, colaborando nas leituras das representações dos antigos moradores entrevistados acerca desta experiência de moradia.

Se por um lado é necessário despir a História Oral de uma aura redentora, apresentando o seu lugar no dispositivo da pesquisa, também é verdade que esta metodologia passou por um longo processo de afirmação, de modo que, em certos círculos acadêmicos, parece ainda persistir resistência quanto a mesma. Realizo a partir de agora uma reflexão sobre este método, em que aspectos relacionados a sua potência e seus limites ficarão mais claros.

Dentre as muitas críticas historicamente direcionadas à História Oral, que visavam denunciar a sua possível vulnerabilidade e a colocavam como uma produtora de fontes secundárias ou subsidiárias, estava a sua suposta baixa confiabilidade. A História Cultural e a mudança de paradigmas no campo das ciências humanas, a partir da segunda metade do século XX, como referenciado no capítulo anterior, a colocaram em outro patamar⁵⁰. Ao possibilitarem a abertura de

⁵⁰ Vidal (1998) cita as contribuições da escola dos Annales para o alargamento da noção de documento histórico. A autora faz referência a Febvre, quando este define como documentos para o historiador tudo que pertence ao homem, depende do homem, serve o homem, exprime o homem,

novos campos de pesquisa, com a multiplicação dos objetos, abriram caminho para a afirmação desta metodologia, demandando uma crítica séria das fontes por ela produzidas, associadas a exigências técnicas e procedimentais⁵¹, a exemplo da relação exigida do historiador com quaisquer outros documentos.

Quanto a aspectos como a confiabilidade e legitimidade, Pollak (1992) colabora na desconstrução da ideia de uma hierarquia entre a fonte oral e a escrita, considerando que ambas são socialmente construídas. A escolha das fontes e das metodologias usadas na sua produção e interpretação devem estar em consonância com os objetivos da pesquisa, mas também na própria lógica do objeto pesquisado. Não há observação sem hipótese, nem fato sem perguntas, diz Ricouer (2007), de modo que o documento se constrói na pergunta do historiador, na sua intenção de encontrar alguma informação sobre o passado.

Para Bosi (2003), embora o tecnicismo reinante queira nos convencer da inutilidade da memória e dos sentimentos nostálgicos, eles são intrínsecos à condição humana. Os seres experimentam de diferentes formas uma mesma época, e as memórias nos fazem perceber o quanto ela vem carregada de sentidos e elaborações. Para a autora, mais do que experiências individuais, as narrativas de memória podem nos dar a ver a complexidade do acontecimento, na medida em que toda percepção está impregnada de lembranças, possuindo a memória uma função decisiva na elaboração das representações. É neste sentido que as narrativas dos atores que viveram e experiência da moradia estudantil foram centrais no esforço de compreensão do *lugar onde a Casa mora*.

Ainda sobre a memória, Amado (1995) a vê como possibilitadora da capacidade dos seres humanos em transitar livremente entre os diversos tempos, dela derivando a consciência que nós temos do próprio tempo, permitindo-nos compreendê-lo e combiná-lo de muitas formas, dividindo-o em diferentes fases, de modo que nos seja possível “perceber o passado diante de nós” (AMADO, 1995, p. 131). Contudo, se a memória nos permite perceber a passagem do tempo e conceber uma ideia de passado, ela, por si só, não é capaz de dar conta de uma leitura crítica deste passado. Conforme Menezes (1992), este processo exige um

demonstra a presença, a atividade, os gostos e as maneiras de ser do homem. A autora aponta ainda os horrores da II Guerra, através da preocupação em “resgatar” os relegados ao silêncio como impulsionadores da explosão documental percebida nos anos 60.

⁵¹ POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol5, n.10, 1992, p.200-212.

estranhamento e distanciamento, uma descontinuidade entre o passado e o presente que somente a História e a consciência histórica podem alcançar.

A História e a memória mantêm, contudo, intrínseca relação. Para Stephanou e Bastos (2004), os vestígios do passado não possuem verdades inerentes, prontas a serem desveladas pelo historiador. Este se vale de rastros, pistas, sinais para construir, segundo mediações da teoria de seu campo, suas subjetividades e por todas as “leis de seu meio”, um discurso sobre o passado. A memória, por sua vez, é um destes documentos, indícios a partir dos quais o historiador constrói sua narrativa como uma leitura do passado a partir do que os indivíduos e grupos lembram ou esquecem.

O resgate da memória é uma ilusão, posto que é um processo de permanente construção e reconstrução, um trabalho, no sentido apontado por Bosi (2012). Os esforços que grupos sociais fazem para fixá-la, para assegurar sua estabilidade, são, segundo Menezes (1992), prova do seu caráter fluído e mutável. Também uma autobiografia nunca é estática, de modo que comporta contínuas reestruturações de eventos passados. A memória e as autobiografias passam por um processo constante de “feição adaptativa”. (MENEZES, 1992, p. 11). São elaborações discursivas sobre o passado afim de conferir-lhe sentido.

Isto torna indispensável pensar de uma forma mais aprofundada a memória enquanto fenômeno social. É Halbwachs (2006) quem contribui sobremaneira para a ampliação do entendimento da memória como sendo construída coletivamente, portanto sujeita a flutuações e transformações constantes. Para o autor, é comum atribuímos a nós mesmos ideias e reflexões, ou sentimentos e paixões, que nos foram inspirados pelo grupo. Em suas palavras, “nós não percebemos que não somos senão um eco” (HALBWACHS, 2006, p. 64), de modo que nem sempre é fácil perceber estas relações das nossas memórias com o coletivo⁵², porque “uma corrente de pensamento social é ordinariamente tão invisível como a atmosfera que respiramos” (HALBWACHS, 2006, p. 46).

⁵² É neste sentido que o autor também traz o conceito de “intuição sensível”. Como seres sociais, estamos ligados a diferentes grupos e ambientes. Quando estas correntes se cruzam e se chocam em nossa mente, provocariam este estado, que dão a falsa sensação de serem estados individuais, por não estarem ligados inteiramente a um ou a outro ambiente. As lembranças que nos parecem pessoais distinguem-se das demais pela maior complexidade das condições necessárias para que sejam lembradas. Trata-se apenas de uma diferença de grau. Os acontecimentos que mais facilmente podemos lembrar são aqueles gravados na memória dos grupos mais chegados a nós. É por podermos nos apoiar na memória dos outros é que somos capazes de lembrá-los.

Nesta visão, seriam justamente as diferentes influências da nossa memória as responsáveis pela sensação desta ser somente nossa. Algo como “supor que um objeto pesado, suspenso no ar por uma quantidade de fios tênues e entrecruzados, permaneça suspenso no vácuo, onde se sustenta por si mesmo” (HALBWACHS, 2006, p. 70). Amado (1995), por sua vez, lembra que embora as memórias sejam coletivas, no sentido apontado por Halbwachs (2006), determinado conjunto de memórias só pode pertencer a uma pessoa, e é este conjunto de memórias que a identifica. “Memória e história se conjugam para conferir identidade a quem recorda” (AMADO, 1995, p. 132).

No mesmo caminho, segue Pollack (1992), ao falar numa ligação fenomenológica bastante estreita entre a memória e o sentimento de identidade, que seria, a grosso modo, o sentido da imagem de si, para si e para os outros, imagem esta construída ao longo da vida. Memória e identidade devem ser compreendidas como essências de uma pessoa ou um grupo, ainda que possam ser negociadas com base em critérios como aceitabilidade, admissibilidade e credibilidade. Para Thonson (2001), compomos nossas memórias individuais para dar sentido a nossa vida passada e presente, num processo de elaboração da memória, ao qual o autor vai chamar de composição. As memórias são compostas de modo que sejam publicamente aceitáveis.

Ainda para pensar as relações entre a memória individual e coletiva, Pollack (1992) enumera o que seriam os três pontos constitutivos da memória: os acontecimentos vividos pessoalmente, os vividos pelo grupo ou pela coletividade (que podem adquirir uma dimensão tal no imaginário coletivo a ponto de fazer com que o indivíduo tome essas experiências como suas) e a memória herdada, também não vivida diretamente pelo sujeito, mas que devido a uma grande projeção política e social por ela alcançada, passa a ser tomada como se fosse sua.

Diante deste quadro de incertezas, em que são constantemente postos à prova as fontes de memória oral e a produção historiográfica como um todo, Chartier (2008) defende como garantia, a substituição do mascaramento das condições de produção dos discursos históricos, que Certeau (2013) chama de “leis do meio”, demonstrando o caráter subjetivo da história, os preconceitos e as curiosidades do historiador. Ressalta, no entanto, que relacionar os enunciados científicos às suas condições históricas de possibilidade não significa desconsiderar que produzem conhecimento, submetidos a técnicas e a critérios de validação. Passa-se a

reconhecer o artífice produtor deste passado e o local e as condições em que ele o faz no presente.

Outro aspecto imprescindível a ser considerado é a operação historiográfica enquanto escrita. Para Certeau (2013), ao tornar-se um texto, a história obedece a imposições, como a exposição do discurso em uma ordem cronológica e a necessidade de impor um fim a uma pesquisa que é interminável, sendo a própria introdução “já organizada pelo dever de terminar” (CERTEAU, 2013, p.90). O autor postula assim um tempo discursivo, um tempo referencial, que presta um serviço à história. O primeiro e maior destes serviços seria o de tornar compatíveis os incompatíveis. “A temporalização cria a possibilidade de tornar coerente uma “ordem” e o seu “heteróclito” (CERTEAU, 2013, p.94). Neste sentido, a cronologia organiza a escrita.

Quanto à produção das fontes, mais especificamente as narrativas de memória, destaco a importância de o historiador colocar-se nas entrevistas. As minhas sensibilidades de agora, com as quais elaboro um roteiro de perguntas e interpreto fontes, escolho métodos e recortes temporais, conferindo sentido à CEUACA enquanto objeto de estudo da História da Educação, são, em alguma medida, fruto de uma origem social e vivências comuns as de meus entrevistados, experiências estas que não podem ser obliteradas. Estas contingências de vida que nos levaram à Casa do Estudante acompanham-nos até o presente da pesquisa.

A produção historiográfica não deve, contudo, ser reduzida a uma crítica epistemológica. Ela “tem como função, entre os homens, a de ser a representação de uma cena primitiva apagada, mas ainda organizadora” ou ainda “um começo tão impossível de reencontrar quanto de esquecer” (CERTEAU, 2013, p.42).

Busquei, portanto, a partir de narrativas de memória oral e dos demais documentos, captar a explosão de vida, o contraditório de registros e relatos aparentemente insignificantes, corriqueiros, singulares, construindo com eles explicações que façam sentido⁵³. O tamanho de um acontecimento está menos na sua grandeza e notoriedade factual do que em detalhes que possibilitem novas leituras do mundo, das relações sociais, dos valores de um determinado período da história. As memórias de antigos ceuacanos comporão, ao final desta pesquisa, algo como o já referido colar de pérolas, aos quais tentarei conferir alguma

⁵³ FARGE, Arlette. O Sabor do Arquivo. Traduzido por Fátima Murad. São Paulo: Edusp, 2009.

inteligibilidade, por meio da construção de uma narrativa historiográfica da CEUACA enquanto instituição educativa, buscando compreender como um grupo de antigos moradores significa a experiência de habitá-la.

Expostos os referenciais teóricos que sustentam a utilização da metodologia da História Oral, o seu lugar no dispositivo da pesquisa e as reflexões sobre a memória enquanto fenômeno social, passo as considerações acerca do processo de escolha dos entrevistados, a construção do roteiro de perguntas, a forma como as narrativas de memória foram produzidas e a uma primeira apresentação dos sujeitos que narram.

Embora a temporalidade ainda não estivesse definida no início da pesquisa, cogitei entrevistar os moradores mais antigos, homens em torno dos 60, 70 ou 80 anos de idade. Estes, portanto, teriam habitado a Casa nas décadas de 1950, 1960 ou 1970. Na medida em que o conceito de instituição educativa ia sendo incorporado, os objetivos do estudo tomavam forma. A escolha do Regime Civil-Militar e do Maio de 68 como marcadores históricos também foram importantes para a definição de que a procura pelos futuros entrevistados ficaria concentrada nas décadas de 1960 e 1970.

Os caminhos desta busca foram bastante variados: utilizei-me de alguns vídeos disponíveis em páginas da Internet que traziam depoimentos de antigos ceuacanos, da minha aproximação ao acervo da Casa no seu processo de higienização (onde pude anotar alguns nomes de fichas de moradores), além da ajuda de amigos que souberam da pesquisa, sem esquecer as indicações pelos próprios entrevistados.

Um outro movimento foi o de aproximação com João Pedro Stédile, líder e fundador do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Ocorre que no processo de realização de cinco das oito entrevistas, as referências ao seu nome eram uma constante, muito associadas a ideia da Casa como um “celeiro de líderes”. Passei então a pensar que entrevistá-lo poderia ser potente para a pesquisa, e, após inúmeras tentativas e algumas desistências, finalmente consegui obter o seu endereço de e-mail, por meio de uma complexa rede de contatos, através do qual foi possível agendar um encontro, nas circunstâncias que serão descritas a seguir.

Apesar de oito narrativas de memória terem sido efetivamente produzidas, muitas foram as respostas negativas aos convites, e-mails não respondidos e

telefonemas não atendidos. Estas renúncias em participar da pesquisa também serão consideradas na análise sobre *o lugar onde a Casa mora*. Por ora, cabe referir que, embora a aleatoriedade estivesse presente no processo de escolha dos entrevistados, foram realizados movimentos no sentido de obter uma maior representatividade e diversidade de perfil dos antigos ceuacanos. Já nas entrevistas piloto, por exemplo, a questão da presença de moradores negros e a circulação de mulheres⁵⁴ por este espaço se fez notar. No entanto, a despeito dos esforços realizados, não foi possível alcançar as vozes destes sujeitos para a pesquisa. Esta questão, contudo, merece ser revisitada em outros estudos, especialmente do sentido de compreender as condições de presença das mulheres e das diferentes formas de pertencimento étnico-racial no Ensino Superior no período.

As entrevistas realizadas para esta pesquisa seguiram um modelo semiestruturado, privilegiando o livre fluir da memória, sendo os pontos abaixo tomados apenas como referenciais. Isto acabou-se confirmando, na medida em que a grande maioria das questões foram sendo abordadas de forma espontânea pelos entrevistados no decorrer da narrativa. O roteiro sofreu algumas alterações após a realização de três entrevistas piloto e da qualificação do projeto de pesquisa junto à banca examinadora. As questões do roteiro e as referidas alterações estão identificadas na tabela a seguir.

Tabela 3: Roteiro de questões das entrevistas piloto.

Roteiro das entrevistas
<ul style="list-style-type: none"> • Poderias narrar um pouco da tua trajetória antes de chegar à Casa? • Como ficaste sabendo da CEUACA? • Quais eram os perfis dos moradores (regiões de origem, condições sociais, cursos, instituições onde estudavam)? • Quem era as pessoas que frequentavam a CEUACA? • Como tu vês hoje a questão das trocas e dos conflitos culturais dentro da Casa no tempo em que lá viveste? • Quais eram as discussões políticas da época? Havia tendências divergentes

⁵⁴ Esta questão será melhor discutida no Cap. 4.

na Casa?

- Percebias movimentos de resistência à Ditadura dentro da Casa?
- E sobre a (auto) gestão da Casa? Lembras como esta era organizada. Qual foi a tua participação neste processo?
- Quais eram as leituras feitas pelos moradores?
- Como era a relação com os moradores de fora da Casa e com o movimento estudantil?
- Como era a presença feminina na Casa e quais eram as discussões sobre admissão de mulheres como moradoras?
- Como era a relação da CEUACA com a UFRGS, com outras instituições públicas e com o governo?
- Poderias narrar um pouco da tua trajetória após a saída da Casa?

Questões acrescentadas ao roteiro após a realização de três entrevistas piloto e a qualificação do projeto de pesquisa.

-
- Quais lembranças tens do prédio da Rua Riachuelo? Como era viver no centro de Porto Alegre?
 - O que sabes sobre o Aparício Cora de Almeida?
 - Havia algum símbolo, alguma marca que identificasse a CEUACA?
 - O que sabes sobre a história da Casa, sobre suas origens?
 - Imaginas como era a visão dos de fora sobre a CEUACA?

Fonte: Elaborado pelo autor.

Ainda quanto aos procedimentos metodológicos da pesquisa, há que se destacar que além do roteiro semiestruturado foram utilizadas no momento das entrevistas algumas fotografias, constituídas como evocadores de memória. Estas imagens estarão dispostas ao logo do texto e identificadas como tal, outras, que não participaram da composição da escrita, comparecem ao trabalho nas páginas finais, na forma de anexo.

Realizadas estas considerações, parto para uma primeira apresentação dos sujeitos que narram e as circunstâncias em que estas narrativas foram produzidas. Errante (2000) sugere os eventos de História Oral como momentos em que a memória tanto de quem narra quanto do historiador são exercidas, conferindo ao entrevistador um papel de relevância, nem sempre considerado nas reflexões do

método. “A voz da narrativa da História Oral não somente emerge da relação entre história e biografia, o pessoal e o coletivo do narrador, mas também entre narrador e historiador” (ERRANTE, 2000, p. 167).

Não há como anular todo o universo simbólico que a figura de quem pesquisa emana para aquele que narra, tampouco o momento e o lugar em que as entrevistas ocorrem. Nesta perspectiva, e como procedimento ético, busquei explicar aos interlocutores a proposta do trabalho⁵⁵ que estava desenvolvendo e apresentar-me como antigo morador da CEUACA. Tal atitude mostrou-se profícua, parecendo criar, em muitas ocasiões, uma espécie de ponte interpessoal⁵⁶. Aquele que narra, aquele que escuta e interroga, e as circunstâncias nas quais as entrevistas acontecem são elementos fundamentais na metodologia da História Oral, razão pela qual o texto adquire, nos próximos parágrafos, um caráter mais descritivo, buscando apresentar os sujeitos entrevistados e as condições de possibilidade na produção das narrativas.

A primeira entrevista foi realizada no dia 19 de setembro de 2015, com Flávio, 66 anos, artista plástico, em seu atelier no município de Morro Reuter-RS. Natural de Dois Irmãos –RS, cursou Artes Plásticas na UFRGS e morou na CEAUCA entre os anos de 1971 e 1972. Antes mesmo que o gravador fosse ligado, indagou-me sobre a pesquisa, falou um pouco sobre sua história, do seu trabalho, apresentou-me seu atelier e do significado de alguns dos seus quadros. Depois subimos para o segundo andar, um ambiente calmo e agradável. Liguei o gravador. Tranquilo, sem pressa, o entrevistado fez um café para nós e foi contando de si e da sua relação com a Casa. Mostrou-se interessado e colaborativo com a pesquisa, e, visivelmente, fazendo esforços para lembrar-se de mais coisas. Questionado sobre sua preferência pelo anonimato, preferiu que seu nome fosse identificado no trabalho. Como durante a pesquisa surgiu a ideia de realização de um documentário, Flávio prontamente se dispôs a colaborar, razão pela qual realizamos uma segunda entrevista, agora filmada, em 25 de março de 2017.

No dia 08 de outubro de 2015, foi produzida a narrativa de memória com Paulo, 62 anos, corretor de imóveis aposentado, residente em Porto Alegre e natural de Passo Fundo/RS. O entrevistado cursou Engenharia de Minas na UFRGS e viveu

⁵⁵ THONSON, Alistair. Memórias de Anzac: colocando em prática a teoria da memória popular na Austrália. Revista História Oral, n.4, jun.2001

⁵⁶ ERRANTE, Antoinette. Mas Afinal, A Memória é de Quem? Histórias Orais e Modos de Lembrar e Contar. In: História da Educação. Pelotas (8):141-174, set. 2000.

na CEUACA entre 1974 e 1979. O nosso encontro aconteceu no espaço superior da Livraria Cultura, no Shopping Bourbon Country. Paulo iniciou questionando-me sobre a atual situação da Casa e em seguida falamos um pouco mais da pesquisa e sobre minha relação com a CEUACA. O fato de a entrevista ter ocorrido num espaço público, com circulação de outras pessoas, parece não ter comprometido de forma mais significativa o processo de rememoração. Durante diversas vezes, Paulo emocionou-se, principalmente ao lembrar dos tempos difíceis pelos quais passou ao chegar em Porto Alegre, relatou situações de fome, a solidariedade dos amigos, o trabalho pesado que dificultava a continuidade do curso. Ao final da entrevista, Paulo solicitou que eu lhe mantivesse informado acerca de eventuais descobertas a seu respeito no acervo da Casa (ficha, fotos, etc.), pois não ficou com nenhum registro material do período. Ele também optou por ser identificado neste trabalho.

A terceira entrevista foi com o Nereu, 70 anos, no dia 19 de novembro de 2015. Nereu é advogado, natural do município de Lagoa Vermelha-RS, formou-se em Direito pela UFRGS e morou na CEUACA entre 1965-1970. Recebeu-me em seu escritório, no Centro Histórico de Porto Alegre. Como cheguei um pouco antes do combinado, aguardei na sala de recepção, onde pude ver, expostos na parede, os inúmeros títulos recebidos pelo entrevistado, entre eles o de Cidadão de Porto Alegre e o Prêmio Jurídico da Câmara de Vereadores. Nereu tem expressiva participação na vida pública, e chegou a ser presidente da Ordem dos Advogados do Brasil, seção do Estado do Rio Grande do Sul. Durante a espera, também fui gentilmente recebido pelo filho, Nereu Lima Jr., que me adiantou: “O pai tem muitas histórias sobre a Casa do Estudante”. Pontualmente às 15h, horário marcado, adentrei a sala. Ao me receber, falou sobre a oportunidade de poder lembrar e de que tentaria ser “o mais racional possível”. Possuidor de boa oratória, o entrevistado articulou bem a sua fala, contemplando a maioria das questões que eu tinha em meu roteiro.

A quarta narrativa de memória foi produzida após a qualificação do projeto, quando o objetivo da pesquisa já estava melhor desenhado. Como neste intervalo emergiu a ideia de realização do documentário, todas as entrevistas passaram a ser filmadas. Encontrei-me com Rui no dia 17 de fevereiro de 2017, em sua residência, em Porto Alegre. Após negociações, o entrevistado venceu sua timidez e permitiu que a câmera fosse ligada. Rui morou na CEUACA entre 1968 e 1969. Natural do distrito de Corvo, então pertencente ao município de Estrela, formou-se em Direito

pela UFRGS. Durante mais de 25 anos, trabalhou como advogado concursado do Banco Central do Brasil. Na entrevista, falou das dificuldades do tempo de estudante, destacando que as enfrentou de forma tranquila, pois não tinha outra escolha. Avaliou a CEUACA como um importante esteio na sua trajetória, e que também contribuiu com ela, fazendo a sua parte, trabalhando pela manutenção da Casa.

No dia 08 de março de 2017, quem me recebeu em sua residência, no Centro Histórico de Porto Alegre, foi Edson. Natural de Quaraí-RS, é formado em Física pela UFRGS, tendo atuado como professor da rede pública estadual. É militante do Partido Comunista do Brasil (PCB), chegando a ser candidato a Deputado Estadual pela legenda. Também foi líder sindical no Centro de Professores do Estado do Rio Grande do Sul (CPERS). Edson morou na CEUACA entre 1968 a 1973, onde entrou como um funcionário da cozinha, vindo a tornar-se estudante morador somente mais tarde. A trajetória de escolarização do entrevistado chama a atenção pela singularidade. Seu relato foi marcado por episódios relacionados às manifestações políticas da época, as interações entre a Casa e os movimentos sociais, bem como a repressão dos agentes do Regime Militar à moradores da instituição.

A sexta entrevista foi com João Pedro, realizada no dia 17 de março de 2017, no assentamento COOPAN (Cooperativa de Produção Agropecuária Nova Santa Rita). João Pedro é natural de Lagoa Vermelha - RS e atualmente reside em São Paulo. Morou na CEUACA entre os anos de 1972 a 1975 e formou-se em Economia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). É fundador e líder do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Por tratar-se de figura pública, a entrevista apresentou algumas dificuldades adicionais. Após uma série de articulações para conseguir contato com o entrevistado, consegui marcar o encontro para o dia em que João Pedro estaria no Rio Grande do Sul, para participar da XIV Festa da Colheita do Arroz Orgânico. Tendo de disputar sua atenção entre jornalistas e outras pessoas que se acotovelavam ao seu redor, finalmente conseguimos criar as condições para a realização da entrevista, ainda que em pé e debaixo de uma árvore. Eram as condições de possibilidade naquele momento e a entrevista acabou durando 25 minutos. João Pedro narrou sua trajetória na Casa, as influências que teve durante a sua formação e interagiu bastante com os evocadores de memória.

A sétima entrevista foi com Waldomir, 78 anos, realizada em sua residência

no dia 08 de abril de 2017. Natural de Rio Grande, formou-se em Odontologia pela UFRGS, atuando nesta profissão até aposentar-se. Viveu na CEUACA em 1963, sendo o mais antigo morador a ser entrevistado. Seu relato deu importantes contribuições para a compreensão da estrutura de assistência estudantil mantida pela Casa, especialmente a do consultório odontológico, onde atuou como atendente, administrador e na manutenção dos equipamentos ali contidos. Infelizmente Waldomir veio a falecer no mês de setembro deste ano, antes do término da pesquisa. Em sua homenagem, serão entregues à família uma cópia deste trabalho e das filmagens da entrevista.

A oitava narrativa foi produzida com Nivaldo, no dia 18 de abril de 2017, numa sala da Faculdade de Educação da UFRGS. Natural do Mato Grosso do Sul, formou-se em Engenharia Eletrônica pela PUCRS e morou na CEUACA entre 1976 e 1981. Foi candidato à Deputado Federal em 1986 pelo Partido Socialista Brasileiro (PSB) e atuou como engenheiro em setores privados e públicos, no Rio Grande do Sul, Paraná e em Brasília. Atualmente voltou a estudar, sendo aluno do curso de Engenharia Civil da UFRGS. Sua narrativa procurou estabelecer inúmeras relações da Casa com o contexto político da época, marcado pela Ditadura Civil Militar, dando a ver círculos de leitura e a atuação política de parte dos moradores.

Estas oito entrevistas foram o resultado de dois anos de buscas por pessoas que pudessem colaborar na construção de uma história sobre a CEUACA. Certamente muitas vozes não foram alcançadas, muitos sentidos não foram apreendidos. Mas a História Oral é a metodologia do possível e para ela também vale a ideia das condições de possibilidade. Nem sempre temos o melhor gravador, o ambiente ideal para a entrevista e a pergunta certa para o entrevistado. Nem sempre é possível alcançar às vozes que julgamos centrais para as nossas pesquisas e que todos os grupos estejam representados. A sina do historiador parece ser mesmo esta: trabalhar com os vestígios que alcança, com aquilo que institui como seus documentos, no sentido apontado por Ricoeur (2007), tecendo com eles sempre novas composições sobre o passado.

Realizadas estas considerações sobre as perspectivas teórico metodológicas que guiaram esta pesquisa, sigo no processo de apresentar os fundamentos deste estudo, indicando a forma como a temática da moradia estudantil universitária foi inscrita no campo da História da Educação, apoiada na proposta de uma História das Instituições Educativas defendida por Magalhães (2004). Trata-se de um jogo de

aproximações, que visa expor alguns movimentos realizados por outros pesquisadores e a possibilidade de novos estudos.

1.2 Tecendo nexos: moradia estudantil e História da Educação

“Las noches son de un silencio absoluto. En un cuarto se hace medicina; en otro, cálculo infinitesimal; en otro, legislación; en otro, historia; en otro, caminos, puentes, hacia la eternidad, versos.” (José Moreno Villa⁵⁷)

A origem das moradias estudantis é tão remota quanto a gênese das primeiras universidades. O deslocamento em direção aos centros urbanos em busca de instrução universitária implica, necessariamente, em providência de moradia. No entanto, as múltiplas formas pelas quais estes espaços de habitação coletiva se organizaram e foram concebidos tornam difíceis uma leitura mais clara sobre este fenômeno.

Segundo Otávio Luiz Machado (2012), as Casas de Estudante ou Repúblicas Estudantis brasileiras tiveram influências do modelo português, mais notadamente de Coimbra, berço das academias de Portugal e do Brasil⁵⁸. Lá, segundo Prata (2002), desde o início do século XIV observa-se o problema da moradia estudantil, com a escassez de casas e falta de condições das mesmas para os jovens que vinham até a cidade para a realização dos estudos universitários. Para tentar resolver a questão, que persiste até hoje, o governo português construiu Casas no zoneamento urbano da Almedina, a fim de ser habitada por estudantes que eram selecionados por uma comissão nomeada pelo rei e mediante o pagamento de uma pequena taxa.

Prata (2002) localiza uma primeira ocorrência do termo “República” para estes ajuntamentos, em Coimbra, no ano de 1836, e busca uma possível origem desta designação na semelhança da forma de governo e organização interna destas casas

⁵⁷ José Moreno Villa. La Residencia. Residencia. Año 1, n. 1, 1926. In: Una Habitación Histórica de La Residencia de Estudiantes. Publicação em comemoração aos 100 anos da Residencia de Estudiantes (1910-2010).

⁵⁸ MACHADO, Juciára Teixeira. Em busca de um mesmo “CEU”: Estudo Antropológico sobre (Ex) Moradores da Casa do estudante da Universidade Federal de Santa Maria. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2012.

com a dos Estados republicanos⁵⁹. Há ainda, no mesmo período, a ocorrência do termo “Real República” para designar estas habitações, o que pode, segundo Inês Bernardo Lopes Andrade (2014), ser uma referência aos dois regimes políticos - Monarquia e República, representando as várias correntes ideológicas de então, sendo, segundo interpretação da autora, um símbolo de liberdade e igualdade vivida entre os membros das Casas.

Entendendo o fenômeno da moradia estudantil como intrínseco ao ensino de nível superior, poderíamos remeter a origem das Casas de Estudante brasileiras à fundação da Faculdade de Medicina na Bahia em 1808, impulsionada pela chegada da família real ao Brasil. Já em 1876, houve a criação da Escola de Minas, em Ouro Preto, durante o reinado de Dom Pedro II⁶⁰, em que a necessidade de que alunos e professores fixassem moradia na cidade fez com que nela florescessem inúmeras Repúblicas, que acabaram tornando-se o centro da vida estudantil e símbolo da região.

É a partir da década de 1930, no período varguista, que a moradia estudantil passa a ser concebida como uma política de assistência a estudantes de baixa renda, na esteira da criação e pulverização das Universidades Federais. As origens e formas de organização das Casas de Estudante, contudo, são bastante diversas. Além daquelas criadas pelas instituições universitárias, existem as oriundas de iniciativas dos próprios estudantes ou de outras organizações sociais, caracterizadas pela autonomia e autogestão.

A precariedade e as situações limite, no entanto, parecem ser a regra nestes espaços, sobretudo pela pouca atenção que recebiam das políticas públicas e investimentos sempre aquém das necessidades. Uma matéria sobre a CEUACA, publicada pela Revista do Globo em 1944, permite um dimensionamento da situação da moradia estudantil na época. O texto, em tom de lamento pelas condições em que os estudantes se encontravam, faz um paralelo da situação que se observava na Porto Alegre de então, com as realidades de outros estados e países.

Eles [os estudantes] estão habituados a ler sobre entidades como “A Casa

⁵⁹ CASTRO, Amílcar Ferreira de. A gíria dos estudantes de Coimbra. Coimbra: Faculdade de Letras, 1947. In: PRATA, Manuel Alberto Carvalho. Academia de Coimbra (1880-1926): contributo para a sua História. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2002.

⁶⁰ MACHADO, Juciára Teixeira. Em busca de um mesmo “CEU”: Estudo Antropológico sobre (Ex) Moradores da Casa do estudante da Universidade Federal de Santa Maria. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2012.

Internacional”, ou “International House”, de Nova York, verdadeiro hotel de universitários, onde os pensionistas têm tudo, inclusive a mútua e produtiva convivência, por um preço ínfimo ou senão de graça. Sabem que as entidades similares no Rio e S. Paulo dispõem de edifícios próprios, amplos e modernos, com capacidade para acolher um grande número de rapazes. E é mais ou menos isto que desejam os estudantes do Rio Grande: um grande edifício para a sua sede, um restaurante modelo, uma rica biblioteca, uma sala de conferência para recepcionar as missões de visitantes e várias outras coisas indispensáveis (Revista do Globo, n. 354, Jan de 1944).

As moradias estudantis, contudo, nem sempre foram concebidas pelo viés da assistência. É caso da *Residencia de Estudiantes*, fundada no ano de 1910 em Madri, tendo sido o primeiro centro cultural da Espanha, constituindo-se em um espaço de trocas e criação artística e científica. Instalações confortáveis, abertas à invenção, ao pensamento e ao diálogo interdisciplinar, para onde os estudantes aportavam voluntariamente, sem que estivesse posta a questão assistencial. Propunha-se como um espaço complementar ao ensino universitário, para os estudos e a criatividade.

Figura 3: *Residencia de Estudiantes* –Madri

Da esq. para a dir.: José Bello, Federico Garcia Lorca, Juan Centeno e Louis Eaton-Daniel (1924), em um dos quartos da *Residencia*



Fonte: Una Habitación Histórica de La Residencia de Estudiantes. Publicação em comemoração aos 100 anos da Residencia de Estudiantes (1910-2010).

A *Residencia* também acolhia as vanguardas internacionais do pensamento, tornando-se um foco de disseminação da modernidade na Espanha, tendo despontado, entre os seus moradores, muitas das principais figuras da cultura

espanhola do século XX, como o poeta Federico Garcia Lorca e o pintor Salvador Dalí.⁶¹ Serviu ainda como espaço para fóruns de discussão e divulgação da vida intelectual da Europa entre guerras, com teses apresentadas diretamente pelos seus autores. Entre aqueles que por lá circularam estão nomes como Albert Einstein, John M. Keynes, Henri Bergson, entre muitos outros.⁶²

Figura 4: Aspecto de um dos quartos da *Residencia de Estudiantes*



Fonte: Una Habitación Histórica de La Residencia de Estudiantes. Publicação em comemoração aos 100 anos da Residencia de Estudiantes (1910-2010).

No Brasil, Machado (2007) ressalta a experiência da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, instituição que possui em relação à moradia estudantil uma concepção que ultrapassa a assistência, inserindo-a na perspectiva de um debate educacional. As Casas são interpretadas não apenas como um lugar destinado aos estudantes de baixa renda, mas espaço de discussão de questões acadêmicas, interdisciplinares, de estudos e produção intelectual, enfim, de formação.⁶³

Outro aspecto da realidade brasileira a ser destacado são as mobilizações que ocorreram e ainda acontecem em prol das causas relacionadas à moradia para estudantes. Esta se constitui hoje em uma das principais pautas do movimento

⁶¹ Histórico da Residência de Estudiantes. Site: <http://www.residencia.csic.es/pres/historia.htm>. Acesso em 27/08/2016.

⁶² Idem.

⁶³ UNICAMP, Deliberação Consu-A, de 04/12/2001. In: M. Zaidan Filho & O. L. Machado (Orgs.), Movimento Estudantil Brasileiro e a Educação Superior (pp. 191-208). Recife: Editora Universitária

estudantil formalmente organizado, mas também de organizações que pleiteiam especificamente a matéria das Casas de Estudante. Desde 1976, realizam-se anualmente os Encontros Regionais de Casas de Estudante- ERECE⁶⁴ e os Encontros Nacionais de Casas do Estudante-ENCE. Neste sentido, um outro marcador importante ocorreu no ano de 1987, quando organizou-se a Secretaria Nacional de Casas de Estudantes – SENCE⁶⁵.

Contudo, o tema da moradia estudantil universitária segue sendo pouco visitado nas pesquisas acadêmicas de mordo geral e da historiografia em específico. Garrido e Mercuri (2013), em levantamento realizado sobre a recorrência da temática e traçando um comparativo com a produção estrangeira, também observam a exiguidade da produção nacional, sobretudo em abordagens que contemplem estas moradias como espaço de aprendizagens. É na produção norte-americana que Garrido e Mercuri (2013) localizam uma série de trabalhos que enfocam as Casas de Estudante como lugares de formação complementar, inclusive com dados quantitativos. Sugerem investigações que busquem conhecer a realidade desses ambientes e os impactos produzidos sobre os estudantes, bem como a origem e o histórico das diversas moradias estudantis existentes no Brasil, chamando para a necessidade de maiores estudos acerca dos objetivos e concepções com as quais estas foram criadas, as circunstâncias e atores envolvidos nestes processos.

Em Portugal, Andrade (2014) pesquisou as repúblicas universitárias de Coimbra, mais especificamente sobre o modo como funcionam, se organizam e são geridas. A autora considera as Casas como dinamizadoras de cultura e vivência comunitária, já tendo sido inclusive um dos cartões postais da cidade. Machado (2007), por sua vez, ao construir um breve histórico das Casas de Estudantes no Brasil, também aponta para as potencialidades de pesquisas em temáticas a elas relacionadas, especialmente a partir do universo de sociabilidades observadas em seu entorno, concebendo-as como espaços formativos.

Numa abordagem pioneira sobre a temática, Ana Paula Vosne Martins (1992), buscou entender como as estudantes universitárias moradoras Casa da Estudante Universitária de Curitiba (CEUC), viveram a experiência da individualização e a

⁶⁴ Em: <http://sencebrasil.redelivre.org.br/historico-do-mce/>. Acesso em 14/09/2016.

⁶⁵ A Secretaria Nacional de Casas de Estudantes é um movimento social autônomo, independente e organizado de forma horizontal através de um colegiado. É formada nos encontros nacionais, composta por coordenadores eleitos no encontro regional, sendo 05 representantes de cada região. Conta com coordenadorias Administrativa, de Cultura, de Finanças, de Comunicação, de Política e de Diversidade. Em: <http://sencebrasil.redelivre.org.br>. Acesso em 27/08/2016.

forma de construção, naquele espaço, das identidades femininas à luz das representações sobre o feminino vigentes nas décadas de 1950 e 1960 no Brasil.

Juciára Teixeira Machado (2012) estudou o cotidiano de moradores da Casa do Estudante da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), atenta aos tipos de produção de vínculos, do sentimento de pertença, da representação e vivência desta condição. A autora pensou o estudante enquanto morador sob um ponto de vista etnográfico, suas histórias de vida, as sociabilidades neste espaço, seus conflitos e sua relação com a instituição universitária. Também há referências ao papel dos movimentos estudantis e suas implicações no imaginário apropriado para a construção de uma identidade patrimonial⁶⁶ coletiva ao longo da história da Casa. A partir de entrevistas com moradores e antigos moradores, pensa a produção de um vínculo e o papel de uma memória coletiva na construção das representações dos moradores do tempo presente nos seus processos de identificação com a Casa do Estudante.

O estudo de Prata (2012) também foi uma obra de referência para este trabalho, em seu processo de transposição dos muros das universidades e das escolas para pensar outras formas de convivência e organização estudantil. No livro *Academia de Coimbra*⁶⁷ (1880-126): *contributo a sua História*, o autor aborda questões como a presença feminina na Universidade, a origem social dos alunos, o imaginário do estudante de Coimbra, as moradias estudantis e seu universo de sociabilidades.

Para o presente estudo, como já referido, o conceito de instituição educativa de Magalhães (2004), revelou-se bastante potente, porque ao ampliar o que se entende por espaços formativos e de educação, permite complexificar cada um destes espaços, ensejando várias formas de abordagem para o campo da História da Educação. As instituições educativas são, segundo o autor, estruturas

⁶⁶ A autora assim explica a utilização do termo patrimônio: "A categoria de patrimônio com cunho antropológico, ou seja, como categoria do pensamento, constituída a partir da relação do homem com o espaço, propiciou uma abordagem das relações estabelecidas com o patrimônio universitário através de uma reflexão sobre esta coletividade. E focalizou os bens e artefatos culturais representados pela arquitetura, pelos objetos, pela conjuntura urbana institucional, pela história e pela memória coletiva, como constituintes de um sentido de pertencimento sob a apropriação do espaço no tempo particularizada dentro desta coletividade. (MACHADO,2012, p. 161)

⁶⁷ Prata (2012) está se referindo à Associação Acadêmica da Universidade de Coimbra, da qual são membros todos os estudantes que frequentam ou que frequentaram a instituição, independente de inscrição ou pagamento de taxas. Essa associação é composta de múltiplos organismos, e é conhecida genericamente como Academia de Coimbra.

complexas, possuidores de uma multidimensionalidade material e logística e de fatores organizacionais, tecnológicos e humanos, múltiplos papéis e funções. Por meio de abordagens pautadas em seus públicos-alvo, seria possível construir um eixo epistêmico que trate da relação da instituição com a comunidade envolvente, as origens geográficas, socioeconômicas e socioculturais destes sujeitos.

E meticulosa tecitura é esta, a de historiar uma instituição educativa na sua complexidade, definindo lhe uma ação sociocultural, material simbólica, organizacional, antropológica, descobrindo lhe, pois, um sentido. (MAGALHÃES, 2004, p. 169).

No entanto, a abordagem de temáticas como esta, e a própria afirmação da História da Educação como campo de pesquisa, não se dão de uma forma tão tranquila⁶⁸. Nóvoa (2005) destaca que a sua utilidade e importância estão sempre passando por questionamentos. Atendendo a esta necessidade de justificação, um bom ponto de partida possível seria considerar a sincronicidade existente entre os sistemas educativo e social. A educação é um elemento estruturante da organização das sociedades, razão pelo qual o estudo de sua história torna-se central para a compreensão destas e de seus modos educacionais. Stephanou e Bastos (2004) ressaltam que a História da Educação permite analisar o processo através do qual as mais diferentes sociedades elaboram a si mesmas, como em cada época o ensino foi concebido em função “do real existente e suas contradições” (STEPHANOU; BASTOS, 2004, p. 422).

Assim, este campo favorece, através de uma visão mais global e contextualizada dos fenômenos, uma reflexão plural e crítica dos saberes e práticas

⁶⁸ Lopes e Galvão (2010) destacam que, de modo geral, a disciplina sempre foi marcada pelo caráter utilitário que poderia cumprir na formação de professores e a grande dificuldade que esta teve em constituir-se como um campo de pesquisa. Referem que em 1955 foram criados o Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais no Rio de Janeiro e os Centros Regionais de Pesquisas Educacionais de Pernambuco, Bahia, Minas Gerais, São Paulo, e Rio Grande do Sul. No final dos anos 60 a produção da área se deslocou para os programas de Pós-Graduação em Educação. Nas décadas de 80 e 90 são criados diversos grupos de estudo e trabalho, bem como associações de pesquisadores. Atualmente destacam-se inúmeros seminários e congressos brasileiros, ibero-americanos, luso-brasileiros, regionais e locais de História da Educação. Como exemplos cito a Associação Sul-rio-grandense de Pesquisadores em História da Educação, em funcionamento desde 1995; o Grupo História, Sociedade e Educação no Brasil/HISTEDBR, desde 1991; o GT História da Educação da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação/ANPEd e a Sociedade Brasileira de História da Educação, desde 1999. Stephanou e Bastos destacam também a participação de pesquisadores brasileiros em inúmeros congressos nacionais e internacionais, como o International Standing Conference for the History of Education (ISCHE), além da publicação de periódicos especializados na área, como a Revista História da Educação, da ASPHE (desde 1996), a Revista Brasileira de História da Educação, da SBHE, desde 2001, entre outros.

educativas e pedagógicas. Para Nóvoa (2005), ela é capaz de pôr em cheque, através de um ceticismo saudável, os procedimentos que se apresentam como inovadores e revolucionários, jogando-os em uma perspectiva histórica, além de possibilitar que pessoas e comunidades possam atribuir significado ao seu trabalho educativo. Fala ainda em um “combate intelectual contra a amnésia”, tanto aquela do excesso (nostálgica), quanto da ausência (o esquecimento).

Contudo, a História da Educação não está isolada e não possui exclusividade sobre estas abordagens, tampouco possui, conforme Stephanou e Bastos (2004), um campo analítico exclusivo. As autoras postulam que a riqueza do campo está em ocupar um espaço fronteiro, com pesquisas que se encontram na intersecção entre a História e a Educação. A primeira colabora com questões relativas à produção do conhecimento historiográfico. A segunda com “a necessária análise da complexidade dos fenômenos educativos, que precisam ser compreendidos para além da mera descrição de instituições, políticas educacionais e agentes” (STEPHANOU; BASTOS, 2004, p. 422). Há que se referir ainda serem cada vez mais frequentes as interações e trocas com outros conhecimentos das ciências humanas, como a Antropologia, a Sociologia e a Filosofia, por exemplo. São muitas as variáveis desta equação, a serem trabalhados pelo historiador desta área.

Ainda neste espírito de tecer nexos entre História da Educação, história das instituições educativas e a moradia estudantil universitária, bem como incentivar novas pesquisas sobre a temática, busco, na sequência, trazer a questão para o contexto local, apresentando um breve histórico das outras Casas de Estudante de Porto Alegre. Embora estas intuições não sejam objeto de análise deste estudo, sua presença no texto quer ser uma contribuição para futuros pesquisadores, além de lançar um pouco mais de luz sobre a complexidade destas organizações estudantis.

1.3 As Casas de Porto Alegre

Além da CEUACA, existem atualmente em Porto Alegre outras cinco Casas de Estudante ativas e uma extinta. Neste segmento do texto, pretendo desenvolver uma preleção sobre estas instituições, que permita pensar as similaridades e

diferenças das concepções e contextos a partir dos quais essas instituições educativas se constituem, bem como suas formas de organização. A apresentação segue a ordem cronológica de suas respectivas fundações, estando ainda divididas em dois grupos: as que chamo de autônomas, ou seja, as que não possuem mantenedoras, e as mantidas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, conforme quadro que segue.

Tabela 4: Casas de Estudante de Porto Alegre.

Mantenedora	Instituição	Fundação	Gestão
Autônoma	Casa do Estudante Universitário Aparício Cora de Almeida – CEAUCA	1934	Autogerida
	Casa Estudantil Universitária de Porto Alegre – CEUPA	1950	Autogerida
	Associação Casa de Estudantes Juventude Universitária Católica Casa 7 (JUC-7)	1949	Autogerida
UFRGS	Residência das Alunas da Escola de Enfermagem da UFRGS	1950	Extinta
	Casa da Estudante Universitária do Rio Grande do Sul –CEURGS (atual CEUFRGS)	1956	Autogerida
	Casa do Estudante das Faculdades de Agronomia e Veterinária	1960	Autogerida
	Casa do Estudante Universitário- CEU	1971	UFRGS

Fonte: Elaborado pelo autor.

Seguindo o critério acima apresentado, tem-se entre as autônomas a JUC-7 (Associação Casa de Estudantes Juventude Universitária Católica Casa 7), cuja fundação data de 1949, no contexto das mobilizações da Juventude Universitária Católica por moradia estudantil. Em Porto Alegre, essas ações deram-se a partir da AJUC (Associação da Juventude Católica)⁶⁹. Foram criadas em todo país, com a participação direta da Igreja, 23 Casas para servirem de moradia a estudantes universitários. A última Casa que mantinha o modelo inicial de organização foi fechada em 1975. A JUC-7, contudo, sobreviveu.

A história da JUC-7, assim como a história ceuacana, é marcada por sucessivas trocas de sede. Em 1974, seus moradores já haviam sido despejados do chamado “Castelinho”, situado na Rua Mostardeiro, onde residiam 53 estudantes. Diante desta situação crítica, a direção vendeu o telefone e com esse dinheiro pagou

⁶⁹ Em: <http://www.juc7.com.br/v2/>. Acesso em 21/07/2016.

a caução para o aluguel da sede na Rua da República, onde ficaram por algum tempo, até serem removidos para o Bairro Partenon, na Vila Intercap, local afastado da região central da cidade. Lá se abrigaram em uma construção de madeira por alguns anos, quando se intensificaram as mobilizações por um espaço próprio⁷⁰.

Em 21 de Setembro de 1987, a prefeitura, por lei municipal, fez a doação do terreno onde hoje está situado a sede da JUC-7. Por volta deste período, os juquianos também receberam do Estado o valor de Cz\$ 1 milhão⁷¹. Em posse do dinheiro e do terreno, os estudantes foram retirados pela prefeitura do imóvel na Intercap, indo morar na sede própria, na Rua Rivadávia Correia, nº 08, no mesmo bairro. O prédio encontrava-se inacabado, com janelas faltando, sem boa parte do teto e com todo o acabamento por fazer. A JUC-7 ainda hoje se encontra em funcionamento, porém perdeu ao longo do tempo a sua filiação religiosa.

Figura 5: Casa da JUC-7

Rua Rivadávia Correia, nº 08.



Fonte: JUC-7

Outra moradia que originalmente possuía vinculação a uma entidade religiosa é a Casa Estudantil Universitária de Porto Alegre (CEUPA). Foi criada por iniciativa de um grupo da Associação dos Ex-Alunos do Colégio Sinodal (AEACS), de São Leopoldo, que em 1950 decidiu alugar um prédio em Porto Alegre, na Rua General Vitorino e fundar a Casa do Ex-Aluno do Colégio Sinodal, que tinha por objetivo

⁷⁰ Em: <http://www.juc7.com.br/v2/>. Acesso em 21/07/2016.

⁷¹ Idem.

abrigar os estudantes oriundos deste estabelecimento de ensino⁷². No princípio, contava com apenas 20 vagas. Em 1954 adquiriu prédio próprio, onde hoje fica uma das atuais sedes, na Rua Sarmiento Leite nº 1053, por meio de uma campanha de arrecadação de fundos, numa ação entre amigos que contou com o sorteio de um automóvel.

Figura 6: CEUPA Casa I

Rua Sarmiento Leite nº 1053.



Fonte: Google Maps (2016).

Com o tempo, a entidade sofreu algumas transformações, passando a chamar-se Casa do Estudante Evangélico do Rio Grande do Sul (CEERGS), abrigando a partir de então não somente os ex-alunos do Colégio Sinodal, mas estudantes de todos os estabelecimentos evangélicos do estado. Em 1960 passa por novas alterações, denominando-se a partir de então Centro Evangélico Universitário do Rio Grande do Sul (CEURGS). Com o aumento da demanda por moradia estudantil, foi locado um prédio na Rua Sarmiento Leite, nº 631, que funcionou como uma extensão da Casa original, ampliando a capacidade da instituição em 21 vagas.

⁷² Estas e as demais informações sobre a CEUPA que seguem, foram obtidas no site da Casa: <http://www.ceupa.com.br/>. Acesso em 21/07/2016.

Em decorrência de uma ação de despejo movida contra os moradores da Casa II (Rua Sarmiento Leite, nº 631), e a necessidade de uma residência para as estudantes do sexo feminino, em 1968 foram adquiridos dois novos prédios, com recursos aportados pelo Sínodo Rio-Grandense (ligado a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil), que passaram a abrigar a Casa II, na Rua José do Patrocínio, nº 648 e a Casa III, na Rua Luiz Afonso, nº 347.

Figura 7: CEUPA Casa II e Casa III

R. José do Patrocínio, nº 648 e Rua Luiz Afonso, nº 347.



Fonte: Google Maps (2016).

Atualmente, a CEUPA mantém a estrutura de três casas localizadas em Porto Alegre, com capacidade para abrigar 65 moradores efetivos, possuindo ainda espaço para alojar temporariamente cerca de 20 moradores que estejam na cidade para participação de congressos ou seminários. Os moradores do CEUPA são estudantes oriundos das mais diversas instituições de Ensino Superior da região metropolitana de Porto Alegre e cursinhos pré-universitários, independente de filiação religiosa.

Entre as Casas que tiveram na UFRGS a sua mantenedora está a Residência das Alunas da Escola de Enfermagem, já extinta. Sua origem relaciona-se à criação da Escola de Enfermagem de Porto Alegre, em 1950, que em seu projeto previa a

questão da moradia estudantil, visto as alunas fazerem o curso em regime de internato. A professora Maria de Lourdes Verderese, primeira diretora da Escola, vinda de São Paulo para criar o curso, destacou neste documento o que a Casa deveria oferecer:

[...] uma vida sadia e equilibrada, com alimentação racional, repouso, recreação em convívio social e gozo estético em interiores harmoniosos; facilidade de moradia perto das áreas de trabalho da escola, economia de tempo, local apropriado para estudo distanciado das solicitações sociais da teia da vida da família; oferecer um lar onde haja vida “em família”, com o necessário controle social para aquelas estudantes que não tenham lar na cidade sede da escola; consciência da aluna como ser social provendo doce afeição, verdadeira amizade, sentimentos que deverão ser o fundamento, a pedra angular da residência (Plano de Organização da Escola de Enfermagem, apud SILVA, 2004, p. 42).

Assim, a Reitoria da Universidade locou dois prédios para que servissem de moradia às estudantes, ambos na Rua Florêncio Ygartua, nos números 162 e 314. Já em meados da década de 1950, com a desapropriação da área onde hoje está localizado o campus da Saúde da UFRGS, foram preservados dois prédios, que viriam a abrigar as estudantes: um na Rua São Manoel nº 573 e o outro na Avenida Protásio Alves⁷³, nº 297. Em 1977 a Universidade viria a encampar uma Casa autônoma, a Casa da Estudante Universitária do Rio Grande do Sul (CEURGS), que passou a chamar-se Casa da Estudante da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CEUFRGS).

⁷³ Conforme Silva (2004), no ano de 1959 foi criado o curso de Auxiliar de Enfermagem e o endereço acabou sendo destinado a abrigar estas estudantes. Atualmente este prédio é sede da CEUFRGS, que fornece moradia a cerca de 42 estudantes. Já as alunas do curso de Enfermagem seguiram morando no prédio da Avenida Protásio Alves, 297, que atualmente abriga o DAS - Departamento de Atenção à Saúde da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Figura 8: Residência das alunas da Escola de Enfermagem.

Av. Protásio Alves, nº 297.



Fonte: SILVA, Ângelo Ronaldo Pereira da. (org.). As Casas de Estudante da UFRGS. Porto Alegre: UFRGS, 2004. p. 43

Figura 9: Residência das alunas da Escola de Enfermagem.

Rua São Manoel, nº 573.



Fonte: SILVA, Ângelo Ronaldo Pereira da. (org.). As Casas de Estudante da UFRGS. Porto Alegre: UFRGS, 2004. p. 61.

As origens desta Casa que fora encampada remontam ao início da década de 1950, quando à exceção da Residência das Alunas da Escola de Enfermagem, não havia em Porto Alegre uma moradia que abrigasse as estudantes mulheres. Foi naquele contexto que as universitárias Dirce Caputo, Henriqueta Moraes e Cecy Schimitz⁷⁴ iniciaram em 1954 um movimento para a criação da Casa da Estudante Universitária do Rio Grande do Sul (CEURGS). Esta viria a ser fundada em 1º de agosto de 1956, mesmo ainda não tendo uma sede. As primeiras reuniões ocorriam nas dependências da CEUACA, e tratavam basicamente das formas de como conseguir um prédio para a concretização do projeto que empreendiam. O seu primeiro endereço foi um apartamento na Rua Riachuelo, nº 1263, locado em nome da Federação dos Estudantes Universitários do Rio Grande do Sul (FEURGS)⁷⁵.

Figura 10: Primeira sede da CEURGS.

Rua Riachuelo, 1263.



Fonte: acervo do autor

⁷⁴ SILVA, Ângelo Ronaldo Pereira da. (org.). As Casas de Estudante da UFRGS. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

⁷⁵Idem.

Segundo Silva (2004), a maior dificuldade das moradoras foi a de manter em dia o aluguel. Boa parte da mobília era emprestada, algumas inclusive da CEUACA, localizada em um prédio bastante próximo da CEURGS. A Reitora da UFRGS também prestava algum auxílio, através de bolsas para as moradoras e a quitação de dívidas da Casa, razão pela qual era oferecido anualmente, nas suas dependências, um jantar ao Reitor. Algumas figuras públicas e entidades⁷⁶ da época colaboravam de forma esporádica com a realização de torneios de futebol, peças de teatro e reuniões dançantes que tinham a arrecadação revertida em prol da CEURGS⁷⁷.

A vizinhança com a CEUACA, bem como a utilização da sua sede para a realização das primeiras reuniões, o empréstimo de móveis e as demais relações que com ela estabelecia, de certo modo contrastavam com o pudor e o recato em relação ao sexo masculino que pareciam imperar nesta época. É o que se lêem em artigos do estatuto da Casa, em determinações como “Fica proibido o estacionamento das moradoras em frente da CEURGS quando acompanhadas de pessoas do sexo masculino, mesmo parentes. Obs: A norma refere-se a toda frente do edifício”⁷⁸. Alguns registros em atas das reuniões da Casa, também dão conta de uma preocupação em manter uma “boa imagem” da instituição para a sociedade da época, de quem em certa medida estas jovens mulheres dependiam para a captação de auxílios financeiros:

Fazendo uso da palavra a colega vive-presidente pediu a [SIC] Diretoria tomar providências no sentido de salvaguardar o bom nome da Casa, uma vez que houve descaso por parte de moradoras neste particular, afim de evitar futuras possíveis aglomerações nos arredores da Sede que venham desprestigiar a CEURGS. (Ata nº 10, 19 mar. 1957. Casa da Estudante Universitária. Apud. SILVA, 2004, p. 52)

⁷⁶ Segundo Silva (2004), no ano de 1956 foi realizado um torneio de futebol entre os clubes Renner e Internacional de Porto Alegre, tendo a arrecadação sido revertida para a Casa. Com a mesma finalidade realizou-se no Teatro da Criança, por meio de seu diretor Glenio Peres uma peça de teatro.

⁷⁷ SILVA, Ângelo Ronaldo Pereira da. (org.). As Casas de Estudante da UFRGS. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

⁷⁸ Casa da Estudante Universitária. Regimento, 1959, p.9. Apud. SILVA, Ângelo Ronaldo Pereira da. (org.). As Casas de Estudante da UFRGS. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

Figura 11 : CEURGS-1950.

Vitrola tomada de empréstimo da Casa vizinha, a CEUACA.



Fonte: SILVA, Ângelo Ronaldo Pereira da. (org.). As Casas de Estudante da UFRGS. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

Figura 12: CEURGS -1960.

Jantar oferecido ao Reitor Elyseu Paglioli.



Fonte: SILVA, Ângelo Ronaldo Pereira da. (org.). As Casas de Estudante da UFRGS. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

Com o tempo esta instituição passa a ocupar também o terceiro andar do mesmo prédio da Rua Riachuelo, ampliando a sua capacidade de 12 para 23 moradoras. Contudo, em 1965, estas universitárias sofreriam uma ação de despejo por não conseguirem manter em dia o aluguel. Foram promovidas novas campanhas por arrecadação de fundos e mobilizações junto ao poder público com o objetivo de captar recursos para saldar a dívida ou realizar aquele que era o maior desejo das moradoras: comprar um imóvel para a CEURGS. Não obtendo sucesso neste sentido, iniciou-se a busca por uma nova locação. A imprensa da época noticia amplamente o fato, e nos dá uma dimensão da demanda já então existente por moradia estudantil:

[...] Atualmente são quase três dezenas de moças que se encontram na eminência de serem despejadas. Mas a procura de uma vaga na casa tem sido muito grande. Anualmente uma média de dez moças para cada vaga procura a direção da entidade para resolver o problema da moradia. O apelo é no sentido de que se alguém souber de algum prédio que possa atender às condições de espaço de aproximadamente 30 pessoas e com localização no centro ou vizinhanças da Universidade, comunique-se com a direção da Casa. (Correio do Povo, 04/09/1966. *Apud.* SILVA, 2004. p.56).

As estudantes acabam alugando uma residência na Av. Getúlio Vargas, nº 1526, no bairro Menino Deus. Mas em 1977 ocorreria novo despejo. Naquele momento, a UFRGS interveio, cedendo o prédio da Rua São Manuel, nº 573, que havia servido de moradia para as alunas da Escola de Enfermagem. Após esta última e definitiva mudança, a CEURGS torna-se um órgão da Universidade, passando a chamar-se Casa da Estudante da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CEUFRGS).

Após longas discussões em assembleias, com o apoio da União Nacional dos Estudantes e as demais Casas, em 1988 a CEUFRGS deixou de ser exclusivamente feminina e passou a admitir moradores do sexo masculino, passando a chamar-se Casa do Estudante da Universidade Federal do Rio Grande do Sul⁷⁹. Atualmente possui vagas para 42 moradores e conta com autonomia administrativa, embora dependa financeiramente da Universidade⁸⁰.

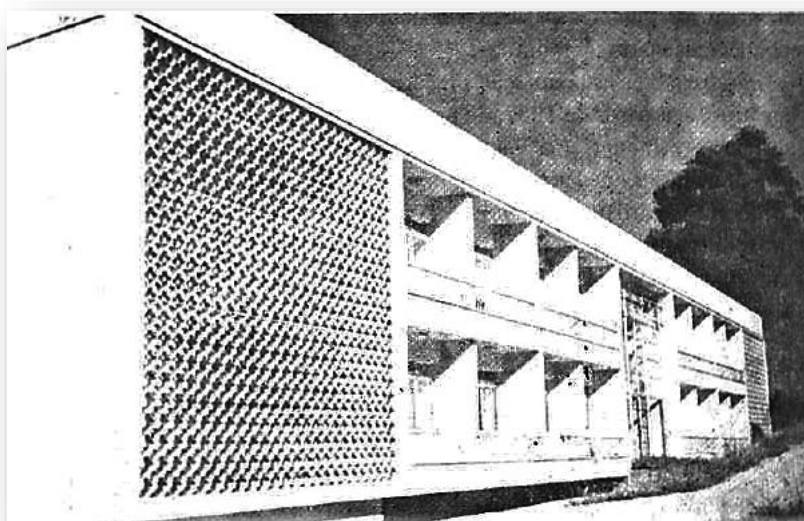
Outra Casa mantida pela UFRGS é a CEFVAV (Casa do Estudante das Faculdades de Agronomia e Vetrinária), inaugurada em 1960, em um prédio especialmente construído para esta finalidade junto à Faculdade de Agronomia, na

⁷⁹ SILVA, Ângelo Ronaldo Pereira da. (org.). As Casas de Estudante da UFRGS. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

⁸⁰ <http://www.ufrgs.br/ceufrgs/>. Acesso em 28/07/2016.

Avenida Bento Gonçalves, nº 7712. Originalmente destinada apenas aos estudantes homens, realizou em 1978 uma assembleia geral extraordinária com a finalidade de discutir a admissão de estudantes do sexo feminino. Após grandes debates aprovou-se a pauta que, contudo, foi barrada pela Reitoria, que manteve a vedação do acesso de mulheres. Foi somente no ano de 1982⁸¹ que a CAFAV passou a permitir o ingresso das estudantes.

Figura 13: CEFVAV (Casa do Estudante das Faculdades de Agronomia e Veterinária).



Fonte: SILVA, Ângelo Ronaldo Pereira da. (org.). As Casas de Estudante da UFRGS. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

O ano de 1983 foi marcado por um incêndio de grandes proporções no prédio que abriga a Casa, sendo que mais de 50% das instalações foram consumidas pelas chamas. Organizou-se então uma grande mobilização por parte dos moradores e moradoras pela reforma daquelas instalações. Mesmo bastante danificado, os estudantes não desocuparam o prédio, temerosos de que a CEFVAV fosse definitivamente fechada pela Reitoria. A reforma concluiu-se somente em 1985⁸².

Atendendo atualmente aproximadamente 106 moradores, a Casa, embora seja um órgão da UFRGS, tem garantida a sua autogestão, com realização de assembleias, eleições para a diretoria e constituição de departamentos internos que

⁸¹<http://www.ufrgs.br/ceufrgs/>. Acesso em 28/07/2016.

⁸²Idem.

mantem a sua organização⁸³. O processo seletivo de novos ingressantes também é realizado pelos moradores.

Por fim, a última e a maior das moradias criadas em Porto Alegre, conhecida apenas como Casa do Estudante Universitário (CEU), foi inaugurada em 1971, com uma estrutura e condições de habitação que chamavam a atenção pela qualidade⁸⁴. Junto ao prédio, passou a funcionar também um restaurante universitário. Todo o processo de construção e planejamento foi conduzido pela UFRGS, com recursos federais, sendo a Casa considerada um órgão da Universidade. Apesar das boas condições de moradia oferecida aos estudantes, há uma queixa recorrente desde sua inauguração: a ausência de autonomia administrativa.

A Casa é dirigida por um Conselho Administrativo, formado por quatro integrantes escolhidos pela Reitoria e três escolhidos pelos moradores. Este modelo tende a favorecer a implementação das decisões tomadas pela Universidade. Por esta razão, ocorreram inúmeras manifestações que reivindicavam autogestão, além do acesso das estudantes do sexo feminino à moradia, já que a exemplo da CEFAV, também a CEU era destinada apenas aos estudantes homens⁸⁵.

Em 1980, após a realização de uma Assembleia Geral, os moradores decidiram pela abertura da Casa às estudantes. Esta decisão, contudo, foi suspensa e reprimida pela Reitoria, que em retaliação cortou bolsas dos alunos envolvidos. Isto acabou por aumentar ainda mais a mobilização estudantil, de modo que se organizou, com ampla divulgação, para o dia 29 de abril de 1980, uma invasão feminina ao prédio. A Reitoria, ciente das intenções dos estudantes publicou no dia anterior um documento em que libera o acesso das mulheres à CEU. No entanto, o evento ocorre da mesma forma, como um ato simbólico.⁸⁶

Atualmente, o prédio da CEU tem capacidade para acomodar cerca de 400 moradores, contando com nove pavimentos, 204 dormitórios, cozinha e lavanderia coletivas, sala de estudos e sala multimídias. Os estudantes também podem vincular-se à Associação dos Moradores da Casa do Estudante Universitário (AMCEU), onde são discutidas questões relevantes da Casa.⁸⁷

⁸³ PRAE – Pró-reitora de Assuntos Estudantis da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

⁸⁴ SILVA, Ângelo Ronaldo Pereira da. (org.). *As Casas de Estudante da UFRGS*. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

⁸⁵ Idem.

⁸⁶ Idem.

⁸⁷ PRAE – Pró-reitora de Assuntos Estudantis da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Figura 14: CEU –Casa do Estudante Universitário

Av. João Pessoa, nº 41.



Fonte: SILVA, Ângelo Ronaldo Pereira da. (org.). As Casas de Estudante da UFRGS. Porto Alegre: UFRGS, 2004⁸⁸.

Ao chegar ao fim desta apresentação geral das Casas de Estudante de Porto Alegre, é impossível não destacar a diversidade de concepções e atores envolvidos na criação e manutenção destas moradias. Oriundas de mobilizações que nasceram a partir dos próprios estudantes, de entidades religiosas católicas e evangélicas, ou ainda de políticas de assistência estudantil da UFRGS, cumprem um importante papel social e dizem muito sobre as sociedades nas quais estão inseridas.

É importante observar que em Porto Alegre, até o final da década de 1950, o Estado ainda não havia chamado para si a responsabilidade pela moradia estudantil universitária, fazendo com que a questão ficasse relegada a iniciativas individuais, como aquelas dos pais de Aparício. Passados mais de 80 anos da criação da CEUACA, o atendimento da demanda por Casas de Estudante ainda se dá de forma muito aquém das necessidades, sendo um testemunho disto o fato de que três

⁸⁸ PRAE – Pró-reitora de Assuntos Estudantis da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

organizações autônomas ainda existem, suprindo, em situações na maioria das vezes precárias, uma demanda que não é atendida pelo poder público. Além disso, estas históricas instituições não recebem a devida atenção.

A apresentação de um breve histórico das cinco instituições de moradia estudantil de Porto Alegre permitiu perceber as múltiplas abordagens possíveis sobre a temática. Entre as questões potentes estão os contextos e atores envolvidos na criação das Casas, suas relações interinstitucionais, a história das reivindicações femininas nestes espaços, a construção de identidades, as memórias coletivas, os ícones representativos de cada uma destas moradias, entre muitas outras.

Encerrando este capítulo que buscou demonstrar os fundamentos teórico-metodológicos que sustentam o presente estudo, e discutir a inscrição da temática da moradia estudantil universitária no campo da História da Educação, passo ao próximo segmento do texto, onde será apresentado o complexo enredo que deu origem a Casa do Estudante Universitário Aparício Cora de Almeida.

2. OS PRIMÓRDIOS DA CASA COMO INSTITUIÇÃO

Embora o recorte temporal desta pesquisa esteja localizado, como já referido, entre os anos de 1963 e 1981, onde se concentra com mais vagar o esforço explicativo deste estudo, as reflexões em torno da Casa do Estudante como instituição educativa demandam, pela natureza da mesoabordagem proposta, um remeter-se às origens desta organização estudantil. As mobilizações pela busca de recursos para a construção da Casa, as diversas mudanças de sede e a morte de Aparício Cora de Almeida revelaram-se, como será possível perceber ao longo do texto, importantes marcadores para a operação historiográfica pretendida. O objetivo deste capítulo, portanto, é o de pensar a constituição e as variâncias do quadro institucional anteriores à temporalidade escolhida para o estudo. Para tal tarefa, constituí como documentos um conjunto de periódicos composto por exemplares de *A Federação*, *Correio do Povo* e da *Revista do Globo*. Mas que veículos de imprensa são estes nos quais a pauta da moradia estudantil universitária encontra espaço?

Segundo Raquel Discini de Campos (2009), nas primeiras décadas do séc.

XX, os jornais brasileiros passaram por um processo de modernização, muitos deles declarando-se independentes de partidos políticos. Ficaram para traz os jornais feitos de forma quase artesanal e nascia o periódico como um negócio de empresas de médio e grande capital, dando origem a um processo de distanciamento entre produtores e consumidores de informações.

Dessa maneira, legitimavam-se como porta-vozes da opinião de todos os brasileiros, e não apenas de algum grupo específico. Proclamava-se diariamente o estatuto inigualável da imprensa na fiscalização dos poderes executivos, legislativo e judiciário, além de cristalizar-se a ideia de que o jornalismo representava um imprescindível “quarto poder”: imparcial, neutro, justo e, acima de tudo, distante dos interesses mesquinhos do dia-a-dia. A premissa era a de que a ética do jornal deveria ser erigida em função do interesse público e do bem comum (CAMPOS, 2009, p. 65).

Francisco Rüdiger (2003) define o jornalismo como uma prática social, ligada aos processos de formação e informação da chamada opinião pública em uma determinada sociedade. Trata-se de uma atividade inserida em um campo de relações de poder, não devendo o jornal em si ser visto de forma essencialista, como sendo manipulador ou meio de esclarecimento. Segundo o autor, estas características dos periódicos são fruto dos sentidos conferidos a *práxis* humana em cada época histórica.

Sendo assim, temos no jornal *A Federação*, que circulou no Rio Grande do Sul entre os anos de 1884 a 1937, um dos maiores expoentes da fase do jornalismo gaúcho chamada por Rüdiger (2003) de “político-partidário”. Esteve inicialmente ligado ao Partido Republicano Riograndense (PRR) e na década de 1930 à agremiação que o substituiu, o Partido Republicano Liberal (PRL). Regido por princípios republicanos, esta folha buscou construir e manter uma hegemonia guiada “ideologicamente pela tradição castilhistas do positivismo comtiano” (RÜDIGER, 2003, p. 44). Com uma grande circulação, no início do séc. XX o jornal modernizou-se, deixando de ser exclusivamente político e econômico e abordando assuntos como o esporte e as artes, além de dar ênfase à publicidade comercial.

As primeiras décadas do séc. XX também marcam aquilo que, no âmbito do jornalismo, Rüdiger (2003) chamou de uma “transição para a modernidade”. As folhas *Correio do Povo* (1895 – presente) e *Diário de Notícias* (1925-1979) representaram, no Rio Grande do Sul, a entrada em cena de uma imprensa de molde capitalista, sendo os jornais verdadeiras organizações empresariais. Nesta

nova fase de “gazetas noticiosas”, os jornais descobrem que o seu caráter político não precisava ser tão explícito, convertendo-se em instrumentos muito mais sutis – e talvez mais eficientes - de propagação de ideias.

No caso do *Correio*, este apoiou a chapa Getúlio–João Pessoa em 1929, mas durante a década de 1930 manteve um duro conflito com o governador do estado, Flores da Cunha, por apoiar o projeto de desenvolvimento capitalista de Vargas, de cunho bastante centralizador⁸⁹. Também o *Diário*, segundo Rüdiger (2003), esteve empenhado em promover campanhas de opinião pública neste período. Foi um dos impulsionadores do movimento literário modernista no sul do país e divulgador do movimento de 1930 que levaria Vargas ao poder.

A *Revista do Globo* (1929-1967) igualmente marca esta fase de organização empresarial do jornalismo. De circulação quinzenal e baseada na cobertura da vida social, a revista dava visibilidade, segundo Machado (2009), a grupos sociais privilegiados de Porto Alegre⁹⁰. Embora trouxesse em seus editoriais a ideia de que estava “fora e acima dos partidos”⁹¹, também este periódico atuou como um importante instrumento de propagação de valores de grupos sociais dominantes no período em questão.

Os jornais e revistas são uma forma de mapear discursos de uma época sobre a CEUACA e suas relações com as sociedades gaúcha e porto-alegrense do período. Campos (2009) fala da enorme força persuasiva, formadora de opiniões e representações coletivas, aspirações e crenças dos periódicos. É neste sentido que a presente análise segue seu curso, buscando interpretar os movimentos que deram origem e consolidaram a Casa do Estudante como instituição e os episódios que cercam a morte de Aparício Cora de Almeida.

⁸⁹ RÜDIGER, Francisco. *Tendências do Jornalismo*. 3ª ed. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2003.

⁹⁰ O período analisado pelo autor vai de 1929 a 1939.

⁹¹ RÜDIGER, Francisco. *Tendências do Jornalismo*. 3ª ed. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2003.

2.1 Uma ideia mobilizadora: a Casa do Estudante Pobre

Regressa hoje, às 18h30min, pelo trem de Santa Maria, a caravana de acadêmicos de direito que percorreu o interior do Estado, com o nobre objetivo de angariar fundos para a construção da Casa do Estudante Pobre. Sob a presidência do acadêmico Ruben Cachapuz de Medeiros, estiveram nas cidades de Pelotas, Rio Grande, Bagé, Dom Pedrito, São Gabriel, Alegrete, Uruguaiana, Livramento, Passo Fundo e Santa Maria, realizando festivais (Jornal A Federação, 23/08/1933).

Em Porto Alegre, as origens do Ensino Superior datam do final do século XIX e início do XX. Em 1896, foi criada a Escola de Engenharia, em 1898, a Faculdade Livre de Medicina e Farmácia (junto a qual, no mesmo ano, passa a funcionar a Faculdade de Odontologia). Ainda, em 1900, a Faculdade Livre de Direito e em 1910 foi criado o Instituto de Agronomia e Veterinária.

Dentro da lógica de que a questão da moradia estudantil é intrínseca às universidades, geradora de deslocamentos de jovens estudantes vindos de diversas partes do Estado para a capital em busca de instrução superior, podemos inferir que estão também aí as condições de emergência das primeiras organizações coletivas de habitação estudantil no Estado. Embora a CEUACA seja a primeira associação formal para esta finalidade no Rio Grande do Sul, parecem ter existido, antes de 1934, outros agrupamentos de moradia estudantil que remetiam à ideia de “repúblicas de estudante”, como indica esta matéria da Revista do Globo:

[...] Antigamente, os estudantes resolviam o problema por meio das famosas e inesquecíveis “repúblicas”, nas quais viviam em comum inúmeros rapazes dotados de muitos ou poucos recursos. Vivendo e estudando em “repúblicas”, formaram-se muitas gerações de estudantes que, mais tarde, se tornariam políticos, médicos, engenheiros, banqueiros e escritores de destaque em todo o País (PALHA, Juliano. A Casa do Estudante. Revista do Globo, n. 354, Jan de 1944, p.25).

Segundo Juliano Palha (1944), com o tempo, as “repúblicas” foram desaparecendo. Como diagnóstico para o fenômeno, o autor atribui a criação de pensões familiares em diversas partes da cidade a preços módicos. Além disso, destaca que “as repúblicas adquiriram uma fama afugentadora” e os estudantes pobres, que necessitavam trabalhar para levar seus estudos, não encontravam nas

repúblicas o devido descanso.⁹²

É neste contexto que o autor situou as movimentações em favor de uma Casa do Estudante, que remontam ao ano de 1931, quando, junto às discussões sobre a formação de uma Universidade em Porto Alegre, constitui-se entre os estudantes da Faculdade Livre de Direito⁹³ o movimento Pró- Casa do Estudante. Em 1933, o Centro dos Estudantes desta Escola assume a mobilização para construir, nas imediações do Parque Farroupilha, o que então pretendiam chamar de “Casa do Estudante Pobre”⁹⁴. Com a finalidade de angariar fundos para a obra, organizaram uma caravana que percorreu diversas cidades do interior do Estado encenando uma peça de teatro, conforme a referência da epígrafe que introduz este subcapítulo.

Neste e em outros registros, a campanha foi adjetivada pela imprensa como sendo de “nobre finalidade humanística”. O movimento ampliou-se e outros segmentos sociais da época mobilizaram-se em favor da causa. É o que inúmeros anúncios e convites nos jornais do período indicam. Nos idos de 1933 era possível ler no jornal *A Federação* o convite para o “Grande Concerto da Casa do Estudante Pobre” no Teatro São Pedro, o mais tradicional da cidade de Porto Alegre.

Será levado a efeito finalmente hoje, no Teatro São Pedro, o grande concerto vocal e instrumental em benefício da Casa do Estudante Pobre. Esta noitada de arte está sendo esperada com o mais vivo interesse pelo nosso público, sendo de esperar que alcance um sucesso brilhante. Além de visar uma nobre finalidade humanística, o concerto desta noite constituirá uma expressiva homenagem que a classe acadêmica e o nosso meio artístico prestarão à memória do saudoso compositor conterrâneo Américo Baldino (*A Federação*, 09/06/1933).

A despeito de todos os esforços, o objetivo de construir uma sede própria não foi alcançado, tendo as obras sequer sido iniciadas. Porém, uma comissão formada pelo Centro dos Estudantes de Direito consegue, junto à Prefeitura de Porto Alegre,

⁹² PALHA, Juliano. *A Casa do Estudante*. Revista do Globo, n. 354, Jan de 1944, p.25.

⁹³ A Faculdade Livre de Direito foi fundada em Porto Alegre em 17 de fevereiro de 1900. No ano de 1934, o então interventor do estado General Flores da Cunha, criou por meio do Decreto 5.758 a Universidade de Porto Alegre (UPA), “formada pela integração da Universidade Técnica, com suas Escolas de Engenharia, Agronomia e Veterinária, da Faculdade de Medicina, com suas Escolas de Odontologia e Farmácia, da Faculdade Livre de Direito, com sua Escola de Comércio e o Instituto de Belas Artes [...]” (OLIVEIRA, LICHT, 2004, p.47). No ano de 1950 ao ser integrada ao Sistema Federal de Ensino Superior passa a chamar-se Universidade do Rio Grande do Sul.

⁹⁴ SILVA, Ângelo Ronaldo Pereira da. (org.). *As Casas de Estudante da UFRGS*. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

por intermédio do então prefeito Alberto Bins⁹⁵, a cedência de um imóvel situado na Rua Demétrio Ribeiro nº 1145, onde hoje se localiza a praça Daltro Filho, em frente ao Capitólio, que após passar por completa reforma passa a abrigar a Casa do Estudante, inaugurada em 1º de agosto de 1934. Por liderar e dar início ao movimento Pró-Casa, o Centro dos Estudantes do Direito foi, neste primeiro momento, também o responsável pela sua gestão.

Figura15: Primeira sede da Casa do Estudante.

Rua Demétrio Ribeiro, nº 1145.



Fonte: Revista do Globo, ano 7, n. 172, 2ª quin. Nov. 1935, p. 58

O prédio possuía dois pavimentos e tinha capacidade para abrigar cerca de 40 estudantes. Na parte inferior estava localizada a sede da Federação dos Estudantes Universitários de Porto Alegre (FEUPA) e na parte superior uma biblioteca e dormitórios. Um detalhe não deve passar despercebido: no letreiro que encimava a fachada do prédio, lia-se apenas “Casa do Estudante”. O adjetivo

⁹⁵ Alberto Bins, filho de imigrantes alemães, foi um industrial e comerciante portoalegrense. Membro do Partido Republicano Riograndense (PRR), foi eleito prefeito de Porto Alegre –RS, cargo que exerceu entre os anos de 1928 e 1937. (FRANCO,2006).

“pobre”, que havia sido utilizado durante a campanha de arrecadação não foi incorporado ao nome da instituição, parecendo ter funcionado como mera estratégia para a sensibilização de potenciais doadores, do poder público e para conquista de espaço da imprensa do período.

Além da provável fuga do estigma “pobre”, há que se considerar que a Casa, desde os seus primórdios, extrapolou a finalidade da moradia a um grupo específico de estudantes, servindo como ponto de encontro e sociabilidades diversas, reuniões da Federação dos Estudantes Universitários de Porto Alegre (FEUPA)⁹⁶ e de outras entidades estudantis. Recebia ainda inscrições para os campeonatos esportivos e abrigou eventos do Clube Universitário⁹⁷. Já naquele momento, suas dimensões enquanto espaço social eram muito maiores do que poderiam supor o seu número inicial de 40 moradores.

Uma vez conquistada a cedência do prédio pela Prefeitura de Porto Alegre - mobiliado com os recursos provenientes da caravana e de eventos realizados na capital – a Casa do Estudante estava apta a receber moradores, estando dotada de uma infraestrutura mínima para atender aos estudantes. A organização mantinha-se com o auxílio de pequenas subvenções públicas e de auxílios que partiam de iniciativas individuais, como as do Prof. Francisco Rodolfo Simch⁹⁸, catedrático de Economia e Finanças da Faculdade de Direito, que colaborava mensalmente com o custeio, destinando parte dos seus vencimentos para este fim⁹⁹.

Contudo, sem uma fonte determinada e fixa de recursos financeiros para a manutenção da instituição, foi necessária uma busca permanente por fundos, afim de manter a estrutura funcionando, razão pela qual as estratégias de articulação junto ao poder público, à imprensa, às empresas e às famílias da “melhor sociedade” precisaram continuar. O excerto abaixo dimensiona esta ampla articulação:

⁹⁶Entidade máxima da classe, a quem, por justiça, cabia a jurisdição d’esse departamento estudantil. Essa medida veria facilitar, como se está verificando, o desenvolvimento material da novel instituição. Revista do Globo, ano 7, n. 172, 2ª quin. Nov. 1935, p. 58

⁹⁷ A Federação, 10/09/1935.

⁹⁸ Francisco Rodolpho Simch nasceu em Santa Cruz do Sul, em 2 de junho de 1877. Bacharel em Direito e professor da Faculdade de Direito de Porto Alegre entre os anos de 1909 e 1936, ano de seu falecimento. Foi o primeiro diretor do *Museu do Estado*, criado em 30 de janeiro de 1903, dirigindo-o até 1925, com um intervalo entre 1919 e 1922. Publicou, pela Livraria do Globo, *Noções elementares de mineralogia*, em 1907, e *Programa de Economia Social*, em 1931. Cf.: POSSAMAI, Zita. *Colecionar e educar: o Museu Júlio de Castilhos e seus públicos (1903-1925)*. *Varia Historia*, Belo Horizonte, vol. 30, n. 53, p. 365-389, mai/ago 2014.

⁹⁹ PALHA, Juliano. *A Casa do Estudante*. Revista do Globo, n. 354, Jan de 1944, p.25.

Será satisfeita amanhã à noite a ansiedade com que em nosso meio social está sendo aguardado o grandioso baile promovido pela classe acadêmica em benefício da Casa do Estudante Pobre. A linda festa, conforme temos noticiado, terá lugar na pitoresca e aprazível sede do Country Club, à qual afluirão inúmeras famílias da nossa melhor sociedade. Dadas as providências que foram tomadas e o entusiasmo com que a comissão de estudantes e a grande comissão de senhoritas estão trabalhando nos preparativos do empolgante baile, a noitada promete revestir-se de uma animação inexcelsível e de um brilho sem par. Será sem dúvida, um dos maiores acontecimentos sociais do ano. Para o êxito desta festa, em vista do fim nobre a que se destina, concorrem com sua valiosa cooperação, a Cervejaria Continental, Fábrica Thofehr e a firma Luiz Antunes e Cia. É de se esperar que outras firmas tenham igual gesto, visto tratar-se de uma noitada que reverterá em benefício de tão benemérita instituição como é a Casa do Estudante Pobre (A Federação, 21/12/1934).

Também os veículos de imprensa mais uma vez foram uma das ferramentas utilizadas. Pouco tempo após a inauguração, os jornalistas da Revista do Globo foram convidados pelos estudantes para conhecer e divulgar a nova moradia. No dia da visita, cadeiras bem alinhadas, jornais sobre a mesa, muitos livros expostos nas estantes; no quarto, camas bem arrumadas.

Figura16: Dependências internas da Casa (1934-1938) - Biblioteca.



Fonte: Revista do Globo, ano 7, n. 172, 2ª quin. Nov. 1935, p. 58.

Figura17: Dependências internas da Casa (1934-1938) - Dormitórios.



Fonte: Revista do Globo, ano 7, n. 172, 2ª quin. Nov. 1935, p. 58.

Entre os elogios a esta iniciativa estudantil, há outros elementos importantes a destacar no discurso da *Revista O Globo*, como se observa no trecho transcrito abaixo. O primeiro deles diz respeito à possibilidade de acesso à Casa de jovens “pobres ou afortunados”, referência que, embora sem sentido, visto não haverem razões para estudantes com recursos financeiros buscarem este tipo de moradia, busca destacar o caráter democrático daquela organização, ainda que forçosamente. O segundo elemento que se faz notar são as referências ao caráter educativo da experiência de moradia coletiva, entendida como um “meio prático de aquisição cultural”. Este aspecto retornará a discussão em diversos momentos deste estudo.

A nossa Casa do Estudante é, com efeito, uma organização que honra o Rio Grande do Sul. Veio facilitar ao estudante pobre, o acesso às escolas superiores, promovendo a união entre os universitários em geral e fortalecendo o espírito de classe. Pobre ou afortunado, a Casa do Estudante recebe, sem distinção, qualquer universitário de comprovado merecimento. E, pelo intercâmbio de ideias resultante do convívio de universitários de todas as escolas superiores, a nobre instituição veio proporcionar ainda esse meio prático de aquisição cultural (Revista do Globo, ano 7, n. 172, 2ª quin. Nov. 1935, p. 58).

No início de 1935, também o *Correio do Povo* foi visitar a Casa do Estudante, registrando um depoimento de João Catulino Barreiro, um dos moradores da Casa:

A finalidade da Casa do Estudante é proporcionar ao estudante pobre o máximo de conforto e assistência, de sorte que o moço destituído de recursos materiais que se abrigar à sombra protetora do seu teto possa, sem sacrifícios heroicos, finalizar o curso superior iniciado. Por enquanto, ainda não contamos com todos os recursos necessários para alcançarmos tal finalidade. Dentro em breve, porém, esperamos ter realizado o nosso grandioso plano, integralmente. Para isso contamos com o auxílio do governo. Agora, mais do que nunca se impõe a realização integral deste plano, como medida inadiável, pois, no seio da classe estudantina existem moços que deixaram de renovar suas matrículas por não disporem dos recursos financeiros necessários, o que, uma vez transformada a “Casa do Estudante” num instituo eficiente de assistência completa, desaparecerá definitivamente (Correio do Povo, 19/03/1935).

A fala de Barreiro é uma mensagem ao governo, ainda que sem especificar de qual esfera, numa clara tentativa de convencer acerca da importância da instituição para os estudantes “pobres”, inclusive como condição necessária à renovação de sua matrícula. Também fornece indícios sobre a concepção de assistência estudantil do movimento que tinha dado origem à Casa: “completa”, que não demandasse sacrifícios heróicos dos estudantes. No mesmo documento foi possível notar que já havia neste período, por exemplo, uma preocupação com o fornecimento de alimentação aos moradores da Casa.

Menos de um ano após a fundação, em uma assembleia em junho de 1935, o Diretório dos Estudantes do Direito decidiu que a Casa do Estudante seria entregue, com todo o seu patrimônio, à Federação dos Estudantes Universitários de Porto Alegre. Cabe ressaltar que neste momento a Casa consta como um departamento desta entidade e era administrada pelo que chamavam de “provedoria”. Nestes períodos iniciais da história da instituição, o elemento autogestional ainda não se fazia presente, estando inclusive a seleção dos moradores e a aferição da condição de estudante pobre dos candidatos ao encargo da FEUPA¹⁰⁰.

Como se observa, o movimento pró-moradia estudantil parece ter encontrado espaço nos jornais locais para as suas demandas. Muito provavelmente isto esteja associado a uma lógica discursiva preponderante nos periódicos das primeiras décadas do século XX, desejosa, conforme apontado por Campos (2009), de um projeto de modernização do país¹⁰¹, onde a educação tinha um papel central. É

¹⁰⁰ PALHA, Juliano. A Casa do Estudante. Revista do Globo, n. 354, Jan de 1944, p.25.

¹⁰¹ “Reclamava-se - ou estimulava-se – do avanço feminino sobre espaços públicos no mesmo ritmo em que se generalizava a crença na resolução científica dos problemas sociais, na democratização das escolas primárias e profissionalizantes para todos os brasileiros, na necessidade da formação de um grande contingente qualificado de professores que se dispuseram a lecionar Brasil afora, e em tantas outras necessidades e certezas anunciadas que podem ser enfeixadas, enfim, sob o signo de um desejo maior que sintetizava todos os outros: o da modernização do País” (CAMPOS, 2009, .51).

também a partir deste período que a imprensa converte-se num instrumento propagandístico mais sutil e elaborado.

Contudo, há que se ressaltar que, nem aquele movimento em favor de uma Casa de Estudantes - composto somente por homens - nem a imprensa, levantaram a questão de uma moradia para as mulheres. Tampouco esta parece ter sido uma pauta, naqueles primeiros anos da década de 1930, do Diretório Acadêmico do Direito ou da FEUPA no processo de organização da Casa. Isso amplifica o significado deste silêncio acerca de um espaço para a moradia feminina neste período, questão que viria a ser resolvida em Porto Alegre somente a partir de 1956, como já dito em outro momento.

Com relação ao movimento que deu origem a Casa inaugurada em 1934, o seu objetivo inicial de construção de um prédio próprio, embora tenha resultado infrutífera num primeiro momento, não foi abandonado. Em 1937 ocorreu o lançamento do chamado Plano de Ação Pró Desenvolvimento da Casa do Estudante, composto por 10 pontos. Neste é possível, mais uma vez, notar a amplitude da articulação— ou ao menos das intensões— em favor da Casa do Estudante, que buscou envolver os poderes públicos municipais e estaduais, da Universidade, das instituições secundaristas e de profissionais liberais.

Plano de Ação Pró-Casa do Estudante Pobre:

1. Tratar de obter, por doação do Município de Porto Alegre, um terreno destinado a servir para a construção da Casa do Estudante.
2. Obter do Governo do Estado uma contribuição inicial a título de auxílio, e pela Assembleia Legislativa de uma verba no próximo orçamento destinada a atender as despesas da instituição.
3. Obter do Poder Municipal de Porto Alegre uma outra contribuição também com o fim de aquisição de fundos iniciais para o levantamento da Casa do Estudante.
4. Procurar obter a colaboração da Universidade e Ginásios e propor a instituição de uma taxa “Casa do Estudante”, anexa à taxa de matrícula.
5. Procurar captar os esforços dos estudantes de cursos secundários e conseqüentemente pedir o apoio dos ginásios e Institutos da capital e do interior do Estado a obra da Casa do Estudante.
6. Apelar aos médicos, advogados, dentistas, por meio das Instituições de Classe, no sentido de que criem uma taxa módica de contribuição à Casa do Estudante e de modo que todas as classes liberais fiquem interessadas na obra que se pretende iniciar.
7. Procurar por todos os modos possíveis difundir a ideia da Casa do Estudante, e assim tratar da propaganda pela imprensa, rádio e pelo cinema.
8. Promover festas de benefício, festivais, chás de sociedade e concessões dos empresários de cinemas e teatros.
9. Obter de todos os municípios do Estado uma contribuição para os fundos

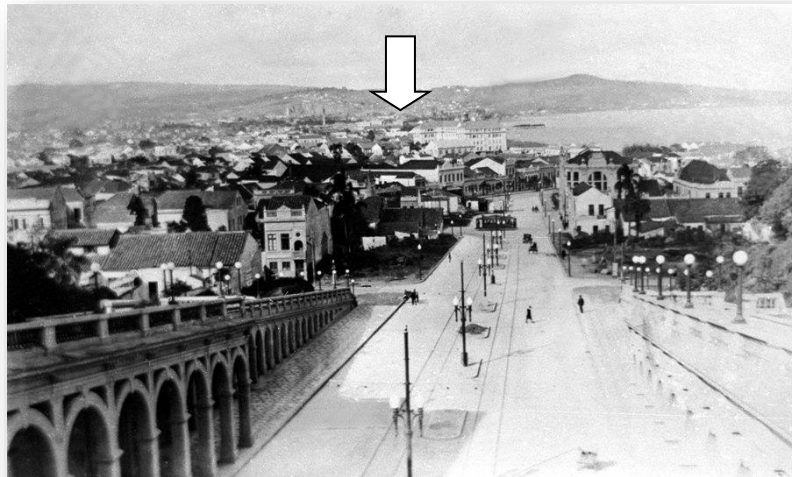
iniciais da Casa do Estudante.

10. Continuar na iniciativa de obter recursos por meio do livro de ouro da Casa do Estudante (A Federação, 27/07/1937).

A despeito dos esforços e de todas as intenções elencadas, em 1938 a Casa sofreu o seu primeiro grande revés: a Prefeitura Municipal de Porto Alegre preparou um plano de remodelação da cidade, e entre as ações previstas estava a abertura de uma praça¹⁰², em frente ao Cinema Capitólio, justamente onde ficava o prédio da Casa do Estudante, que seria demolido.

Figura 18: Casa do Estudante na rua Demétrio Ribeiro.

Em frente ao Capitólio, antes da construção da Praça Daltro Filho.



Fonte: Almanaque Gaúcho¹⁰³

Após negociações com o então prefeito José Loureiro da Silva, os estudantes foram realocados para o Parque da Redenção, no pavilhão construído para expor os produtos típicos do estado do Paraná, utilizado na Exposição de 1935, por ocasião das comemorações do Centenário Farroupilha. O jornal *Correio do Povo* trouxe, na época, uma reportagem intitulada *A Casa das Vigas Gementes*, onde descreve a precaríssima condição na qual os seus moradores se encontravam: “o pavilhão mede 240m², seu forro é de aniagem, as paredes são de *stuck* e estão todas esburacadas; as divisões internas, algumas de taboa, outras de papelão, são feitas

¹⁰² Hoje Praça Daltro Filho.

¹⁰³ Em: <http://wp.clicrbs.com.br/almanaquegaucho/2012/02/27/borges-avanca/?topo=13,1,1,,,77>. Acesso em 03/09/2015

em forma de baias”¹⁰⁴. Além disso, a iluminação era mal distribuída e não havia água encanada.

Quando o vento sopra um pouco forte – continua o nosso informante – o pavilhão mexe-se e as suas vigas gemem. Essa fragilidade toda – o estudante mostra com a mão o pavilhão – essa fragilidade toda, repito, acompanha o movimento do vento, e, vezes há que parece querer partir-se, acabar-se, caindo sobre os estudantes, que não dormem. Nesses instantes horríveis – prossegue – partem preces mudas ao céu e Deus compadece-se deles e permite que essa carcaça permaneça de pé, para continuar abrigando-os, como único refúgio que possuem... (A Casa das Vigas Gementes (Correio do Povo, 25 set. 1938, p.19).

Figura 19: Pavilhão de exposições do Paraná.

Segunda sede da Casa do Estudante.



Fonte: Revista do Globo, ano 7, n. 172, 2ª quin. Nov. 1935

Ante a dramática situação, em 1942 a Federação Universitária de Porto Alegre, através de mobilizações, alugou um prédio na Rua Duque de Caxias nº 1707, para onde a Casa se transferiu. Esta edificação já não existe mais, não tendo sido localizada nenhuma imagem ou maiores informações sobre o prédio, com exceção da sua planta, conforme anexos IV e V. Neste período, contudo, a *Revista*

¹⁰⁴ A Casa das Vigas Gementes. Correio do Povo, 25 set. 1938, p.19.

do *Globo* deu destaque a uma matéria sobre o cotidiano dos seus moradores. Na chamada abaixo do título, lê-se: “Os problemas da vida de um universitário pobre – Uma cooperativa doméstica – Estudo, política, sonhos e flirts”¹⁰⁵. Também aqui é possível perceber representações bastante positivas sobre a vivência no espaço de uma Casa de Estudantes, especialmente relacionadas aos aspectos da formação e oportunidade de lazer, conforme pode-se perceber nas figuras que seguem e suas respectivas legendas.

Figura 20: Casa do Estudante na Revista do Globo.



Fonte: A Casa do Estudante. Revista do Globo, n. 354, Jan de 1944.

¹⁰⁵ PALHA, Juliano. A Casa do Estudante. Revista do Globo, n. 354, Jan de 1944, p.25.

Figura 21: Casa do Estudante na rua Duque de Caxias, 1707.

Uma representação sobre a convivência entre os estudantes.



Mas a maior orgia dos pensionistas da Casa do Estudante é feita na biblioteca, quando eles se põem a discutir política. Mais de um esquema para a duvidosa reconstrução do mundo no após-guerra já foi organizado ali, ao sabor do chimarrão e dos cafezinhos.

Fonte: A Casa do Estudante. Revista do Globo, n. 354, Jan de 1944.

Figura 22: Casa do Estudante na rua Duque de Caxias, 1707.



Nos dias de folga, promove-se uma hora de arte em pijama.

Fonte: A Casa do Estudante. Revista do Globo, n. 354, Jan de 1944.

Em 1944, dois anos mais tarde, a Casa foi novamente transferida, agora de forma definitiva, para o Edifício Almeida, na Rua Riachuelo, 1355. O prédio foi doado pelo casal Israel Almeida e Maria Antônia Cora ao Estado gaúcho, para que ali fosse sediada aquela que então passou a chamar-se “Casa do Estudante do Rio Grande

do Sul”. No termo de doação, uma cláusula p etra: o pr edio são poderia ser utilizado para a finalidade de moradia estudantil.

A doa o foi em homenagem ao filho do casal, Aparício Cora de Almeida¹⁰⁶, militante da causa estudantil, membro do Partido Comunista Brasileiro (PCB) e misteriosamente morto em outubro de 1935, assunto sobre o qual discorro mais detidamente no item 2.2 *Quem matou Aparício?*. Os documentos levantados indicam que também o casal Almeida possuía estreitas rela oes com o PCB.

Os pais de Aparício (...) eram grandes amigos do PCB. Dona Maria Ant nia faleceu primeiro, o Velho Israel como chamávamos carinhosamente, antes do seu falecimento, acontecido em 25 de junho de 1961, deixou seu apartamento com tudo o que estava dentro, como ajuda para ao partido, durante o qual foi contribuinte durante várias décadas (MARTINS, 1989, p.57).

Figura 23: Israel Almeida e Maria Ant nia Cora.



Fonte: Arquivo da CEUACA (sem data)

¹⁰⁶ Aparício Cora de Almeida nasceu em Quaraí no ano de 1906, filho de Israel Almeida e Antoninha Cora de Almeida. Coursou Ciências Jurídicas e Sociais na Faculdade Livre de Direito de Porto Alegre em 1931, período em que presidiu o Centro dos Estudantes de Direito, dentro do qual constituiu-se o movimento que daria origem a CEUACA. Também foi presidente da Federa o Acadêmica, quando esta entidade atuou fortemente na prepara o do movimento revolucionário de 1930, que levaria Getúlio Vargas ao poder. Formado, trabalhou como advogado criminalista em Porto Alegre, assim como em cidades do interior do Estado. Foi membro do Partido Comunista Brasileiro e secretário-geral da ANL no Rio Grande do Sul. Há ainda registros de ativa participa o junto às reuni oes do Instituto da Ordem dos Advogados e no Conselho Deliberativo do Sport Club Internacional.

Figura 24: Fachada da CEUACA, rua Riachuelo, 1355.



Fonte: Arquivo da CEUACA (sem data)

Figura 25: Fachada da CEUACA em 2005.

Imagem utilizada como evocador de memórias nas entrevistas.



Fonte: Arquivo da CEUACA (2005)

No período durante o qual fui morador da Casa, chegaram até mim, relatos de uma tradição oral dando conta de que o referido prédio teria sido, no passado, um hotel administrado pela família Almeida. As referências mais antigas sobre a edificação que pude encontrar são do ano de 1927, no jornal *A Federação*. São registros de pessoas que, por razões diversas, apresentaram um quarto de pensão na Rua Riachuelo nº 1355 como seu endereço. São os casos de João Éder, com 22 anos de idade, de profissão guarda livros e Desidério Finamor, um agrônomo recém formado.

Estes indícios tornam plausível a hipótese de que de fato ali tenha funcionado, antes da CEUACA, uma espécie de pensionato, abrigando profissionais solteiros e estudantes recém formados, ou até mesmo os que ainda estavam realizando os seus estudos, haja vista que não existia então o benefício da moradia estudantil de forma mais ampla. Seria o casal Almeida quem administrava o pensionato? Estas vivências com este público influenciaram na sensibilidade do casal e do próprio Aparício para com a causa da moradia estudantil? São questões que ficam por responder.

Por ora, uma questão importante a considerar é que o novo endereço teve profundas implicações para a Casa enquanto instituição, pois a partir deste momento passa a atender cerca de 120 moradores, o que implicou do desenvolvimento de um significativo aparato burocrático e a oferecer uma ampla estrutura de assistência estudantil, restaurante, ambulatório - no qual o atendimento era feito por estudantes de Medicina em final de curso - um consultório odontológico, serviço de lavanderia - com funcionários contratados - uma biblioteca, um salão de festas, além de dormitórios. Todos os serviços eram mantidos pelos moradores, através de pequenas mensalidades, pelos cooperativados (pessoas que usufruíam de todos os benefícios da Casa, com exceção da moradia)¹⁰⁷, pelas festas, almoços e jantares com a finalidade de arrecadar recursos, além de aportes eventuais da Universidade e de instâncias governamentais diversas¹⁰⁸.

¹⁰⁷ SILVA, Ângelo Ronaldo Pereira da. (org.). *As Casas de Estudante da UFRGS*. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

¹⁰⁸ Estas questões serão aprofundadas no Cap. 4.

Figura 26: Ambulatórios médico da CEUACA.



Fonte: Arquivo da CEUACA (sem data)

No ano de 1959 a Casa foi reconhecida como entidade de utilidade pública estadual, ato referendado pelo então governador do Estado, Leonel de Moura Brizola. O nome de Casa do Estudante Universitário Aparício Cora de Almeida (CEUACA) lhe foi conferido em 1962. Um ano depois, foi reconhecida como entidade de utilidade pública federal¹⁰⁹.

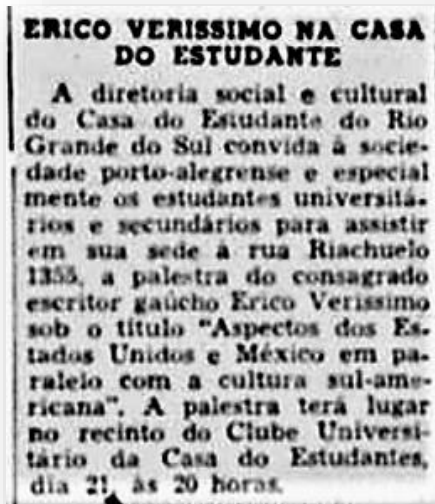
Um outro aspecto a considerar nesta construção de uma história da Casa como instituição educativa é o fato desta sempre ter transcendido sua finalidade primeira de moradia. Como se nota ao longo de várias análises deste estudo, a CEUACA constituiu-se em um palco para diferentes atividades estudantis, intelectuais e políticas desde a sua criação, como indica este relato sobre o final da década de 1940:

O Brasil, que vinha desde 10 de novembro de 1937 num regime ditatorial, o Estado Novo, neste período estava sem partidos políticos. A política era feita através dos diretórios acadêmicos. Na Casa do Estudante, que era ali na rua Riachuelo, nós fazíamos muitas reuniões. De repente, comecei a ouvir alguns comentários, de que estava participando de algumas reuniões lá, um jovem, muito interessado em política, que dava muito

¹⁰⁹ SILVA, Ângelo Ronaldo Pereira da. (org.).As Casas de Estudante da UFRGS. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

palpite...Chamava-se Leonel de Moura Brizola. (Antônio de Pádua Ferreira da Silva¹¹⁰)

Figura 27: Érico Verissimo na Casa do Estudante.



A diretoria social e cultural da Casa do Estudante do Rio Grande do Sul convida a sociedade porto-alegrense e especialmente os estudantes universitários e secundários para assistir em sua sede à rua Riachuelo 1355, a palestra do consagrado escritor gaúcho Erico Verissimo, sob o título "Aspectos dos Estados Unidos e México em paralelo com a cultura sul-americana".

Fonte: Diário de Notícias, 17/12/1955.

A história da CEUACA, a todo momento, supera as dimensões de um simples morar. Neste sentido, o estudo foi dando a ver muitas sociabilidades que orbitavam este espaço e que comparecerão em diferentes momentos deste texto. Antes, porém, são discutidos aspectos que envolvem a misteriosa morte de Aparício Cora de Almeida, fato este que também será importante para as próximas leituras sobre a instituição e os processos pelos quais os antigos moradores constroem identidades.

2.2 Quem matou Aparício?

Aparício Cora de Almeida nasceu em Quaraí no ano de 1906, filho de Israel Almeida e Antoninha Cora de Almeida. Coursou Ciências Jurídicas e Sociais na Faculdade Livre de Direito de Porto Alegre em 1931, período em que presidiu o

¹¹⁰ Depoimento para o filme "Brizola –Tempos de Luta", em <https://www.youtube.com/watch?v=vzy-U0sgUbl> Acesso em 02/04/2017.

Centro dos Estudantes de Direito¹¹¹, dentro do qual se constituiu o movimento que daria origem a CEUACA. Também foi presidente da Federação Acadêmica, quando esta entidade atuou fortemente na preparação do movimento de 1930¹¹², que levaria Getúlio Vargas ao poder. Formado, trabalhou como advogado criminalista em Porto Alegre, assim como em cidades do interior do Estado. Foi membro do Partido Comunista Brasileiro e secretário-geral da ANL no Rio Grande do Sul¹¹³. Há ainda registros de ativa participação junto às reuniões do Instituto da Ordem dos Advogados e no Conselho Deliberativo do Sport Club Internacional¹¹⁴.

Imagem 28: Aparício Cora de Almeida.



Fonte: Correio do Povo, 15/10/1935.

Os anos de 1930, que marcam a ascensão de Vargas ao poder, foram bastante ricos em termos de lutas sociais e políticas. Segundo Fausto (2012), com diretrizes fortemente centralizadoras por parte do governo federal, foram reprimidas

¹¹¹ “O falecimento do Dr. Aparício Cora de Almeida”. Correio do Povo, Porto Alegre, 15 out. 1935.

¹¹² Movimento armado, liderado pelos estados de Minas Gerais, Paraíba e Rio Grande do Sul, que culminou com a deposição do presidente da república Washington Luís em 24 de outubro de 1930 e impediu a posse do presidente eleito Júlio Prestes. É o marcador histórico que identifica o fim da chamada República Velha.

¹¹³ KONRAD, Diorge Alceno. O Fantasma do medo: o Rio Grande do Sul, a repressão policial e os movimentos sócio-políticos (1930-1937). Campinas, SP:[s.n], 2004.

¹¹⁴ A Federação, Porto Alegre, 05 out. 1935.

as tentativas da classe trabalhadora urbana em se organizar fora do controle do Estado. É neste contexto, somado às inquietações sociais do período, que as organizações de esquerda, em especial o Partido Comunista Brasileiro (PCB), foram duramente reprimidas e onde teve lugar a curta, porém intensa atuação política e profissional de Aparício.

Após o movimento de 1930, Konrad (2004) aponta que as questões sociais e políticas no Brasil continuaram a ser tratadas como “caso de polícia”, apesar do discurso oficial do governo Vargas. Os efeitos da Lei de Segurança Nacional¹¹⁵, promulgada em 4 de abril de 1935, seriam sentidos fortemente no Rio Grande do Sul. Exemplo disso foi a prisão em flagrante do gráfico Bernardino Garcia, nas oficinas da Livraria do Globo em Porto Alegre, no dia 17 de junho daquele ano, enquanto distribuía panfletos que conclamavam uma greve entre os operários de sua categoria, em virtude do fechamento da ANL¹¹⁶. Preso, Bernardo delatou Dyonélio Machado, atribuindo a este a autoria dos boletins. Dyonélio, que na época era presidente na ANL no Rio Grande do Sul, assumiu toda a responsabilidade, numa tentativa de livrar Bernardo. Contudo, após o interrogatório, o delegado responsável pelo DOPS¹¹⁷, Argemiro Cidade, decretou a prisão preventiva de ambos, enquadrando-os no Art. 19 da Lei de Segurança Nacional¹¹⁸, acusados de atentado contra a ordem política e social, tendo o caso sido enviado à Justiça Federal¹¹⁹.

Aparício Cora de Almeida, advogado e membro da direção da ANL, impetrou *habeas corpus* em favor de Bernardo e Dyonélio. Pouco tempo depois, na noite do dia 13 de outubro de 1935, Aparício foi encontrado morto, vítima de um tiro de arma

¹¹⁵A Lei de Segurança Nacional definiu como crimes contra a ordem política e social a greve de funcionários públicos, incitação de ódio entre as classes sociais, a propaganda subversiva e a organização de associações e partidos que tivessem como objetivo subverter a ordem política ou social. (FAUSTO, 2012, p.306).

¹¹⁶ KONRAD, Diorge Alceno. O Fantasma do medo: o Rio Grande do Sul, a repressão policial e os movimentos sócio-políticos (1930-1937). Campinas, SP:[s.n], 2004. P.389

¹¹⁷ O Departamento de Ordem Política e Social (DOPS), foi criado em 30 de dezembro de 1924, como o órgão do governo brasileiro, utilizado principalmente durante o Estado Novo e mais tarde pela Ditadura Civil-Militar de 1964, com objetivo era censurar e reprimir movimentos políticos e sociais contrários ao regime no poder. (Memorial da Resistência). Em: <http://www.memorialdaresistencia.org.br>. Acesso em 25/09/2016.

¹¹⁸ O texto do Art. 19 da Lei de Segurança Nacional promulgada em 4 de abril de 1935 vem com a seguinte redação: “Induzir empregadores ou empregados a cessação ou suspensão do trabalho por motivos estranhos às condições do mesmo. Pena - De 6 meses a 2 anos de prisão celular.” (Site da Câmara dos Deputados: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1930-1939/lei-38-4-abril-1935-397878-republicacao-77367-pl.htm>)

¹¹⁹ KONRAD, Diorge Alceno. O Fantasma do medo: o Rio Grande do Sul, a repressão policial e os movimentos sócio-políticos (1930-1937). Campinas, SP:[s.n], 2004. p.389.

de fogo na cabeça, aos 29 anos de idade¹²⁰. Nas fontes consultadas há divergências em torno do local da morte. Segundo Barata (1978), Aparício teria sido encontrado morto em um bar no centro de Porto Alegre. Já no jornal *A Federação*, consta que o incidente teria ocorrido num restaurante no bairro Tristeza, zona sul da capital¹²¹. Diversas contradições observadas nos depoimentos das testemunhas. Algumas declararam terem visto o momento do disparo suicida, corroborando a versão oficial da polícia, porém mais tarde afirmaram nada terem presenciado. Tudo isto fazia aumentar ainda mais o mistério em torno do caso¹²². Pairava no ar uma suspeita: a de que a morte havia sido provocada pela própria polícia, por questões políticas.

O inquérito feito por Armando Ferreira, delegado de plantão, apontou um acidente como a causa da morte. Familiares e amigos de Aparício, por terem “encontrado certas circunstâncias que julgaram inexplicáveis”,¹²³ não se conformaram com a referida conclusão, ao que formularam uma queixa, encaminhada ao Governador do Estado e ao Chefe de Polícia. Muitos rumores passaram a circular na cidade de Porto Alegre em torno da misteriosa morte, razão pela qual o governo do Estado ordenou que as investigações prosseguissem. Nomeou, para tanto, uma comissão, composta por um desembargador, pelo Presidente do Instituto da Ordem dos Advogados e um promotor público designado pelo Procurador Geral do Estado. A comissão estava composta ainda por advogados indicados pela família de Aparício. Ao final de quase um mês, chegaram ao seguinte parecer:

Em face, portanto, dos elementos colhidos no inquérito, examinadas todas as circunstâncias anteriores, concomitantes e posteriores ao fato investigado, a comissão conclui pela ausência de crime, e considera a morte do Dr. Aparício Cora de Almeida o resultado lamentável duma funesta e imprudente brincadeira que pretendeu fazer com o seu próprio revólver (*A Federação*, 21/11/1935).

Konrad (2004) destaca que, apesar de Aparício ser uma das principais lideranças antifascistas do Estado, sua morte teve pouca repercussão na imprensa, em virtude da censura comandada pelo governo de Flores da Cunha. De fato, é o que

¹²⁰ KONRAD, Diorge Alceno. *O Fantasma do medo: o Rio Grande do Sul, a repressão policial e os movimentos sócio-políticos (1930-1937)*. Campinas, SP:[s.n.], 2004. P.389

¹²¹“A propósito da morte do Dr. Aparício Cora de Almeida”. *A Federação*, Porto Alegre, 25 out. 1935.

¹²² BARATA, Agildo. *Vida de um revolucionário (memórias)*. 2ª ed. São Paulo: Alfa-Ômega, 1978, p.244-225.

¹²³“A propósito da morte do Dr. Aparício Cora de Almeida”. *A Federação*, Porto Alegre, 25 out. 1935.

se pode observar nas fontes jornalísticas consultadas, que trazem, de modo geral, referências elogiosas à personalidade de Aparício e referem-se ao episódio da morte com termos como “desaparecimento”, “tragédia” ou “fatalidade”. Não houve nenhuma menção a um possível assassinato, sequer a circunstâncias suspeitas. Analisando, contudo, o discurso dos oradores presentes no momento das honras fúnebres e transcritas no *Correio do Povo*, podem-se perceber algumas ironias veladas sobre a causa da morte, como por exemplo, a referência ao assassinato, pouco tempo antes, de outro companheiro de Aparício da ANL.

A seguir, tomou a palavra, o Dr. João Antônio Mesplé, para trazer, em nome da Aliança Nacional Libertadora, as despedidas ao lutador extinto. Refere-se longamente às qualidades excepcionais do Dr. Aparício como lutador. Relembra, em palavras comovidas, a coincidência infeliz de ter assistido a palavra inflamada do companheiro morto, quando há pouco tempo se despedia, no mesmo recinto, de Waldemar Ripoll (*Correio do Povo*, 15/10/1935).

Waldemar Ripoll liderou uma campanha universitária junto com Aparício na época em que este exerceu a presidência da Federação Acadêmica. Em um primeiro momento, a entidade trabalhou pelo movimento que levaria Getúlio Vargas ao poder, mas em 1932, juntamente com os paulistas, abraçou a causa constitucionalista. Atuou como advogado, jornalista, político e escrevia no jornal *Estado do Rio Grande* (veículo oficial do Partido Libertador), onde tecia duras críticas a Flores da Cunha¹²⁴. Acabou preso e refugiou-se em Rivera, onde na noite do dia 30 de janeiro de 1934 foi morto de forma brutal, com golpes de machado desferidos contra a sua cabeça¹²⁵.

¹²⁴ Segundo Pesavento (2002), o general José Antônio Flores da Cunha teve ativa atuação na política brasileira, tendo sido interventor federal e também presidente eleito do estado do Rio Grande do Sul, bem como senador pelo mesmo por este estado. Atuou ativamente na revolução de 1930, que levou Getúlio Vargas à presidência do país. Em 1932, ajuda a fundar o Partido Republicano Liberal (PRL). Na Revolução Constitucionalista do mesmo ano, permaneceu leal a Getúlio Vargas, juntamente com uma corrente da oligarquia gaúcha, da qual foi porta-voz. Deixando a condição de interventor, sendo eleito governador constitucional do Rio Grande do Sul, começou a se afastar de Vargas. Exerceu o seu mandato até outubro de 1937.

¹²⁵ GRANDI, Celito De. O assassinato de um líder. Zero Hora, Porto Alegre, 5 ago. 2012. ZH Polícia, p. 31.

Imagem 29: Waldemar Ripoll.



Fonte: Zero Hora, 05/08/2012 p.31.

Segundo Grandi (2012), a notícia do assassinato teria chegado a Porto Alegre já com as primeiras *certezas* sobre o autor do crime, “um preto velho de nome Pedro Borges”¹²⁶. Passadas duas semanas do ocorrido, Pedro apareceu morto, possivelmente para que não fosse testemunha de nada. Como bem lembra o colunista, aquele era um tempo de caudilhos e coronéis. Em 1932, Flores da Cunha havia se comprometido a perfilar ao lado dos constitucionalistas, quebrando, porém, a promessa e decidindo por manter-se fiel a Getúlio Vargas. É nesse contexto que se desenrola o inquérito sobre a morte de Waldemar Rippol, que reflete o jogo de poder da época, de modo que as primeiras investigações acabaram arquivadas.

Estas histórias paralelas nos fornecem alguns fios para recompor, ainda que minimamente, a trama em torno da morte de Aparício. Apesar de todas as incógnitas, o episódio foi apropriado por segmentos da Casa como assassinato. É o que se pode perceber em uma edição especial do Jornal da CEUACA, comemorativa de seus 65 anos de fundação:

¹²⁶ Destaque para a forma como é empregada a expressão “um preto velho” pelo jornal Correio do Povo (01/02/1934) para referir-se ao suspeito pelo assassinato de Waldemar Rippol. Tal expressão denota o racismo naturalizado e explícito presente na sociedade do período de um modo geral e na imprensa de forma mais específica.

Dentre os vários estudantes rebeldes da época, um é de suma importância para a CEUACA. Durante a intervenção de Flores da Cunha no Estado, segundo registros históricos, um ex-líder estudantil, criminalista e militante socialista, é assassinado com um tiro na cabeça em circunstâncias não esclarecidas. O corpo, encontrado nos arredores da cidade, era de Aparício Cora de Almeida (Jornal da CEUACA, Set. 1999).

Semelhante apropriação foi realizada pelo PCB, partido com o qual a família de Almeida estava fortemente vinculada:

Passamos agora a falar sobre o secretário geral da ANL, Aparício Cora de Almeida. (...) Seu assassinato se deu no dia 13 de outubro de 1935, além de covarde foi estúpido. A versão policial se transformou num enrolado de mentiras muito parecido com a morte do Dr. Mario Couto: “Brincando com seu próprio revólver o dispara, por descuido, na direção de seu próprio ouvido, tendo morrido em consequência do ferimento”. As testemunhas foram ajeitadas e entraram em contradições nos depoimentos. (...) Até hoje não foi esclarecido como realmente se deu a sua morte, porque a farsa do suicídio caiu no terreno desmoralizado do governo de Flores da Cunha, com assassinatos um atrás do outro (MARTINS, 1989, p.57).

Quanto ao aspecto factual, passados mais de 80 anos do ocorrido e com base nas escassas informações do inquérito policial e demais fontes, não é possível responder com certeza quem matou Aparício. Contudo, a partir da trama em torno do assassinato de Waldemar Rippol, das circunstâncias da prisão de Dyonélio Machado e do contexto geral da época, há fortes indícios de um assassinato por motivação política. Para este estudo faz-se importante pensar em que medida os mistérios que cercam o episódio desta morte foram um campo fértil para as apropriações e ressignificações da figura de Aparício, tal como invocada pela comunidade ceuacana, como se verá em 4.5, *Marcas de longa duração*.

3. POR ELES MESMOS: caminhos até a CEUACA

O narrador é um mestre do ofício que conhece seu mister: ele tem o dom do conselho. A ele foi dado abranger uma vida inteira. Seu talento de narrar lhe vem da experiência da vida; sua lição ele extraiu da própria dor; sua dignidade é de contá-la até o fim, sem medo. Uma esfera sagrada circunda o narrador (BOSI, 2012, p. 91).

Os oito trechos que serão apresentados a seguir expressam narrativas dos entrevistados dessa pesquisa diante da seguinte pergunta: *Poderias contar um pouco da tua vida antes de chegar à Casa?*. As respostas a este questionamento foram mantidas na íntegra, valorizando as falas dos sujeitos da pesquisa, como uma espécie de protagonismo, em sua dimensão autobiográfica. Por outro lado, estes excertos deixam ver aspectos relativos aos grupos sociais aos quais pertenciam estes antigos moradores. Permitem que se conheça os caminhos, por vezes tortuosos, que os levaram à Universidade e à Casa do Estudante.

Se a análise do estudo está centrada nas experiências de antigos moradores na CEUACA, as trajetórias anteriores ao ingresso na Casa, por sua vez, fornecem importantes chaves de leitura para os sentidos que vão sendo construídos sobre a instituição e o lugar que esta vai ocupando nas narrativas de si. A opção por manter os relatos deste *pré-Casa* em sua integralidade, foi também uma forma de apresentar os sujeitos desta pesquisa, fornecendo algumas indicações do lugar de onde falam e constroem suas representações sobre a instituição.

Ao narrar os caminhos que os levaram à Casa, seu processo de escolarização básica e suas origens familiares, Edson, Flávio, João Pedro, Nereu, Nivaldo, Paulo, Rui e Waldomir estão (re)construindo suas identidades, a forma como gostariam de ser lembrados. Em seu processo de (re)contar, estão compondo uma importante pérola para o colar da narrativa historiográfica que ora se apresenta.

**

LEMBRANÇAS

**

Hoje eu tenho 74 anos. Sou natural de Quaraí. Lá nós morávamos no interior, numa localidade chamada Cerro dos Touros. Naquela época, o ônibus de Quaraí para o Cerro dos Touros saía de manhã e só voltava no outro dia, porque era só corredor, aquela estrada de carroça. A gente diz que Quaraí é um fim de mundo. E eu morava 90km pra lá do fim do mundo...

A mãe queria nos colocar na escola, mas lá não tinha escola. Só o professor Lucídio Caravaca, que, segundo contam, um dia apareceu com uma calça furada no joelho e uma alpargata que estava só pela metade do pé. Ele alfabetizou quase todo mundo na Campanha. A mãe dizia que ele me alfabetizou em 15 dias, porque ela já tinha me ensinado as primeiras letras.

A mãe se entusiasmou e quis colocar a gente na escola da cidade. Fui estudar em um lar abrigo. Lá tinha a professora, Dona Onília, com quem eu comecei a estudar quando tinha 12 anos. Mas como eu era meio alto e mais velho, comecei a me sentir mal no meio daqueles pequenos. Eu sempre via o pessoal do Ginásio passar, com um uniforme caqui e uma túnica bordada. Poxa, eu achava bonito aquele negócio!

Então um dia eu passei numa livraria e comprei um livro para admissão no Ginásio. Depois passei lá e falei com a Dona Onília sobre a minha ideia e ela disse: “mas tu está no segundo ano, como é que tu vai para o Ginásio?”. Aí eu respondi: “Eu estudo esse livro aqui com a senhora e sigo fazendo o segundo ano lá”. Eu acho que eu tinha uns 13 anos nessa época, e a didática dela era na porrada! Eu acordava cedo para decorar os pontos de Geografia e História, porque se eu não desse a lição ela me xingava tanto que eu saía torto de lá. Mas não desisti e consegui passar para o Ginásio. Nesta época eu tinha 14 anos.

Quando eu fui fazer exame para o ginásio, eu não era registrado ainda. Na Campanha o pessoal só se registrava quando ia para o exército. Então meu pai me registrou com um ano a menos, para que, caso eu reprovasse no ginásio, ainda desse tempo de eu servir. Mas eu não fui reprovado nenhuma vez.

Naquela época saiu em algumas revistas o protesto contra a bomba atômica. Eu me interessava um pouco sobre átomo, mas eu nem sabia o que era átomo. Um dia o

filho do professor Proença disse lá para a turma “olha, vocês aqui em Quaraí são muito atrasados, aqui ninguém sabe nada sobre o que é um átomo, o que é antibiótico!”. Aí os caras lá disseram “o Edson sabe!”. É que eu falava sobre bomba atômica, aquela coisa toda. Então eu passei a me influenciar por isso né?. Até ali eu queria era estudar História e Geografia, mas ao vir para Porto Alegre, já estava interessado em fazer Engenharia Mecânica.

Eu vim para Porto Alegre de trem, saí às 4h da manhã de Quaraí. A mãe até pegou um cestinho, assou uma galinha com farofa, bolo, me lembro que um guaraná também. Eu passei o dia inteiro no trem, mais toda a noite, e fui chegar no outro dia de manhã às 7h. Aí chamou “Porto Alegre!”, e eu pensei que aquela era a única estação, mas tinha outra ali perto da rodoviária e ninguém me avisou. Aí desci na estação errada e peguei um táxi até a casa da minha vó, gastando quase todo o dinheiro que eu trazia de lá.

Eu morei com ela um tempo e depois fui servir o exército. Mas eu tive um problema de pulmão e acabei tendo que fazer um tratamento longo. Então eu saí do exército e fiquei encostado...um ano ou mais, porém continuei estudando. Quando eu ainda estava no terceiro ano, ouvi falar sobre uma Casa de Estudante, então fui lá, e encontrei um amigo meu de Quaraí, que me disse: “olha, o cara responsável pelas compras não vai poder vir hoje, tu não pode receber a carga?” Foi assim que eu entrei na CEUACA, como um funcionário, não foi como estudante. Eu me tornei o despenseiro da Casa, e também atendia o telefone do almoço. Isso facilitou a minha entrada e eu acabei morando lá.

No primeiro vestibular da UFRGS que eu fiz eu não passei. Aí um outro amigo meu, um amazonense disse: “Olha, vocês ficam aí só de conversa, protestando. Pois eu conversei com o Irmão Otão e vou fazer vestibular lá na PUC”. Eu disse “ah é mesmo?!”. Então eu também fui lá falar com o Irmão Otão, que era o Reitor da época. Ele me disse que eu poderia trazer o dinheiro outro dia. Então me inscrevi no vestibular para Física e passei. Mas daí eu tinha um problema sério: eu não tinha emprego e não paguei nada para a PUC! Depois eu acabei me preparando melhor e passando na UFRGS.

Meu pai morreu quando eu tinha 3 anos. Aí quando estávamos voltando do cemitério, minha mãe de preto, e eu, com meus três aninhos, dando a mão pra ela, quando ela me disse com raiva: “E tu, tu vai estudar agora!”. É claro que naquele momento eu não entendi, mas é que meus irmãos, aos 15 anos, tinham que voltar para ajudar a trabalhar em casa. E eu, como meu pai tinha falecido, poderia estudar.

Não é que quando eu fiz nove anos, um cara chamado Leonel de Moura Brizola, que achava que a saída para o Brasil era a educação, começou a dar bolsas de estudo para filhos de colonos pobres! Aí veio sete bolsas aqui para a vila, e eu era um deles! Naquela época só tinha até a quarta série primária e quem quisesse continuar, deveria estudar para padre ou para freira. Então eu também fui estudar para padre. Primeiro eu fui interno em Dois Irmãos, nas freiras do Imaculado Coração de Maria e depois em Esteio com os padres claretianos que eram espanhóis. Foi onde eu tive uma formação fantástica. De Esteio eles mandavam para São Paulo.

Em 1968, quando houve a intervenção do exército nos DAs e DCE da UFRGS, eu estava em São Paulo rezando. Aí eu disse: “Poxa, os caras estão se virando lá em Paris, os estudantes estão querendo mudanças, querendo um mundo melhor”, em São Paulo os caras estavam se revoltando também. E nós rezando! Foi então que aconteceu o mágico novamente! Um padre recém formado da Espanha viu os meus primeiros desenhos e ele falou: “rapaz, tu é um talento! Tu tens que começar a pintar!” Então eu disse a ele que eu não tinha dinheiro para comprar as tintas e as telinhas. Ele me disse que a família dele mandaria o dinheiro, e realmente mandou. Com isso eu comprei três telinhas, as cores básicas, um pincel e comecei a pintar. Saí do seminário, fui para Porto Alegre e comecei a trabalhar em um banco. Aí eu fiz vestibular para Artes e entrei para a UFRGS.

Tinha uma Casa de Estudante na Av. João Pessoa, eu fui da primeira turma que morou lá. Só que era muito cara, porque eu vivia com meio salário mínimo, que na época era 80 dólares. Com este dinheiro tinha que pagar comida, material e mais a Casa do Estudante. Aí não dava. Então eu fui para a santa CEUACA!

Bem, eu sempre morava no interior, nessa época meu pai já era falecido, minha mãe casou de novo. Aí fui morar com um tio meu e fui trabalhar na serraria dele, em São José do Ouro. Mas sempre tive vontade de estudar, até pelas influências que todo imigrante italiano tem da Igreja Católica. Então vários tios que eram padres, capuchinhos, ajudaram a influenciar, com a ideia de “tem que estudar, “tem que estudar”, como única salvação para um pobre. Então eu sempre tinha essa vontade de estudar, estudar.

Já no terceiro ano do 2º grau, por conta desta amizade familiar, um tio meu que era padre capuchinho, me disse: “olha, se você quiser estudar lá em Porto Alegre”, eu morava no interior de Lagoa Vermelha, “eu te arrango lá, eu te ajudo”. Ah, muito bem! Então eu vim com ele! Em Porto Alegre ele me ajudou a conseguir emprego e me botou numa Casa de Estudantes que havia na época, que eram as Casas da JUC, Juventude Universitária Católica. Então eu já fiz o 3º ano do 2º grau de noite e de dia eu trabalhava e morava numa Casa de Estudante. Desse modo eu já tinha pegado esse ambiente. E a Casa da JUC também era autogerida. Essa juventude Católica se organizava para ajudar os pobres vindos do interior que queriam estudar.

Então eu fiz o vestibular. E os comentários entre nós lá na JUC, todos do interior, eram: “e se nós passarmos, onde vamos morar?” Alguns continuavam nas Casas da JUC, outros iam procurar outras Casas de Estudantes. Quem passava na UFRGS ia para a Casa da Av. João Pessoa, e para nós, os outros que não entramos na UFRGS, tinha a alternativa da CEUACA.

Aí, assim que eu passei, eu me inscrevi lá, tinha um processo de seleção. Olhavam o imposto de renda, onde que o pai trabalhava, então me aceitaram... E acho que vem daí esse espírito... Eu me lembro que nós éramos em mais, ou eles enrolaram para dar a resposta, e nós não tínhamos onde ficar. Então, alguns de nós, entramos na Casa e ficamos algumas semanas dormindo nos corredores, até que legitimasse pelo Conselho Deliberativo, que na época era quem selecionava. Então fui aceito e entrei. Depois lá dentro da Casa participei de tudo o que aconteceu...

Eu sou natural de Lagoa Vermelha, uma família de 12 irmãos, 7 homens e 5 mulheres, o pai era partidor, contador e distribuidor judicial lá em Lagoa Vermelha, uma família muito pobre, os salários atrasavam na época. Em 1961, após o período do ginásio da época, não havia mais nenhum recurso de continuidade nos estudos, então tive que buscar um centro maior, que no caso era Porto Alegre.

E é interessante que, na medida em que um vinha para cá, aí obtinha um emprego e chamava o mais novo. Daí vai haver uma vinculação minha com o que vem logo abaixo de mim em idade, que é o Léo Lima, que foi presidente do Tribunal de Justiça aqui também, e que morou comigo na CEUACA.

Quando eu vim, fui estudar no Colégio Júlio de Castilhos, que era o colégio padrão da época. Sem ele eu não teria condições de cursar direito na UFRGS, porque eu não tinha dinheiro para pagar cursinho, nem tinha condições financeiras de estudar em um colégio particular. Graças ao Julinho eu fiz o clássico à noite e consegui ser aprovado na UFRGS. Sem cursinho, estudando durante a noite, trabalhando durante o dia e num universo de 513 candidatos. A UFRGS na época tinha só 100 vagas para o Direito, pela delimitação do espaço físico. Era obrigatória a média 5 em cada uma das matérias. Então eu obtive a média, e na época só passaram.... Acho que passaram menos de 100. Tanto é que tiveram que colocar um segundo vestibular, e eu tirei o 25º.(...)

Depois tinha um segundo problema: eu não tinha onde morar. Porque a gente morava em pensão, então obviamente que o meu destino foi a Casa do Estudante. E aí então inicia a vida na CEUACA.

Eu sou oriundo do Mato Grosso do Sul, vim para o Rio Grande, para Santa Maria, onde morei com os padres palotinos na Casa de Retiros. Fiz o 2º grau lá em Santa Maria e quando fui fazer vestibular, vim a Porto Alegre e fiquei parando na Casa de Estudantes da UGES, União Gaúcha dos Estudantes Secundaristas. Eu já tinha contato com os estudantes da União Santamariense, que me indicou para ficar aqui durante o vestibular.

Passando o vestibular na PUC, eu fui procurar uma casa. Na verdade, a procura por uma Casa do Estudante seria temporária, na verdade eu estava procurando por uma pensão ou uma República de Estudantes. Fui até a UGES e eles me disseram “aqui é só secundarista, não é universitário”. Então até me indicaram a Casa da UFRGS, a CEU, e lá eu me apresentei, perguntei se poderia ficar alguns dias, até arrumar uma moradia. Eles me disseram: “olha, aqui é só para estudantes da UFRGS”, mas tem uma Casa na Riachuelo, me deram mais ou menos a localização. Eu fui a pé, era perto dali, me deram o número da Casa, e fui, carregando uma mala pesada.

Cheguei lá e falei com um morador que também era, casualmente, do Mato Grosso, da parte norte do Mato Grosso. Eu expliquei a situação, que eu queria ficar ali, se possível, alguns dias, até conseguir uma pensão. Aí eu fiquei parando lá, uns três ou quatro dias, e em contato com pessoas ali, me falaram que era uma Casa de Estudantes, que a pessoa poderia morar, que haveria uma reunião do Conselho Deliberativo da Casa, que escolheria os novos moradores, desde que fossem moradores carentes e necessariamente fora da cidade.

Tendo família de origem camponesa, particularmente camponeses da década de 1940 e 1950, de retirantes nordestinos, meeiros, ou seja, os chamados Sem Terra da época. Lá não foi muito difícil para mim entrar como morador nesta reunião do Conselho, onde a gente se apresentava, trazia dados de família. Foi no semestre, início de 1976, que entraram talvez um dos maiores números de moradores.

Paulo

Bom, eu vim de Passo Fundo, e como eu sempre fui muito estudioso, achei que poderia vir para Porto Alegre sem pré-vestibular e passar na Engenharia Eletrônica. Eu fui conhecer Porto Alegre só quando vim fazer a inscrição para o vestibular. Mas, como vim de uma família humilde, vim para Porto Alegre com a roupa do corpo, uma miséria de dinheiro, uma malinha pequena, sem ter onde morar. Desculpa as vezes a emoção tá...

Eu só tinha o endereço de um amigo. Imagina a loucura, se jogar no mundo com 18 anos. Eu nunca tinha viajado, nem conhecia a Capital. Esse amigo trabalhava em uma oficina mecânica de baterias. E eu soube que nos fundos tinha tipo uma espécie de República... E eu vim pedir pra esse amigo me acolher lá, e ele me acolheu.

Ele também me ajudou a arrumar um emprego. Mas era um emprego num serviço pesado! Passava o dia inteiro carregando e descarregando caminhão. E aí à noite...comia um pão com banana, as vezes banana com leite, [choro], e ia para a faculdade. (...) Mas como o trabalho era muito pesado, chegava de noite eu já estava entregue!

Então eu comecei o Ciclo Básico, onde me classifiquei para Física e depois consegui fazer transferência interna da Física para a Engenharia de Minas. Como tive que continuar trabalhando no pesado, só tomava pau do curso! Repeti o "Cálculo I" umas 4, 5, 6 vezes! Um horror, de tirar zero! Aquilo foi horrível para a minha autoestima!

Nas conversas dos colegas, eu comecei a ouvir eles falarem "Casa do Estudante, Casa do Estudante" e "Restaurante Universitário". E eu só escutava... Até que chegou um dia e eu falei: "pô, o que vocês tanto falam, o que é isso?" Aí eles disseram que se você fosse carente poderia se habilitar. Mas isso depois de eu ter passado fome! Já tinha passado um ano, dois anos, acho que era 1973. Aí eu me inscrevi e então eu entrei na Casa do Estudante! Melhorou tudo, aí tinha as três refeições e toda uma estrutura. Saí do inferno e fui para um quase céu!

Eu venho de uma família Evangélica Luterana. E desde criança sempre me diziam que eu deveria ser pastor. Colocaram-me no Colégio em São Leopoldo, foi até uma forma de estudar, porque na minha época só tinha o primário lá no Corvo e poucos eram os que podiam estudar em Estrela.

Eu fiz o Ginásio e o Colegiado em São Leopoldo, num colégio chamado Instituto Pré-Teológico, que preparava alunos para a Faculdade de Teologia da IECLB. E como eu não queria seguir a carreira de pastor, me vi jogado neste mundo sozinho. Pai doente, família grande, irmãos menores...

Uma prima minha me acolheu aqui em Porto Alegre. Eu fiz o vestibular de Direito da UFRGS e passei. Honrosamente com o último lugar, mas eu entrei. Eu fui o 103º, aproveitaram os três excedentes. Neste mesmo tempo eu fui selecionado para o Centro de Preparação de Oficiais da Reserva (CPOR) e, sem recurso algum, minha prima simplesmente me botou para fora de casa. “Rui, agora te vira!”.

Então, além de ter que enfrentar Porto Alegre como um todo, eu tinha que enfrentar o dia a dia de uma cidade. Eu não era alguém que veio com o apoio, com a ajuda de alguém. Eu vim com uma mão na frente e a outra atrás. Minha roupa era uma sacolinha.

Então essa parte também foi difícil. E eu apanhei muito foi aqui no CPOR, com toda disciplina e rigidez que tinha. E sendo um colono bobo, conviver com essa gurizada esperta da cidade...apanhei muito.... Não foi fácil!

O próprio pessoal da UFRGS disse “aqui na frente está cheio”, mas tem a outra lá embaixo na Rua Riachuelo, a Aparício Cora de Almeida, vai lá ver se tem vaga”. E tinha uma vaga. A dificuldade era encontrar o responsável, quem distribuía as vagas. Olha que eu demorei, mas consegui. Então fui morar lá, com as poucas trouxas que eu tinha.

Eu nasci em Rio Grande, no dia 26 de setembro de 1938. É uma quilometragem grande já.... E no dia que eu nasci, a minha mãe estava de viagem marcada para Jaguarão, onde eu fui criado. Eu fui com 2 meses e meio para Jaguarão. Meus pais eram uruguaios, se conheceram em Jaguarão, na fronteira com o Brasil. E foram para Rio Grande para tentar a vida, porque lá já era uma cidade industrial e havia mais oportunidades de emprego.

Mas aí em 27 de janeiro de 1956 eu vim para estudar no Julinho de Castilhos, em Porto Alegre. Havia dois cursos no Julinho, o clássico, que era mais voltado para as ciências humanas, e o científico, que era mais Ciências Exatas, Medicina, Engenharia, Agronomia. E eu, como queria fazer Odontologia, entrei no Científico.

Mais tarde, em 1957, eu fui servir como conscrito no exército, então eu não consegui continuar no curso. Eu tinha que levantar às 4h da manhã e morava numa pensão lá na Av. João Pessoa, naquela quadra do Cinema Avenida. A gente acordava às 4h da manhã, porque o bonde saía às 4h da manhã do Centro e passava lá mais ou menos às 4h10min. Eu tinha que estar às 5h no Partenon, na Av. Bento Gonçalves, fardado, equipado com o fuzil para fazer instrução.

Aí, no segundo semestre de 1957, eu fui transferido para a escola preparatória de Porto Alegre, que hoje é o colégio militar. Foi então que eu conheci a Casa da JUC nº2. Em 1957, 1958, 1959, 1960 e 1961 eu fiquei na JUC. Então eu já tinha uma vivência de Casa de Estudante.

Como eu tinha sido diretor do gabinete odontológico da Federação dos Estudantes Universitários do Rio Grande do Sul (FEURGS) em 1961 e 1962, o pessoal da CEUACA me pediu para deixar a FEURGS e ser o diretor do gabinete odontológico que nós tínhamos na Casa. Embora eu só tenha ido para lá em 1963, por essa passagem que tive na JUC, eu já era veterano em morar em Casa de Estudantes.

Quantos caminhos até a CEUACA! Essas narrativas fizeram emergir oito itinerários singulares e um ponto em comum: jovens de classes economicamente empobrecidas que se deslocaram do interior em direção a Porto Alegre em busca de oportunidades, de formação.

A narrativa de Edson apresenta um homem que escolarizou-se de forma tortuosa: alfabetizado por um professor andarilho, ingressa tardiamente no ensino primário. Após encantar-se com a beleza dos uniformes, decidiu comprar um livro e estudar para o exame de admissão do Ginásio. Em sua fala, como na dos demais entrevistados, está presente a ideia de uma “vontade de estudar”. Para ele, o mundo aos poucos foi se tornando maior do que Quaraí. Ora, queria saber coisas sobre o átomo, sobre a bomba atômica... e seu destino foi Porto Alegre, onde logo após chegar, ingressa no Exército. Na CEUACA, sua entrada se dá como despenseiro, de forma quase “acidental”. Começa a estudar Física na PUC, onde, depois de uma boa conversa com o Reitor, é aceito, mesmo sem poder pagar as mensalidades.

O caso de Flávio era o de inúmeros crianças e adolescentes que viviam no interior e que, nas décadas de 1950 e 1960, só tinham acesso à escolarização até a quarta série primária. Ao lembrar sobre como conseguiu continuar os estudos, considerou como fatores decisivos as políticas do governo de Leonel Brizola e a passagem pela escola e seminário da congregação religiosa dos claretianos¹²⁷.

Nivaldo, por sua vez, relatou ter morado com os padres palotinos¹²⁸ em uma casa de retiros em Santa Maria-RS¹²⁹ e João Pedro atribui o desejo em estudar à influência que teve dos tios que eram padres capuchinhos, que o levaram para Porto Alegre, o ajudaram a conseguir um emprego e acomodar-se em uma das Casas de Estudantes da Juventude Universitária Católica.

Rui, de família luterana, conta sua passagem pelo Instituto Pré-Teológico (IPT), que preparava alunos para a Escola Superior de Teologia (EST), ambos

¹²⁷ Claretianos (Congregação dos Missionários Filhos do Imaculado Coração de Maria) é uma congregação religiosa católica, fundada por Antônio Maria Claret em 1849. No Brasil, possui uma rede de escolas, faculdades, centros espirituais, seminários, centros de formação de jovens, rádios, TV e inúmeras paróquias.

¹²⁸ Os Palotinos são uma sociedade de vida apostólica da Igreja Católica Apostólica Romana fundada em 1835 com o nome de Sociedade do Apostolado Católico pelo Padre Vicente Pallotti, que, em 1963, foi declarado santo durante o Concílio Vaticano II.

¹²⁹ A Casa de Retiros de Santa Maria foi inaugurada em 01 de janeiro de 1949, por iniciativa dos padres Palotinos e destina-se a receber pessoas que necessitem de um espaço para hospedagem, pernoite, eventos, retiros e encontros.

localizados em São Leopoldo e vinculados à Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB). Por não querer seguir a carreira de pastor, aventurou-se em Porto Alegre, onde viria a cursar Direito da UFRGS. Também serviu o exército, passando um ano pelo Centro de Preparação de Oficiais da Reserva (CPOR/PA).

O Exército e o Colégio Militar igualmente marcam presença na trajetória de Waldomir, que veio para a capital do Estado com o objetivo de matricular-se no Colégio Júlio de Castilhos¹³⁰, como uma forma de preparação para ingresso na UFRGS, no curso de Odontologia. Esta mesma estratégia foi utilizada por Nereu, que atribui ao Julinho¹³¹ a boa formação que teve, o que o teria permitido ingressar na Faculdade de Direito da UFRGS sem a realização de cursos pré-vestibulares.

Por fim, Paulo, em cujo percurso até a CEUACA não se identifica uma relação com ordens religiosas nem o exército. Suas lembranças são marcadas por inúmeras dificuldades até conseguir estabelecer-se com tranquilidade em Porto Alegre, com relatos que dão conta de situações de fome e sujeição a trabalhos árduos, como o descarregamento de caminhões.

Todas estas narrativas trazem uma ideia de superação, indicando algumas das estratégias sociais utilizadas por estes jovens no percurso que os levou ao Ensino Superior. São jovens que, de certo modo, parecem ter subvertido os destinos que, pela sua origem social, pareciam lhes estar reservados.

Instituições como as igrejas Católica e Luterana, o Exército e o Colégio Júlio de Castilhos comparecem como possibilitadoras/facilitadoras dos processos de escolarização e formação. São alguns dos pontos em comum de trajetórias formativas singulares, caminhos estes que viriam a se interseccionar na CEUACA.

Mas o ingresso no Ensino Superior não seria motivo de calma, e novas estratégias foram necessárias para o grupo social em questão. É a CEUACA que agora parece apresentar-se como uma instituição fundamental para a inserção destes estudantes, um porto seguro, um esteio. É o que em diferentes momentos e de diferentes formas as narrativas evidenciam a partir de agora.

¹³⁰ O Colégio Estadual Júlio de Castilhos (Julinho) é uma das escolas públicas mais tradicionais do Estado do Rio Grande do Sul, tendo sido fundado em 1900, em de Porto Alegre –RS.

¹³¹ Referência ao Colégio Estadual Júlio de Castilhos.

4. O LUGAR ONDE A CASA MORA

E esse pensar alimentado pelo presente trabalha com fragmentos do pensamento (...) como um pescador de pérolas que desce ao fundo do mar, não para escavá-lo e trazer à luz, mas para extrair o rico e o estranho, as pérolas e o coral das profundezas, e trazê-las à superfície. O que guia esse pensar é a convicção de que, embora vivo esteja sujeito à ruína do tempo, o processo de decadência é, ao mesmo tempo, um processo de cristalização, que, nas profundezas do mar, onde afunda e se dissolve o que outrora era vivo, algumas coisas “sofrem uma transformação marinha” e sobrevivem em novas formas e contornos cristalizados que se mantêm imunes aos elementos, como se apenas esperassem o pescador de pérolas que um dia descerá até elas e os trará ao mundo dos vivos – como “fragmentos do pensamento”, como algo “rico e estranho”(…). (ARENDDT, Hannah, 1987, p.46).

“Nosso interesse está no que foi lembrado, no que foi escolhido para perpetuar-se na história de sua vida” (BOSI, 2012, p.37). Esta frase, extraída do clássico *Memória e Sociedade*, guarda o sentido da relação que busquei ter com as narrativas de memória utilizadas como documentos desta pesquisa. Não se trata de procurar saber com quem está a verdade, mas entender a verdade de cada um, como esta é construída no tempo presente, elaborada e posta na narrativa de si e na leitura do mundo feita por estes sujeitos. Os movimentos realizados na pesquisa buscaram alcançar dimensões simbólicas que permitissem interpretar alguns significados que o referido grupo social confere à sua experiência nesta moradia coletiva, identificando modos como tal realidade social foi e segue sendo construída, pensando a articulação entre discursos e práticas sociais. Esta foi a ideia de representação com a qual o estudo maneja as fontes.

Na pesquisa, produziram-se oito entrevistas, e essas narrativas de memória estiveram em constante relação. É preciso dizer que minhas memórias também se inscreveram nessas relações. Construiu-se um sucessivo jogo de aproximações e tentativas de afastar-se do tema da investigação. Em muitos momentos, a riqueza do que foi dito pelos antigos moradores da Casa parecia querer seduzir-me, diante das minhas implicações pessoais com a CEUACA.

Inicialmente foram realizadas três entrevistas piloto, na sequência, as transcrições, a construção das primeiras categorias de análise e a qualificação do projeto de pesquisa. Após, a produção de mais cinco narrativas de memória, novas

transcrições, leituras e (re)leituras, produção de um documentário¹³² e todo o processo de escutas e (re)escutas que o seu processo de edição e montagem exigiu. As categorias de análise finalmente foram ganhando seus contornos definitivos. Inicialmente apresentaram-se na forma de alguns questionamentos: onde a Casa mora na memória de antigos moradores? Onde a Casa mora no espaço social da cidade de Porto Alegre? Como participou ou foi afetada pelos acontecimentos políticos da temporalidade 1963-1981? Quais foram as estratégias do grupo de estudantes em questão para a permanência na universidade e manutenção da Casa? Quais discursos atravessaram a CEUACA? O que diferenciou as experiências destes jovens daquelas dos demais universitários?

Como já referido, o processo investigativo a partir de uma mesoabordagem das instituições educativas, proposto por Magalhães (2004), consiste, entre outras coisas, na articulação de uma diversidade de informações, como a integração destas instituições no espaço físico e social, seus aspectos simbólicos, relações de comunicação e poder, memórias individuais e coletivas. A complexidade de uma análise como esta exige, segundo o autor, “um processo metodológico que permita estruturar e construir um discurso que traduza com significativa aproximação toda a vitalidade de uma instituição educativa” (MAGALHÃES, 2004, p.126).

Entende-se que o ingresso e a vivência da Universidade e do seu entorno são eventos marcantes para a vida dos sujeitos que a experimentam. Mas parece haver certas intercorrências adicionais no itinerário dos estudantes universitários oriundos das camadas populares, aqui, neste caso, habitantes de uma moradia coletiva. No processo de tessitura de uma história da CEUACA, são estas nuances que o texto busca a todo momento evidenciar.

Mesmo após longo processo de imersão nas entrevistas, como acima relatado, a construção das categorias foi desafiadora. Como separar o que aparentemente é inseparável? Como lidar, por exemplo, com o tema da autonomia e autogestão da Casa, que perpassam múltiplos aspectos institucionais, mas pareciam ser em si mesmas uma categoria? Não houve consolo, tampouco uma indulgência possível. Era necessário compor a trama, construir a narrativa historiográfica, juntar o que estava disperso. Assim, foram construídas as categorias, que se desdobraram nos cinco subcapítulos que seguem.

¹³² O Lugar Onde a Casa Mora. COSTA, Renata Soares; HINTERHOLZ, Marcos Luiz; WOBETO, Débora. Porto Alegre –RS, 2017. 36 min.

Em *As engrenagens de uma Autonomia e Autogestão*, a intenção foi a de apresentar como a Casa estava administrativamente organizada e os modos como os seus moradores mantinham esta complexa estrutura em movimento, dando a ver suas primeiras experiências neste espaço. Embora o caráter autônomo da CEUACA seja uma chave importante para a leitura de sua história institucional, perpassando vários aspectos da análise, considere importante também constituir-la como um ponto destacado no texto, afim de fornecer ao leitor um quadro inicial das dimensões desta organização estudantil e suas implicações.

Ao construir a categoria *Uma Casa, um espaço social*, busquei refletir o contexto no qual a Casa do Estudante estava inserida, pensando as experiências narradas por estes sujeitos enquanto habitantes do centro da Cidade de Porto Alegre e suas interações com o entorno. Ao mesmo tempo em que esta localização em certos aspectos parece ter facilitado a inserção deste estudante oriundo das camadas populares no novo círculo sociocultural, tal endereço foi fundamental para as estratégias de manutenção da autonomia financeira e administrativa da CEUACA enquanto instituição. Também realizo uma discussão sobre os limites entre o público e o privado no espaço da moradia estudantil universitária.

A categoria *“Vamos ter que brigar!”: a Ditadura e o Maio de 68 vistos a partir da Casa*, inicia por uma contextualização referente à forma como o Ensino Superior brasileiro organizou-se e um panorama sobre os movimentos estudantis em sentido *stricto*, mesclados com significativos episódios da histórica política no Brasil. A intenção foi dimensionar a amplitude da interferência da Ditadura Civil-Militar iniciada em 1964 no sistema educativo brasileiro, sendo também os eventos relacionados ao Maio de 68 pensados para o contexto local. Em seguida, estes eventos foram mirados a partir da CEUACA, quando foi possível perceber o quão múltiplas eram as dinâmicas internas desta instituição e toda a vitalidade nelas contida, corroborando para a inscrição das Casas de Estudante como forma de organização estudantil, notando, a partir delas, outros matizes da relação dos estudantes com aqueles processos históricos.

A tessitura de uma história da instituição segue com a categoria *As vênias de um pecado: a presença feminina na Casa*, onde discuto a participação das mulheres na CEUACA, embora estas não fossem, como se sabe, oficialmente admitidas como moradoras. A reflexão inicia por um apanhado das abordagens da historiografia sobre o processo de ocupação feminina do espaço público, em especial a

universidade, para então chegar às representações de antigos moradores a respeito de sua circulação na Casa, dando a ver uma série de transgressões à norma escrita que regulava a instituição.

Por fim, em *Marcas de longa duração*, discuto mais detidamente o lugar que a Casa ocupa nas narrativas de si, como é significada na construção das identidades. No longo processo pelo qual “o indivíduo só se torna ele mesmo ao tecer o fio que confere um sentido a sua vida” (KAUFMANN, 2013, p.98), busco entender o lugar que a Casa ocupa nessa trama. Embora todo o Cap. 4 seja marcado por análises que partem das representações dos sujeitos entrevistados, ou seja, por sentidos construídos sobre o passado a partir de memórias evocadas no presente, o último segmento do texto quer pensar a forma como a CEUACA foi inscrita na biografia destes sujeitos, quais marcas de longa duração imprimiu naqueles que um dia a habitaram.

Muitos outros aspectos poderiam ter sido contemplados, outros arranjos teriam sido possíveis, mas, como já dito, foram necessárias escolhas. Segundo Magalhães (2004), a história de uma instituição deve estar organizada “por meio de uma trama, com espaços, tempos, ação, agentes e sujeitos” (MAGALHÃES, 2004, p.147). É para esta tarefa que agora me lanço, como o pescador de pérolas da epígrafe de Hannah Arendt.

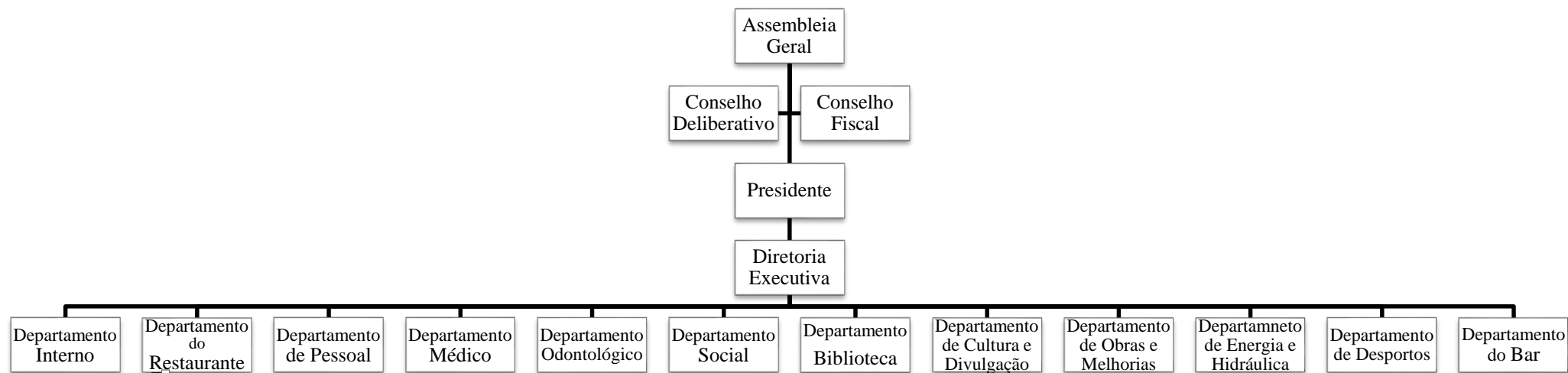
4.1 As engrenagens de uma Autonomia e Autogestão

“A CEUACA é um pequeno microcosmos. É quase uma realidade em miniatura do país em que se vive”¹³³.

A autonomia e autogestão, características marcantes da instituição CEUACA, mostraram-se centrais para a análise de todas as categorias construídas para este estudo, tornando-se, como já dito, elas próprias, uma categoria. Neste momento, apresentam-se os modos como a Casa foi organizada e procura-se evidenciar a dimensão da sua complexa engrenagem de funcionamento, conforme pode-se observar no organograma que segue:

¹³³ Fala de Paulo d'Ávila durante a cerimônia de comemoração dos 65 anos da CEUACA, em 1999. Disponível para acesso em: <https://www.youtube.com/watch?v=LaDF3LdGfNs&t=881s>. Acesso em 24/09/2017.

Figura 30 :Organograma da CEUACA conforme estatuto vigente na década de 1970.



Fonte: Elaborado pelo autor

Para manter esta ampla rede de assistência estudantil, que oferecia serviços como restaurante universitário (servindo três refeições diárias), gabinete odontológico, biblioteca, consultório médico e serviço de barbearia¹³⁴, foram instituídos regulamentos, hierarquias, instâncias deliberativas e executivas. O órgão máximo era Assembleia Geral, composta por todos os moradores efetivos, estando abaixo dela o Conselho Deliberativo e o Conselho Fiscal. Havia ainda a figura de um Presidente, eleito pelo conjunto dos ceuacanos para o mandato de um ano, além de uma Diretoria Executiva e 12 departamentos responsáveis por serviços que poderiam ir desde uma obturação dentária até a manutenção do prédio sede. Cada departamento possuía a figura de um Coordenador, e todos os moradores que não estivessem em cargos executivos ou deliberativos, deveriam trabalhar em um destes departamentos. Quando Paulo recebeu-me para a entrevista, assim lembrou a organização da Casa:

Tinha a parte executiva da Diretoria, a parte que executava as questões. E o poderoso Conselho, que resolvia as brigas, as pendengas. E por último, a poderosa Assembleia Geral, que resolvia tudo e desmanchava tudo. Desmanchava até as decisões da Diretoria e do Conselho Deliberativo! E aí, grandes embates políticos né, noites, geralmente acontecia nos fins de semana, até altas horas da madrugada, discussões homéricas! (...) Por isso muitos saíram dali escolados para as questões políticas. Já tiveram uma escola especial ali na Casa (Paulo, em 08/10/2015).

Durante sua fala, Paulo lembrou de muitos detalhes dessas reuniões e da natureza dos embates ali travados. Falou da mobilização que determinados estudantes realizavam, com o recolhimento de assinaturas entre os colegas a fim de convocar a Assembleia de forma extraordinária. Em suas lembranças, também estão os dramáticos momentos de expulsão de moradores. Este processo geralmente iniciava pelo Conselho Deliberativo e, posteriormente, era referendado pela Assembleia Geral, onde o “demitido”¹³⁵ tinha espaço para a arguição diante de todos os ceuacanos.

Quantos atores foram necessários para a cena descrita por Paulo? Convido para um exercício de imaginação controlada. Primeiramente, poderíamos pensar no morador que encaminhou a denúncia ao Conselho, que, presidido por outro colega, reuniu seus nove membros e deliberou a questão madrugada a dentro, decidindo

¹³⁴ Waldomir relata que em 1963 os serviços de atendimento médico e barbearia já não eram mais oferecidos, embora ainda estejam descritos nos estatutos e nos organogramas da Casa.

¹³⁵ O termo “demissão” era utilizado na CEUACA para designar o processo de desligamento de moradores por infrações as mais diversas.

pela expulsão. Após, convocou-se a Assembleia Geral, em cuja mesa estavam sentados o Presidente e o Secretário da Casa do Estudante. Esta foi a última chance do demitido manter seu vínculo com a instituição, por isso esforçou-se em suas alegações, mobilizou toda a sua retórica em argumentos para a justa causa que defendia. Terminado este ato, o acusado tomou assento e a discussão seguiu. Os moradores presentes na Assembleia levantaram-se, sucessivamente, apresentando réplicas favoráveis ou contrários à demissão. Trata-se da acusação, defesa e julgamento de um colega morador, é disto que se trata. Um espaço onde os presente experimentaram diferentes papéis.

Na refiguração desta cena, os elementos que caracterizam e legitimam o entendimento da CEUACA como instituição educativa vão ficando cada vez mais claros, na medida em que nela observamos estas possibilidades de “socialização, formação de hábitos, mudanças de atitudes e interiorização de valores”. (MAGALHÃES, 2004, p.145). Quando Paulo diz que os moradores “saíram dali treinados para as questões políticas” pois “já tiveram uma escola especial ali na Casa”, ele nos deu pistas para a leitura das representações da CEUACA como um espaço educativo. A descrição sobre o desempenho de papéis e as instâncias internas de poder multiplicam-se nas narrativas:

No dia da seleção de novos moradores, era preciso, cara a cara, convencer os conselheiros de que tu precisavas da Casa. Chegar lá na frente e enfrentar aquela banca. Todos de olho em ti e te fazendo perguntas, te questionando, e tu tendo que apresentar documentos e tudo para comprovar tua renda. O dia da entrevista era muito importante! Era naquela primeira sala da frente, todos os candidatos ficavam ali. E os nervos, bah! Precisávamos da vaga, e não era fácil! Tínhamos que enfrentar 12 ou 13 conselheiros, por aí. (Paulo, em 08/10/2015).

A despeito de todo o nervosismo em torno da seleção de novos moradores, num processo rigoroso, com inúmeras etapas e consubstanciada por uma investigação socioeconômica dos candidatos, esta gestão pelos próprios estudantes parece ter permitido, em determinados momentos, algumas soluções negociadas e a abertura de determinadas exceções. É o caso de Flávio, que conseguiu convencer os dirigentes da Casa a aceitar sua esposa Marisa como moradora. Embora ela não fosse estudante universitária, “a diretoria da época entendeu a nossa situação”¹³⁶, conta.

¹³⁶ Entrevista com Flávio, em 19/09/2015.

Edson, por sua vez, entrou como funcionário na Casa, trabalhando na cozinha e passando à categoria de morador mais tarde, quando foi aprovado no vestibular da PUC. Ao falar do seu ingresso, relembra: “eu era simplesmente o despenseiro”¹³⁷. Também João Pedro conta a forma como ingressou na CEUACA: “eu me lembro que nós éramos em mais, ou eles enrolaram para dar a resposta, e nós não tínhamos onde ficar, então entramos e ficamos algumas semanas dormindo nos corredores, até que legitimasse pelo Conselho Deliberativo”¹³⁸. Por fim, o emblemático caso de David¹³⁹, que morou na Casa do início da faculdade no final dos anos 1950 até o fim de sua vida, em 2005, convivendo com várias gerações de ceuacanos.

Estas experiências do cotidiano administrativo e tantas situações que demandavam uma resposta dos estudantes parecem ser alguns dos elementos que concorrem para a significação da Casa como um espaço de formação¹⁴⁰. O envolvimento dos moradores, contudo, não se encerrava na participação nas instâncias deliberativas. O dia a dia da organização institucional impunha uma gama muito maior de solicitações para que a complexa engrenagem se mantivesse em movimento, pois muitas eram as frentes de trabalho.

Edson, Rui e Woldomir lembraram das compras de mantimentos feitas para o Restaurante Universitário, “havia uma feira ali em frente ao IPE¹⁴¹, a gente ia lá fazer comprar e entregava o material para as cozinheiras fazerem a comida”,¹⁴² narra Edson. Paulo lembra o bar que era mantido pelos estudantes junto ao RU, como uma fonte acessória de renda para a Casa, “o bar abria ao meio dia, e tinha que estar lá. Tinha plantão. E os plantões no bar e na reunião dançante eram obrigatórios, os que não cumprissem com os plantões sofriam penalidades”¹⁴³, conta.

¹³⁷ Entrevista com Edson, em 08/03/2017.

¹³⁸ Entrevista com João Pedro, em 17/03/2017.

¹³⁹ David Camargo era estudante de Farmácia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), tendo tornando-se posteriormente ator de teatro. Sua história será retomada em outros pontos do texto.

¹⁴⁰ Este assunto será retomado mais tarde em como direi mais tarde no subcapítulo 4.5 *Marcas de longa duração*.

¹⁴¹ Instituto de Previdência do Estado do Rio Grande do Sul.

¹⁴² Entrevista com Edson, em 08/03/2017

¹⁴³ Entrevista com Paulo, em 08/10/2015.

Figura 31: Restaurante da CEUACA



Fonte: Arquivo da CEUACA (sem data)

Figura 32: Cozinha da CEUACA.



Fonte: Arquivo da CEUACA (sem data)

As reuniões dançantes aconteciam semanalmente e também exigiam trabalho e organização dos estudantes. Fortemente incorporadas à rotina da Casa, elas foram narradas por todos os entrevistados, que rememoraram episódios nelas ocorridos e nas suas respectivas funções, que iam desde colocar os discos na vitrola

até fazer a segurança na porta da Casa. Muitas vezes, a rotina desse estudante trabalhador não se encerrava aos finais de semana, e nem sempre o lar parecia ser sinônimo de descanso.

Aos sábados à noite havia um baile lá em cima naquele salão. Tinha-se que trabalhar, era obrigado trabalhar, havia escala. Trabalhei na chapelaria um tempo, todos os sábados. Guardava as bolsas das moças e os casacos e tinha que ficar até o final do baile. Depois passaram a me escalar no bar, que havia no térreo. Trabalhava-se das 22h às 2h. No salão, havia o colega que colocava discos LP na vitrola, tocando músicas de todos os tipos. Entrada era cobrada para os de fora, era uma forma de conseguir recursos para a Casa. (Rui, em 17/02/2017).

Figura 33: Convite para as reuniões dançantes: festas aos sábados e domingos.



A Casa do Estudante Universitário Aparício Cora de Almeida, entidade beneficente sita à rua Riachuelo 1355, promove reuniões dançantes semanais em Hi-Fi e com Luz Negra. Aos sábados início às 23:30 horas; domingos 20 horas. (Jornal Diário de Notícias, 17/11/1970).

Mais do que cumprir as escalas de trabalho interno da Casa, estes estudantes, em muitas ocasiões, mobilizaram sua engenhosidade na solução de problemas que iam identificando e pondo em prática conhecimentos relacionados aos seus campos de formação. As narrativas são marcadas por relatos de experiências as mais diversas. Waldomir, que era estudante de Odontologia e trabalhou no gabinete odontológico da CEUACA, possui uma memória que chama a atenção pela riqueza nas descrições e dos detalhes narrados, dando uma dimensão das intercorrências cotidianas que iam demandando soluções por parte dos moradores:

Ali na Casa sempre teve o problema da falta de verba. Tanto que tinha um raio-X no gabinete odontológico e não funcionava porque não tinha como

revelar. Então eu pensei em montar um quartinho de revelação. (...) Eu tinha um colega que fazia Engenharia Mecânica, que já estava fazendo estágio em uma firma. Eu consegui uma bateria de três compartimentos, uma bateria de chumbo. Então eu pedi para ele tirar a parte de cima, ficando um vaso de três lugares, de três nichos. Então em um compartimento eu colocava o revelador, no outro água e no outro o fixador. Depois, fui até a Casa das Lâmpadas e, com o meu dinheiro, comprei uma lâmpada vermelha. Isto tudo eu fiz em um banheiro que estava desativado. Era um banheiro que não funcionava. Não tínhamos dinheiro para arrumá-lo. Então se tornou o meu quartinho de revelação de raio-X. (Waldomir, em 08/04/2017).

Figura 34: Gabinete Odontológico da Casa do Estudante.



Fonte: Arquivo da CEACA (sem data)

Questionado sobre quais serviços odontológicos eram realizados neste gabinete e se havia alguma supervisão, posto ainda não estarem formados como dentistas, Waldomiro responde:

Não havia supervisão. Éramos só nós, era a gente que fazia a coisa. Fazíamos restaurações, extrações, tratamento de canal. Isso também era uma complementação do que nós estudávamos, uma maneira de fazer prática. Porque na época em que eu fazia faculdade, eram 40 alunos e os gabinetes eram muito disputados, era difícil ter vaga. Ali na Casa a gente atendia, além dos moradores, os familiares dos funcionários e alguns comensais que nos descobriram e a gente também dava oportunidade de serem atendidos (Waldomir, em 08/04/2017).

Ainda com relação às estratégias para a arrecadação de dinheiro, os recursos

levantados com as reuniões dançantes e com o bar, ficavam aquém dos gastos com a manutenção das três refeições diárias oferecidas aos moradores e do pagamento de uma equipe de funcionárias da cozinha e lavanderia. Por esta razão, estes recursos eram pleiteados junto às fontes as mais diversas, como a Reitoria da UFRGS, a políticos com mandatos eletivos nas instâncias estaduais e federais e tantas outras. “Tínhamos que estar sempre correndo atrás do Governo do Estado, Governo Federal, Brasília, para arrumar alguma verbinha para completar”¹⁴⁴, conta Paulo. Os relatos trazem, além das tratativas e negociações com agentes públicos, uma série de outras experiências de vida que vinham no encalço destes movimentos, como nos narra Nereu, que fez sua primeira viagem ao Rio de Janeiro em uma destas buscas por verbas:

Chegou uma hora em que não tinha mais nenhum centavo, nós estávamos praticamente quebrados, não tinha dinheiro para o mês seguinte. Então fizemos uma Assembleia Geral e incumbiram-me de ir, pela primeira vez, eu nem conhecia o Rio de Janeiro, ao Ministro da Educação, presumo que seja em trono de 1967 por aí, no governo Costa e Silva, era o Tarso Dutra o Ministro. Então ali, para fazer uma média, eu fui lá reivindicando, demonstrando a nossa situação, e tivemos sorte! Ele nos doou na época, lembro como se fosse hoje, em torno de 30 mil Cruzeiros, o que era muito dinheiro. Isso permitiu que a casa continuasse no mínimo mais uns oito anos aberta. Ele chegou até a vir, a fazer uma visita à Casa, conhecer o pessoal (Nereu, em 19/11/2015).

Neste excerto da entrevista, é possível inferir algumas das habilidades políticas necessárias a estes jovens que mantinham a Casa funcionando, e indica que a busca por recursos não se encerrava no ato de sua petição e posterior recebimento do dinheiro. Era preciso externar o agradecimento, retribuir, permitindo que a CEUACA fosse palco de outros interesses, neste caso, o da construção de uma boa imagem para o Ministro da Educação da Ditadura, Tarso Dutra. Se era autônoma e autogerida, a Casa não estava fechada em si mesma, pois interagiu fortemente com o mundo social do entorno e diversas instâncias de poder, como será discutido em outros momentos mais adiante. Eram obrigações sociais de toda ordem, como as relatadas por Edson, que lembrou do episódio da morte de um familiar de Aparício Cora de Almeida, quando “*escalaram o Emilio para fazer o discurso lá no féretro*”¹⁴⁵, denotando a busca de uma boa relação com os benfeitores

¹⁴⁴ Entrevista com Paulo, em 08/10/2015.

¹⁴⁵ Entrevista com Edson, em 08/03/2017.

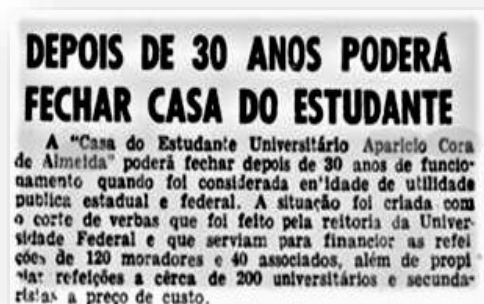
que haviam doado o prédio onde a Casa estava situada¹⁴⁶. Mas para além destas estratégias mais formais e explícitas, havia outras, como a deste interessante relato:

Nós tínhamos um truque: fazíamos uma faixa escrito “A CEUACA vai fechar por falta de verbas!”; “Estudantes pobres moram aqui!”. Depois telefonávamos para a imprensa e dizíamos: “olha, nós vamos colocar uma faixa aqui na frente da Casa”. Aí o que acontecia, a imprensa que já estava chegando, tirava a foto e a polícia vinha atrás e já tirava o cartaz. E assim nós levamos, nunca faltou dinheiro. Claro, era para complementar (Edson, em 08/03/2017).

Figura 35: “Truques” para manter a Casa funcionando.



A Casa do Estudante é uma escola de humanismo. Não ensina a ciência, mas lá se ensina a viver. O jovem cru em relações coletivas, muitas vezes escorado pela personalidade paterna, terá de lutar por uma afirmação dentre os que o cercam. (...) (Diário de Notícias, 08/04/1967).



Quando atingir o último ano, o estudante estaria preparado para enfrentar o mundo. A gratidão jamais fica esquecida. Serve de exemplo o caso do ex-presidente da Casa, Antônio Mulhem, que hoje presta cuidados a dona Antoninha, como é conhecida a doadora do prédio onde funciona a entidade. (Diário de Notícias, 14/04/1968).

Além de notar o espaço que a causa da moradia estudantil conseguia junto à imprensa diária, como já referido anteriormente, aqui se faz importante observar mais uma vez a presença do discurso sobre estes lugares como espaços de formação humana e de amadurecimento. Campos (2009) discute a força persuasiva

¹⁴⁶ Esta relação com o casal Almeida voltará a ser discutida em pontos mais avançados do texto.

dos periódicos, formadora de opiniões e representações coletivas, aspirações e crenças. “Todo texto, impresso em jornal ou não, é, em si, coercitivo, educativo, pois objetiva convencer de alguma maneira o leitor.” (CAMPOS, 2009, p.18). Esta ideia do periódico como um repositório da memória social, deve ser levada em conta para a leitura sobre as muitas representações da CEUACA como um espaço formativo, pensando que, para além das experiências em si mesmas, havia outras forças em relação, construindo valores partilhados.

Deste modo, muitos elementos ainda estão por vir à tona nas próximas páginas, como por exemplo, as representações sobre a autogestão da Casa associados a princípios políticos. Por este motivo, leituras mais claras sobre as implicações da autonomia ceuacana só poderão ser tecidas mais adiante, ou mesmo no espaço destinado às considerações finais, alcançando aquilo que Magalhães (2004) chamou de uma reificação integrativa de quadros axiológicos, éticos, praxeológicos e atitudinais de uma instituição educativa.

Por ora, foi possível apresentar alguns contornos desta complexa organização estudantil, desenhados a partir das oito narrativas fontes deste estudo. Estiveram presentes representações sobre uma diversidade de experiências proporcionadas pela CEUACA e um discurso desta como espaço de aprendizagens e amadurecimento. A composição desta trama sobre a CEUACA vai-se ampliando, de modo que passo agora a pensar a sua inserção num espaço social - a cidade de Porto Alegre - e as formas como a instituição e seus moradores afetam e são afetados neste espaço.

4.2 Uma Casa, um espaço social

As lembranças se apoiam nas pedras da cidade (BOSI, 2012, p. 439).

Há outro aspecto importante na análise institucional da CEUACA e recorrente nas narrativas de memória, fontes desta pesquisa: a localização da Casa no Centro Histórico de Porto Alegre. A instituição estava situada a uma quadra do maior núcleo de poder do Estado, representado pelo Palácio Piratini, Assembleia Legislativa,

Catedral Metropolitana. Também estava próximo à simbólica Esquina Democrática¹⁴⁷ e a um passo de toda uma estrutura urbana que envolvia centros culturais, comerciais e de serviços. Nas décadas de 1960 e 1970 este espaço comportava um grande número de sociabilidades, muitas das quais hoje parecem ter-se deslocado para outros bairros ou para dentro dos *shopping centers*.

Figura 36: Os quatro diferentes endereços da CEUACA.



Fonte: Google Maps

Justino Magalhães(2004) constantemente nos lembra da importância de valorizar os contextos geográficos, sociais e culturais nos quais as instituições educativas estão inseridas, pois estes interferem no quadro da organização institucional e nas experiências vividas pelos sujeitos que habitam, circulam, educam-se nestes espaços. A educação, lembra o autor, é um processo que se dá ao longo de toda a vida, consistindo numa “subjativação e integração progressivas, cuja objetivação se traduz na capacidade de criar e corresponder aos desafios da realidade, mediante uma resposta intelectual, adequada, reflexiva, responsável, comprometida” (MAGALHÃES, 2004, p. 118).

Ecléa Bosi(2012), em complemento à ideia de que “as lembranças se apoiam

¹⁴⁷ Esquina no encontro das ruas Borges de Medeiros e Rua dos Andradas Local de grande representação no imaginário popular da cidade de Porto Alegre. A Rua da Praia, uma das formam a esquina, desde o século XIX é ponto tradicional de passeatas e manifestações. Registrou inúmeros atos políticos e artísticos durante os anos de 1970 e em 1982 foi palco do movimento pelas “Diretas Já”, ano em que recebeu a denominação “Esquina Democrática”. O espaço foi tombado pelo município em 1997. (Fonte: Memorial descritivo da Prefeitura Municipal de Porto Alegre).

nas pedras da cidade”, destaca que a vida do grupo está estreitamente ligada à morfologia da cidade. Semelhante noção nos traz Pierre Mayol (1997), para quem o simples ato de sair de casa é sempre uma relação entre uma pessoa e o mundo físico e social. Bebendo dessas considerações, o endereço da CEUACA no centro de Porto Alegre não pode mais ser encarado como mero ponto fixo, passando a ser mais do que a própria concepção de lugar pode sugerir. Por isso, há que se falar em espaço social, de modo a inscrever esta instituição numa teia móvel de valores, circunstâncias e temporalidades.

O diálogo com Michel de Certeau (1996), no clássico *A Invenção do Cotidiano*, revela-se potente, especialmente quando este pensa o espaço como “o efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflituais ou de proximidades contratuais” (CERTEAU, 1996, p.200). São estes os principais norteadores que orientam esta parte do estudo.

Aproximando-me ainda mais do propósito da análise, remeto a um excerto do romance “*A Boca do Céu*”, publicado por Charles Andrade Froehlich (1995), escrito com base na sua própria vivência e percepção sobre a Casa dos Estudantes Universitários (CEU-1), localizada no centro da cidade de Santa Maria-RS.

Da calçada massacrada em frente desvenda-se o que é o edifício: um retângulo posto de lado, encravado em lasca no centro urbano. (...) O terreno vale milhares face a localidade. Não há aluguel. A especulação imobiliária baba e cerca as redondezas com concreto a apartamentos mais espaçosos. A sociedade média de preconceito burguês disseminado faz grossos olhares, imaginando absurdos, fantasiando histórias, criando lendas. E ali dentro, a respeito do dito e soprado, vaza a vida de um andar de Pandora, nem melhor nem pior, múltipla como em tantos lugares do mundo, entretanto, com pinceladas de experiências peculiares. (FROEHLICH, 1995, p.17).

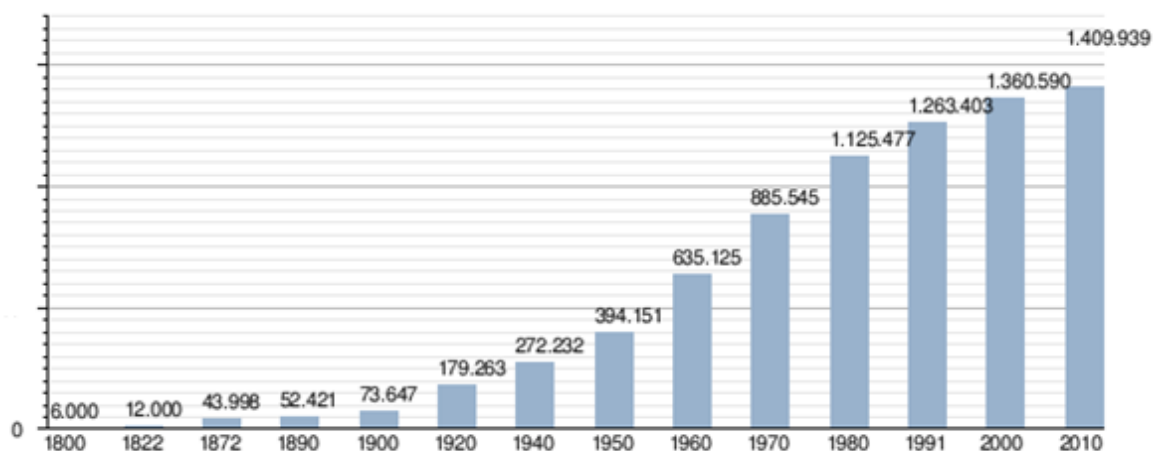
O autor constrói, por meio de tom poético, representações labirínticas, tramas de convívio observáveis dentro e fora deste espaço. Suas considerações sobre o lugar ocupado pelo prédio da Casa na malha urbana e no imaginário que a orbita nos auxiliam na leitura de possíveis estigmas, paradoxos e ambivalências de uma Casa de Estudantes. Permitem melhor compreender o *lugar onde a Casa mora*, a posição que ela ocupa enquanto caractere deste grande texto humano que é a

cidade, para usar uma bela metáfora de Michel de Certeau¹⁴⁸.

Mas, ao pensar a localização da CEUACA, de que cidade estamos falando? Como era a Porto Alegre das décadas de 1960 e 1970? Para fazer um rápido retrospecto, partimos das considerações de Célia Ferraz de Souza e Dóris Maria Müller (2007), que, ao discutirem a evolução urbana da cidade, classificam o período compreendido entre os anos de 1890 e 1945 como sendo a fase da industrialização, alimentada pela formação de um mercado consumidor relativamente amplo e pelo estrangulamento das importações de manufaturados, consequência das duas guerras mundiais do período.

Como consequência desta industrialização, a cidade tem um significativo incremento populacional, saltando de pouco mais de 50 mil habitantes em 1890, para mais de 270 mil em 1940. Destacam-se como grandes obras deste período a construção do Cais do Porto (1914-1922) e a abertura da Av. Farrapos (1940). O posterior prolongamento desta última, pela atual BR-116, será fundamental para o deslocamento industrial e populacional, que daria origem à futura região metropolitana. Até o fim do período, a localização das indústrias estava concentrada ao longo da Rua Voluntários da Pátria, das Avenidas Cristóvão Colombo e Benjamin Constant, havendo posteriormente uma migração para o bairro Passo D'Areia. A zona norte tornou-se intensamente ocupada por uma população basicamente operária e comercial.

Figura 37: Crescimento populacional da cidade de Porto Alegre.



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

¹⁴⁸ CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer. 2ª Ed. Trad. De Ephraim F. Alves e Lúcia Endlich Orth. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

O período das décadas de 1960 e 1970 foi marcado pelo que Souza e Müller (2007) chamaram de fase da metropolização¹⁴⁹, passando a formar um todo orgânico com as cidades vizinhas. A industrialização saiu no encaixo da pavimentação da BR-116, de Canoas até Sapucaia do Sul e posteriormente, em função da BR-101, segue o caminho da região leste, na direção de Cachoeirinha e outros municípios do entorno. Apesar deste deslocamento, diversos ramos comerciais, de infraestrutura financeira e administrativa e serviços mais sofisticados de saúde, lazer e cultura seguiram concentrados em Porto Alegre. Neste período, o centro da cidade, onde se localiza a CEUACA, seguia densamente habitado, dividindo o território com o comércio e mercado de serviços.

Rui, que morou na Casa nos anos de 1968 e 1969, recorda que “havia cinemas enormes, com filas e filas” no centro da cidade e que aos sábados à tarde e à noite “o povo seguia todo para o centro, para caminhar, para ver as lojas”. Lembra-se ainda que era uma tradição comprar o “Correio do Povo, edição de domingo, ainda quente, ou seja, recém-saído das máquinas”. Conta que durante a Ditadura, “como a Casa ficava no centro, os tumultos e os corre-corres aconteciam na rua que passa pela frente do prédio”. São memórias de um tempo em que o centro de Porto Alegre comportava outras sociabilidades.

Quando ouço esta narrativa, facilmente consigo imaginar aquele jovem oriundo das camadas populares e que ingressou no círculo universitário e na nova urbe, tentando inscrever-se nela. E então lembro do meu próprio processo de inserção, do tempo que levei para apropriar-me de tudo aquilo, de perder o medo daquela cidade que parecia querer engolir-me. Como deveria me portar? O que fazer? Quais lugares poderia ou deveria frequentar? Rui conta o quão difícil foi este processo, “apanhei muito...não foi fácil!”, recorda. Muitas vezes senti-me como Rui, que na seguinte frase traduziu a tônica desta condição: “sendo um colono bobo e tendo de conviver com essa gurizada esperta da cidade”¹⁵⁰.

Para Magalhães (2004), o lugar ocupado por um edifício na paisagem física e humana, seus acessos ou formas de isolamento refletem, condicionam ou estimulam a relação com a comunidade envolvente. Numa primeira mirada sobre as

¹⁴⁹ Na periodização criada pelas autoras, o período da metropolização vai de 1945 até a atualidade. (MÜLLER, Dóris Maria; SOUZA, Célia Ferraz. Porto Alegre e sua evolução urbana. 2º ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

¹⁵⁰ Entrevista com Rui Adolfo Kirst, produzida em 17/02/2017.

implicações do endereço da Casa na rua Riachuelo, nº 1355, poderíamos destacar o seu caráter facilitador para a mobilidade dos estudantes até a Universidade ou entre Universidade e o trabalho. Assim como hoje, nas décadas de 1960 e 1970, todas as linhas do transporte público cortavam o centro da cidade, facilitando os deslocamentos. Rui fala da praticidade com que chegava à Faculdade de Direito da UFRGS, para onde ia a pé. Já para chegar ao CPOR, onde também era aluno, pegava o trólebus¹⁵¹ na Avenida Salgado Filho. “Eu estranhei depois que eu saí da CEUACA, quando fui morar lá na Rua Santana, ali atrás do Julinho. Aí a gente sente, não morava mais no centro, tinha que trabalhar de dia e ir para a aula de noite”¹⁵².

Figura 38: O trólebus em Porto Alegre

Linha Menino Deus



Fonte: Companhia Carris Porto-Alegrense

Esta localização central, mais do que ter facilitado a mobilidade de seus moradores, parece ter sido decisiva para muitas das estratégias de manutenção financeira da instituição, por facilitar o acesso do público externo ao Restaurante

¹⁵¹ O trólebus (aportuguesamento da palavra inglesa trolley bus), é um autocarro elétrico, alimentado por uma catenária de dois cabos superiores a partir da qual recebe a energia elétrica mediante duas hastes, não necessitando faz uso de vias especiais ou carris na calçada. Passaram a funcionar em Porto Alegre no ano de 1964, porém, devido a insuficiência de força da rede elétrica e pela campanha deflagrada pelo Sindicato dos Rodoviários e imprensa, acabaram sendo tirados de circulação em 1969. (Fonte: Companhia Carris Porto-Alegrense)

¹⁵² Entrevista com Rui, em 17/02/2017.

Universitário e a reunião dançante por ela mantidos. Waldomir lembra que “muitos estudantes que não eram moradores, os chamados comensais, preferiam almoçar no restaurante da Casa por causa da sua localização, pois trabalhavam e estudavam no centro, embora a FEURGS tivesse um restaurante na Av. Azenha”¹⁵³. Quanto às reuniões dançantes, Nivaldo lembra que “na época havia as boates da moda que eram caras e isolavam pelo estrato social. Como os preços dos ingressos para a festa da CEUACA eram mais acessíveis, a boate era sempre lotada, sempre cheia, atraindo um público de classe média para baixo”¹⁵⁴.

Igualmente importante é perceber nestas narrativas que a Casa acabou sendo utilizada por outros grupos além dos moradores¹⁵⁵. Há que se notar que, ao mesmo tempo em que era afetada de múltiplas formas por este espaço urbano, também instituía-lhe determinadas dinâmicas e sociabilidades, pois “as instituições educativas, se transmitem uma cultura, não deixam de produzir culturas, cuja especificidade lhes confere uma identidade histórica” (MAGALHÃES, 2004, p.125).

Mas quão difícil é decifrar o espaço social de uma cidade! Para percebê-la como um todo coeso seria preciso sair dela, observá-la do alto e “ser apenas este ponto que vê”. Mas isto é uma “ficção do saber” (CERTEAU, 1996, p.170). Os praticantes ordinários da cidade, que por ela caminham e a experimentam, “escrevem um texto urbano sem poder lê-lo”. (CERTEAU, 1996, p.171). Se é hercúlea esta tarefa de representar o estudante que vai enredando-se nesta trama cidadina, a memória dos antigos moradores da Casa nos permite ao menos tentar imaginar um pouco do sabor desta experiência.

Eu me recordo que a gente costumava andar pela cidade... Naquela época ainda havia o Treviso ali no Mercado Público, um bar que praticamente virava a madrugada, onde as pessoas iam para tomar sopa. E mesmo os estudantes conseguiam ir. A gente andava pelo centro da cidade sem nenhum medo. Também muito comum naquela época, depois do almoço, a gente ir até o Café Rian para tomar um cafezinho (Nivaldo, em 18/04/2017).

¹⁵³ Entrevista com Waldomir, em 08/04/2017.

¹⁵⁴ Entrevista produzida com Nivaldo, em 18/04/2017.

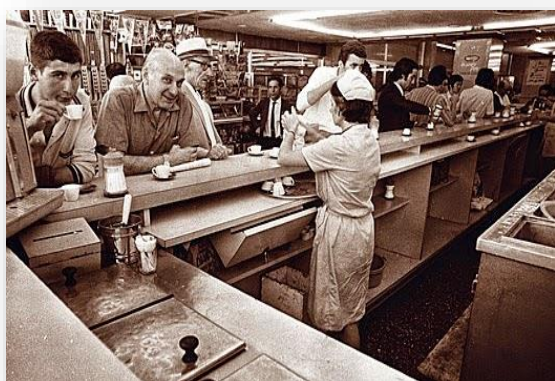
¹⁵⁵ Este aspecto voltará a ser discutido nos subcapítulos 4.3 e 4.4.

Figura 39: Café Rian – Espaço de sociabilidades no Centro de Porto Alegre-RS



Inaugurado em setembro de 1964, em seu interior reuniam-se muitos jornalistas, imprensa esportiva principalmente, vereadores, deputados, corretores. Estes faziam do famoso Café sua tribuna. Sem internet, notícias on-line somente por lá.

Inovador, foi o primeiro em somar lanchonete, bombonière e restaurante. Em suas mesas, sempre lotadas, reinava a democracia e igualdade, gente comum ou famosa o café era sempre igual para todos¹⁵⁶.



Café em Porto Alegre era sinônimo de Rian, onde políticos e artistas incluídos ficavam em torno do balcão aguardando as xicrinhas quentes e o fumegante líquido negro, que chegava num bule, a rodo...

AdeliSell¹⁵⁷

Fonte: Porto Alegre-Personagens e Di Rihan

Figura 40: Mercado Público de Porto Alegre em 1970.



No Treviso, conspirávamos, queixávamo-nos de amores não correspondidos e curtíamos, com uma sopa milagrosa, alta madrugada, nossas bebedeiras de juventude.

Carlos Alberto Reis Sampaio¹⁵⁸

Fonte: Jornal do Mercado¹⁵⁹

¹⁵⁶ Página Bistrô Di Rihan (<http://www.dirihan.com.br> / Acesso em 10/05/2017) e página Porto Alegre-Personagens (<https://www.facebook.com/poapersonagens/photos/> Acesso em 13/09/2017).

¹⁵⁷ Jornal Sul 21, em 23/01/2013.

¹⁵⁸ Em Jornal O Expresso. Em <https://jornaloexpresso.wordpress.com/> Acesso em 16/09/2017.

¹⁵⁹ Em: <https://jornaldomercado.com.br/ameaca-de-demolicao/> Acesso em 17/09/2017.

Pouco a pouco, da escuta destas memórias, que num primeiro momento poderiam parecer mera nostalgia de uma cidade que já não existe mais, vão emergindo elementos que nos ajudam a melhor dimensionar os espaços ocupados pela Casa. Se a CEUACA, em si mesma, fez parte da estratégia de permanência na Universidade do grupo social em questão, muitas outras situações iam demandando a engenhosidade do estudante que se inseria, aos poucos, numa nova cultura. É um lugar de transição, marcado por ambivalências, como se verá em diversos momentos a partir de agora. Há um processo de ascenso em curso. O relato de Waldomir, que morou na Casa em 1963, torna mais nítida esta ideia:

Naquela época, nos cinemas de calçada, a gente não podia entrar sem fatiota e gravata. Tinha que ser casaco, gravata e camisa de colarinho. E nós estudantes entrávamos lá, um jogava o casaco e a gravata lá de cima. Eu me lembro que uma vez eu fui num cinema que tinha ali na av. Borges de Medeiros e o cara jogou a fatiota de lá de cima para mim. Só que o cara tinha 1,98m e eu mal tenho 1,60m. O casaco dele em mim virava casacão e eu pisava na ponta da gravata. (risos) Quando acendia a luz estava todo mundo de qualquer jeito! Aí logo depois terminaram com esta história (Waldomir, em 08/04/2017).

Este esforço em buscar compreender a Casa e seus habitantes na sua relação com a urbe está ligado a um dos aspectos da mesoabordagem, proposta por Justino Magalhães (2004), para a historiografia das instituições educativas. Neste sentido, a entrevista semiestruturada através da qual foram produzidas as narrativas de memória, fontes desta pesquisa, contava com uma pergunta que dizia respeito a relação da CEUACA com as outras Casas e se haveria alguma possível marca distintiva desta, algum traço identitário ou estigma. A maioria das respostas, em um primeiro momento, foram no sentido de não identificarem uma distinção. No entanto, algumas ressalvas foram sendo feitas. Edson lembrou que “quando abriram a Casa do Estudante da UFRGS, ali da Avenida João Pessoa, muitos foram para lá. Os que tinham uma situação um pouco melhor foram para lá”. Rui relata não ter notado diferenciações, mas “quando dizia que morava na Casa do Estudante, as pessoas achavam que era a Casa da UFRGS na Av. João Pessoa. Aí a gente dizia, ‘não não, eu moro na CEUACA, na Riachuelo’”. Rui acredita que poucas pessoas soubessem da existência desta moradia.

Ao relembrares seus caminhos e descaminhos até chegarem à Casa, Nivaldo e Rui contam que tentaram uma vaga na CEU-UFRGS, mas ante a negativa, seja por ser estudante da PUC, no caso de Nivaldo, ou por não haver

vaga, no caso de Rui, foram tentar a CEUACA. João Pedro, por sua vez, que morou na Casa da JUC enquanto terminava o secundário, recorda que, entre seus colegas, os que “passavam do vestibular da UFRGS iam para a Casa da João Pessoa, outros ficavam na JUC, e para nós, que não entramos na UFRGS, tinha a alternativa da CEUACA”.

O primeiro ponto que destaco na análise dessas narrativas é que a Casa parece de fato constituir-se em uma alternativa, ao menos a partir de 1971, quando a CEU-UFRGS é inaugurada, oferecendo cerca de 400 vagas. A CEUACA passou a acolher uma demanda que a Universidade não conseguia atender, além dos alunos de outras instituições de Ensino Superior.

Sobre este aspecto, há uma importante característica do perfil dos ceuacanos a considerar. Segundo Nivaldo, “a maioria era de escolas privadas, da PUC¹⁶⁰, da FAPA¹⁶¹, da UniRitter¹⁶² e de faculdades da região metropolitana, como a ULBRA¹⁶³”. Lembra, contudo, que “também havia estudantes da UFRGS”¹⁶⁴. João Pedro nos dá mais pistas sobre estes estudantes alunos de instituições privadas e moradores da CEUACA. Conta que, em geral, eram “trabalhadores que ganhavam dois salários mínimos, com um salário pagavam a PUC e o outro pagavam uma parte à Casa, aquela taxa e as despesas pessoais¹⁶⁵”. Para este grupo, mais do que uma condição de permanência, a CEUACA parece ter-se constituído na condição de possibilidade da presença no Ensino Superior.

Redirecionando para a questão de um possível traço identitário ou estigma em relação aos ceuacanos, não foi possível apontar, através das narrativas de memória, a existência de tal característica, ao menos claramente posta no plano discursivo. Contudo, parece ter havido de fato um sombreamento da instituição quando é inaugurada a CEU-UFRGS, momento em que esta torna-se como sinônimo de “Casa do Estudante”, título que durante tanto tempo havia pertencido a CEUACA.

A não identificação de estigmas ou classificações exógenas sobre os ceuacanos não significa que valorações de toda ordem não estivessem subentendidas, permeando de alguma forma aquelas relações. Neste sentido, não

¹⁶⁰ Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

¹⁶¹ Faculdade Porto- Alegrense.

¹⁶² Centro Universitário Ritter dos Reis.

¹⁶³ Universidade Luterana do Brasil.

¹⁶⁴ Entrevista com Nivaldo, em 18/04/2017.

¹⁶⁵ Entrevista com João Pedro, em 17/03/2017.

parece incorreto considerar algumas percepções individuais, pois estes marcadores podem manifestar-se em situações bastante específicas. A narrativa de Flávio é um bom exemplo do que busco dizer:

Quando se queria fazer uma movimentação de estudantes, os moradores da CEUACA eram visados para espalhar os folhetos. Os caras do DCE da UFRGS eram uns “bunda”, tudo classe média alta. Daí da hora de espalhar os folhetos e colar os cartazes, queriam que eu fosse, que era o “pobre fodido”. Assim era com a maconha. Uma vez prenderam quatro caras porque estavam puxando fumo lá em cima do Diretório Acadêmico, eram três “bundas” e um pobre. Os três “bundas” os pais soltaram e o pobre ficou apodrecendo na cadeia. Aí eu pensei, se eu começar a usar droga, eu vou apodrecer na cadeia, porque minha mãe era analfabeta, não sabia falar português [somente o dialeto da colônia alemã], era lá do São José do Herval, nunca tinha vindo a Porto Alegre. Por isso eu nunca usei drogas! (Flávio, em 19/09/2015).

Esta declaração é rica de significados. Primeiro porque permite ver que o patrulhamento da Ditadura sobre o meio acadêmico não era somente ideológico, mas visava controlar outras práticas dos estudantes. Depois, porque transparece possíveis divisões hierárquicas subjetivas dentro dos movimentos estudantis. Por fim, lança luz sobre o que se está discutindo aqui, o processo de inserção destes jovens economicamente empobrecidos nas culturas universitárias. Ao mesmo tempo em que se esforçam e usam de estratégias para a inscrição nesta nova cultura, mantêm-se cientes de que há um recorte de classe em vigor, fazendo-os pensar em uma possível maior vulnerabilidade, ativando sentimentos como resignação e autopreservação.

Mais uma vez a ideia de que a Casa e seus moradores ocupavam um espaço de ambivalência torna-se operatória. Havia um processo de ascensão social em curso, mas ainda não concluído. Flávio, durante a entrevista, assinalou que era “pobre, paupérrimo” e que a “CEUACA era marginal na UFRGS, ou porque pensávamos diferente, ou não porque tínhamos dinheiro...nós éramos marginais de alguma forma...”. Destaca, no entanto, que este ser marginal não é num sentido negativo do termo, mas era como se fossem “outsiders”. Quanto à Casa CEU-UFRGS, considera que lá “tudo era mais arrumadinho, mais bundinha”. Lembra ainda que apesar destas características, nunca teve nada contra esta Casa, pelo contrário, “acho que foi uma grande coisa que o governo fez pelos estudantes”¹⁶⁶.

Estas diferentes nuances na percepção dos entrevistados sobre o *lugar onde*

¹⁶⁶ Entrevista com Flávio, em 19/09/2015.

a *Casa mora* neste espaço, podem ser melhor compreendidas a partir das teorias da memória enquanto fenômeno social. Maurice Halbwachs (2003), ao discutir a complexa relação entre a memória individual e coletiva, explica que ela só é individual na medida em que é um ponto de vista singular dentro do grupo. Os membros de um grupo recordam diferentes quadros do passado, pois “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, e este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios” (HALBAWACHS, 2003, p. 51). Múltiplas são, portanto, as experiências deste habitar, as forma de percebê-lo e rememorar-lo.

Há outro importante aspecto a considerar sobre este estudante que usou, circulou e sentiu a cidade: ao entrar em Casa, ele não deixava de imediato a esfera pública. Seu lar era repleto de instâncias coletivas, de espaços de partilha. Isto faz com que a possibilidade de um espaço privado pareça muito diminuída no interior da moradia estudantil universitária.

Uma mirada para a CEUACA permitiria ampliar a concepção desta como espaço público, pois além da forma de ingresso por edital e seleção coletiva, há que se considerar todo o seu sistema de gestão partilhada e sua abertura ao *mundo exterior*. Este acesso aos de fora acontecia principalmente por meio do Restaurante Universitário (que não atendia somente aos moradores) e as reuniões dançantes, uma “festa popular”¹⁶⁷, segundo nos conta Nivaldo, onde “entrava todo tipo de gente”¹⁶⁸, como recordou Paulo. Parece ter havido, portanto, uma relação bastante orgânica entre a instituição e a cidade do entorno, e, em determinados momentos, uma extensão do espaço público da cidade para dentro da Casa.

Uma vez apresentado este painel sobre a trama de relações ceuacanas, o Hino das Casas de Estudante do Brasil abaixo transcrito, como que convida a entrar na CEUACA, para descobrir o *mundo inteiro* prometido pela canção.

Passando pela rua eu vi uma casa
 Por fora nem dá gosto de se ver
 Mas ao cruzar a porta se percebe
 Que existe um mundo inteiro pra viver
 (...)

¹⁶⁷ Entrevista com Nivaldo, em 18/04/2017.

¹⁶⁸ Entrevista com Paulo, em 08/10/2015.

No corredor à frente a esperança
 Caindo aos pedaços, mas ali
 Na sala de estudo uma lembrança
 Dos nossos velhos tempos sem dormir
 (Hino das Casas de Estudante¹⁶⁹)

Ao cruzar a primeira porta, passaríamos por um pequeno corredor, subiríamos dois ou três degraus e cruzaríamos a segunda porta. Quantas emoções ao cruzá-la! É que uma linguagem arquitetônica nunca é neutra. Isto está fortemente marcado nas narrativas que rememoram o prédio sede na Rua Riachuelo. Paul Ricoeur (2007) nos ajuda a interpretar a força destas memórias, quando aponta que “os lugares habitados são, por excelência, memoráveis. Por estar a lembrança tão ligada a eles, a memória declarativa se compraz em evocá-los e descrevê-los” (RICOEUR, 2007, pág. 59).

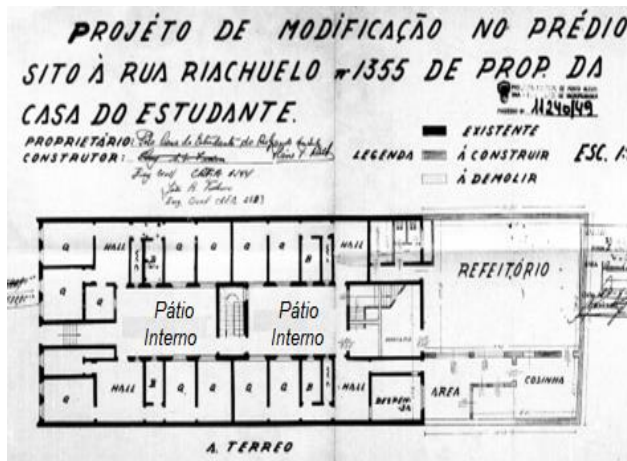
A Casa tinha corredores, a gente subia uma escada, aí tinha um corredor e um espaço interno aberto... Eu sonho muitas vezes com esses corredores... Os corredores tinham um metro e meio mais ou menos. Através deles a gente ia para os quartos. E daí cada canto, pelo menos os dois cantos da frente, era uma sala comum, que ia dar num banheiro. Nessa sala comum, meus vizinhos muitas vezes deixavam eu fazer as minhas pinturas, apesar do cheiro da tinta... Quando eu falo dos corredores, eu tenho vontade de chorar... (Flávio, em 19/09/2015).

As moradias estudantis são marcadas pela partilha de espaços como a sala, a cozinha e os quartos. É aí que os estudantes se encontram para conviver e tratar de assuntos os mais diversos. Se é verdade que as “lembranças se apoiam nas pedras da cidade” (BOSI, 2012, p. 439), para os antigos moradores, a arquitetura dos espaços da Casa parece funcionar como uma espécie de suporte para a memória contra o esquecimento, como é possível perceber na relato de Flávio, acima transcrito. Justino Magalhães (2004) observa que a materialidade de uma arquitetura institucional afeta as representações e os modos de vivenciar estes lugares. O estudo de Juciára Machado (2011), por sua vez, aponta que a observação de desenhos e pinturas feitas nas paredes e portas, assim como os objetos, as roupas e os equipamentos obedecem a uma ordem própria dentro deste universo de circulação coletiva e sociabilidades. Parece haver mesmo uma estética da moradia estudantil universitária, na medida em que “há algo na disposição espacial que torna

¹⁶⁹ Hino das Casas de Estudante. Ver letra completa no Anexo VII. Fonte: <http://sencebrasil.redelivre.org.br>. Acesso em 01/10/2016.

inteligível nossa posição no mundo, nossa relação com outros seres” (BOSI, 2012, p. 451).

Figura 41:Um aspecto do pátio interno da CEUACA.
Imagem utilizada como evocador de memórias nas entrevistas



Fonte: Imagem 1:Arquivo Municipal de Porto Alegre; Imagem 2: Arquivo da CEUACA (sem data)

Embora não seja possível aprofundar os aspectos relacionados às linguagens arquitetônicas presentes na Casa, gostaria apenas de sublinhar um elemento arquitetônico bastante importante e que encaminha o próximo aspecto que será discutido: os pátios internos da CEUACA, cujo aparência pode ser observada na figura 41 e nas plantas dos anexos VI e VI.

Embora o prédio sede da Casa não tenha sido planejado com a finalidade de moradia estudantil, pois inicialmente foi utilizado como um hotel/pensionato, os pátios internos parecem ter favorecido bastante a integração entre os moradores dos diferentes andares. Os corredores que davam acesso aos apartamentos (halls) costeavam as paredes do vão interno, integrando a Casa e permitindo interações de toda ordem. Este convívio muitas vezes engendrava atividades que poderiam ser classificadas como formativas ou de lazer. Sobre estas últimas, Paulo recorda:

Lá em cima na lavanderia se jogava futebol. Então era razoavelmente muito bom. Para pessoas necessitadas como eu... é como se eu tivesse entrado para o céu. E principalmente porque tinha diversão, tinha a parte social. Eram várias coisas, para quem vem do interior sem nada, aquilo era uma grande coisa (Paulo, em 08/10/2015).

Figura 42: Jogar Xadrez: uma febre.

Imagem utilizada como evocador de memórias nas entrevistas



“Ahh, jogar xadrez! Muita gente jogava xadrez. Era uma febrezinha assim. Então os melhorzinhos no xadrez subiam de ranking”.

João Pedro Stédile¹⁷⁰

Fonte: Arquivo da CEUACA

Figura 43: Futebol na lavanderia.

Imagem utilizada como evocador de memórias nas entrevistas



“Aqui nessa lavanderia nós jogávamos bola. Era time de três, com goleirinha. Nós jogávamos o sábado inteiro!”

João Pedro Stédile¹⁷¹

Fonte: Arquivo da CEUACA (sem data)

¹⁷⁰ Entrevista produzida com João Pedro, em 17/03/2017.

¹⁷¹Idem.

João Pedro recorda os músicos que tocam na Casa e a realização de saraus. “A CEUACA me ajudou no meu processo de formação cultural”, lembra. Também falou de uma espécie de “clube do cinema” que havia na Casa: “Como ali no centro tinha muitos cinemas nós íamos muito e depois debatíamos os filmes, dávamos dicas, havia muito debate em torno dos filmes”¹⁷². Memórias semelhantes sobre estas experiências culturais foram narradas por Flávio:

Nós trazíamos filmes, que nem “Queimada!”, um filme que me marcou muito numa época, do Carlo Pontecorvo, que tinha o Marlon Brando como ator principal. Nunca mais vi este filme. Muito interessante, falava sobre imperialismo, colonialismo. Muita coisa respingava para a casa do estudante. Eu trazia muita coisa para a Casa, dicas do que estava se passando (Flávio, em 19/09/2015).

Como se pode perceber, muitos e diversos são os aprendizados e dificuldades rememoradas a partir da experiência de morar numa Casa de Estudantes. Justino Magalhães (2004) constantemente nos lembra da importância de valorizar os contextos geográficos, sociais e culturais nos quais as instituições educativas estão inseridas, pois estes interferem no quadro da organização institucional e nas experiências vividas pelos sujeitos que habitam, circulam, educam-se nestes espaços. Foi isto que busquei realizar nessas páginas.

A localização central da CEUACA parece ter facilitado a inserção deste estudante de baixa renda no círculo universitário, permitindo que tivessem facilitadas experiências culturais e formativas diversas. Ao mesmo tempo, revelou-se importante no histórico institucional, onde ficou perceptível a utilização desta localização privilegiada para as estratégias de manutenção da Casa.

Também foi possível perceber que, apesar de ter sofrido um possível sombreamento a partir da inauguração da CEU-UFRGS na década de 1970, a CEUACA seguiu cumprindo um importante papel, absorvendo uma demanda que as Casas mantidas pela UFRGS não atendiam. Além disso, a CEUACA parece ter sido um elemento central da estratégia do estudante trabalhador das instituições privadas de ensino. Olhar para os movimentos de ingresso e afirmação do grupo em análise no Ensino Superior permitiu perceber um pouco da complexa relação entre uma pessoa e o mundo físico e social e as múltiplas formas de significá-la. Se não foi possível uma leitura mais clara sobre uma possível identidade institucional

¹⁷² Entrevista produzida com João Pedro Stédile, em 17/03/2017.

ceuacana, as narrativas permitiram perceber as formas bastante particulares de atribuição de sentido, de construir em si *o lugar onde a Casa mora*.

Depois de tudo o que foi dito, afinal, que marcas são estas que a vivência de uma cidade e uma Casa produz na memória? Como medi-las, dizê-las, resumi-las? Como funcionam estas “*lembranças que se apoiam nas pedras da cidade*”? Parece que, assim como os historiadores, também os poetas tentaram traduzi-las...

Olho o mapa da cidade
Como quem examinasse
A anatomia de um corpo...
(É nem que fosse meu corpo!)
Sinto uma dor infinita
Das ruas de Porto Alegre
Onde jamais passarei...¹⁷³

4.3 “Vamos ter que brigar!”: a Ditadura e o Maio de 68 vistos a partir da Casa

A discussão sobre a CEUACA como parte de um espaço social não se encerra, ao contrário, perpassa toda a análise da pesquisa. Neste momento, o enfoque está nas interfaces entre a história institucional da Casa e o contexto político, 1963-1981, marcado pela Ditadura Civil-Militar e o *Maio de 1968*. Como vem sendo reafirmado até aqui, as instituições educativas são organismos vivos, integrados a estruturas mais amplas. A localização no centro político, econômico e cultural da cidade, bem como sua independência administrativa e o perfil social dos moradores, instigam o olhar para esta outra forma de organização estudantil, ultrapassando os muros da Universidade, buscando compreender como aqueles eventos foram percebidos neste espaço.

Porém, mais que remeter aos acontecimentos deste período para contextualizar um objeto de pesquisa, aqui pontuo o compromisso da História da Educação em historiografar os eventos relacionados à Ditadura, sobretudo num país marcado pela impunidade aos agentes do regime. É um passado recente que não pode dar-se ao luxo de esperar, porque segue reverberando forte no presente.

¹⁷³ QUINTANA, Mário. Apontamentos de História Sobrenatural. Porto Alegre: Editora Globo, 1984.

Vivemos tempos em que é preciso dizer o óbvio, reafirmando constantemente os valores da democracia. A pesquisadora Carolina Kaufmann (2017), quando analisa a situação das produções sobre a Ditadura argentina, faz coro na defesa da importância em realizar estes estudos, não devendo os resultados serem medidos de forma pragmática ou utilitarista, pois seriam antes um dever ético dos historiadores. É este o espírito que conduz a presente reflexão, que busca inscrever a CEUACA neste contexto histórico.

A análise inicia por uma conjuntura mais ampla, traçando um quadro que busca refletir os paradoxos entre utopia e repressão nos eventos do contexto 1964-1985. Em seguida, volto o olhar para estes mesmos eventos, mas a partir da CEUACA e das memórias de oito de seus antigos moradores, que estão amplificando mais e mais os sentidos desta experiência de moradia. São circuitos de leitura, divisões ideológicas, formas variadas de perceber aquele momento histórico e as relações dos estudantes com outras organizações populares, dando conta da complexidade do espaço social que a Casa do Estudante constituía, contribuindo para “iluminar processos que não se encaixam no tradicional par repressão/resistência” (MOTTA, 2014, p. 18).

Como referido na introdução deste trabalho, a educação acaba tornando um alvo estratégico e campo de disputas nos processos de mudanças políticas. Segundo Motta (2014), as universidades brasileiras são um espaço privilegiado de observação do embate entre diferentes forças sociais durante a Ditadura Civil-Militar de 1964. Também este autor aponta que a interferência da Ditadura sobre estas instituições foi marcada por ambiguidades, no sentido de ao mesmo tempo modernizá-las e reprimi-las, reformá-las e censurá-las.

Na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) foi instalada, em 1964, a Comissão Especial de Investigação Sumária (CEIS), que se encarregou do desligamento dos docentes classificados como subversivos¹⁷⁴. O historiador Boris Fausto (2012) reforça esta ideia de que a educação foi especialmente visada pelo Regime, pois já no 1º de abril de 1964, dia do Golpe, a sede da União Nacional dos Estudantes (UNE), no Rio de Janeiro, foi invadida e incendiada, sendo a entidade posteriormente dissolvida, passando a atuar na clandestinidade.

O tempo passava, a Ditadura se mantinha, mostrado em 1968 uma das suas

¹⁷⁴ HOLZMANN, Lorena. Org. Universidade e repressão: os expurgos na UFRGS / Associação de Docentes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2.ed. Porto Alegre, RS: L&PM, 2008.

mais duras faces no Ato Institucional nº 5 (AI-5), que autorizava o Presidente da República a decretar o recesso do Congresso Nacional, intervir nos estados e municípios, cassar mandatos parlamentares e suspender por dez anos os direitos políticos de qualquer cidadão. Face ao medo dos movimentos de resistência em deixar rastros de suas ações, estes passam a agir de forma clandestina, afim de não serem apanhados. O movimento de trabalhadores inovou na forma de organização das greves, de modo que a mobilização ocorria dentro das fábricas, em rede e sem lideranças ostensivas, o que dificultava o serviço de monitoramento realizado pelas forças militares¹⁷⁵. Com o Decreto-lei 477 de 1969, a mão da Ditadura mais uma vez cai pesada sobre a educação, punindo, por meio de julgamentos sumários, professores, alunos e funcionários que deflagrassem movimentos com a finalidade de paralisar as atividades escolares, organizassem passeatas, comícios ou que confeccionassem materiais ditos “subversivos”.

Paralelamente à escalada repressiva, o Brasil sentia os ventos de 1968 que sopravam do mundo. Apesar do imaginário em torno do Maio de 68 parisiense, este é um evento muito mais amplo, com movimentos que começaram antes e tiveram seguimento posteriormente. Entre as principais características comuns atribuídas ao fenômeno estão contestações ao imperialismo e à ordem instituída e o crescimento de organizações de esquerda, de contraculturas e de utopias¹⁷⁶.

No Brasil, o emblemático 1968 é impactado pela morte do estudante secundarista Edson Luís, pela Polícia Militar do Rio de Janeiro, quando este participava de uma manifestação contra a baixa qualidade da comida fornecida aos estudantes no restaurante Calabouço¹⁷⁷. Milhares de pessoas acompanham o seu funeral e sua morte representou um grande desgaste na imagem dos militares ante a opinião pública. Este episódio foi o catalisar da retomada das manifestações de rua durante a Ditadura¹⁷⁸, como a simbólica *Passeata dos 100 mil*¹⁷⁹.

Muitas eram as pautas, pulverizados eram os movimentos. Mesmo a busca democrática, principal bandeira dos movimentos opositores ao Regime, tem seus

¹⁷⁵ SCHWARCZ, Lilia M; STARLING, Heloisa M. Brasil: uma biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

¹⁷⁶ HOLZMANN, Lorena; PADRÓS, Enrique Serra. 1968: Contestação e Utopia. Porto Alegre: Ed. Da UFRGS, 2003.

¹⁷⁷ O restaurante Calabouço foi inaugurado em 1951 na antiga sede da UNE, na Praia do Flamengo, mas foi transferido no ano seguinte para a Avenida Infante Dom Henrique.

¹⁷⁸ FAUSTO, Bóris. História do Brasil. 14 ed. São Paulo: Edusp, 2012.

¹⁷⁹ A passeata ocorreu em 26 de junho de 1968, na cidade do Rio de Janeiro, contando com a participação de estudantes, artistas, intelectuais e outros setores da sociedade brasileira.

matizes. Afinal, de que tipo de democracia se está falando? Qual democracia buscavam? Qualquer generalização pode revelar-se uma armadilha. Como nos lembra Carrillo-Linares (2015), a luta contra a Ditadura não significava um alinhamento automático a um modelo de democracia de corte liberal, de modo que boa parte dos movimentos estudantis mundiais nos anos de 1960 e 1970 tinha posições de corte marxista revolucionário¹⁸⁰.

No contexto autoritário do Brasil pós-64, algumas das narrativas de antigos moradores da CEUACA, como a de Edson Canabarro, professor aposentado da rede pública estadual e militante do Partido Comunista Brasileiro (PCB), têm permitido perceber a dimensão e o alcance dos eventos franceses.

Quando eu passei no vestibular da UFRGS, era época de 1968, uma fornada de indivíduos protestou contra a Ditadura. Porque na Europa houve protestos que eu acho influenciaram aqui. Tinha um cara que liderava as passeatas lá na França, era o Rouge ¹⁸¹. (...) Então a gente lembrava disso, e muitas passeatas começaram. Eu ouvia falar que estava morrendo gente pelo DOI-CODI, pelo DOPS, naquela época se ouvia falar mais no DOPS. Então pensamos - “vamos ter que brigar!”, “Vamos ter que lutar!” (Edson, em 08/03/2017).

É este excerto das memórias narradas por Edson que vai nos aproximando do objetivo deste segmento do estudo, qual seja, pensar a CEUACA enquanto instituição educativa na sua relação com os eventos políticos eleitos como principais marcadores do recorte temporal 1963-1981: a Ditadura Civil-Militar brasileira e o Maio de 68. Neste sentido, há que se destacar a amplitude do controle que o Regime buscava ter sobre os movimentos estudantis, lançando seus olhos vigilantes para dentro de espaços privados como a Casa do Estudante, embora nestes locais as dimensões pública e privada estejam em alguma medida imbricadas, como já brevemente discutido. Os relatos têm dado conta da presença dos chamados “*ratos*”, agentes civis recrutados pelo Sistema Nacional de Informações (SNI):

Nós tínhamos desconfiança de algumas pessoas de dentro da Casa do Estudante, uma delas confirmou-se depois que era um agente da Ditadura

¹⁸⁰ Segundo Carrillo-Linares (2015), os diversos grupos políticos do movimento estudantil ao redor do mundo agruparam-se em torno de três núcleos principais: os marxistas-leninistas, trotskistas e os anarquistas. Cada um destes contou ainda com correntes e sub-grupos. Dentro do grupo marxista-leninista, sobressaíram-se os maoístas. Segundo o autor, o maoísmo teve grande impacto no movimento estudantil de todo o mundo, especialmente devido a Revolução Cultural (1966-1976).

¹⁸¹ Referência a Daniel Cohn-Bendit, líder estudantil protagonista da massiva movimentação popular em maio de 1968 em Paris, conhecido como “Dany le Rouge”.

mesmo. É o que nós chamávamos na época de “ratos”. Eram informantes que ganhavam para isso. O Sistema Nacional de Informações tinha agentes civis, que eram recrutados e que se infiltravam nos movimentos populares, dentro do movimento estudantil, dos movimentos de massa, do movimento operário. Eles estavam dentro das reuniões (Nivaldo, em 18/04/2017).

Quanto aos movimentos contestatórios no fluxo de 1968, como já referido, eram múltiplas as bandeiras empunhadas. Ainda assim, é possível traçar alguns grandes eixos, que contribuem no esforço explicativo do pesquisador, como por exemplo, as críticas aos sistemas de ensino, suas estruturas rígidas e a reivindicação por democracia nas relações internas das instituições¹⁸², liberdade e auto-organização. No Brasil, a Lei nº 4.464 de Novembro de 1964, conhecida como Lei Suplicy de Lacerda, é exemplo de ataque frontal a estes princípios, ao substituir a UNE pelo Diretório Nacional de Estudantes (DNE), mero apêndice do Ministério da Educação. Neste contexto, torna-se interessante contrastar os efeitos de tais medidas com os sentidos construídos sobre a autonomia e o modelo administrativo da CEUACA. Algumas das narrativas de memória vêm revelando representações sobre o caráter autogestional como um aspecto valorizado e distintivo da instituição. Nereu, morador entre de 1965-1970, concedeu o seguinte relato:

Havia uma questão de honra para a CEUACA: a Ditadura jamais poderia mandar em nós! Éramos como um oásis de democracia dentro de uma ditadura generalizada. Foram períodos terríveis! Eu passei ali os piores momentos do Regime. Quantitativamente, nós tínhamos uma frente de luta minúscula, mas éramos um foco de resistência. Éramos vistos com maus olhos e havia espiões dentro da Casa. Uma das questões acerca das quais mais lutavam contra nós, principalmente a Reitoria da UFRGS, era de que nós deliberássemos por nos subordinarmos como Casa do Estudante à Universidade. Passaríamos a ser subordinados legalmente, coisa que não aceitamos (Nereu, em 19/11/2015).

Por outro lado, este contexto de autogestão e suas decorrentes instâncias decisórias, parece ter favorecido a manifestação, dentro da Casa, do cisma ideológico observado no contexto histórico em análise. As narrativas têm demonstrado que estas forças acabaram sendo reproduzidas no interior da CEUACA, materializadas no conflito *Gringos X Comunistas*, ligados, respectivamente aos campos ideológicos da direita e esquerda. Paulo, em sua narrativa, fornece-nos um bom cenário deste acirramento:

¹⁸² FAUSTO, Bóris. História do Brasil. 14 ed. São Paulo: Edusp, 2012.

Na Casa do Estudante sempre existiram dois partidos: os de esquerda e os de direita. E eram aguerridos, influenciadores, lavadores de cabeça! Faziam lavagem cerebral! (...) Se você tivesse a sorte de entrar do lado dos veteranos de direita era mais fácil você entrar para a direita do que para a esquerda. Porque terminavam fazendo a tua cabeça. Se você tivesse a sorte ou azar, sei lá, vai de cada um, naqueles quartos de esquerda, onde eles se concentram, fazendo grupinhos, facilitando discussões e as parcerias, era óbvio que você iria para o lado da esquerda (Paulo, em 08/10/2015).

A análise do conjunto das narrativas de memória produzidas denota uma competição por espaços de poder dentro da Casa, como a Direção ou outras instâncias decisórias, a exemplo da Assembleia e do Conselho Deliberativo. Mais do que cargos ou decisões administrativas de curto prazo, estavam em jogo também as diretrizes quanto aos rumos, ao futuro da instituição, razão pela qual o elemento ideológico parece acentuar-se. Os relatos sobre estas disputas vêm indicando a existência de demarcações e sentimentos de pertença, memórias revestidas de uma carga valorativa e analítica, na medida em que são evocadas para explicar uma determinada situação ou contexto. Ecléa Bosi (2012) fala num “desejo de explicação”, que atua tanto no presente quanto no passado, “integrando experiências nos esquemas nos quais a pessoa norteia a sua vida” (BOSI, 2012, p. 419). São miradas para o passado com as lentes do presente, focalizadas pelas ideias que conferem um sentido a nossa presença no mundo.

Entre as inúmeras narrativas que transparecem os aspectos ideológicos, escolhi dois excertos para a discussão. O primeiro é uma fala de Paulo sobre as administrações de esquerda na CEUACA:

Tempos de esquerda, tempos de penúria. (...) Acontecia assim, a direita ganhava um, dois, três anos. E a esquerda tentando angariar adeptos com os bichos, até que chegava uma época em que eles conseguiam ultrapassar a direita e ganhar a administração da Casa. Aí acontecia algo muito peculiar: aquele ano a situação econômica da CEUACA degradingolava. Porque o pessoal da esquerda gosta muito de discutir, gosta muito de se reunir, gosta muito e se impor, mas de trabalhar, de procurar dinheiro, que a Casa procurava constantemente, eles não eram muito desta parte. Abandonavam essa parte, ficavam mais na parte política, na parte filosófica (Paulo, em 08/10/2015).

Já Paulo d'Ávila, que parece identificar-se ao grupo dos chamados *Comunistas*, assim recorda o tempo em que foi Diretor da Casa:

Um tempo depois teve eleições, ganhamos primeiro o Conselho e depois a diretoria da Casa e derrotamos os Gringos. E nós precisamos fazer uma

revolução na Casa, porque ela estava falida. Uma das coisas que nós fizemos foi que todo mundo trabalhasse, de presidente ao último lá. Eu mesmo, fui Presidente, trabalhava na bilheteria, trabalhava aqui, trabalhava lá. (...) E diferente dos privilégios de quem conseguiu dinheiro com os deputados, governadores e tudo mais, a nossa gestão não recebia um tostão. (...) Verbas públicas não vinha um centavo. Vários dias da semana era sopão, carne estava difícil, então era ovo cozido. Estava mal mesmo a coisa! Nós conseguimos recuperar e começou a entrar de novo aquela chuleta, naquela chapa de fogão à lenha. E olha, chegamos num padrão de comida muito bom. Nós dávamos de 10 a 0 no RU da UFRGS! (Paulo d'Ávila¹⁸³).

A proposta aqui não é, nem poderia ser, confrontar versões, mas buscar entender como antigos moradores da CEUACA constroem, nas narrativas de memória, sentidos sobre sua experiência nesta coletividade. A partir destas considerações, o aspecto ideológico parece ter bastante força na formulação das representações sobre a experiência de viver a CEUACA, de modo que as dissonâncias entre as diferentes narrativas podem ser melhor compreendidas. A elaboração da memória, como nos lembra Ulpiano de Menezes (1992), acontece no presente, para responder as demandas deste mesmo presente. Complementando esta ideia e citando mais uma vez Kaufmann (2013), remeto ao próprio paradigma científico que orienta este estudo: as representações não são um mero reflexo da realidade, mas são a própria construção desta. Tais considerações são importantes para entendermos os significados diversos atribuídos a vivência de um mesmo espaço, numa mesma temporalidade.

Além disso, há que se considerar a complexidade dos fenômenos de militância e filiação a determinadas correntes de pensamento. Carrillo-Linares (2015) lembra que não é possível reduzi-los aos conceitos ideológicos, embora haja grande influência destes. Para o autor, o ativismo político nas universidades sempre foi marcado por uma dimensão de proximidade pessoal, seja pelos riscos inerentes do contexto repressivo, seja pela forma como se dá a aderência a certos discursos e linhas políticas e ideologias, não devendo ser desconsideradas as influências de amigos, colegas de turma, namorados, professores, por meio do compartilhamento de sensibilidades que excedem o puramente político, como as afinidades musicais, literárias, a arte, a estética, etc. De certa forma, a fala de Paulo transparece esta ideia, quando diz que “se você tivesse a sorte de entrar do lado dos veteranos de

¹⁸³ Fala de Paulo d'Ávila durante a cerimônia de comemoração dos 65 anos da CEUACA, em 1999. Disponível para acesso em: <https://www.youtube.com/watch?v=LaDF3LdGfNs&t=881s>. Acesso em 24/09/2017.

direita, era mais fácil você entrar para a direita do que para a esquerda”¹⁸⁴.

É possível identificar no histórico institucional da CEUACA alguns importantes marcadores associáveis ao campo ideológico à esquerda, como a cessão do prédio sede da Rua Riachuelo nº 1355 pelo casal Israel Almeida e Maria Antônia Cora de Almeida, ambos membros do Partido Comunista Brasileiro (PCB). Como exposto anteriormente¹⁸⁵, a doação foi no propósito de homenagear a memória do filho Aparício Cora de Almeida, secretário da Aliança Nacional Libertadora (ANL¹⁸⁶), morto em 1935, no contexto varguista e em circunstâncias nunca muito bem esclarecidas¹⁸⁷. A despeito deste e outros episódios, bem como do grupo social que compunha a Casa, constituído por estudantes oriundos de camadas populares, não é possível falar em filiação automática a um discurso, tampouco na predominância de uma ideologia dentro da instituição analisada. Mesmo que Aparício empreste seu nome a CEUACA, a pesquisa vem indicando que a imagem deste e o episódio de sua morte foram apropriadas de distintas formas pelos moradores nos anos que se seguiram.

Especificamente com relação ao Regime Civil-Militar que então ocupava o poder, Nereu, ao também relembrar a cisão ideológica no interior da Casa, enfatiza que “havia inclusive simpatizantes da Ditadura, simpatizantes!”. Conta, no entanto, que apesar de as assembleias serem “muito tumultuadas, nunca chegamos a extremismos, a partir para a agressão física”¹⁸⁸. Também João Pedro lembra o quanto “as assembleias eram disputadíssimas. Quentes! Tudo foi quente!”¹⁸⁹.

Apesar do cisma ideológico *Gringos x Comunistas* ser importante para uma leitura histórica da instituição CEUACA, tendo concorrido para a significação desta vivência pelos entrevistados, não há como falar em um perfilamento automático e coerente dos antigos moradores a um ou outro grupo. As narrativas utilizadas como

¹⁸⁴ Entrevista com Paulo, em 08/10/2015.

¹⁸⁵ Cap. 2. *Os primórdios da casa como instituição*, p.81.

¹⁸⁶ Aliança Nacional Libertadora foi oficialmente lançada no Rio de Janeiro, em 30 de março de 1935. Segundo Fausto (2012), tratava-se de uma ampla frente de esquerda, composta por comunistas, socialistas e antigos tenentes insatisfeitos com os rumos do governo de Getúlio Vargas. Em julho de 1935, após um manifesto de Prestes conclamando à derrubada do governo de Vargas, este, com base na Lei de Segurança Nacional, ordena o fechamento da organização.

¹⁸⁷ A morte de Aparício ocorreu na noite do dia 13/10/1935, num restaurante no bairro Tristeza, em Porto Alegre, com um disparo de arma de fogo na altura do ouvido. A versão oficial da conta de que se tratou de um acidente, fruto de uma brincadeira da vítima com seu próprio revólver. Esta versão, no entanto, sempre foi contestada e a morte foi trada pela família e pelo grupo político de Aparício como assassinato, impetrado pela polícia do General Flores da Cunha, então governador estadual.

¹⁸⁸ Entrevista com Nereu, em 19/11/2015.

¹⁸⁹ Entrevista com João Pedro, em 17/03/2017.

fontes desta pesquisa não cessam de manifestar diferentes matizes, outras formas de colocar-se, ou não colocar-se, naquele contexto. É o caso de Flávio, que faz uma leitura destes embates posicionando-se em um outro lugar, aparentemente fora dos polos:

Se tu eras de classe média e quisesses agredir os teus pais, o que a maioria da classe média jovem quer, tu usavas droga ou eras de esquerda ou então viravas naturalista. Era uma destas três coisas para agredir os pais. Alguns deles viravam comunistas, mas nem sabiam o que era o comunismo. Eu achava meio idiota isso. Tinha essa Guerra Fria entre EUA e Rússia, mas eu não era nada disso! Eu tinha vindo com a Doutrina Social da Igreja na cabeça. Eu não era comunista nem socialista. (...) E depois eu saí do DCE porque eu não queria essa coisa da política surreal, de derrubar governos, essa coisa toda meio ilusória. E eu não gostava desta violência, porque eu vinha do seminário... (Flávio, em 19/09/2015).

Embora este não seja um estudo quantitativo, é relevante notar a diversidade de nuances que emergiram de apenas oito narrativas de memória sobre a questão ideológica. Considerando este como sendo um dos marcadores de identidade, faz-se importante ressaltar que tais posicionamentos não devem ser entendidos como estáveis, ou seja, que tenham permanecido inalterados do transcurso de tempo entre o vivido e o narrado, ou ainda, que caracterizem uma essência destes sujeitos. Neste sentido, faz-se operatória a ideia de sujeito pós-moderno de Stuart Hall (2015), segundo o qual possuímos identidades diferentes em diferentes momentos, que podem até mesmo ser contraditórias e estar em contínuo deslocamento. O sentimento de uma identidade unificada ao longo de toda uma vida seria o fruto da construção de uma “cômoda história sobre nós mesmos ou uma confortadora narrativa do eu” (HALL, 2015, p.12).

Feitas estas observações, seguimos discutindo ainda as narrativas decorrentes da pergunta sobre as posições políticas dentro da Casa, realizada durante as entrevistas. Indagado sobre este aspecto, Waldomir, morador da CEUACA em 1963, quando era estudante do último ano de Odontologia e trabalhou no consultório dentário, respondeu-me: “eu nunca me envolvi em política estudantil, eu não sabia da coisa”. Ao falar sobre as divisões ideológicas, pontuou que sua visão política “sempre foi humanística, de ajudar os outros”. E acrescentou: “atender um colega, um estudante [no gabinete odontológico], era uma coisa que me deixava realizado”. Não deixou, no entanto, de tecer algumas críticas aos comunistas, “especialmente aqueles que são comunistas com o dinheiro dos outros”. E sobre

estes, completa: “nunca fazem um serviço social”¹⁹⁰.

Se variados são os matizes ideológicos e as formas de perceber o contexto político fora e dentro da Casa, variadas e complexas também parecem ter sido as maneiras de se relacionar com os agentes militares. Quando Rui recebeu-me em sua Casa para relembrar seus tempos de CEUACA, contou-me que o ano de 1968 foi bastante marcante em sua vida, quando entrou na UFRGS, na CEUACA e no Centro de Preparação de Oficiais da Reserva (CPOR), em virtude de seu alistamento militar. Lembra ainda que nesta época Porto Alegre encontrava-se “no maior agito” por causa das manifestações contra a Ditadura, mas que ele não poderia participar destes atos, pois como aluno do CPOR, era considerado um militar e não um civil. “Nós éramos proibidos de participar de qualquer manifestação”¹⁹¹, conta. Em sua narrativa, Rui põe-se num lugar espectador daqueles episódios:

Um dia quando eu voltava da faculdade, o centro de Porto Alegre estava na maior das confusões. A Polícia do Exército (PE) largando pau na turma! Eu tive de fazer uma volta enorme para poder chegar até a nossa Casa, me arrastando e escondendo, porque havia o corte de cabelo de milico, até encontrar um sargento lá na rua Duque de Caxias. Identifiquei-me, disse que eu era do CPOR, que estava proibido de participar de qualquer ato e que não sabia como eu ia chegar até em casa, porque já era meia noite e tanto e na manhã seguinte, às 7h em ponto, eu deveria estar em formatura no CPOR. Ele então me acompanhou até a porta da Casa do Estudante, são e salvo! Por isso eu não participei de nada, não sei de nada, nós éramos proibidos. Mas que era muito bagunça era! (Rui, em 17/02/2017).

A fala de Rui transparece um outro aspecto já analisado¹⁹², mas igualmente importante na análise institucional da CEUACA e sua pertinência para os movimentos estudantis: o espaço-social ocupado no centro da cidade de Porto Alegre. A Casa localiza-se a uma quadra da praça do poder do estado do Rio Grande do Sul, cercada pelo Palácio Piratini, Assembleia Legislativa, Catedral Metropolitana e próximo à chamada Esquina Democrática¹⁹³, locais emblemáticos para as manifestações públicas. Muitas vezes a Casa funcionou como um ponto estratégico para as ações de resistência contra a Ditadura, não só de estudantes,

¹⁹⁰ Entrevista com Waldomir, em 08/04/2017.

¹⁹¹ Entrevista com Rui, em 17/02/2017.

¹⁹² No subcapítulo 4.2 *Uma Casa, um espaço social*.

¹⁹³ Esquina no encontro das ruas Borges de Medeiros e Rua dos Andradas Local de grande representação no imaginário popular da cidade de Porto Alegre. A Rua da Praia, uma das formam a esquina, desde o século XIX é ponto tradicional de passeatas e manifestações. Registrou inúmeros atos políticos e artísticos durante os anos de 1970 e em 1982 foi palco do movimento pelas “Diretas Já”, ano em que recebeu a denominação “Esquina Democrática”. O espaço foi tombado pelo município em 1997. (Fonte: Memorial descritivo da Prefeitura Municipal de Porto Alegre).

mas também de outras categorias mobilizadas.

Neste sentido, Nivaldo lembra: “quando a repressão apertava, o pessoal do movimento estudantil e pessoas que vinham de outras localidades entravam ali na Casa do Estudante, porque depois que fechávamos aquela grade de ferro não tinha como a repressão entrar.” O entrevistado também recorda de uma greve da construção civil em 1979: “os operários recolhiam dinheiro nas paradas de ônibus, nas avenidas ali no centro da cidade e levavam em sacos plásticos lá para a CEUACA, onde era feito um fundo de greve”¹⁹⁴. Esta localização da Casa próximo aos principais pontos de manifestação política da época, torna recorrentes os relatos de episódios de confronto que se desenrolaram no seu entorno ou até mesmo dentro dela.

Figura 44: Uma escaramuça na frente da Casa do Estudante.



Quando os choques de controle de tumulto chegaram à Rua Riachuelo, houve uma escaramuça na frente da Casa do Estudante Universitário Aparício Cora de Almeida, com os estudantes que ali residem. Em consequência, recebeu ferimentos o estudante de engenharia José Felix, natural do Paraná, além de ser preso o presidente da entidade, Nelson Tomaselli, aluno do 4º ano de Medicina. Dois homens da Brigada Militar ficaram na porta do estabelecimento, exigindo identificação de todos os que quisessem entrar. (Diário de Notícias, 29/06/1968)

Um destes casos foi de certo modo incorporado a uma tradição oral da Casa, tendo sido por mim ouvida, enquanto morador a partir de 2006, mais de 40 anos depois do ocorrido. A narrativa transcrita a seguir, trata da emblemática cena em que estudantes atiraram bolinhas de gude em direção aos cavalos da Polícia Militar. Um dos desdobramentos deste episódio foi a prisão do então morador da CEUACA, Nereu, que assim lembra o ocorrido:

¹⁹⁴ Entrevista com Nivaldo, em 18/04/2017.

Na época houve uma manifestação estudantil, a repressão era muito violenta e alguém, ou um grupo de manifestantes, jogou bolinhas de gude nos cavalos dos brigadianos. Dois ou três cavalos foram derrubados e se lesionaram. Então houve uma perseguição e os estudantes se refugiaram dentro da Casa e nós não abrimos e eles ameaçavam de arrombar. Alguns estudantes que estavam voltando da aula naquele momento foram presos. Fizemos uma Assembleia Geral Extraordinária e deliberaram que eu deveria, por ser o estudante de Direito, trabalhar para soltá-los no DOPS. E fui! No que eu coloquei o pé para fora da Casa, havia uma Kombi estacionada ali na Riachuelo, então deram-me um empurrão para dentro da Kombi: era o próprio diretor do DOPS, Marco Aurélio Reis, que se prestou para esta violência, indo pessoalmente ali. Então eu fui preso (...). (Nereu, em 19/11/2015).

São recorrentes relatos de prisões e tentativas de prisão de outros moradores, bem como sobre os momentos de negociação dos estudantes com as autoridades militares pela soltura de colegas e a entrada de agentes da Ditadura na Casa procurando subversivos. João Pedro lembrou o caso de seu colega de quarto, conhecido como Inácio Mafra, que foi procurado pela polícia na CEUACA: “Ele pulou na lavanderia lá atrás, pulou nos prédios, correu para a Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, onde deve ter procurado algum deputado do PMDB”. Dias depois, sem ter qualquer notícia acerca do paradeiro de Inácio, viria a notícia arrasadora, numa manchete do jornal Folha de São Paulo: “Foi assassinado em confronto com a política o guerrilheiro Inácio Mafra”. João Pedro lembra a comoção gerada na Casa pela morte do companheiro, a ponto de chegarem a encomendar uma missa em sua memória: “Aí, depois com a anistia em 1979, 1980, acho que foi uma irmã dele que me escreveu, dizendo que ele não tinha morrido! Ele fugiu para Belo Horizonte e lá trocou de nome, fez concurso para o Banco do Brasil, virou bancário e casou com nome falso”¹⁹⁵.

Nivaldo, por sua vez, amplia as perspectivas sobre as relações entre movimento estudantil, movimento operário e moradores da CEUACA, ajudando a dimensionar a participação de parte destes estudantes nas organizações de contestação à Ditadura.

Havia organizações que buscavam fazer a junção do movimento estudantil com o movimento operário, sendo muito comum uma atividade do movimento de massa dos trabalhadores ter o apoio estudantil e vice-versa. Isso acontecia porque, de vez em quando, alguém era preso, então todos estes movimentos se encontravam na luta pela liberdade de quem estava preso, pela liberdade de quem já estava condenado. Parte dos estudantes

¹⁹⁵ Entrevista com João Pedro, em 17/03/2017.

da Casa estava participando ou apoiando o movimento. O Paulo Grapiglia e o Adeli Sell foram presos, pois embora não fossem operários, eram lideranças (Nivaldo, em 18/04/2017).

Percebe-se, portanto, que a CEUACA não ficou alheia aos acontecimentos políticos do contexto da Ditadura, seja por sua localização no Centro Histórico da cidade de Porto Alegre, ponto de grande agitação política no período, seja porque o círculo acadêmico foi especialmente visado pelo regime, como já referido. Nem mesmo como espectador foi possível ficar indiferente a tais acontecimentos. Pensar a Casa nesta perspectiva é fundamental para a escrita de seu itinerário histórico, pois, como destaca Justino Magalhães (2004), as instituições educativas possuem uma hermenêutica e heurística complexas, baseadas no entrelaçamento de nexos entre memórias, arquivos e pelo “cruzamento de planos sincrônicos e diacrônicos, internos, externos, relacionais” da instituição (MAGALHÃES, 2004, p.128).

Estamos diante de uma série de atravessamentos, situações, demandas que se apresentavam a este jovem estudante que ao mesmo tempo vivia e construía a CEUACA. Muitos destes, como se verá adiante, significaram estas experiências decorrentes do contexto político como formativas, assim como a característica autogestional da Casa, na medida em que a manutenção e administração de toda a estrutura oferecida a oportunidade de simular papéis diversos. Para além deste caráter formativo que poderíamos chamar de não-intencional, por ser uma consequência da autogestão, parece haver outro, intencional, do qual a presença de uma biblioteca no interior da Casa parece ser sintomática.

Como também lembra Justino Magalhães (2004), as instituições educativas possuem uma estrutura física, uma estrutura administrativa e uma estrutura sociocultural. Para o caso da CEUACA, a biblioteca parece ter sido uma das principais expressões desta estrutura sociocultural. Ao se analisar o perfil predominante de moradores, que dividiam seu tempo entre o trabalho durante o dia, aulas à noite e as atividades de manutenção da Casa, a existência de tal recurso junto ao local de moradia torna-se aspecto relevante de análise, com implicações tanto na organização quanto nos sentidos e o papel que a Casa do Estudante atribuía a si mesma.

Por outro lado, os títulos de periódicos e livros contidos nesta biblioteca nos dão ideia de alguns dos discursos jornalísticos e literários que circulavam no interior

da Casa, auxiliando-nos a melhor dimensionar a “socialização e formação de hábitos” bem como as “mudanças de atitudes e interiorização de valores” (MAGALHÃES, 2004, p.145). Os relatos dão conta de que a CEUACA mantinha a assinatura dos principais jornais do país e do estado do Rio Grande do Sul, além de adquirir publicações censuradas pela Ditadura.

Eu me lembro que chegamos a comprar para a nossa biblioteca, mesmo depois de cesurados, o *Zero*, de Ignácio de Loyola Brandão, *Em Câmera Lenta* do Renato Tapajós. (...)E também os grandes clássicos latino americanos da época, como o Garcia Marquês, Vargas Llosa, Borges e tantas outras da literatura brasileira (Nivaldo, em 18/04/2017).

Eu sou grato a CEUACA porque a Casa fazia assinatura de jornais e deixava naquela salinha lá da entrada. Tínhamos o *Correio do Povo*, o *Correio da Manhã*, o *Estado de São Paulo*, onde ainda saía alguma coisa contra a Ditadura, porque os Mesquita lá eram contra o governo, então nós assinávamos o *Estadão* (João Pedro, em 17/03/2017).

Já Edson Canabarro relata que quando entrou na Casa, embora já tivesse ouvido falar sobre marxismo, ainda se considerava brizolista¹⁹⁶: “Lembro que alguém me atirou lá pela janela um livrinho do Mao Ste Tung e então eu emprestei para o Inácio Maфра, um ‘catarina’ que estudava filosofia”¹⁹⁷. Falas como estas e de outros moradores apontam para um circuito interno de leituras para além das publicações presentes na biblioteca da instituição. Outras narrativas também fazem referências às estratégias de burlar o olhar vigilante da Ditadura, como a utilização de capas de jornal para encobrir os títulos dos livros que circulavam entre os quartos.

Na CEUACA, apesar da Ditadura, tinha um clima muito bom, porque circulava muito livro. Nós escondíamos os livros, colocávamos capas de jornal para disfarçar. Era um ambiente de muito debate político nos quartos e muita circulação de livros. Toda a literatura marxista que eu tive acesso no início foi lá. Também circulava muito panfleto. Na época tinha mimeógrafo, então circulava muito boletim de mimeógrafo, com notícias da Guerrilha do Araguaia em 1972, 1973. Então nós ficávamos torcendo: “Será que vai dar certo lá os guerrilheiros?”. Depois começou já a luta pela abertura, aí já pegamos o início do jornal “Movimento”, o próprio jornal “Opinião” (João Pedro, em 17/03/2017).

¹⁹⁶ Por brizolista entende-se que seja filiado aos princípios trabalhistas de Leonel de Moura Brizola (1922-2004), figura proeminente da política brasileira, com mais de 50 anos de vida pública e fundador do Partido Democrático Trabalhista (PDT) em 1979. É alinhado às ideologias trabalhista e social-democrata, sendo o único partido brasileiro a integrar a Internacional Socialista.

¹⁹⁷ Entrevista com Edson, em 08/03/2017.

Afora estas narrativas sobre as leituras, há uma série de outras dando conta da existência de clubes do cinema dentro da Casa (grupos de estudantes discutindo filmes) e a frequência a bares e cafés do entorno, locais de encontro de estudantes e intelectuais, reforçando a ideia de um ambiente fértil de influências, discussões, debates político e trocas culturais.

Na reflexão aqui exposta, a estratégia utilizada foi a de inicialmente trazer alguns elementos sobre a organização do Ensino Superior no país, a estrutura universitária, um panorama sobre os movimentos estudantis em sentido mais *stricto*, mesclados com importantes episódios da histórica política no Brasil. Isto permitiu pensar o quanto a educação é visada pelos regimes políticos que buscam consolidar-se no poder, oferecendo uma imagem da amplitude de interferência da Ditadura no sistema educativo brasileiro. Paralelamente, ao se fazer um apanhado geral dos reflexos do fenômeno *Maio de 68*, apontando para algumas especificidades da manifestação no contexto local, foi possível observar quão variadas foram as pautas dos diferentes movimentos sociais de então e o sentido polissêmico da própria democracia que se buscava.

A proposta de mirar o contexto político a partir da CEUACA permitiu perceber a complexidade das dinâmicas internas desta instituição e toda a vitalidade nelas contida, tornando aparentes divisões ideológicas e fazendo perceber que a filiação a determinados discursos não acontece de forma automática. Também foi possível inscrever as Casas de Estudante como outra forma de organização estudantil, e a partir dela, outros matizes de percepção e relação com a Ditadura Civil Militar de 1964 e o Maio de 68.

As instituições educativas, como lembrou Justino Magalhães (2004), são um emaranhado de ações, explicações, comunicação, poder, relações com a comunidade envolvente e povoadas de representações e memórias frequentemente contraditórias. Isto deve ser, conforme o autor, um estímulo à aproximação aos referidos climas e contextos institucionais. As memórias aqui mobilizadas dão a ver formas de construção de representações dos sujeitos desta coletividade e o jogo de forças que compuseram a estrutura administrativa, identitária e simbólica da Casa.

O processo de tessitura de uma história da instituição educativa CEUACA segue o seu fluxo de complexificação deste espaço de sociabilidade, lançando olhares atentos à gama de relações ali presentes. O enfoque do próximo subcapítulo está nas representações sobre a presença feminina na Casa, fortes nas narrativas

de memória de antigos moradores, sendo por esta razão constituídas em uma das categorias de análise do presente estudo.

4.4 As vênias de um pecado: a presença feminina na Casa

Embora oficialmente admitidas somente a partir de 1987, é possível perceber que nas décadas anteriores as mulheres circulavam neste espaço, contrariando preceitos e normas escritas nos estatutos que regiam a instituição. Seja como moradoras clandestinas, frequentadoras dos bailes que lá ocorriam ou namoradas dos ceuacanos, a sua presença vem mostrando-se significativa para uma leitura histórica da organização em foco. Para além da norma escrita, a metodologia da História Oral permitiu a emergência de outras representações sobre a presença do sexo feminino nos círculos acadêmicos e nas Casas de Estudante, em específico.

No entanto, faz-se importante uma ressalva: embora este estudo tangencie a temática da ocupação do espaço público pela mulher, entre eles a Universidade, este é um tema complexo, do qual farei apenas algumas aproximações. As fontes utilizadas nesta pesquisa estão restritas às representações que emergiram das narrativas de homens que viveram o espaço social da Casa do Estudante, sendo estes apenas parte de um círculo universitário porto-alegrense das décadas de 1960 e 1970. Dentro do objetivo maior da pesquisa - escrever uma história da CEUACA - a circulação das mulheres neste espaço foi construída como uma das categorias de análise, no sentido de melhor compreender aquela dinâmica institucional. A ausência das vozes femininas que frequentaram este espaço justifica-se, portanto, pela construção *a posteriori* desta categoria.

Embora não seja o foco central, um breve estado da questão sobre como o tema 'mulher' tem comparecido à historiografia é importante. Pensar o seu processo de ocupação do espaço público requer que nos remetamos à longa história de organização política e reivindicatória por direitos sociais, sem deixar de considerar alguns protagonismos individuais e iniciativas pioneiras. Rachel Soihet (1997) faz um amplo apanhado sobre esta discussão historiográfica. Inicia pontuando a diversidade da categoria "mulher", tão diversa em sua condição social, seu pertencimento étnico-racial, nas crenças religiosas, etc., razão pela qual seria mais correto falar em uma

História das Mulheres. Não deixa de destacar ainda a centralidade que a História Cultural teve na emergência destas abordagens.

Em seu levantamento, a autora expõe os inúmeros matizes que as abordagens adquiriram, indo desde discussões que partem da categoria “gênero”, passando por “ações e lutas das mulheres”, “mulheres no trabalho”, “mulheres, família e maternidade” e “mulher e sexualidade”. Ressalta, contudo, que o ingresso tardio da mulher no espaço público resultou em escassez de fontes, o que faz que as análises estejam mais centradas em examinar o imaginário sobre as mulheres, buscando aprender cenas do seu cotidiano, ainda que muitas vezes a partir de olhares masculinos. Neste sentido, aponta para a grande importância adquirida por metodologias como a História Oral e o estudo dos escritos femininos de âmbito privado, como as epístolas e os diários.

Sobre o tema do ingresso feminino no espaço acadêmico, Manuel Carvalho Prata (2002) identifica que os discursos sobre a necessidade de educação da mulher são impulsionados a partir do século XIX, sobretudo pelo papel a ela atribuído no seio da família, a procura pela mão de obra feminina e as novas demandas das classes médias, que culminavam com a necessidade de incorporação destas pelo mercado de trabalho. No entanto, o autor alerta sobre a cautela que se deve ter na análise do fenômeno, especialmente ao tentar fixar datas ou quaisquer tipos de marcadores mais precisos sobre a escolarização do sexo feminino e a ocupação do espaço público pelas mulheres. São movimentos complexos e multifatoriais, com características específicas em diferentes países e regiões, além de processos lentos e cheios de sobressaltos.

Para pensar a circulação das mulheres num espaço destinado exclusivamente à moradia masculina, como a CEUACA, penso que seja importante mirar novamente a complexa estrutura administrava desta organização estudantil, fruto, como já demonstrado, da manutenção de uma ampla rede de assistência fornecida aos estudantes, indo de restaurante universitário a serviços odontológicos. A manutenção deste sistema exigiu uma estrutura burocrática, com regulamentos internos para cada um dos seus 12 departamentos. Há que se considerar ainda que a convivência de cerca de 120 moradores em um espaço comum também impunha formas de regulação do convívio. Para além destes aspectos de organização doméstica da Casa, estes estatutos nos dão a ver valores e imagens que a instituição buscou construir ou manter de si mesma de dentro para fora. Trata-se

daquilo que Justinho Magalhães (2004) chamaria de uma “representação oficiosa”, buscando assinalar uma imagem e um histórico “junto do poder central, da inspeção e do seu público-alvo” (MAGALHÃES, 2004, p. 127).

Neste aspecto, a mesma vigilância sobre as estudantes universitárias discutida até aqui parece ter recaído também sobre a moradia estudantil masculina, com normas que interditavam e puniam relações de proximidade com o sexo feminino. É o que se pode notar no estatuto vigente na CEUACA na década de 1960, em seu capítulo III, artigos 24 e 25, onde se lê:

Art. 24 -Manter conversações com as empregadas, salvo em caso de estrita necessidade ou em desempenho das próprias funções:

PENA: Suspensão do talão das refeições por um dia.

§ único – Se ficar provado que a palestra é de caráter libidinoso:

PENA: Suspensão do talão de refeições de um a dois meses.

Art. 25 – Manter relações libidinosas com as empregadas:

PENA: Expulsão de ambos da Casa do Estudante.

§ único – A denúncia do infrator, devidamente comprovada, poderá ser feita por qualquer morador ou cooperativado ao Diretor Interno ou Presidente da Casa do Estudante.¹⁹⁸

Uma primeira mirada a este instigante excerto deve ter produzido no leitor sensações parecidas com às que experimentei ao deparar-me com este documento, pois impressionam os aspectos relativos ao detalhamento e rigidez das penalidades. O emprego da metodologia da História Oral, no entanto, tem possibilitado a identificação de dissonâncias entre os preceitos e formalidades dos estatutos e as práticas que se desenrolavam no espaço da Casa, especialmente no que se refere às relações com o sexo feminino. Uma das primeiras entrevistas que produzi para a presente pesquisa foi com Nereu, que morou na CEUACA entre os anos de 1965 e 1970. A questão em torno da não aceitação das mulheres como moradoras emergiu de forma espontânea, elaborada da seguinte forma em sua narrativa:

Claro que ninguém é perfeito, e se existia algum pecado venial lá, era por nós não termos avançado, na época, em relação ao “Clube do Bolinha”. Havia na CEUACA a vedação de residência para mulheres. Eu fiquei muito

¹⁹⁸ Estatuto da CEUACA que vigorava na década de 1960. Encontra-se junto ao acervo da CEUACA, salvaguardado do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul.

contente quando mais tarde tomei conhecimento de que elas conquistaram o direito de morar na Casa (Nereu, em 19/11/2015).

Seguimos discutindo a questão, e contei-lhe dos relatos que davam conta do trânsito feminino na Casa, sobretudo por ocasião das reuniões dançantes que lá ocorriam semanalmente. Nereu então pontuou: “É, mas só não esquecendo que na época em que eu estive lá, neste período pelo menos, havia uma proibição formal”. Questionei se a determinação era de fato cumprida, ao que me respondeu: “Era cumprida”. Após breve pausa, completou: “claro, cumprida em termos...”. Ambos rimos.

O entrevistado seguiu relatando sobre os esforços realizados por um grupo de moradores a fim de derrubar a proibição formal do acesso das companheiras ao interior da Casa, a assim chamada Lei Bezerra, que voltará à discussão mais adiante, e faz uma leitura na qual atribui estas vedações ao pensamento conservador que vigorava na época. Estas memórias forneceram pistas iniciais importantes, que, em conjunto com as demais entrevistas, colaboraram na construção da presente categoria de análise.

A partir da escuta atenta destas falas, um elemento figurou-se chave para a leitura de algumas subversões à norma escrita: a autogestão. Ela parece ter permitido certas soluções negociadas para problemas críticos com os quais os estudantes se deparavam. É o caso de Flávio, ao relatar que no início dos anos 1970 conseguiu convencer a direção da CEUACA a admitir como moradora sua companheira Marisa, não estudante e funcionária de uma loja no centro de Porto Alegre. Se por um lado a Casa cometia o *pecado venial* de não abrir-se ao ingresso das estudantes do sexo feminino, por outro, parece ter-se mostrado acolhedora em determinados episódios.

Então eu comecei a namorar, e os pais da minha namorada, que eram de uma vila lá de Novo Hamburgo, vendo um cara barbudo e tirando Belas Artes, o velho disse: “*tu é um vagabundo!*”. Aí ele proibiu nosso namoro, ela saiu de casa e então nós estávamos na rua. Então eu pedi lá na CEUACA para ela morar comigo. (...) A diretoria da época entendeu a minha situação. É o respeito pelo problema do outro. Eu estava numa situação problemática, não sabia para onde ir. Não é que não sabia para onde ir, eu não tinha para onde ir. Não tinha escolha, a vida não é feita de escolhas.... (Flávio, em 19/09/2015).

É assim que a autonomia e autogestão da CEUACA vão perpassando todas as categorias de análise deste estudo, pois, para além de mera característica

administrativa, reverberam nas questões atinentes aos costumes, engendrando um complexo jogo de representações, que a narrativa de Paulo d'Ávila torna ainda mais evidentes:

E nós fizemos uma reunião com ex-moradores que estavam interessados em contribuir financeiramente. Mas tinha um problema de costumes dentro da Casa, e nós alertamos os moradores para que tivessem um certo cuidado. Só que eu acho que um dos moradores não foi avisado desta reunião e entrou com uma moça dentro da Casa. Nós estávamos lá na parte de baixo com estes ex-moradores e foi um estrago danado na nossa reunião. Eles queriam contribuir financeiramente, mas queriam opinar sobre os costumes da Casa. E era outra realidade, eles eram da década de 1950, nós estávamos na década de 1970. Eles achavam que se eles contribuíssem, certas coisas não poderiam ocorrer aqui na Casa. E aí um conservador desses colocou água na fervura e o nosso projeto não andou (Paulo d'Ávila¹⁹⁹).

Aqui se percebe um pouco deste jogo entre as práticas no interior da instituição e a autoimagem que esta parecia querer transmitir em determinados momentos, tendo em vista a obtenção do que que Pierre Mayol (1997) chamou de “benefícios simbólicos”. Omitir que as mulheres circulavam pela CEUACA pretendia, neste caso, comunicar aos possíveis futuros colaboradores financeiros da instituição de que na Casa eram observados os preceitos relativos aos *bons costumes*. Para uma melhor compreensão desta ideia de simbólico, é pertinente retomar o conceito de representação, que conforme Chartier (2002), auxilia a compreender o modo como uma dada realidade social é construída, pensada e dada a ler em diferentes lugares e momentos. A função simbólica, acentua o autor, possui um papel mediador, que informa as diferentes modalidades de apreensão do real²⁰⁰.

Michel de Certeau (1996), ao discutir questão semelhante, complementa que não há uma correspondência automática entre a circulação de uma determinada representação e o que ela de fato significa para seus usuários. É necessário atentar para a manipulação destas representações pelos praticantes, que, muitas vezes, não colaboraram para a fabricação das mesmas, pois só então “se pode apreciar a diferença ou a semelhança entre a produção da imagem e a produção secundária que se encontra nos processos de sua utilização” (CERTEAU, 1996, p.40).

¹⁹⁹ Fala de Paulo d'Ávila durante a cerimônia de comemoração dos 65 anos da CEUACA, em 1999. Disponível para acesso em: <https://www.youtube.com/watch?v=LaDF3LdGfNs&t=881s>

²⁰⁰ Diz Chartier (2002): “As lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são seus, e o seu domínio” (CHARTIER, 2002: p.17).

Há no excerto da fala de Paulo d'Ávila, acima transcrita, outro ponto que me parece candente para este estudo: o seu diagnóstico de que teriam sido as diferenças geracionais entre moradores das décadas de 1950 e 1970 as causadoras do imbróglio narrado. Se a pesquisa não pode neste momento adentrar nas discussões relativas à questão geracional, sob risco de tornar dispersa demais a análise em foco, creio ser possível ao menos uma relação com o recorte de temporalidade da pesquisa.

Penso que a tônica da temporalidade 1963-1981 resida no aparente paradoxo entre a repressão fruto da Ditadura Civil-Militar brasileira e o espírito de contestação advindo do Maio de 68. Sobre este último, o conflito geracional é apontado por muitos autores como sendo um de seus elementos característicos. “Eu tomo os meus desejos pela realidade porque eu creio na realidade dos meus desejos”²⁰¹, eram algumas das palavras de ordem que se podiam ouvir pelas ruas. Havia de fato todo um discurso de contracultura que questionava a autoridade do Estado e da família, perpassando também a sexualidade. É neste sentido que se pode estabelecer uma ligação entre a narrativa de Paulo d'Ávila com a de Edson, morador da CEUACA entre 1968-1972, hoje professor aposentado do magistério público estadual. Ao me receber para uma entrevista em seu apartamento, numa quente tarde do março porto-alegrense, relata:

Eu acho que naquela época houve a revolução sexual. Já que estava sendo vencida a luta política contra a Ditadura, pensamos: vamos fazer a revolução sexual! Foi também quando apareceram as camisinhas e os anticoncepcionais. Naquela época era difícil conseguir, era preciso ir até as farmácias da periferia para comprar. Eu acho que houve uma a revolução sexual. O Reich²⁰², filósofo do sexo era lido. Tem um livro chamado A Política do Orgasmo(...) Eu li um livro dele que se chama Irrupção da Moral Sexual e Repressiva (Edson, em 08/03/2017).

A narrativa transparece, além de práticas de leitura, as estratégias necessárias para a vivência deste clima de progressiva liberdade sexual, como o deslocamento até as periferias da cidade, na busca por preservativos e outros contraceptivos. Foram recorrentes nas memórias de antigos moradores, menções à vivência da sexualidade naquele contexto, embora sempre de forma impessoal, referindo-se ao coletivo CEUACA e reservando-se em revelar experiências pessoais.

²⁰¹ (PESAVENTO, 2004, p. 57)

²⁰² REICH, Wilhelm. *Revolução Sexual*. Trad: Ary Blaustein. 8ª Edição. Zahar Editores: Rio de Janeiro, 1968.

“Ali acontecia tudo aquilo que você possa imaginar na relação entre homem e mulher”²⁰³, contou-me Paulo. “Nós não dispúnhamos de recursos para estar indo para algum lugar, pagar um motel, ou seja lá o que for. E esses relacionamentos íntimos, afetivos, sexuais, tinham que acontecer em algum lugar”²⁰⁴, relembra Nereu. Neste mesmo sentido, Nivaldo, morador entre 1976-1981, significa o papel da Casa para os “ritos de passagem para a vida adulta”, e atribui ao espaço desta moradia, uma dimensão estratégica para as liberdades de comportamento.

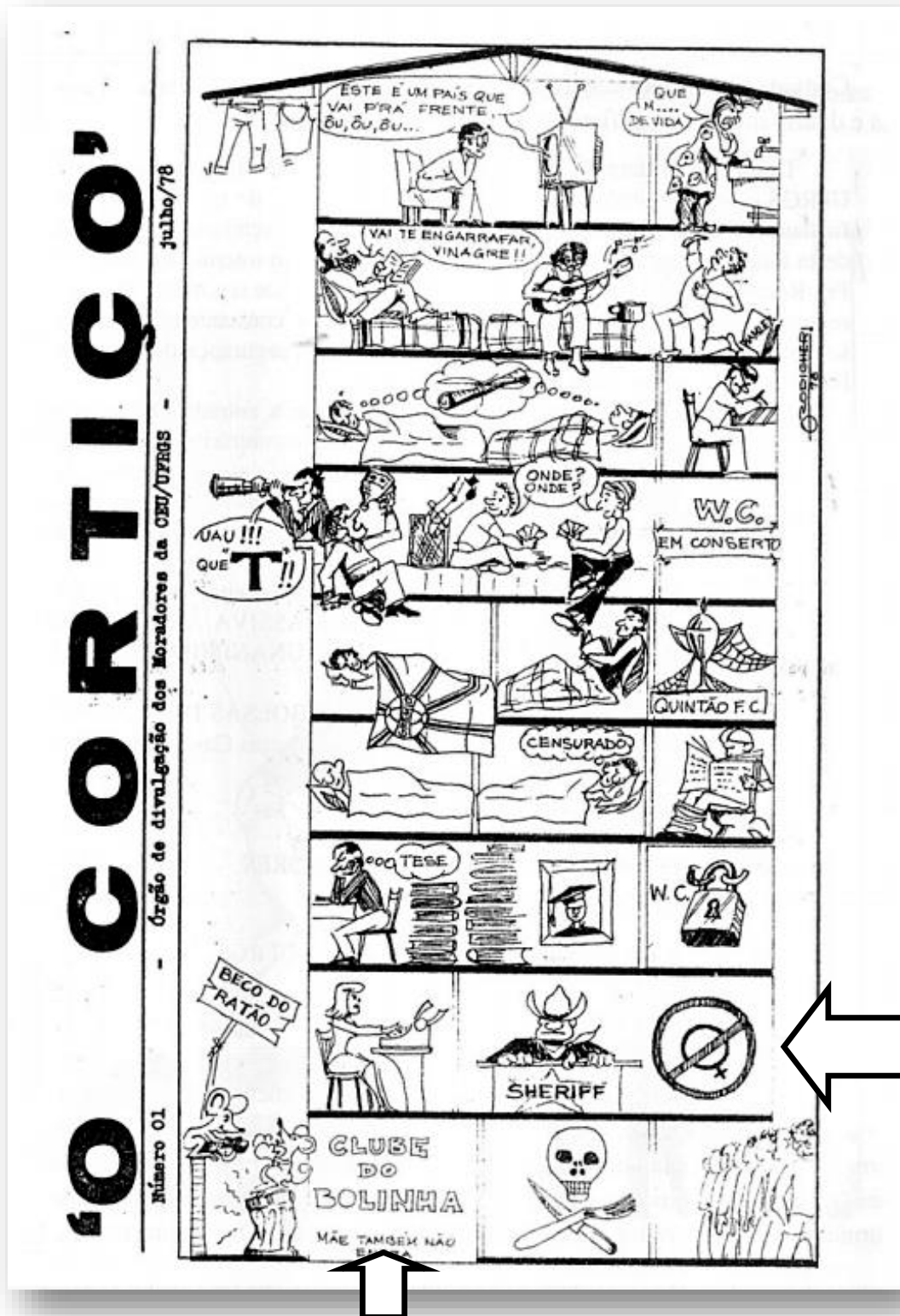
A Casa do Estudante e a Universidade eram quase um rito de passagem para as coisas da vida, para a atividade sexual, o namoro, tudo isso. Neste aspecto a Casa facilitava, porque não havia restrição de entrada de pessoas do outro sexo. Então ali também era normalmente a iniciação sexual do jovem que vinha do interior. Entravam como adolescentes sem quase nenhum conhecimento da vida e depois de 4 ou 5 anos tornavam-se adultos. (...) Eu convivi com as outras Casas de Estudante, as da UFRGS, que eram divididas em femininas e masculinas, com um policial armado na portaria, que não permitia a entrada das pessoas do outro gênero. Isso era muito rígido, com um controle muito forte da administração universitária. Mas a característica da nossa Casa do Estudante [CEAUCA] era diferente. Embora a moradia não fosse mista, a entrada do grupo feminino era permitida. O estudante morador poderia levar uma namorada para dormir lá sem problemas. Nas outras Casas era proibido (Nivaldo, em 18/04/2017).

O que Nivaldo nos narra sobre a vigilância nas Casas mantidas pela Universidade também pode ser observado no jornal produzido pela CEU-UFRGS em 1978, intitulado *O Cortiço*. Nele se encontra uma caricatura de página inteira, representando diversos tipos e situações da Casa do Estudante. No detalhe de um dos quadros (indicado pela seta maior), a figura de um xerife, fazendo valer a proibição da entrada das mulheres na Casa, expressa na parede. No segundo quadro (indicado pela seta menor), lê-se “CLUBE DO BOLINHA- Mãe também não entra”. Tanto o relato do excerto acima quanto os quadros da caricatura abaixo, dão conta de que além da vedação da moradia feminina também era proibido, ainda no final da década de 1970, o acesso das mulheres como visitantes ou companheiras dos moradores.

²⁰³ Entrevista com Paulo, em 08/10/2015.

²⁰⁴ Entrevista com Nereu, em 19/11/2015.

Figura 45: Clube do Bolinha.



Fonte: Caricatura de Osmar Rodigheri. Jornal O Cortiço, nº1, jul de 1978, in SILVA, Ângelo Ronaldo Pereira da. (org.). As Casas de Estudante da UFRGS. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

Quando Pierre Mayol (1997) discorreu sobre a questão do “morar” no clássico *A Invenção do Cotidiano*, pensou o papel do bairro para o controle, por meio de uma vontade coletiva, das práticas sexuais individuais. Entre as suas considerações está a de que este, enquanto espaço público, “não dispõe de nenhum poder de regulamentação ou de coerção para subordinar a uma vontade coletiva a prática sexual efetiva dos seus frequentadores. (...)Ele [o bairro] só tem poder sobre o discurso, sobre “aquilo que se diz do sexo”²⁰⁵. Trazendo estas considerações para pensar as tentativas de controle social representadas pelas regras instituídas, os guardas nas portas das Casas de Estudante e as formas de subverter estes bloqueios, narrados por Nivaldo, nota-se que este controle não pode ser total, estando, como qualquer norma, sujeita a toda sorte de transgressões.

A dissonância entre as práticas e a norma escrita não pode, contudo, ser generalizada ou vista como uma constante na vida institucional da CEUACA. A transgressão, neste sentido, não estava dada *a priori*, mas parece ocorrer na medida das intercorrências da vida neste estudante de baixa renda, seja para atender demandas de ordem afetiva e sexual, seja para a solução de um problema mais grave, como o de Flávio, que “simplesmente não tinha para onde ir”. Isto fica mais claro quando Nereu relata os movimentos no sentido de regularizar a situação do acesso das mulheres à Casa como companheiras dos estudantes, no final da década de 1970, com a aprovação da chamada Lei Bezerra.

Diante da proibição de que as moças fossem aos nossos quartos, um goiano chamado Bezerra, que então era o Diretor da Casa, submeteu à votação uma norma que permitia que pudéssemos receber as moças em nosso quarto. Isso foi um senhor avanço naquela época! (...) Graças a Lei Bezerra, como ficou conhecida, houve uma compreensão, uma sensibilidade para este aspecto, lógico, dentro de todos os limites, de todos os cuidados, com as regras mínimas. Este foi um dos fatos que me marcou profundamente (Nereu, em 19/11/2015).

Entrevê-se aqui o poder simbólico que a norma escrita tinha no âmbito interno da Casa, para além das representações oficiosas que se deseja externar. A letra da lei parece ser um dos sustentáculos do pacto que permitia a manutenção da complexa engrenagem ceuacana. Apesar dos acordos tácitos que autorizavam a mulher de Flávio a morar na Casa e que as namoradas subissem ao quarto, em determinados momentos a instituição precisava como que repactuar, dizer a si

²⁰⁵ (MAYOL, 1997, p.62).

mesma o que podia e o que não podia ser feito. Percebe-se aqui a organicidade institucional, que se redefine, reescrevendo-se diante de novas solicitudes da vida cotidiana. Esta organicidade, ao que tudo indica, é favorecida pela autogestão e autonomia, visto não haver órgãos externos a ela atrelada, como a complexa estrutura burocrática universitária, que torna mais tortuosos os processos de inteligibilidade dessas demandas e os posteriores encaminhamentos a fim de atendê-las.

Isto pode ajudar a compreender a tardia liberação de acesso do sexo feminino às Casas mantidas pela UFRGS – a partir da década de 1980 - seja como moradoras ou visitantes. Não quero, contudo, induzir a uma leitura que dê por resolvida essa questão. Há que se considerar que, embora a CEUACA tenha liberado formalmente a acesso das mulheres no final dos 1970, é somente em 1987 que aceita oficialmente as estudantes como moradoras, coisa que a Reitoria da UFRGS autorizou em 28 de abril de 1980. Acredito que explicações mais apuradas sejam possíveis através da escuta de moradores e moradoras das referidas décadas ou de outros vestígios produzidos no interior destas instituições, onde talvez possa ser possível apreender os termos e argumentos em que essas concessões e/ou conquistadas se deram. No entanto, esta é uma direção para a qual a pesquisa não pode avançar neste momento.

Uma questão que me parece interessante ser retomada para esta categoria de análise são as reuniões dançantes. Além de serem a principal fonte de arrecadação de recursos financeiros, conforme relatado em todas as entrevistas, é o momento em que a Casa se abria de forma mais ampla para o mundo exterior, dando entrada para toda uma outra rede de sociabilidades sobre a qual buscarei refletir a partir daqui, iniciando pelo relato de Nivaldo, que assim nos descreve estes bailes:

Tratava-se de uma festa popular, um baile, com música mecânica. A boate ficava em cima do restaurante da Casa do Estudante, era um espaço grande. E as pessoas que frequentavam ali a gente via que eram empregadas domésticas, funcionárias do comércio. O valor financeiro para entrar não era alto, porque na época haviam as boates da moda que eram boates caras que isolavam pelo estrato social. E a festa era sempre lotada, sempre cheia (Nivaldo, em 18/04/2017).

As memórias sobre estas festas foram recorrentes em todas as falas. Também Paulo nos ajuda a compreender melhor as características deste baile e a

importância que ele tinha para e renda da Casa.

Era dali que vinha cerca de 60 ou 70 % da nossa renda. Mas acontece que era um baile super quente! Vinha gente de tudo que é tipo, era aberto ao público em geral. (...)Depois de um certo tempo, em função do estilo da boate, a CEUACA ficou mal falada. Mas era uma coisa que ninguém dava bola, porque era o nosso ganha pão (Paulo, em 08/10/2015).

Seguindo a entrevista com Paulo, entramos na questão do perfil das mulheres que frequentavam a Casa. Na esteira do “vinha gente de tudo que é tipo”, indaguei se o perfil das frequentadoras era de universitárias ou se havia uma predominância destas. Este estão me respondeu: “não, elas eram das classes menos favorecidas”. Continuando, indaguei se as meninas que moravam na Casa da Estudante Universitária do Rio Grande do Sul (CEURGS), localizada na mesma rua e na mesma quadra da CEUACA, frequentavam o baile. Paulo respondeu: “Não existia um intercâmbio muito grande com elas” e reiterou que as frequentadoras da Casa “eram das classes mais necessitadas”²⁰⁶.

Há aqui um elemento interessante para este estudo e que precisa ser desdobrado: o perfil social das frequentadoras. Neste aspecto, foi possível estabelecer uma interlocução com o trabalho de Manuel Alberto Carvalho Prata (2012), que ao realizar uma ampla pesquisa sobre as sociabilidades na *Academia de Coimbra* e todo o seu entorno, igualmente contemplou a questão das mulheres. O autor as divide, pela análise que faz, em dois grupos: as estudantes universitárias e as “que vivendo na sombra da Universidade, vão amando o estudante com o amor meio carnal, meio místico”²⁰⁷.

Quanto ao primeiro grupo, o das estudantes, Prata (2002) destaca o tardio e lento processo de ingresso das mulheres nas universidades europeias, a saber, somente a partir do final do séc. XIX. Ainda assim, isso se deu de forma bastante inexpressiva, já que para o período compreendido entre 1901 e 1910, houve o registro de 8 alunas para cada ano, em toda Universidade de Coimbra. Em sua pesquisa, o autor utilizou como fontes as escritas de memória de homens que viveram aquela Academia entre os anos de 1880-1926, onde pode constatar o silêncio da “pena destes memorialistas”²⁰⁸ sobre a presença do sexo feminino

²⁰⁶ Entrevista produzida com Paulo, em 08/10/2015.

²⁰⁷ (PRATA, 2002, p.83).

²⁰⁸ (PRATA, 2002, p.234).

enquanto estudantes. É no campo do relacionamento amoroso e da sexualidade que elas aparecem nestas memórias.

Prata (2012) notou ainda diferenças quanto à forma nestes registros. Se a interlocutora era uma menina da sociedade, os escritos transparecem um tom “sério, durável e útil, porque com vista ao casamento”²⁰⁹. Mas se é de condição social inferior, as relações amorosas transparecem ares de transitoriedade, visto terem como objetivo a “simples fruição do prazer”²¹⁰. O autor considera que neste complexo tipo de relacionamento, raras vezes eram levados em conta questões de lealdade e fidelidade, por visarem essencialmente a fruição dos prazeres e, possivelmente, as diferenças culturais tenham obstruído o estabelecimento de relações mais profundas.

Para o caso da CEUACA, as considerações sobre o perfil social das frequentadoras e companheiras dos estudantes comparecem de forma bastante recorrente. João Pedro assim recorda: “vinham para o baile basicamente as empregadas domésticas, jovens, também do interior”. Conta que apesar do acesso das companheiras e namoradas ser liberado nos sábados e domingos, tudo acontecia “com um certo respeito, não era gandaia, talvez isso se devesse a nossa moral do interior”²¹¹, avalia. Flávio também descreve as moças: “eram umas gurias muito simples, que talvez tivessem o primeiro grau incompleto, meninas muito pobres, muitas delas ficavam o dia inteiro encerradas ali dentro esperando um xis-burger ou uma comidinha que vinha”²¹².

Sobre esta tônica tão marcada nas narrativas dos antigos moradores, cabe aqui observar um elemento interessante: este jovem de baixa renda, então morador de um espaço coletivo de moradia estudantil, com origens das classes populares e que provavelmente naquele momento tivesse condições financeiras similares a essas moças, parecia, em determinadas situações, já se colocar num outro patamar, mesmo que seu percurso de ascensão social ainda não estivesse concluído.

E aquelas gurias, assim tão simples, no dia a dia, dando estrutura para que aqueles estudantes não se perdessem. Eu pensava: “daqui a pouco este cara vai ser um mega médico, um mega advogado, um mega profissional. E o que ele vai fazer com esta companheira dele? Não tinha como levar aquela pessoa tão simples, muitas vezes semianalfabeta, que se sujeitava a frequentar ali, naquelas condições. Muitas vezes eu pensava nisso, o que

²⁰⁹ (PRATA, 2002, p.234).

²¹⁰ Idem.

²¹¹ Entrevista com João Pedro, em 17/03/2017.

²¹² Entrevista com Flávio, em 19/09/2015.

vai ser destas pessoas? (Flávio, em 19/09/2015).

Narrativas como estas remetem a possível existência, assim como Prata (2002) identificou para o caso português, de relacionamentos transitórios, sem perspectiva de longo prazo, fadados a não transpor a barreira social e cultural que se avizinhava. Se naquele momento o obstáculo ainda era tácito, dias viriam em que se tornaria nítido. Há que se considerar também, para uma melhor compreensão desta ideia, que muitas vezes, mais do que se colocar numa posição socialmente elevada, este estudante também era percebido desta forma pelo imaginário coletivo.

Havia situações inclusive, em que algumas mães acompanhavam as moças nas reuniões dançantes. Elas vislumbravam a possibilidade de um futuro para as filhas com estes estudantes universitários pobres. E havia uma certa simpatia das mães em relação a aqueles que tinham, digamos, a possibilidade de um êxito mais rápido, por exemplo, um futuro médico, que era uma das profissões vistas como de futuro (Nereu, em 19/11/2015).

A luz destas considerações, a CEUACA parece mais uma vez ocupar zonas de ambivalência, sendo, ao mesmo tempo, o espaço do *estudante pobre*, porém universitário, uma Casa com ares de *cortiço*, mas de localização socialmente valorizada no centro da cidade. Estes e outros paradoxos vão conformando este lugar de transição social que a CEUACA representa, muitas vezes ultrapassando os interesses dos próprios moradores. Ora, outros sujeitos que orbitavam a Casa, estudantes e não estudantes, lançavam mão deste espaço, utilizando-o para suas próprias estratégias sociais, seja uma noite de diversão a preços módicos, sejam projetos de longo prazo, como arranjar um bom casamento ou ainda em situações como as narradas por Flávio:

Tinha a boate na Casa e vinham as gurias da Voluntários da Pátria. Era muito bonito, porque elas se vestiam diferente. Elas faziam os caras gastarem cerveja no bar, para nós termos dinheiro para o dia seguinte comprar feijão e arroz. Apareciam uns homens muito ricos, amantes e fregueses dessas gurias. (...) Elas eram tipo umas irmãs da gente. Eu me lembro que elas viviam indo lá, a gente conversava.... Nós éramos muito sozinhos, a família ficava longe, a gente era perdido em Porto Alegre... Solidão... (Flávio, em 19/09/2015).

Como são complexos estes enredos que atravessaram a CEUACA!

Especificamente quanto à circulação das mulheres, o que apresentei foram alguns aspectos ou matizes que julguei importantes para o objetivo maior deste

estudo. Tal perspectiva não deve, portanto, ser absolutizada, sob pena de impedir que emergjam novas nuances deste jogo de relações. Não se pode desconsiderar que “havia namoros que se transformaram em casamentos, muitos casamentos aconteceram lá na CEUACA.”²¹³, como relata Nereu, ou a história dos dois amigos de Nivaldo que “casaram com meninas que cursavam Enfermagem e moravam na Casa feminina, ali na Rua São Manoel”. Sempre novos sentidos podem ser apreendidos por meio de outras formas de incursão, outros olhares.

Na leitura aqui apresentada, um dos pressupostos foi o de que as Casas de Estudante são instituições possuidoras de uma hermenêutica complexa, razão pela qual, conforme lembra Justino Magalhães (2004), as leituras sobre estas organizações devem ser críticas e abertas. Precisam considerar valores subjetivos, as identidades construídas nestes espaços, seus contextos sociais, culturais e geográficos. Apesar de serem análises amplas, os seus produtos não devem ser encarados como incompletos, mas como resultados temporários de um processo sempre em desenvolvimento.

A estratégia utilizada para a reflexão foi a de inicialmente compor um cenário com as abordagens da historiografia sobre as mulheres e o seu lento processo de ocupação do espaço público, especialmente a Universidade, para então chegar às representações de antigos moradores da CEUACA a respeito da circulação feminina neste espaço. Tal análise permitiu perceber a complexidade das dinâmicas internas desta instituição e os possíveis reflexos locais do fenômeno *Maio de 68*, que, para além das pautas políticas mais tradicionais, parece ter tangenciado questões relativas aos costumes e a vivência das sexualidades, reforçando o sentido polissêmico deste evento de dimensões globais.

O emprego da metodologia da História Oral, por sua vez, potencializou o alcance de outros sentidos sobre a vivência e funcionamento deste espaço social, indo para além das “representações oficiosas”. Se por um lado a CEUACA possuía regimentos com normas rígidas, uma vez que era necessário manter aos olhares de fora uma concepção de ordem, de institucionalidade sólida e de respeito aos bons costumes, por outro, eram-lhe impostas contingências estudantis maiores e das quais necessitava dar conta. A realidade era sempre mais complexa do que seus estatutos poderiam prever.

²¹³ Entrevista com Nereu, em 19/11/2015.

Embora a Casa não esteja apartada do contexto universitário, político e social do período, ela parece ter possibilitado experiências e vivências específicas a moradores, hóspedes, comensais, funcionárias e a frequentadores em geral. Para além da história da instituição CEUACA, esta leitura também demonstra que pode ser equivocada uma discussão sobre a chegada das mulheres à Universidade quanto estas são entendidas como uma categoria social homogeneizada. Há muitos matizes a serem estudados neste aspecto, esperando por novas pesquisas, especialmente em relação às estudantes oriundas das camadas populares.

4.5 Marcas de longa duração

A memória tem uma bela caixa de lápis de cor (QUINTANA, 2006, p. 159).

Após analisados os aspectos relativos à organização administrativa da Casa, o espaço social onde se inseria no centro da cidade de Porto Alegre, sua relação com o contexto político 1963-1981 e a presença feminina, passo às considerações sobre como a CEUACA é significada nos itinerários de vida destes antigos moradores e como é inscrita na biografia destes sujeitos. É importante destacar que estas memórias não se encontram soltas em um vazio, mas em relação com outras dimensões da vida destes sujeitos, com o passado que é rememorado no tempo presente e com uma memória coletiva acerca da Casa. Juntas compõem como que uma grande ciranda, com traços fixistas, cíclicos, “fruto de olhares particulares e consubstanciando-se em relatos dispersos, memórias factuais e justificativas de destinos de vida” (MAGALHÃES, 2004, p.127).

Chamada novamente para este diálogo, Ecléa Bosi (2003) vem lembrar que os sentimentos nostálgicos não devem ser desprezados na análise historiográfica, pois são intrínsecos à condição humana. A memória permite perceber a complexidade de um acontecimento, carrega-o de sentidos e tem função decisiva na elaboração das representações.

Algumas ideias já referidas são importantes e devem ser retomadas: o resgate da memória é uma ilusão, posto ser processo de permanente construção e reconstrução, e segundo Menezes (1992), os esforços para fixá-la, são justamente a prova do seu caráter fluído e mutável. Do mesmo modo, uma autobiografia também

nunca é estática, pois comporta contínuas reestruturações de eventos passados, num constante processo de “feição adaptativa” (MENEZES, 1992, p. 11).

Um ponto a considerar sobre as marcas de longa duração é que todos os oito entrevistados avaliam, de modo geral, como positiva a sua passagem pela Casa. Os primeiros contatos para a realização das entrevistas já pareciam indicar que aqueles sujeitos que aceitavam o convite para narrar suas memórias sobre a CEUACA tinham encontrado um lugar para a instituição nas suas trajetórias de vida, já haviam atribuído algum significado àquela experiência. Um deles, Flávio, no livro *Quadros que falam*²¹⁴, onde são reproduzidas pinturas de sua autoria e seus dados biográficos, assim registra sua passagem pela instituição, quando lá morou com sua companheira:

Vivíamos com meio salário mínimo, que vinha da bolsa de trabalho da Reitoria da UFRGS, morávamos em um quarto 3x4 (12m²) da Casa do Estudante e dormíamos num colchão de crina de solteiro, misturando o cheiro da comida com o do barro das esculturas e das tintas das pinturas. O tempo mais feliz do casal. (SCHOLLES, 2014, p. 17).

Embora para este estudo não tenha sido possível alcançar vozes dissonantes às valorações positivas, há que se considerar que, por outro lado, recebi muitos “nãos” como resposta a convites que fiz a antigos moradores, às vezes na forma de um e-mail jamais respondido, de uma sucessiva remarcação de datas para um dia que nunca chegava, ou de um vago “este mês não posso, talvez no próximo”. São silêncios e desvios que de algum modo também falam e, entre outras coisas, indicam que esta experiência de moradia nem sempre é elaborada como boa e educativa para aqueles que a viveram. Nem sempre há uma vontade em dizer ou pensar *o lugar onde a Casa mora*. Realizadas estas considerações, o que estou aqui discutindo, portanto, são as diferentes nuances de significações positivas.

Em um primeiro momento, é importante pensar o modo como a instituição tratou, no período em questão, a sua própria memória. Isto lança luz sobre alguns sentidos que foram construídos e narrados nas entrevistas, considerando que as memórias, individual e coletiva, estão intimamente ligadas. Retomando as considerações de Halbwachs (2006) a este respeito, é comum atribuímos a nós mesmos reflexões, sentimentos e paixões, que nos foram inspirados pelo grupo.

²¹⁴ SCHOLLES, Flávio; Coord.: HENZ, Daniel; CARDOSO, Ralfe. *Quadros que falam*. Novo Hamburgo: Um Cultural, 2014.

“Nós não percebemos que não somos senão um eco” (HALBWACHS, 2006, p. 64), nem sempre sendo de fácil percepção as relações das memórias individuais com as coletivas.

Neste sentido, trago para a discussão um aspecto que se fez notar em todos as oito entrevistas realizadas: nenhum dos antigos moradores fez referências à existência da CEUACA em outro endereço anterior ao da rua Riachuelo nº 1355. Há, em todos, uma ideia de que a criação da Casa tenha se dado com a doação do prédio pela família Almeida. Na sequência, formulo duas possíveis explicações para este mito fundacional.

As pistas para a primeira delas podem ser encontradas junto ao arquivo que a Casa constituiu. Como já exposto em outro momento, este ainda encontra-se em processo de organização no AHRs²¹⁵ e inacessível para pesquisadores. Numa análise bastante superficial deste material, que pude fazer como assistente de parte do processo de higienização, foi possível observar tratarem-se de documentos de datas posteriores a 1950. Isto pode estar relacionado ao fato de, a partir de 1944, a instituição ter deixado seu caráter itinerante, se fixando na rua Riachuelo, onde passou a contar com uma estrutura física que favoreceu a guarda dos mesmos. Este evento também marca um grande salto em infraestrutura, com significativo incremento do número de moradores e a consequente ampliação do aparato burocrático.

É neste momento que a Casa parece passar a ter uma preocupação em se *guardar*, dando origem ao significativo volume documental que a instituição possui. A Casa passou a não descartar os documentos que produzia. Guardava-os em caixas de tipo arquivo e os acondicionava em uma sala que destinou especificamente para este fim. Magalhães (2004) lembra da importância em o pesquisador atentar para o fato das instituições guardarem ou não seus acervos e como o fazem. Estas práticas dão a ver sobre o funcionamento institucional, seu cotidiano e “um sentido evolutivo” das mesmas (MAGALHÃES, 2004, p. 137).

A segunda explicação relaciona-se às apropriações em torno da figura de Aparício Cora de Almeida, morto em 1935, e em cuja homenagem a família doa o prédio sede em 1944. Este viria a ser homenageado pela Casa do Estudante em 1962, quando passa a nomear a instituição. O episódio converte-se num importante

²¹⁵ Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul.

marco histórico institucional, parecendo como que apagar uma história anterior. Neste momento eram lançadas as condições de possibilidade do mito fundacional que outorgaria as origens da Casa ao ato de doação do prédio pela família Almeida. Mas a memória é campo de disputas, como se pode observar nas formas como a figura de Aparício é evocada nas narrativas.

Como já destacado anteriormente, tanto Aparício quanto seus pais eram ligados ao Partido Comunista Brasileiro (PCB). Nas entrevistas, foi possível observar como o componente ideológico, de modo geral, ganha força na significação da experiência de viver a CEUACA, sendo um dos marcadores para a definição do *lugar onde a Casa mora*. “O sujeito não se contenta em narrar como testemunha histórica ‘neutra’. Ele quer também julgar, marcando bem o lado em que estava naquela altura histórica, reafirmando sua posição ou matizando-a” (BOSI, 2012, p. 453). Quando Nereu falou sobre a recusa dos moradores a uma proposta da Reitoria da UFRGS, que buscava incorporar a CEUACA à Universidade na década de 1960, assim evocou a figura de Aparício:

Se aceitássemos a proposta da UFRGS, nós passaríamos a ser subordinados legalmente, coisa que nós não aceitamos, seria, digamos, violar a iniciativa do próprio patrono da Casa, que era o Aparício Cora de Almeida. Como você já deve estar sabendo, era um comunista, tinha traços até anarquistas, e que morreu numa passeata. Como filho único, os pais resolveram então fazer esta doação do imóvel, para que servisse de fim à residência de estudantes pobres (Nereu, em 19/11/2015).

Nas entrevistas daqueles antigos moradores aparentemente mais ligados ao campo ideológico da esquerda, estas memórias compõem de uma forma mais elaborada nas narrativas, por meio da associação entre os seus próprios ideais políticos, o episódio da morte de Aparício e a história da Casa. João Pedro, por exemplo, evoca elementos de classe ao externar seu sentimento de gratidão à família Almeida.

E foi um período muito feliz da minha vida, sou muito grato, sobretudo a família do Cora de Almeida, que foi assassinado durante a ditadura do Getúlio Vargas. Eu acho que essa ideia da Casa do Estudante ajudou muitas pessoas de origem humilde, da classe trabalhadora do interior do Rio Grande do Sul a poder estudar (João Pedro, em 17/03/2017).

Contudo, são diversas as formas de apropriação desta história, e as narrativas apontam para a existência de uma tradição oral sobre o episódio. Quando

indaguei Rui sobre Aparício, este relatou não lembrar-se de muita coisa a respeito, mas que seu colega de quarto havia lhe falado sobre as origens da Casa. “Eu acho que ele [Aparício] era filho único, estudante de direito, morreu e os pais doaram este prédio inteiro. Acho até que depois o pai faleceu e aí ficou... não me lembro mais com detalhes...”²¹⁶. Waldomir conta que, ao entrar na Casa, foram lhe explicadas algumas coisas sobre: “parece que foi um senhor que comprou aquilo ali e fez uma Casa de Estudante, pois o filho também estudava e tinha dificuldades”²¹⁷. Embora um pouco mais vagas, e sem um matiz ideológico tão aparente, estes dois entrevistados também associam as origens da CEUACA ao ato de doação realizado pela família Almeida.

Na medida em que as entrevistas foram sendo realizadas, outras versões bastante controversas sobre a morte de Aparício foram surgindo. A partir delas foi possível pensar que, talvez, sua consagração como patrono da Casa do Estudante não tenha se dado de forma tão consensual e pacífica.

O que nós sabíamos, num relato que nos chegou através do tempo, que o Aparício era um médico, parece que filho único, que foi assassinado. Haviam duas versões para o assassinato dele. Numa, seria por ideias políticas, ele seria um comunista e que, por suas atividades políticas teria sido assassinado. A outra versão é de que teria sido um crime passional, que ele teria tido envolvimento com a mulher de alguém e teria sido assassinado por isto. Estas duas versões existiam, coexistiam e nós não sabíamos qual era a verdadeira. Uma delas foi a real. Talvez em jornais da época, no início dos anos 1930, parece-me que o termo de doação era de 1934, então muito provavelmente a morte dele tenha se dado ali no início dos anos 1930 (Nivaldo, em 18/04/2017).

O primeiro aspecto a destacar no excerto é que também Nivaldo associa a data de fundação da Casa a sua transferência para a rua Riachuelo, indicando que a doação do prédio e os mistérios em torno da morte de Aparício ganham força simbólica nas narrativas, convertendo-se em marcadores e colaborando na construção e permanência deste mito fundacional através do tempo. Quanto ao fato de circular uma segunda versão sobre a morte do filho do casal Almeida - bem menos nobre, na medida em que o coloca como pivô de uma traição conjugal – é bastante provável que não tenha surgido ao acaso, especialmente num contexto de polarização política como o da temporalidade pesquisada. Se não foi possível saber exatamente como e porque esta segunda narrativa foi criada, ela permitiu

²¹⁶ Entrevista com Rui, em 17/02/2017.

²¹⁷ Entrevista com Waldomir, em 08/04/2017.

dimensionar as disputas de memória que comparecem no durante e no pós-instituição.

O que se sabia, acho que meio deformado, era que ele tinha levado um tiro. Diziam que ele foi um cara namorador, e que provavelmente algum marido enciumado teria dado um tiro nele. Já outros diziam que ele tinha sido morto pela polícia, aquela coisa toda. Depois que eu saí da Casa, eu comprei um livro de um cara que foi do PCB. Lá cita que o Aparício Cora de Almeida foi morto pela polícia (Edson, em 08/03/2017).

Símbolo de luta a ser respeitado, adúltero, uma ideia vaga e imprecisa: Aparício representa a complexidade dos elementos que concorrem para a definição do lugar onde a Casa mora. Estes parecem ter origem nas histórias e mitos institucionais, nas memórias coletivas, no cruzamento dos planos sincrônicos e diacrônicos²¹⁸, nas experiências individuais. Estas últimas, especialmente, comparecem nas narrativas muito associadas ao modelo de autogestão da Casa, que teria permitido aprendizados através da simulação de papéis administrativos e políticos.

Ali os próprios moradores faziam a administração. Isso também é uma escola né. Para várias ONGs, para várias entidades, no sentido da autogestão. Outra grande escola né, aonde os moradores aprenderam formas de gerir depois outras entidades do seu futuro (Paulo, em 08/10/2015).

A ideia acima transcrita parece ter lastro na própria atuação social e política do entrevistado, em sua vida pós-Casa. Paulo participou, em Porto Alegre, do Conselho Municipal de Cultura, sendo que em dois deles chegou a ser Presidente. Atuou ainda na Comissão de Cultura do Orçamento Participativo e foi eleito Coordenador do Fórum Municipal dos Conselhos das Cidades. Na ocasião da entrevista, era uma das lideranças envolvidas na disputa judicial contra a Prefeitura e a Secretaria de Cultura de Porto Alegre, em virtude do fechamento, classificado

²¹⁸ Uma leitura mais clara sobre as identidades institucionais é possível através de uma hermenêutica e uma heurística que entretença nexos entre memórias, arquivos e do cruzamento de planos sincrônicos, diacrônicos, internos, externos e relacionais". (MAGALHÃES, 2004, p.128). Uma investigação mais detida sobre uma identidade ceuacana não foi possível nesta pesquisa, mas penso que a questão merece ser revisitada.

como arbitrário, do Conselho de que fazia parte, e a abertura de outro, “ao bel estilo deles”.²¹⁹

Os relatos que concebem a Casa como uma “escola”, não associam esta característica como consequência unicamente da autogestão. Muitas outras experiências educativas figuram nas memórias dos entrevistados, que vão desde trocas culturais e formação política, até valores relacionados ao caráter. A fala de Nereu é expressiva neste sentido:

A vida na Casa do Estudante é uma vida cheia de aprendizados. Foi a maior escola que eu já tive. Uma escola de sociologia prática, de política pragmática, de amadurecimento de vida. E um traço anárquico, socialista, que me marcou até os dias de hoje. Eu conheci pessoas maravilhosas lá, inclusive ex-presidentes da CEUACA que viriam a se transformar em grandes advogadas e que obviamente também plasmaram o seu caráter dentro daquela estrutura, daquela visão sociológica e fraterna da Casa. (...) Ela gerou, tanto neste período autoritário, como em outros períodos, muitas lideranças, que não vieram do vazio. Eu tenho muito orgulho dessa passagem pela CEUACA, alguns até não se dão conta, não entenderam a importância da Casa na vida deles. (...) Eu procurei transmitir esses valores para os meus filhos. Uma filha que está se formando agora, resolveu cursar Direito e quer fazer concurso para Defensora Pública da União, para defender as lutas dos povos indígenas, dos quilombolas... Quer dizer, embora não tenham vivenciado isso, eu transmiti a minha vivência para eles (Nereu, em 19/11/2015).

Este é um dos casos em que foi possível observar de forma bastante nítida a incorporação da Casa à biografia do entrevistado, numa tessitura de nexos entre a formação ideológica, o processo de amadurecimento proporcionado pela instituição e as relações humanas ali presentes. São muitas camadas se sentido que vão sobrepondo-se e conformando este lugar da Casa na narrativa de si e que parecem reverberar no tempo pós-instituição, alcançando mesmo dimensões intergeracionais, como o relato de Nereu indica. São, como o título indica, marcas de longa duração.

A atribuição de um sentido educativo para a experiência de viver a Casa, como já dito, foi bastante recorrente, emergindo em maior ou menor ênfase e elaborada de distintas formas. Waldomir conta que ter morado na Casa foi de muita valia, “pois a gente entra em contato com outros estudantes, outras profissões, e aprende muita coisa”²²⁰. O mesmo entrevistado, em outro momento, avalia que as próprias dificuldades foram aprendizados: “a gente passou muito trabalho, mas é

²²⁰ Entrevista com Waldomir, em 08/04/2017.

bom, faz parte, a pobreza sempre traz humanidade para a gente”²²¹. Paulo pontua que “grandes homens se formaram ali, homens que hoje estão em altos escalões e que tiveram o início da sua vivência política na Casa, é uma escola, uma grande escola!”²²². Na fala de Nivaldo, a vivência da CEUACA aparece como “passagem para as coisas da vida, para a atividade sexual, para o namoro, para tudo isso”²²³.

Segundo Magalhães (2004), a educação é um processo que se dá ao longo de toda a vida, e as “aquisições cognitivas e técnicas, as representações e as apropriações atualizam-se em cada novo desafio” (MAGALHÃES, 2004, p.118). Embora toda a análise apresentada neste estudo esteja atravessada por culturas e práticas no âmbito da CEUACA, as representações acima transcritas buscam, especificamente, demonstrar que a Casa também foi elaborada como instituição educativa no discurso do grupo de entrevistados.

Um outro aspecto questionado aos moradores e que se encaixa na categoria de análise das marcas de longa duração trata das relações que ficaram após a saída da Casa. Mais uma vez as repostas foram bastante variadas. Nereu lembrou de muitos colegas com quem cruzou ao longo da sua carreira profissional. Rui disse ter ficado com poucos contatos, pois como trabalhava muito enquanto era morador, tinha pouco tempo para as interações sociais. Nivaldo conta que faz parte de um grupo de antigos ceucanos que costuma encontrar-se num bar: “um dia nós combinamos de encontrar um pessoal da nossa época e a cada reunião começar a levar mais gente, mas acabou não dando certo...mas eu sou padrinho do filho de um colega morador, e ele é padrinho de outro, são algumas relações que ficaram”, recorda.

As interações pós-Casa parecem não ocorrer apenas entre antigos moradores. Rui, por exemplo, recordou de certa vez em que encontrou uma funcionária no centro de Porto Alegre e da alegria desta em vê-lo. “Essas senhoras que trabalhavam na cozinha e na lavanderia, elas eram tipo mãezonas, elas cuidavam da gente, bem aquelas mães de coração grande, onde sempre cabe mais um... claro que umas mais e outras menos”, contou. Nivaldo também falou da relação com as funcionárias da Casa, em especial Teresa:

²²¹ Entrevista com Waldomir, em 08/04/2017.

²²² Entrevista com Paulo, em 08/10/2015.

²²³ Entrevista com Nivaldo, em 18/04/2017.

Tinha uma moradora lá, que trabalhava na cozinha, a Teresa, que morava em Alvorada. Ela já faleceu. Moravam ela e a filha dela. E a Teresa conhecia meio mundo e ela ia lá, especialmente no período do Natal e o pessoal dava ajuda para ela. E construíram uma casa para ela, lá em Alvorada, na rua da prefeitura. Eu cheguei a ir lá também. Nós fomos lá num domingo e fizemos um churrasco. O pessoal que foi morador da Casa do Estudante juntou dinheiro e fez uma casa para ela (Nivaldo, em 18/04/2017).

Figura 46: Funcionárias da CEUACA.

Imagem utilizada como evocar de memórias nas entrevistas.



Fonte: Arquivo da CEUACA (sem data)

Estes relatos indicam algumas das relações interpessoais desenvolvidas na CEUACA, relações estas, que em alguns casos, projetaram-se no tempo e para fora da Casa. Tais narrativas em nada lembram a formalidade e impessoalidade presentes nos regimentos internos, sobretudo nos artigos que tratam do relacionamento com as funcionárias mulheres, já discutidos na categoria de análise anterior.

A pesquisa revelou sentimentos variados em relação à Casa, alguns mais resilientes, outros mais emotivos e profundos. Waldomir, por exemplo, considera que a CEUACA “tenha servido a muita gente, tenha sido muito útil aos estudantes”. Rui diz ter muitas boas lembranças de lá: “Eu sei que recebi muito, foi um esteio que eu tive quando comecei aqui em Porto Alegre, lembrando da minha condição...eu acho que também dei a minha parte”. Na fala de Paulo, por sua vez, foi possível perceber representações associando a instituição a sentimentos maternos.

Marcos: Mas hoje, olhando para traz, como o senhor vê a CEUACA neste seu itinerário de vida, neste percurso?

Paulo: Tempo bom. Tempo bom... Grande escola de vida, que pena que está deste jeito. Que saudade! Que saudade! (choro) Foi muito importante, a CEUACA eu posso dizer foi uma mãe, que nos acolheu. Por aí você imagina o significado...a palavra mãe... o que é a mãe para a gente. A gente compara a CEUACA como uma grande mãe! Que nos acolheu. Por isso essa falta, esta decepção, esta tristeza, de ver o estado em que ela se encontra. (Paulo, em 08/10/2015).

Diante de relatos como este, torna-se importante reafirmar o quanto as dimensões subjetivas também importam e concorrem na construção do lugar onde a Casa mora. Conforme Kaufmann (2013), o subjetivo não se opõe ao objetivo, ao real, posto que “ele é um momento na construção da realidade, (...) momento marcado pela necessidade de seleção e pela obsessão da unidade” (KAUFMANN, 2013, p.98). Estas marcas deixadas pela Casa na memória, como se percebe, são de difícil mensuração. Pode-se, contudo, falar de intensidades, de modos de internalização, de como se operam as construções de sentido. Nas oito narrativas trazidas para este estudo, foi possível notar homens que, ao saírem da Casa, carregam variadas marcas desta experiência de moradia estudantil consigo. Há mesmo casos extremos, como os de David Canabarro, que entrou na CEUACA na década de 1950, e lá morou até falecer, em 2005. Está história foi rememorada por grande parte dos antigos moradores e é trazida para este texto por Nivaldo:

O David deve ter passado pela UFRGS, se formou em Farmácia na década de 1950. Mas depois ele ficou como um homem de Teatro, ficou na Casa do Estudante até falecer. O David conhecia grande parte dos moradores. Ele os visitava, levava recortes de coisas... E ele andava muito a pé pela cidade. E ele tinha uma atividade cultural muito intensa. (...)Ele participou de vários filmes e era uma pessoa desapegada de bens materiais. E ele foi morador, foi estudante. Até teve um colega meu que fez enfermagem na UFRGS, que veio para fazer um pós e veio para fazer algumas disciplinas com ele, já ali nos anos de 1970 (Nivaldo, em 18/04/2017).

Há um último aspecto que gostaria de trazer, pois acredito contribuir para a leitura desta categoria de análise das marcas de longa duração. Alguns episódios, durante as entrevistas, chamaram-me a atenção e me fizeram pensar em uma espécie de *vontade de memória*. Paulo solicitou, ao fim da entrevista, que fosse informado caso alguma fotografia ou material relacionado a sua passagem pela Casa fossem encontrados, pois gostaria de contar com um objeto de recordação desse período. João Pedro aproveitou a oportunidade para tentar esclarecer uma lenda que circulava na CEUACA, dando conta de que Brizola também teria lá

morado. Após a entrevista, busquei maiores informações com os familiares de Brizola, que confirmavam que o mesmo teria morado na Casa. Flávio, por sua vez, pediu que eu registrasse neste trabalho um agradecimento aos seus ex-colegas de Casa, por terem acolhido a ele e a sua esposa.

Como foi possível perceber, o processo de significação da Casa é atravessado por questões ideológicas, por memórias coletivas, por mitos fundacionais, pelos aprendizados que cada um julgou ter tido neste espaço, pelo papel da CEUACA para as estratégias de permanência e condição de possibilidade em estar no Ensino Superior. Muitas camadas de sentido estão sobrepostas, estando as identidades – numa leitura a partir de Hall (2015) -profundamente envolvidas nestes processos de representação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sina do historiador parece ser mesmo esta: trabalhar com os vestígios que alcança, com aquilo que institui como seus documentos, no sentido apontado por Ricoeur (2007), tecendo com eles sempre novas composições sobre o passado. Um passado que, tal como foi, é inalcançável, nos sendo possível senão aproximações com realidades pretéritas, ou ainda, a construção de “uma representação sobre o já representado” (PESAVENTO, 2008, p.43). Foi assim que, entre idas e vindas no histórico da instituição CEUACA, na relação entre memórias individuais e coletivas, na construção de categorias de análise e na variedade de fontes, o conceito de instituição educativa constituiu-se como um fio que juntou as pérolas, conferindo uma inteligibilidade sobre esta organização estudantil.

O esforço explicativo deste estudo esteve centrado em torno da ideia de que as Casas de Estudante são organismos vivos, produtoras e transmissoras de culturas, que inscrevem seus moradores numa dinâmica institucional, num espaço social, numa rede de relações, ultrapassando os limites de uma experiência passageira. São capazes de produzir marcas de longa duração nos sujeitos que as habitam/vivem, que as elaboram e significam de muitas maneiras. São possuidoras de memórias, de identidades institucionais. São organizações sociais.

No caso da CEUACA, ao pensar a forma como foi operacionalizado seu modelo de autonomia e autogestão, busquei apresentar a estrutura administrativa desta organização e o papel dos moradores para sua mantê-la, dando a ver o desempenho de uma série de papéis por parte destes no âmbito institucional e as experiências a elas relacionadas. As narrativas de memória também permitiram identificar algumas das habilidades e estratégias políticas necessárias nas articulações em busca de recursos financeiros, junto a diferentes esferas de poder, indicando que o caráter autônomo não tornou a CEUACA fechada em si mesma. Ao contrário, levou a instituição a interações com o mundo político e social do entorno.

As reminiscências estiveram fortemente marcadas por representações da Casa como um espaço de aprendizagens e amadurecimento, muitas delas associadas às características do modelo de administração e captação de recursos da entidade. Paralelamente, foi possível notar a presença de tais discursos nos periódicos analisados, fatores que também podem ter colaborado na amplificação de uma ideia sobre a Casa como proporcionadora de experiências educativas. Como apontado, os periódicos também podem ser entendidos como um repositório da memória social, sendo uma das forças em relação nos processos pelos quais se constroem valores partilhados

Ao buscar refletir sobre o espaço social no qual a Casa do Estudante estava inserido, pensando as experiências narradas por aqueles sujeitos enquanto habitantes do centro de Porto Alegre e suas interações com o entorno, foi possível identificar que esta localização parece ter colaborado no processo de inserção deste estudante oriundo de camadas populares no novo círculo sociocultural, pelo acesso facilitado a cinemas, cafés e toda uma estrutura de serviços disponíveis no centro da cidade. Ao mesmo tempo, tal endereço revelou-se fundamental para a captação dos recursos que mantinham a estrutura de assistência estudantil da CEUACA funcionando, como a venda de almoços no Restaurante Universitário e as reuniões dançantes.

Esta abertura da Casa ao mundo exterior engendrou relações orgânicas entre a instituição e a cidade do entorno. As fontes orais e os periódicos indicaram que, em determinadas ocasiões, o espaço público da cidade estendia-se para dentro do espaço privado da moradia, tornando porosas as fronteiras entre ambas. A partir das entrevistas, também foi possível inferir que, muitas vezes, a instituição transcendia os interesses dos seus moradores, servindo para as estratégias de

outros grupos sociais, como nos relatos sobre as mães que levavam as filhas às reuniões dançantes, na expectativa de arranjos matrimoniais vantajosos.

A ideia de que a Casa do Estudante e seus moradores ocupavam um espaço social de ambivalência foi bastante operatória em diversos momentos do estudo, indicando o processo de ascensão social em curso e seus desdobramentos. Nos questionamentos feitos aos entrevistados sobre a existência de algum traço identitário da instituição ou alguma hierarquia entre as instituições de moradia estudantil, as respostas em geral foram negativas. Contudo, em determinados momentos, a CEUACA foi identificada como uma alternativa, em outros, como única opção e em outros ainda, como uma escolha, em virtude dos maiores espaços de liberdade.

Para o período compreendido entre 1963 a 1981, foi possível perceber, através das narrativas de memória, que grande parte dos moradores era formada por estudantes trabalhadores, alunos de instituições privadas de Porto Alegre e da região metropolitana, que, com parte de seu salário, pagavam as faculdades ou universidades onde estudavam. Para este grupo, mais do que uma condição de permanência, a CEUACA constituiu-se em condição de possibilidade da presença no Ensino Superior, pois, na medida em que estavam liberados dos gastos com moradia e alimentação, podiam arcar com os custos das mensalidades.

Na leitura realizada sobre a relação da Casa com os eventos do contexto político 1963-1981, mais uma vez foi possível perceber a complexidade das dinâmicas internas da instituição e toda a vitalidade nelas contida. As narrativas indicaram que a conjuntura de radicalização política foi fortemente sentida dentro da CEUACA, dando origem a dois grupos de disputa por espaços internos de poder: Gringos x Comunistas. Tal cisma reforçou a ideia de que a filiação a determinados discursos não ocorre de forma automática, e que o par repressão-resistência não pode ser transposto automaticamente para a análise das instituições e organizações estudantis do período. Nas oito entrevistas emergiram tanto relatos acerca de resistência ao Regime, com prisões de antigos moradores e invasões à Casa, como relações mais cordiais e menos conflituosas com os militares.

A reflexão sobre a presença tácita das mulheres na CEUACA, no recorte temporal abarcado pela pesquisa deu a ver uma série de transgressões às normas escritas que regulavam a instituição. Um jogo de ambivalências, que, em determinados momentos, buscou transmitir aos olhares de fora princípios de ordem,

de institucionalidade sólida e de observância aos “bons costumes”, e em outros, atendendo demandas afetivas e sexuais dos moradores, e tantas outras solicitações da vida ordinária dos/das estudantes e de todos aqueles que de algum modo faziam uso da Casa.

Por fim, busquei analisar como a instituição foi inscrita nas biografias dos narradores, nos processos de construção de suas identidades. Ainda que todas as valorações sobre esta experiência de moradia tenham sido positivas, foi possível perceber que a Casa é inscrita e elaborada de diferentes maneiras nas narrativas de si dos sujeitos entrevistados. Este processo de significação é atravessado por experiências individuais e de grupo, no papel da CEUACA para as estratégias de permanência e condição de possibilidade em estar no Ensino Superior, por questões ideológicas, por memórias coletivas, mitos fundacionais e aprendizados que cada um julgou ter tido neste espaço.

Desta forma, não é possível falar em um sentido único, de uma identidade ceuacana coerente e bem definida. A Casa, por suas características multirelacionais, decorrentes principalmente da sua autonomia financeira e autogestional, comportou inúmeros discursos que concorreram para construção de sentidos sobre esta experiência de moradia.

A história da CEUACA é a história dos sujeitos que habitaram por entre suas paredes, que deram vida aos seus estatutos, que reivindicaram e impuseram suas concepções político-ideológicas, que invocaram símbolos conforme as identidades que construía para si e para a Casa. Sujeitos que contam e significam uma experiência, um tempo passado e que, ao reelaborarem suas história de vida, reelaboram a própria instituição. Embora ela não esteja apartada do contexto universitário, político e social do período, parece ter possibilitado experiências e vivências específicas à estudantes moradores, hóspedes, comensais, às funcionárias e à frequentadores da Casa em geral. Mas onde, afinal, a Casa mora? Em muitos lugares.

Nas memórias, a CEUACA não possui um endereço fixo.

POSFÁCIO

Há que se pontuar que as análises do presente estudo foram qualitativas. Estas deram a ver estratégias de permanência e as condições de possibilidade em cursar o Ensino Superior a um grupo bastante determinado de jovens das camadas populares. Mesmo entre os oito entrevistados, há casos de não conclusão e abandono do curso de graduação, ante as adversidades que se impuseram. As considerações aqui apresentadas como resultados, não devem, portanto, ser desvirtuadas, deslegitimando qualquer política pública de acesso a pessoas de baixa renda ao Ensino Superior, tampouco programas de assistência estudantil.

Os princípios com os quais busquei dialogar nesta pesquisa são a defesa de uma educação pública, gratuita e de qualidade. Se os argumentos deste trabalho forem utilizados politicamente, que o sejam no sentido de pleitear o aumento de recursos para a melhoria nas condições de vida do estudante de baixa renda ou para pensar os modelos de organização e auto-organização das moradias estudantis. Passados mais de 80 anos da criação da CEUACA, o atendimento da demanda por Casas de Estudante ainda se dá de forma muito aquém das necessidades. O fato de que três organizações autônomas ainda existem, suprindo, em situações precárias, uma demanda que não é atendida pelo poder público, são testemunho disto. Desde a década de 1970 não foi criada nenhuma nova vaga de moradia estudantil em Porto Alegre, tampouco as históricas instituições autônomas recebem a devida atenção.

Embora fora da temporalidade definida para a pesquisa (1963-1981), este estudo não poderia eximir-se de apresentar a dramática situação pela qual a CEUACA passa desde 2014, quando o seu prédio foi interditado e seus moradores foram remanejados por meio de aluguel social pago pelo governo do estado do Rio Grande do Sul. Passados mais de três anos após sua interdição, não há nenhuma previsão de início das obras de reforma. Atualmente a gestão do imóvel está sob responsabilidade do Departamento de Administração do Patrimônio do Estado.

Como visto ao longo deste trabalho, a Casa historicamente não possui uma fonte de recursos fixa, de modo que sempre precisou captá-los de distintas formas, através de articulações com o poder público, dos eventos que organizava e das contribuições diretas dos próprios moradores, através dos chamados “rateios”. A

partir de 2005 a Casa passou a ter um importante papel no acolhimento dos beneficiários do Programa Universidade Para Todos (PROUNI), do Governo Federal. Estes estudantes vivem o paradoxo de possuírem baixa renda e estudarem em instituições privadas, não podendo concorrer as Casas mantidas pelas universidades públicas.

Figura 47: Locais da distribuição provisória dos moradores da CEUACA.



Fonte: Google Maps

O prédio sede na Rua Riachuelo nº 1355, provavelmente construído no início do séc. XX, sofreu a ação implacável do tempo e deteriorou-se ao longo dos anos, sobretudo por não haver recursos excedentes no caixa para custear reformas mais profundas em sua estrutura. A situação chegou ao extremo nos anos 2000, quando foi sucessivamente interdito e a instituição passou a sofrer inúmeros processos judiciais no sentido de evakuá-la.

Houve mobilizações dos moradores junto ao governo, mediadas pelo Ministério Público do Estado do Rio Grande do Sul. Em 2014, quando a casa completou seus 80 anos, mediante negociação com o Governo do Estado e o Ministério Público, chegou-se a um acordo sobre a reforma e os estudantes foram realocados para diversos imóveis na região central de Porto Alegre, mediante pagamento de aluguel social por parte do Governo.

No dia 13 de dezembro de 2015, a Casa foi ocupada por um grupo de estudantes da UFRGS, que reivindicaram do governo do Estado uma posição com relação à reforma do prédio. Após negociação com o poder público, ficou acertada a reabertura de diálogo. Seguem as tratativas, porém sem nenhuma previsão de início para as obras tampouco da origem dos recursos para as mesmas.

Figura 48: Ocupação da CEUACA.



Foto: Guilherme Santos/ Sul21(13/12/2015).

Figura 49: CEUACA - Cenário de um abandono I.

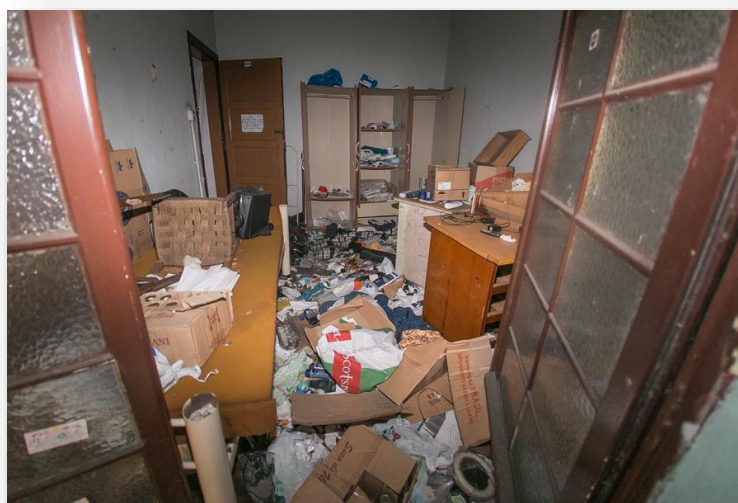


Foto: Guilherme Santos/ Sul21 (13/12/2015).

Figura 50: CEUACA - Cenário de um abandono II.

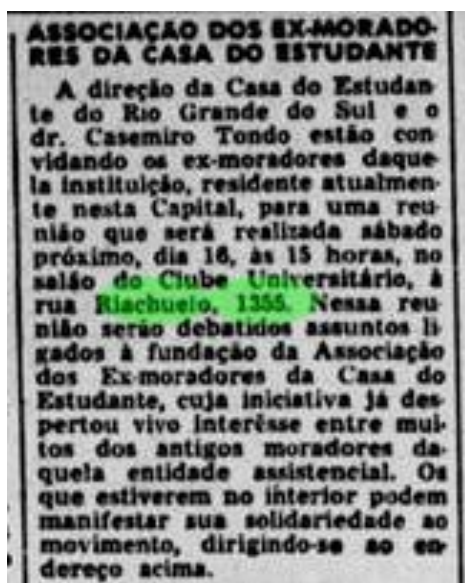


Foto: Guilherme Santos/ Sul21 (13/12/2015).

Atualmente, a CEUACA segue fazendo seleção de novos moradores, buscando, mesmo fora de seu edifício sede, manter viva a ideia de assistência e organização estudantil que teve origem no início dos anos de 1930. No entanto, o retorno ao endereço que é seu de fato e de direito, mostra-se de fundamental importância para que a instituição não fique à mercê de governos e do iminente risco de dissolução. Neste sentido, talvez fosse importante um processo de tombamento do prédio como um patrimônio histórico do estado do Rio Grande do Sul, dando assim visibilidade à entidade e salvaguardando a construção que a abrigou por mais de 70 anos.

Nas oito narrativas de memória produzidas para esta pesquisa, ficaram evidentes um lamento e uma preocupação dos antigos moradores pelo destino da Casa. Foram inúmeras as falas que sugeriram a formação de uma associação de ex-moradores, a fim de ajudar a CEUACA. Esta seria mais uma das alternativas possíveis para contornar a atual situação. Embora ainda não tenha se concretizado, esta parece ser uma ideia que desde a década de 1950 veio sendo aventada, como demonstra este excerto do jornal *Diário de Notícias*.

Figura 51: Associação dos Ex-moradores: uma ideia.



A direção da Casa do Estudante do Rio Grande do Sul e o Dr. Casemiro Tondo estão convidando os ex-moradores daquela instituição, residentes atualmente nesta Capital, para uma reunião que será realizada sábado próximo, dia 16, às 15horas no salão do Clube universitário, à rua Riachuelo,1355. Nessa reunião serão debatidos assuntos ligados à fundação da Associação dos Ex-moradores da Casa do Estudante, cuja iniciativa já despertou vivo interesse entre muitos dos antigos moradores daquela entidade assistencial. Os que estiverem no interior podem manifestar sua solidariedade ao movimento, dirigindo-se ao endereço acima.

(Diário de Notícias, 15/04/1955)

De modo geral, as estruturas que comportam as organizações de moradia estudantil universitária parecem carregar a precariedade e as situações limite quase como regra, especialmente no caso das instituições autônomas. Um trecho do Hino das Casas de Estudante indica como esta situação se incorporou às representações sobre as Casas:

Eu quero um teto não só pra morar
 Eu quero afeto
 Não deixe a casa desabar
 No corredor à frente a esperança
 Caindo aos pedaços, mas ali
 Na sala de estudo uma lembrança
 Dos nossos velhos tempos sem dormir²²⁴

Existem atualmente no Brasil movimentos organizados que tem como pauta a questão da moradia estudantil, como o Movimento de Casas de Estudantes (MCE) e a Secretaria Nacional de Casas de Estudantes (SENCE). Promovem regularmente os Encontros Nacionais de Casas de Estudante (ENCE) e os Encontros Regionais das Casas de Estudante (ERECE). Entre as principais pautas destes movimentos e encontros estão: a construção, reforma e ampliação das Casas de Estudante; a

²²⁴ Hino das Casas de Estudante do Brasil, disponível na íntegra no Anexo VIII.

autonomia das Casas; estatutos das CEU's²²⁵ elaborados pelas/os residentes; oferecimento de moradia estudantil e Restaurante Universitário por todas as universidades, faculdades e estabelecimentos de Ensino Superior que recebam alunos com bolsa do PROUNI.

Este trabalho encerra-se aqui, esperando ter dado alguma contribuição para as reflexões sobre a temática da moradia estudantil, além de instigar novos estudos, nas mais diversas perspectivas, acerca desta, às vezes silenciosa, mas importante forma de organização social.

²²⁵ CEUS's: Casas de Estudantes Universitários(as).

REFERÊNCIAS

ARNS, Paulo Evaristo. **Brasil: Nunca Mais**. 31ª ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

ALMEIDA, Dóris Bittencourt. **As memórias e a História da Educação: Aproximações Teórico-Metodológicas**. ASPHE/UFPEL, Pelotas, v13, n. 27 p. 211-243, Jan/Abr 2009.

AMADO, Janaina. **O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em História Oral**. Revista História. São Paulo, 14, p. 125 – 136, 1995.

ANDRADE, Inês Bernardo Lopes de. **Repúblicas Universitárias: Uma Estratégia para a Regeneração Urbana de Coimbra**. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2014. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura. Universidade de Coimbra: Coimbra, 2014.

ARENDDT, Hannah, 1987, p.46. In GRAZZIONTIN, Luciane Sgarbi Santos; ALMEIDA, Dóris Bittencourt. **Romagem do tempo e recantos da memória: reflexões metodológicas sobre História Oral**. São Leopoldo: Oikos, 2012

BARATA, Agildo. **Vida de Um Revolucionário**. São Paulo: Alfa-Omega, 1978.

BARROS, José D'Assunção. **A Escola dos Annales e a Crítica ao Historicismo e ao Positivismo**. Revista Territórios e Fronteiras/ Programa de Pós-Graduação – Mestrado em História do ICHS/UFMT, Cuiabá, v.3 n.1 – Jan/Jun 2010.

BOSI, Ecléa. **O Tempo Vivo da Memória: Ensaio de Psicologia Social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

_____. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. 17ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Tradução de Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

CAMPOS, Raquel Discini de. **Mulheres e crianças na imprensa paulista, 1920-1940: educação e história**. São Paulo: Ed. UNESP, 2009.

CARRILLO-LINARES, A. **Universidades y transiciones políticas: el caso español en los años 60-70**. Espacio, Tiempo y Educación. Sevilla, Espanha 2(2): 49-75, 2015.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS Ronaldo. **Domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.

CARREIRO, Teresa; MADEIRA, Margarida. **Um Por Cem - um Olhar Sobre As Repúblicas de Coimbra**. Lisboa: Editora Afrontamento, 2009.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2013.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer.** 2ª Ed. Trad. De Ephraim F. Alves e Lúcia Endlich Orth. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

_____. GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano: 2. Morar, cozinhar.** Trad. De Ephraim F. Alves e Lúcia Endlich Orth. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

CHARTIER, Roger. **A história: a leitura do tempo.** Fronteiras do Pensamento. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2008. p.163-178

_____. **A História Cultural: Entre Práticas e Representações.** Lisboa: DIFEL, 1990.

COSTA, Lucila Pinheiro da. **Habitação e Cidadania. A Vila Operária do IAPI: Porto Alegre 1940/1950.** Dissertação de Mestrado. Porto Alegre, 2009.

CUNHA, Luiz Antônio. **Ensino Superior e Universidade no Brasil.** In: FARIA, Luciano Mendes Filho, LOPES, Eliane Marta Teixeira & VEIGA, Cyntia Greive (Org) *500 Anos De Educação No Brasil.* 5ª. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

CUNHA, Maria Teresa Santos. **Nas margens do instituído: memória/educação.** In. História da Educação. ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas (5): 23-38, abril de 1999.

ERRANTE, Antoinette. **Mas Afinal, A Memória é de Quem?** Histórias Orais e Modos de Lembrar e Contar. In: História da educação. Pelotas (8):141-174, set. 2000.

FARGE, Arlette. **O Sabor do Arquivo.** Traduzido por Fátima Murad. São Paulo: Edusp, 2009.

FAUSTO, Bóris. **História do Brasil.** 14ª ed. São Paulo: Edusp, 2012.

FRANCO, Sérgio da Costa. **Guia Histórico de Porto Alegre.** 4ª ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.

FROEHLICH, Charles Andrade. **A Boca do Céu: Edifício-Desafio.** Santa Maria: Palloti, 1995.

GALEANO, Eduardo. **Os Filhos dos Dias.** Traduzido por Eric Nepomuceno. 3ª ed. Porto Alegre: L&PM, 2014.

GARRIDO, Edleusa Nery; MERCURI, Elizabeth Nogueira Gomes da Silva. **A moradia estudantil universitária como tema na produção científica nacional.** Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional, SP. Volume 17, Número 1, p. 87-95, Jan/Jun. 2013.

GINZBURG, Carlo. **Sinais: Raízes de um paradigma indiciário.** In. GINZBURG, Carlo. Mitos, Emblemas e Sinais. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva.** São Paulo: Centauro, 2003.

HALL, Stuart. **A centralidade da cultura:** notas sobre as revoluções de nosso tempo. Educação & Realidade. Porto Alegre, v.22, nº 2, p. 15-46, jul./dez. 1997.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HINTERHOLZ, Marcos Luiz. **Tácitas e Marginais:** memórias das Casas de Estudante autônomas de Porto Alegre e as possibilidades para a História da Educação. História da Educação, v. 21, p. 435-448, jan/abr. 2016.

HOLZMANN, Lorena. Org. **Universidade e repressão:** os expurgos na UFRGS / Associação de Docentes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2ª ed. Porto Alegre, RS: L&PM, 2008.

HOLZMANN, Lorena; PADRÓS, Enrique Serra. **1968:** Contestação e Utopia. Porto Alegre: Ed. Da UFRGS, 2003.

KAUFMANN, Jean-Claude. **A entrevista compreensiva:** um guia para pesquisa de campo. Editora Vozes: Petrópolis, 2013.

LOPES, Eliane Marta Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Território Plural:** a pesquisa em História da Educação. São Paulo: Ática, 2010.

MACHADO, Juciára Teixeira. **Em busca de um mesmo “CEU”:** Estudo Antropológico sobre (Ex) Moradores da Casa do estudante da Universidade Federal de Santa Maria. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2012.

MACHADO JÚNIOR, Cláudio de Sá. **Imagens da Sociedade Porto-Alegrense:** vida pública e comportamento nas fotografias da Revista do Globo (década de 1930). São Leopoldo: Oikos, 2009.

MACHADO, Otávio Luiz. **Repúblicas Estudantis de Ouro Preto e Mariana:** Percursos e Perspectivas. Frutal: Prospectiva, 2014.

_____, Otávio Luiz. **Casas de estudantes e educação superior no Brasil.** Em M. Zaidan Filho & O. L. Machado (Orgs.), *Movimento Estudantil Brasileiro e a Educação Superior* (p. 191-208). Recife: Editora Universitária.

MAGALHÃES, Justino Pereira de. **Tecendo Nexos:** história das instituições educativas. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2004.

MARTINS, Ana Paula Vosne. **“Um lar em terra estranha”:** a aventura da individuação feminina. A Casa da Estudante Universitária de Curitiba nas décadas de 50 e 60. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Curitiba, Curitiba, 1992.

MARTINS, Eloy. Um depoimento político. Porto Alegre: Pallotti, 1989.

MARINHO, Nailda. **O Fundo Federação Brasileira pelo Progresso Feminino: uma fonte múltipla para história da educação das mulheres.** Acervo (Rio de Janeiro), Rio de Janeiro, v. 18, p. 131-146, jan/dez. 2005.

MENEZES, Ulpiano. **A História cativa da memória: para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais.** Revista Inst. Est. Bras., SP, 1992.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **As universidades e o regime militar: cultura política brasileira e modernização autoritária.** Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

MÜLLER, Dóris Maria; SOUZA, Célia Ferraz. **Porto Alegre e sua evolução urbana.** 2º ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

NÓVOA, António. **Por que História da Educação?** Apresentação da Coleção Histórias e Memórias da Educação no Brasil. BASTOS, Maria Helena e STEPHANOU, Maria. Petrópolis: Vozes, 2005.

_____. **Carta a um jovem historiador da educação.** *Historia y Memoria de la Educación*, 1 (2015):23—58. Sociedad Española de Historia de la Educación. revistas.uned.es/index.php/HMe/article/download/14111/12822.

OLIVEIRA, Carmem Regina de; LICHT, Flávia Boni. **UFRGS 70 ANOS.** Porto Alegre: UFRGS, 2004.

PEREIRA, Marcos Villela. **A escrita acadêmica: do excessivo ao razoável.** *Rev. Bras. Educ.* [online]. 2013, vol.18, n.52, pp.213-244.

PESAVENTO, Sandra Janahy. **Fronteiras da história: uma leitura sensível do tempo.** *Fronteiras do Pensamento*. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2008. P.179-190.

_____. **História do Rio Grande do Sul.** 9 ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2002.

_____. **História & História Cultural.** 2.ed. 2. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

_____. **Um dia, em um outro tempo.** In. OLIVEIRA, Carmem Regina de; LICHT, Flávia Boni. **UFRGS 70 ANOS.** Porto Alegre: UFRGS, 2004.

PRATA, Manuel Alberto Carvalho. **Academia de Coimbra (1880-1926): contributo para a sua História.** Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2002.

PRESTES, Anita Leocadia. **70 anos da Aliança Nacional Libertadora (ANL).** *Estudos Ibero-Americanos*. PUCRS, v. XXXI, n. 1, p. 101-120, junho 2005.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social.** *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol5, n.10, 1992, p.200-212.

QUINTANA, Mário. **Apontamentos de História Sobrenatural**. Porto Alegre: Editora Globo, 1984.

_____. **Caderno H**. 2. ed. São Paulo: Globo, 2006.

RAGO, Elisabeth Juliska. **A ruptura do mundo masculino da medicina: médicas brasileiras no século XIX**. Revista do Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu, SP. Volume 15, p. 199-225, dez. 2000

RICOUER, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução de Alain François. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

RÜDIGER, Francisco. **Tendências do jornalismo**. 3ª ed. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2003.

SCHOLLES, Flávio; Coord.: HENZ, Daniel; CARDOSO, Ralfe. **Quadros que falam**. Novo Hamburgo: Um Cultural, 2014.

SCHWARCZ, Lília M; STARLING, Heloisa M. **Brasil: uma biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SILVA, Ângelo Ronaldo Pereira da. (org.). **As Casas de Estudante da UFRGS**. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

SOIHET, Rachel. **História das Mulheres**. Em: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS Ronaldo. *Domínios da História*. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.

STEPHANOU, Maria e BASTOS, Maria Helena. **História, Memória e História da Educação**. In: *Histórias e Memórias da Educação no Brasil*. BASTOS, Maria Helena e STEPHANOU, Maria. Petrópolis: Vozes, 2005, vol. III.

THONSON, Alistair. **Memórias de Anzac: colocando em prática a teoria da memória popular na Austrália**. Revista História Oral, n.4, jun.2001.

TORRES, Andréa Sanhudo. **Imprensa: política e cidadania**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

VAINFAS, Ronaldo. **História das Mentalidades e História Cultural**. In: *Domínios da História*. CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS Ronaldo. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.

VIDAL, Diana. **A fonte oral e a pesquisa em História da Educação: algumas considerações**. Educação em Revista. Belo Horizonte, 1998.

VERISSIMO, Erico. **Solo de Clarineta**. Porto Alegre: Globo, 1973, vol. I.

ANEXOS

ANEXO I: Termo de Consentimento Informado

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO/ PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO**

O LUGAR ONDE A CASA MORA:

Memórias sobre a Casa do Estudante Universitário Aparício Cora de Almeida (CEUACA)
(1963-1981)

Este é um estudo sobre memórias de ex-moradores da Casa do Estudante Aparício Cora de Almeida (CEUACA) acerca de suas experiências como moradores e estudantes universitários no período que vai do início da década de 1960 ao início da década de 1980. A investigação está especialmente interessada nos sentidos e significados atribuídos pelos narradores as suas diferentes experiências no âmbito da casa, nos modos como hoje compõem suas reminiscências, nas lembranças e nos esquecimentos que ativamente construíram quando provocados a narrá-las nos eventos das entrevistas. Esta pesquisa toma a memória como documento e a História Oral como metodologia para novas leituras sobre este período ligado à História da Educação no Rio Grande do Sul.

Os dados e resultados individuais da pesquisa estarão sempre sob sigilo ético, não sendo mencionados os nomes dos participantes em nenhuma expressão oral ou trabalho escrito que venha a ser publicado, a não ser que o/a autor/a do depoimento manifeste expressamente seu desejo de ser identificado/a. A participação nesta pesquisa não oferece risco ou prejuízo à pessoa entrevistada.

O pesquisador responsável pela pesquisa é o mestrando Marcos Luiz Hinterholz, aluno do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS, orientado pela Prof^a. Dra. Dóris Bittencourt Almeida. Ambos se comprometem a esclarecer devida e adequadamente qualquer dúvida ou necessidade de informações que o/a participante venha a ter no momento da pesquisa ou posteriormente, através do telefone (051) 3308-4153.

Após ter sido devidamente informado/a de todos os aspectos da pesquisa e ter esclarecido todas as minhas dúvidas, eu _____, Identidade n.º _____ declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha participação e depoimentos para a pesquisa realizada na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), para que sejam usados integralmente ou em partes, sem restrições de prazo e citações, a partir da presente data. Da mesma forma, autorizo a sua consulta e o uso das referências em outras pesquisas e publicações ficando vinculado o controle das informações a cargo destes pesquisadores do Programa de Pós Graduação em Educação/UFRGS.

() Solicito que seja resguardada minha identificação _____.
() Desejo que a autoria de meus depoimentos seja referida _____.
Abdicando direitos autorais meus e de meus descendentes, subscrevo a presente declaração,

_____, ____/____ de 201__.

Participante da pesquisa

Pesquisador

ANEXO II: Aviso da Procuradoria do Estado sobre lacramento da CEUACA.

06/05/2016 Gmail - Fwd: lacramento da entrada da CEUACA

 **Marcos Hinterholz** <marcosluiz4@gmail.com>

Fwd: lacramento da entrada da CEUACA

Thomas Victor Maciel <victor.oiq@gmail.com> 21 de agosto de 2014 08:31
Para: Marcos Hinterholz <marcosluiz4@gmail.com>

----- Mensagem encaminhada -----
De: "Daniel Amorim do Amaral Vieira" <daniel@pge.rs.gov.br>
Data: 20/08/2014 15:05
Assunto: lacramento da entrada da CEUACA
Para: <victor.oiq@gmail.com>, <joaof.evangelista@gmail.com>, <jugraziola@gmail.com>
Cc:

Prezada Diretoria da CEUACA,

fui informado que todos os residentes da Casa do Estudante, constante na lista fornecida e esta Secretaria da Educação, já foram devidamente alocados nos apartamentos provisórios, tendo o Estado disponibilizado a mudança e transporte dos móveis por meio de caminhões em três momentos distintos.

Neste sentido, para fins de posse no imóvel e realização das reformas necessárias, estou agendando que seja lacrado o prédio para evitar o ingresso de pessoas no local enquanto não ultimadas as obras. Assim, peço que retirem todo material que a Diretoria tem interesse em manter **até amanhã, dia 21/08/2014**, pois o restante será destinado a depósito ou descartado, conforme o caso. A partir de sexta-feira, dia 22/08, será providenciado o lacramento do local.

Solicito, ainda, seja encaminhada nova listagem atualizada, com os residentes que remanescem na CEUACA, em atenção à decisão liminar no processo.

Atenciosamente,

DANIEL AMORIM DO AMARAL VIEIRA
Procurador do Estado
Agente Setorial junto à SEDUC e ao CEEED

Visão da PGE: Ser reconhecida como instituição autônoma e fundamental para o estado democrático de direito, de destacada excelência e proatividade na viabilização das políticas públicas e na defesa do interesse público.

O conteúdo desta mensagem é uso restrito, confidencial e inviolável e não pode ser divulgado sem prévia autorização escrita. A utilização indevida do mail está sujeita à responsabilização legal.

ANTES DE IMPRIMIR, PENSE NA SUA RESPONSABILIDADE COM O MEIO AMBIENTE.

Fonte: Arquivo do autor.

ANEXO III: Ofício da Pró-Reitoria de Graduação da UFRGS ao Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, solicitando acesso aos documentos da CEUACA para esta pesquisa.



Serviço Público Federal

Of. Nº 253/2015 PROPG

Porto Alegre, 24 de setembro de 2015.

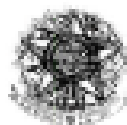
Senhora Diretora,

A Universidade Federal do Rio Grande do Sul, por meio da Pró-Reitoria de Pós-Graduação, vem, através deste, solicitar apoio para a resolução do fato abaixo descrito.

O senhor Marcos Hinterholz, aluno de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS, possui projeto de mestrado em desenvolvimento, e para o andamento de sua pesquisa – que versará sobre as memórias da Casa do Estudante Universitário Aparício Cora de Almeida (CEUACA) – precisa acessar documentos históricos sob guarda de sua instituição.

A história da UFRGS está intimamente ligada à história da Casa do Estudante Universitário Aparício Cora de Almeida. As mobilizações em prol da CEUACA nascem dentro da Faculdade de Direito, em 1931. Embora sempre tenha sido autogerida, a casa permanece ligada à UFRGS até 1971, quando é inaugurada a Casa da Av. João Pessoa. Em virtude das péssimas condições em que se encontrava, o prédio da sede da Casa foi interditado, ocasião em que o aluno Marcos realizou uma mobilização para salvaguardar o seu acervo histórico. Após tratativas, o Memorial do RS aceitou recebê-los, em agosto de 2014. Devido à indisponibilidade de recursos financeiros para a higienização e catalogação do material, o acesso a este material está inviabilizado. Entendemos a inviabilidade de abrir a consulta dos documentos em questão, nestas condições, ao público. No entanto, a pesquisa depende diretamente deste acervo, ficando o mestrado comprometido, caso não possa acessá-lo.

Desta forma, solicitamos que a senhora avalie a viabilidade do aluno em questão ter acesso aos documentos necessários à sua pesquisa, que fazem parte de um acervo público. O aluno possui formação em História e conhece bem a documentação do



Serviço Público Federal

arquivo da CEUACA, por já ter sido morador desta instituição, podendo, inclusive, colaborar na organização dos seus fundos. O aluno se disponibiliza a realizar as consultas necessárias em datas e horários previamente acordados com o Memorial.

Certos de sua compreensão em relação a esta demanda especial, despeço-me cordialmente.

Prof. Vladimir Pinheiro do Nascimento,

Pró-Reitor de Pós-Graduação.



À senhora

MARIA HELENA NUNES

Diretora do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul

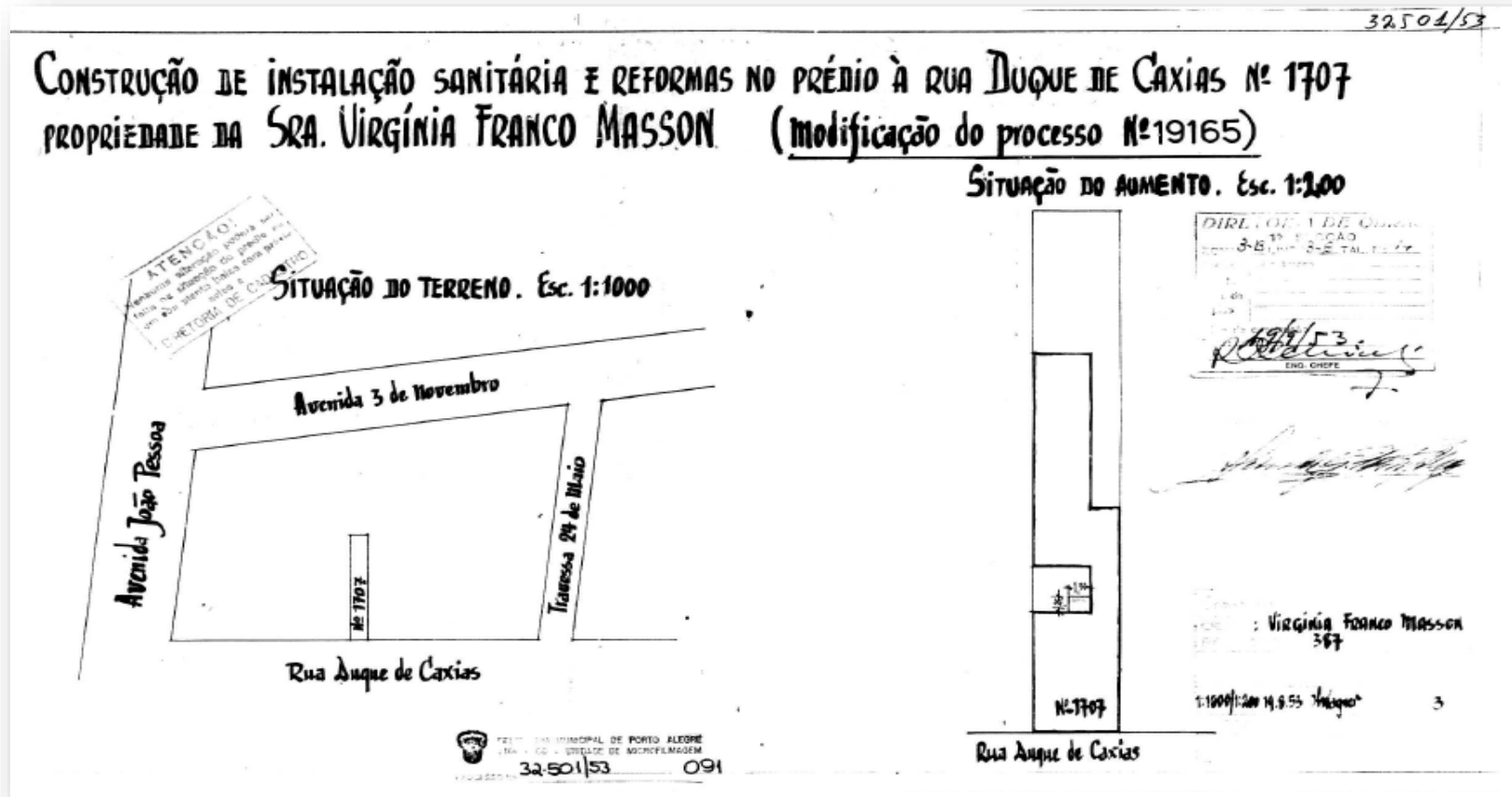
Rua Sete de Setembro, 1020- 2º andar

CEP 90010-191

Porto Alegre-RS

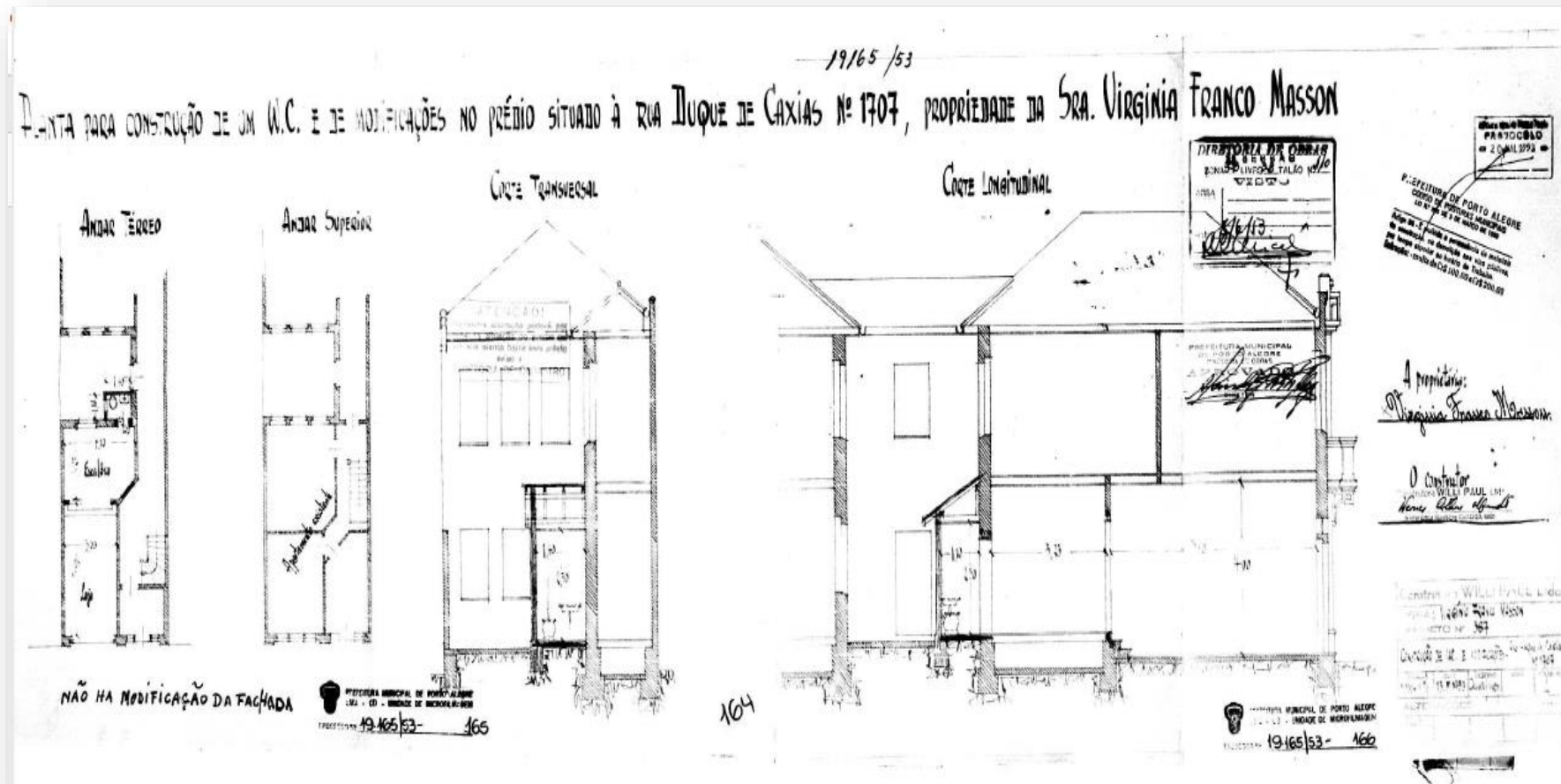
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
Av. Paulo Gama, 110 - 7º andar - 91045-900 - Porto Alegre - RS
www.ufrgs.br/proppg - proppg@ufrgs.br (51) 3308 3600

ANEXO IV: Localização da terceira sede da Casa do Estudante, na rua Duque de Caxias, 1707, Centro de Porto Alegre.



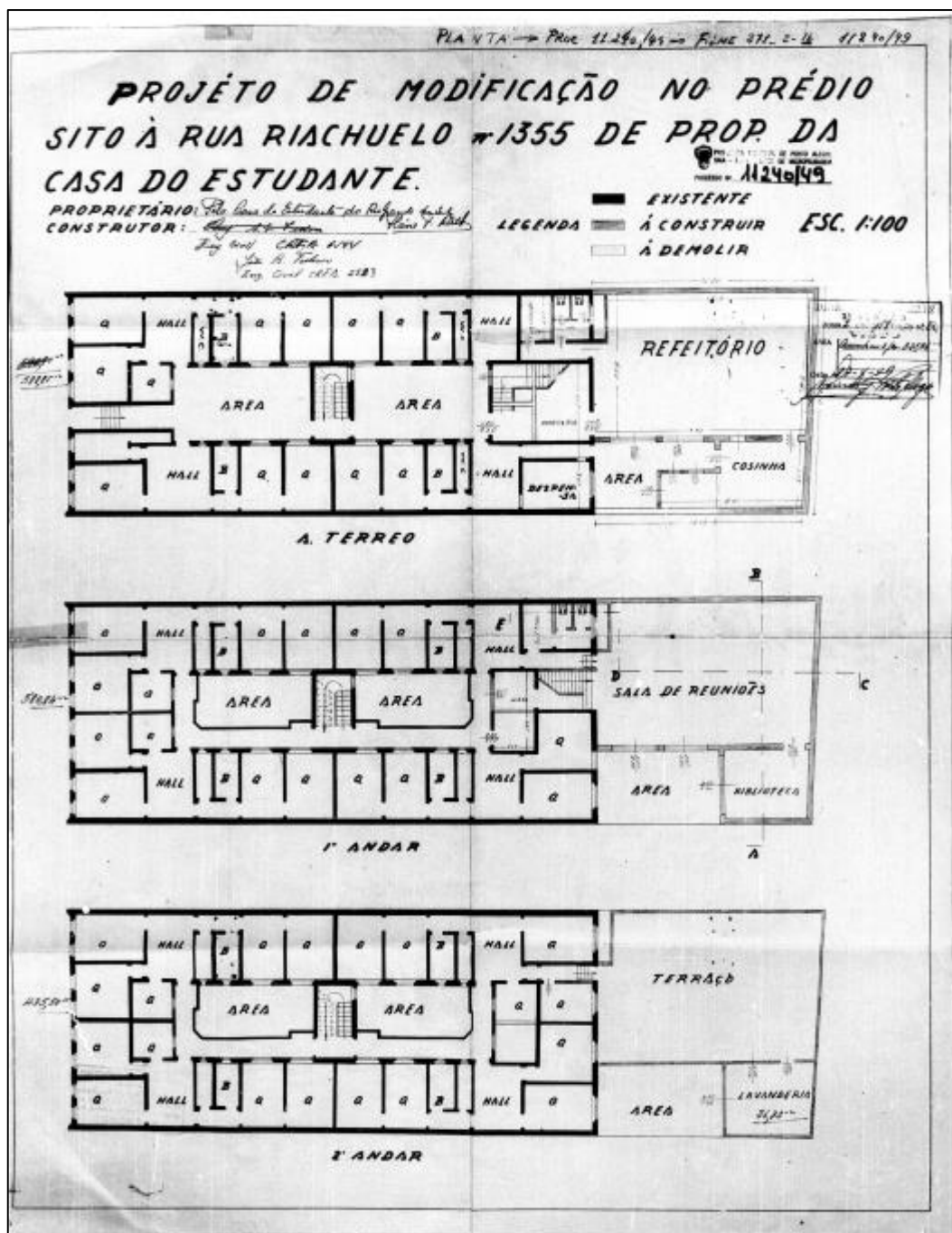
Fonte: Arquivo Municipal de Porto Alegre

ANEXO V: Planta do prédio da terceira sede da Casa do Estudante, na rua Duque de Caxias, 1707, Centro de Porto Alegre



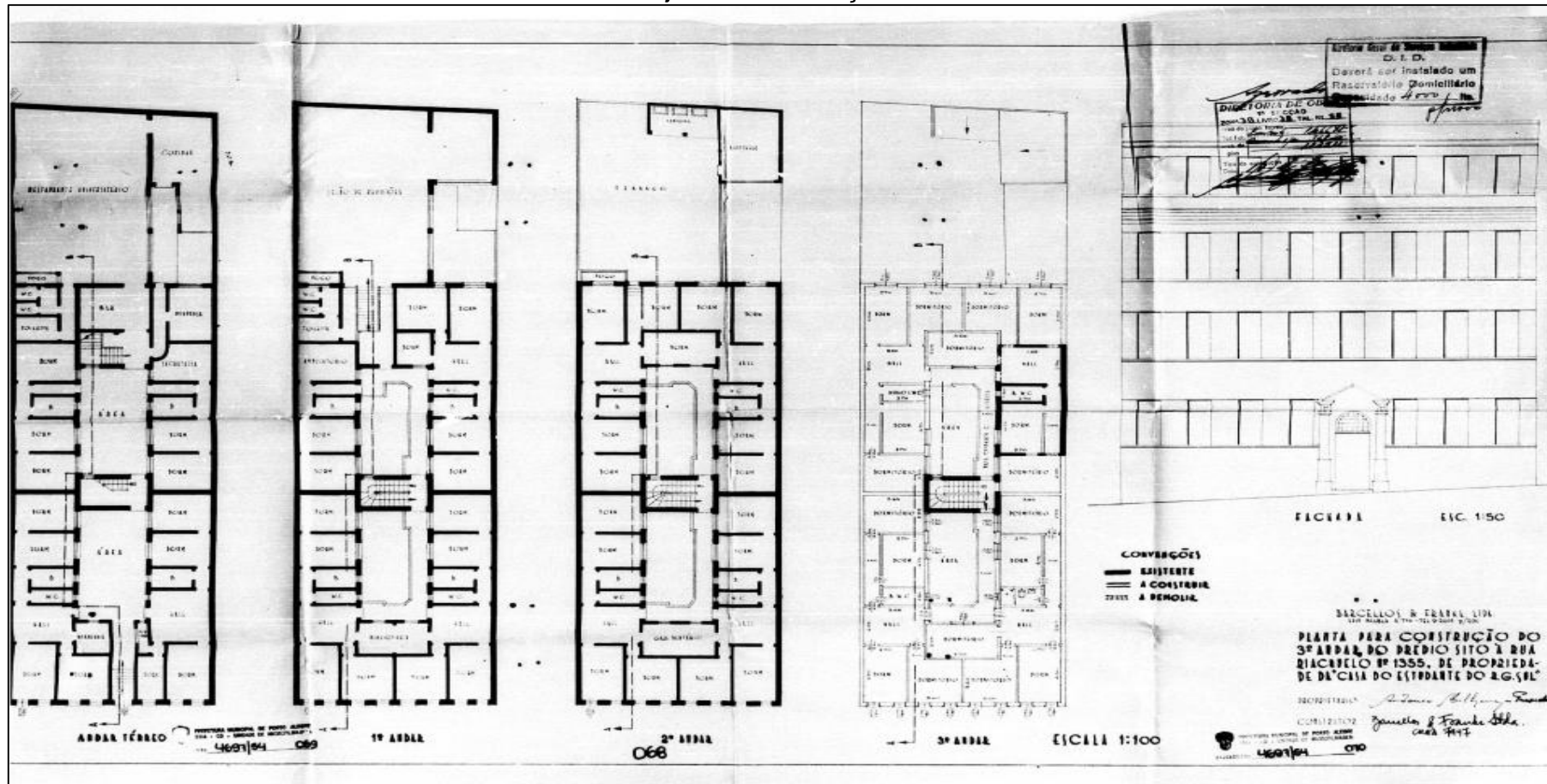
Fonte: Fonte: Arquivo Municipal de Porto Alegre.

ANEXO VI: Planta de 1949, quando o proprietário já é a Casa de Estudante. Trata-se de pequenas demolições junto à escada traseira e a construção de refeitório e cozinha, no térreo, sala de reuniões e biblioteca no andar de cima e ainda terraço e lavanderia no último.



Fonte: Arquivo Municipal de Porto Alegre

ANEXO VII: Projeto de construção do último andar.



Fonte: Arquivo Municipal de Porto Alegre

ANEXO VIII: Imagens utilizadas como evocadores de memórias nas entrevistas

Um aspecto da lavanderia da Casa



Fonte: Acervo da CEUACA (sem data)

Lavanderia da Casa



Fonte: Acervo da CEUACA (sem data)

Biblioteca da CEUACA



Fonte: Acervo da CEUACA (sem data)

Um aspecto do pátio interno



Fonte: Acervo da CEUACA (sem data)

Pátio interno



Fonte: Acervo da CEUACA (sem data)

Corredor de entrada da Casa



Fonte: Acervo da CEUACA (sem data)

Corredores laterias às paredes do pátio interno, dando acesso aos quartos.



Fonte: Acervo da CEUACA (sem data)

Caixa do Restaurante Universitário da CEAUCA



Fonte: Acervo da CEUACA (sem data)

Salão Social da Casa



Fonte: Acervo da CEUACA (sem data)

Um aspecto do Salão Social da Casa



Fonte: Acervo da CEUACA (sem data)

ANEXO IX: Hino das Casas de Estudante do Brasil

Hino das Casas de Estudante do Brasil

Eu quero um teto

Passando pela rua eu vi uma casa
 Por fora nem dá gosto de se ver
 Mas ao cruzar a porta se percebe
 Que existe um mundo inteiro pra viver

A Universidade é só um passo
 Pra se encontrar com toda a confusão
 E ao mesmo tempo para nós só o começo
 Pra se pensar num plano pra nação

Eu quero um teto não só pra morar
 Eu quero afeto
 Não deixe a casa desabar

No corredor à frente a esperança
 Caindo aos pedaços, mas ali
 Na sala de estudo uma lembrança
 Dos nossos velhos tempos sem dormir

Deixei pra trás família e a descrença
 E hoje posso ver que vou mudar
 Já sei fazer um sonho de concreto
 Mas falta o cimento para juntar

Eu quero um teto não só pra morar
 Eu quero afeto
 Não deixe a casa desabar

Os sábios do passado me mostraram
 Mas foi na raça que eu consegui
 Abrir a mente, a porta e as janelas
 E hoje mora um universo em mim

Mas é preciso mais que um projeto
 Saber lutar, paixão, corpo febril
 Buscando erguer o hoje em solo fértil
 Pras casas de estudantes do Brasil

Eu quero um teto não só pra morar
 Eu quero afeto
 Não deixe a casa desabar.²²⁶

(Célia Mares)

²²⁶ Em: <http://sencebrasil.redelivre.org.br/44-2/>. Acesso em 27/08/2016.